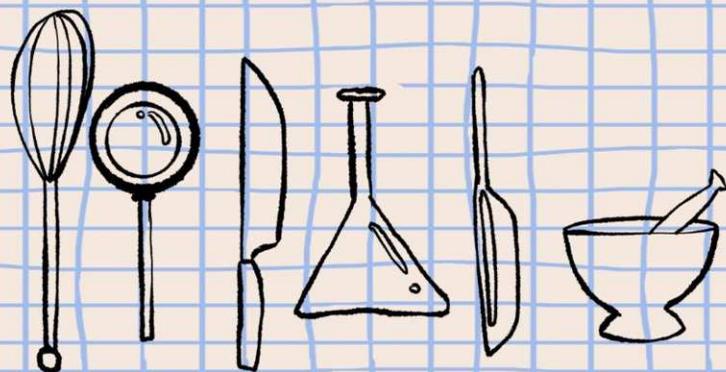


ELABORANDO

PROJETOS DE PESQUISA:

o livro de receitas do(a)

“chef científico(a)”



Organização:

Deison Alencar Lucietto

Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Ândrea Cardoso de Souza

editora



redeunida

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Ândrea Cardoso de Souza
Organizadores

SÉRIE: ÉTICA EM PESQUISA

**ELABORANDO PROJETOS DE PESQUISA:
O LIVRO DE RECEITAS DO(A) “CHEF
CIENTÍFICO(A)”**

Editora Rede Unida
Porto Alegre/RS
2022

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Túlio Batista Franco

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: *Alcindo Antônio Ferla*

Editores Associados: *Ricardo Burg Ceccim, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrove.*

Conselho Editorial:

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Angel Martínez-Hernández (Universitat Rovira i Virgili, Espanha).

Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália).

Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália).

Berta Paz Lorigo (Universitat de les Illes Balears, Espanha).

Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América).

Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

Érica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).

Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).

João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).

Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil).

Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina).

Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

Liliana Santos (Universidade Federal da Bahia, Brasil).

Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).

Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil).

Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).

Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil).

Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).

Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil).

Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil).
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Rodrigo Tobias de Sousa Lima (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).
Rossana Staeve Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra).
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil).
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil).
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).
Vera Maria da Rocha (Associação Rede Unida, Brasil).
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Márcia Regina Cardoso Torres
Renata Riffel Bitencourt

Capa

Camilo Martins

Revisão

Wanderson Ferreira

Diagramação

Deison Alencar Lucietto



editora
redeunida

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

L937e Lucietto, Deison Alencar; **Senna**, Marcos Antônio Albuquerque de; **Souza**, Ândrea Cardoso de (org.)

Elaborando projetos de pesquisa: o livro de receitas do(a) “chef científico(a)” / Organizadores: Deison Alencar Lucietto; Marcos Antônio Albuquerque de Senna e Ândrea Cardoso de Souza. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

?? p. (Série Ética em Pesquisa, v. 2).

E-Book: PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54329-85-3

DOI 10.18310/9788554329853

1. Metodologia. 2. Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico. 3. Projeto de Pesquisa. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 001.4

CDU 001.8

22-30180138

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Métodos de estudo / Metodologia / Pesquisa.
2. Metodologia científica.

ELABORANDO PROJETOS DE PESQUISA: O LIVRO DE RECEITAS DO(A) “CHEF CIENTÍFICO(A)”

ISBN 978-85-54329-85-3



9 788554 329853 >

Editora/Rede Unida - Porto Alegre - RS - Brasil



Editora/Rede Unida - Porto Alegre - RS - Brasil

LUCIETTO, Deison Alencar; **SENNA**, Marcos Antônio Albuquerque de; **SOUZA**, Ândrea Cardoso de (org.). **Elaborando projetos de pesquisa: o livro de receitas do(a) “chef científico(a)”**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022. (Série Ética em Pesquisa, v. 2). E-Book (PDF). ISBN 978-85-54329-85-3.

Em tudo há um ponto de vista.

*Aos nossos estudantes,
aqueles de outrora e os que ainda virão.*

*Nossa gratidão
pelo que trazem, pelo que fazem, pelo que ensinam.*

*Nosso respeito
pelo enfrentamento das várias dificuldades,
inclusive, na elaboração de projetos de pesquisa.*



MENU

Sobre os autores	13
Prefácio Túlio Batista Franco	16
Apresentação	20
PARTE I: ENTRADA	24
Entrada triunfal: prepara, degusta e saboreia o seu estar ótimo a cada momento Ana Del Carmen Perez Bastias	25
PARTE II: PITADAS DE TEORIA	48
Primeira pitada de teoria: falando de conhecimento, ciência, pesquisa e método científico Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Ândrea Cardoso de Souza	49
Segunda pitada de teoria: compreendendo a pesquisa científica e suas classificações Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Sidimar Meira Sagaz	65
Terceira pitada de teoria: conhecendo os procedimentos de coleta e análise de dados da pesquisa científica Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Ândrea Cardoso de Souza	101

Quarta pitada de teoria: compreendendo o projeto de pesquisa – as bases para o(a) “chef científico(a)”	142
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Ândrea Cardoso de Souza	
Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa – os “ingredientes” do seu “prato principal”	155
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
Sexta pitada de teoria: apresentando as citações	199
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
Sétima pitada de teoria: elaborando as referências	231
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
Oitava pitada de teoria: redigindo o projeto de pesquisa	252
Deison Alencar Lucietto, Ândrea Cardoso de Souza, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
PARTE III: SUGESTÕES PARA O(A) “CHEF CIENTÍFICO(A)”	266
Sugestão 1: Buscando fontes bibliográficas	267
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Sidimar Meira Sagaz	
Sugestão 2: Realizando o fichamento de documentos para o projeto de pesquisa	289
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna, Ândrea Cardoso de Souza	
Sugestão 3: Criando uma pasta de documentos do projeto de pesquisa no seu computador	296
Deison Alencar Lucietto, Ândrea Cardoso de Souza	

Sugestão 4: Criando o documento base do projeto de pesquisa no seu computador	302
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
Sugestão 5: Formatando o documento base do projeto de pesquisa no seu computador	309
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
PARTE IV: RECEITAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA	318
Receitas para a elaboração do projeto de pesquisa	319
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa</i>	321
<i>Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa</i>	325
<i>Receita 3 – Elaborando a introdução do projeto de pesquisa</i>	329
<i>Receita 4 – Definindo a estrutura da revisão de literatura do projeto de pesquisa</i>	333
<i>Receita 5 – Elaborando a revisão de literatura do projeto de pesquisa</i>	337
<i>Receita 6 – Definindo o problema de pesquisa</i>	342
<i>Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa</i>	347
<i>Receita 8 – Definindo (a)s hipótese(s) da pesquisa</i>	351
<i>Receita 9 – Elaborando a justificativa da pesquisa</i>	356
<i>Receita 10 – Definindo o método e os materiais da pesquisa</i>	361
<i>Receita 11 – Definindo as questões éticas da pesquisa</i>	367
<i>Receita 12 – Definindo os produtos e resultados esperados</i>	371
<i>Receita 13 – Definindo o cronograma da pesquisa</i>	375
<i>Receita 14 – Definindo o orçamento da pesquisa</i>	379
<i>Receita 15 – Elaborando a lista de referências da pesquisa</i>	383
PARTE V: ACOMPANHAMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA	389
Orientações para o acompanhamento 1 – Registro da busca em bases de dados	390
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Acompanhamento 1 – Modelo para “registro da busca em base de dados”</i>	392

Orientações para o acompanhamento 2 – Fichas de leitura	394
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Acompanhamento 2 – Modelo de ficha de leitura 1</i>	396
<i>Acompanhamento 2 – Modelo de ficha de leitura 2</i>	397
Orientações para o acompanhamento 3 – Quadro de análise de artigos	399
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Acompanhamento 3 – Modelo de quadro para análise de artigos</i>	401
Orientações para o acompanhamento 4 – Formulários para o preenchimento das receitas do projeto de pesquisa	402
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Formulário Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa</i>	404
<i>Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa</i>	406
<i>Formulário Receita 3 – Elaborando a introdução do projeto de pesquisa</i>	408
<i>Formulário Receita 4 – Definindo a estrutura da revisão de literatura do projeto de pesquisa</i>	411
<i>Formulário Receita 5 – Elaborando a revisão de literatura do projeto de pesquisa</i>	413
<i>Formulário Receita 6 – Definindo o problema de pesquisa</i>	415
<i>Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa</i>	417
<i>Formulário Receita 8 – Definindo a(s) hipótese(s) da pesquisa</i>	419
<i>Formulário Receita 9 – Elaborando a justificativa da pesquisa</i>	422
<i>Formulário Receita 10 – Definindo o método e os materiais da pesquisa</i>	424
<i>Formulário Receita 11 – Definindo as questões éticas da pesquisa</i>	431
<i>Formulário Receita 12 – Definindo os produtos e resultados esperados da pesquisa</i>	434
<i>Formulário Receita 13 – Definindo o cronograma da pesquisa</i>	436
<i>Formulário Receita 14 – Definindo o orçamento da pesquisa</i>	438
<i>Formulário Receita 15 – Elaborando a lista de referências da pesquisa</i>	440
Orientações para o acompanhamento 5 – Quadro síntese das 7 fases do projeto de pesquisa	446
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna	
<i>Acompanhamento 5 – Quadro síntese das 7 fases do projeto de pesquisa</i>	448

Orientações para o acompanhamento 6 – <i>Template do projeto de pesquisa</i>	450
Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna <i>Acompanhamento 6 – Template do projeto de pesquisa</i>	452



SOBRE OS AUTORES

Ana del Carmem Perez Bastias

Possui graduação em Psicologia pelas Faculdades Integradas Celso Lisboa (RJ), especialização em formação e administração de recursos humanos pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS), especialização em gestão empresarial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialização em Psicossíntesis pelo Instituto de Psicossíntesis de São Paulo (RS), formação em Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching (SP), formação em Ferramenta LABEL pela Moityca Eficiência Empresarial (RS) e formação em CANVAS pela TM Treinamentos (RS). Atua como consultora de empresas e é sócia da empresa Cristiane R Correa Consultoria e Assessoria Empresarial. Atualmente, faz formação no Curso de Meditação Criativa pelo Instituto de Psicossíntesis de São Paulo (SP). Tem experiências em trabalhos motivacionais, desenvolvimento de equipes e desenvolvimento de metodologias para atendimento de necessidades do cliente nas áreas de liderança, formação de equipes, integração, motivação e recursos humanos.

Ândrea Cardoso de Souza

Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), especialização em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ/RJ)/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/RJ), mestrado e doutorado em Ciências (Saúde Pública) pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz/RJ).

Atualmente, é professora associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (EAAAC/UFF). Tem experiência nas áreas de Saúde Mental, Saúde Coletiva, Planejamento e Gestão em Saúde, Micropolítica do trabalho em saúde, Educação Permanente em Saúde, Enfermagem Psiquiátrica, Álcool e outras drogas.

Deison Alencar Lucietto

Possui graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), mestrado e doutorado em Ciências (Saúde Pública) pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz/RJ) e pós-doutorado na área de Odontologia Preventiva e Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Atua como professor adjunto do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense (ISC/UFF). Coordena o Grupo Fluminense de Pesquisa sobre Saúde de Populações em Situação de Vulnerabilidade (GFP-SPVUL, DGP/CNPq). Tem experiência nas áreas de Saúde Coletiva, Saúde Bucal Coletiva, Metodologia Científica e Planejamento em Saúde.

Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Possui graduação em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Campos, especialização em Odontologia em Saúde Coletiva pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), mestrado e doutorado em Odontologia (Odontologia Social) pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ). Atualmente, é professor titular do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense (ISC/UFF). Tem experiência nas áreas de Saúde Coletiva, Bioética, Saúde Pública, Saúde Bucal Coletiva e Metodologia Científica.

Sidimar Meira Sagaz

Possui graduação em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ/SC), MBA em Marketing pela Faculdade Meridional (IMED/RS) e mestrado em Administração (Gestão de Pessoas) pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EA/UFRGS). Tem experiência nas áreas de Marketing de Serviços, Marketing Social, Aprendizagem, Ensino-Aprendizagem, Ambientes Inovadores de Aprendizagem, Gestão da Inovação, Empreendedorismo Social e Gestão Estratégica de Pessoas.



PREFÁCIO

O livro que Deison Alencar Lucietto, Marcos Antônio Albuquerque de Senna e Ândrea Cardoso de Souza nos apresenta, tem um título saboroso: “Elaborando projetos de pesquisa: o livro de receitas do(a) “chef científico(a)”. Com o gracejo de bons professores, uma didática primorosa, a obra traz no seu centro o discurso da ciência, a prática do método científico, e um caminho a seguir para a construção de projetos de pesquisa. Sem dúvida, uma oferta para a geração de jovens cientistas que começam a desbravar o caminho do conhecimento. Temos aqui uma caixa de ferramentas que pode ser utilizada por estes, mas por docentes no exercício do seu ofício de ensinar, e toda pessoa que se aventura no mundo da pesquisa científica.

Ao ler o livro me ocorreu fazer uma breve reflexão sobre o conhecimento científico tal como o conhecemos, que é uma criação do século XVII, um momento singular no desenvolvimento humano. Até então, a explicação para os fenômenos que englobavam o mundo e a vida, eram explicados por Deus, o ser transcendente que a tudo ordenava. No entanto, nos anos mil e seiscentos, o divino deixa de ser a fonte de luz e saber que explica todos os fenômenos da vida, e o ser humano descobre a si mesmo, como fonte de sabedoria. O mundo está entre nós e em nós, e se explica por força da razão humana. Este período segundo Michael Foucault nos diz no seu livro “Hermenêutica do Sujeito” chamou de “momento cartesiano”, dado que este conhecimento é orientado pela revolucionária tese de Descartes, que funda o método científico, aponta um caminho capaz de validar o conhecimento produzido, e se comunicar por uma linguagem universal, a matemática. Inaugura-se a prática de pesquisa. A inovação e extrema mudança no modo de enxergar o mundo

acontece com o fato de ter o pensamento humano como centro, a explicar a realidade e os segredos da vida, e não mais os códigos divinos.

A síntese deste momento pode ser entendida dois séculos mais tarde, a partir da célebre expressão de Nietzsche: _ “Deus está morto”. Com esta expressão não quis o filósofo negar a existência de Deus, mas sim a fé como fonte de explicação da realidade mundana. Sua pretensão era se livrar de valores, códigos, lógicas, pautadas na transcendência divina, para dizer que o humano, a vida e o mundo se revelam pela imanência, ou seja, o saber sobre o mundo se desvela no próprio mundo. A capacidade humana de entendimento traça uma linha paralela e contínua que diz respeito à produção de si e do mundo. É antes de tudo afirmação do humano sobre o mundo da vida.

O pensamento organizado, estruturado, se instaura como hegemônico nos anos mil e oitocentos, chamado de século das luzes pelo extraordinário desenvolvimento científico conhecido neste período. Por alguma razão este período me remete à mitologia grega, a Apolo, o deus grego da razão, das formas belas e harmônicas. Este é o lugar da ciência, um conhecimento que se funda exato, produto do que há de melhor na razão humana, capaz de oferecer formas belas, iluminadas, para o pensamento que encanta o nascer do iluminismo.

O ingresso neste mundo da ciência é um caminho às vezes tortuoso, e a educação com suas ferramentas didáticas tem procurado facilitar esta trilha aos que se aventuram na pesquisa científica. Este é o desafio que os autores se colocaram para este livro, e o fizeram de uma forma criativa, inovadora, um esforço que resulta na oferta de ferramentas extremamente úteis aos iniciantes, mas também àqueles já calejados no trabalho com a ciência, que se colocam a missão de ensinar, facilitar aos mais jovens o rito de passagem, este momento de chegada.

De forma engenhosa e criativa, os autores usam da metáfora gastronômica, para discutir conceitos, modos de fazer,

boas práticas científicas. Foi sem dúvida uma feliz escolha para fabricar a dobra entre o ensinar e pesquisar, ajudar a fazer o percurso da busca do conhecimento. Tomam um tema árido como o método científico, e encontram na metáfora ideias que em fluxo percorrem o texto, encontram leveza nos movimentos saborosos, que invadem ligeiramente o texto com argumentos que permeiam o método, dando a ele a necessária materialidade. Este movimento é muito habilidoso, eu diria que até nos felicita, e volto à mitologia grega, e ao deus Apolo que estaria representando a racionalidade do método científico, e que seria atravessado por outras linhas, de um movimento leve, apaixonado, festivo, representadas no texto pelas referências à gastronomia. Gostos, cores e texturas se misturam à rigidez do método, e dão a ele a suficiente leveza para ser amado pelos que estão iniciando na pesquisa científica. Estas formas leves e em fluxo são representadas por um outro deus grego, Dionísio, que representa a paixão, as coisas desmedidas, a festa. Muito habilidosos, eu diria encantado, temos no desenvolvimento do texto, o encontro apaixonado entre o apolíneo e o dionisiaco. A forma ganha essência, e dá passagem a algo novo, inesperado e potente.

A extraordinária inovação do livro está presente na didática, que transborda ao método científico e a pesquisa, no encontro provocado entre o apolíneo e o dionisiaco; a razão e formas harmônicas da ciência com a leveza e o jeito apaixonado de um bom cientista. A metáfora tem esta função, a reunião do que a princípio pareciam antagônicos, mas na verdade, não o são. Pelo contrário, Apolo e Dionísio são complementares, assim como a ciência e a arte; a razão e a subjetividade. As práticas humanas geram sempre conhecimento, que ganham formas em fluxos, ou seja, são capazes de andar por caminhos tortuosos, retilíneos, penetrar nos interstícios, enfim, o conhecimento é nômade, ou pode se fixar em territórios rígidos. O fato é que a metáfora foi capaz de dar gosto, textura e cores gastronômicas, que ficaram

impressas no texto, e ganharam corpo na ideia geral que remete ao conhecimento científico, método, e projetos de pesquisa.

A escrita é um ato amoroso, pois vem carregada da generosidade de quem se propõe à partilha, dividir seu conhecimento com o outro, e neste gesto, produzir um bom encontro, e maior potência para agir. Este livro expressa a prática generosa de autores que se dedicam a ensinar, pesquisar, e têm um forte compromisso com a aplicação do conhecimento que geram e produzem. Vem da vontade de uma produção literária que de forma suave vai fazendo com que o leitor aos poucos, se enxarque de um conhecimento, uma técnica, uma possibilidade de também fazer e produzir ciência.

O exercício didático presente nesta obra vem de uma grande implicação dos seus autores com a educação e a pesquisa, um envolvimento quase cúmplice de tudo o que é possível produzir a partir do conhecimento, e especialmente, a interação com estudantes e colegas docentes, onde este saber se torna circular, e na medida que circula, produz novas possibilidades e vontade de também fazer acontecer. Vem desta energia gerada nos fluxos de afeto a grande potência de continuar agindo e mudando formas, mundos, e as vidas. A didática que trouxe a experiência gastronômica para dentro do livro, que discute projeto de pesquisa, método e ciência, fez com que o conhecimento se apresentasse em uma estética leve e suave. Não mais aquela forma organizada apenas por linhas apolíneas, rigidamente estruturadas, mas incorporando a festa dionisiaca, fluxos de potência.

Os autores estão de parabéns pela magnífica invenção, carinho e leveza com que ofertam essa boa ferramenta de trabalho, aos que vão se inserir no mundo da construção científica, aos que estão ensinando, e todas e todos que trabalham com a produção de conhecimento.

Boa Leitura!

Túlio Batista Franco



APRESENTAÇÃO

A formação profissional em nível de graduação e pós-graduação está intimamente associada à realização de pesquisas, as quais visam produzir conhecimentos sobre fatos e fenômenos com potencial de impactar positivamente nossa existência.

Dessa forma, em algum momento de sua trajetória acadêmica, você será convidado(a) a apresentar um trabalho final que resulta de pesquisa científica, seja ele um relatório, uma monografia, uma dissertação, uma tese ou um artigo.

Para que esse trabalho seja aceito e aprovado pela famosa “banca” na sua instituição de ensino, deverá respeitar os critérios adotados pela Ciência, seguir os passos do método científico, obedecer aos preceitos ético-legais da pesquisa e estar apresentado segundo determinadas normas.

Esses aspectos, por sua vez, evidenciam que você precisará de um planejamento cuidadoso da primeira fase da consecução de uma pesquisa científica: a elaboração do projeto. É esse projeto que balizará seus passos durante a investigação.

“Elaborar” um projeto de pesquisa não é tarefa tão simples. Você precisará estudar sobre o assunto de seu interesse, escrever textos, treinar a comunicação e usar da criatividade, aspectos que demandam tempo e investimentos pessoais. Contudo, ao fazer esse planejamento adequadamente, você ganhará em segurança e tranquilidade, diminuindo erros e o desperdício de recursos.

Considerando a importância do projeto para a apresentação de trabalhos finais de curso, para o ingresso em programas de pós-graduação e para a busca de financiamento de pesquisas, este livro visa servir de suporte teórico-prático para a elaboração de projetos de pesquisa, nos diferentes campos do conhecimento.

Para isso, propomos, como o eixo condutor, um paralelo entre “Gastronomia” e “Ciência”. A ideia surgiu ao identificar “semelhanças” do passo a passo entre a preparação de um “prato principal” e a elaboração de “projeto de pesquisa”, independentemente da “especialidade gastronômica” ou da “área do saber”.

Assim, enquanto o(a) “chef de cozinha” se ocupa do estudo das “bases teóricas” da gastronomia, das “entradas”, dos “ingredientes”, das “receitas”, dos “pratos principais”, das “sugestões” e dos “acompanhamentos”, o(a) estudante – aqui denominado(a) de “chef científico(a)” – necessita conhecer a atividade científica, organizar sua vida acadêmica e pessoal, compreender os elementos do projeto de pesquisa, desenvolver esses elementos, seguir normatizações e apresentar adequadamente o seu projeto de pesquisa.

Para tornar nossa proposta o mais “saborosa” possível, organizamos este livro em cinco partes, que fazem alusão a termos usados em Gastronomia: I) “Entradas”; II) “Pitadas de teoria”; III) “Sugestões”; IV) “Receitas”; e, V) “Acompanhamentos”. Cada uma dessas partes disponibiliza materiais de suporte para a sua jornada, desde a parte conceitual até o momento de efetivamente “botar a mão na massa”.

Na “Entrada”, oferecemos orientações e dicas que o(a) ajudarão, enquanto “chef científico(a)”, a descobrir seus propósitos, a direcionar seu foco/atenção e a realizar suas tarefas com tranquilidade, prazer e qualidade. Essa “entrada” foi cuidadosamente preparada por uma profissional da área de Psicologia, com vasta experiência em consultorias e treinamentos comportamentais.

Em “Pitadas de Teoria”, fornecemos conceitos sobre conhecimento científico, pesquisa científica e suas classificações, procedimentos de coleta e análise de dados da pesquisa, projeto de pesquisa, elementos do projeto de pesquisa, citações, referências e escrita científica. Ou seja, apresentamos as bases

teóricas para você elaborar o projeto de pesquisa (ou, se preferir, o seu “prato principal”). Para isso, contamos com apoio de pessoas com experiências na consecução de pesquisas e na orientação de estudantes de graduação e pós-graduação.

Na sequência, em “Sugestões”, indicamos como você poderá realizar a busca de fontes bibliográficas, como fazer o fichamento de suas leituras, como elaborar uma pasta de documentos no computador e como criar/formatar o documento base de seu projeto de pesquisa. Esperamos, com isso, que nossos aprendizados e dicas facilitem a elaboração do seu material.

Depois, nas “Receitas”, apresentamos o modo de fazer de cada um dos elementos principais do seu projeto de pesquisa, por meio de um passo a passo simples e fácil. Essas “receitas” apresentam a descrição do seu “propósito”, os “itens necessários”, o “modo de fazer”, o “tempo necessário”, o “rendimento esperado” e as “dicas” para a sua execução. Ao segui-las, no final, terá um excelente “prato principal” a oferecer!

Embora essas “receitas” sigam uma sequência predefinida, você poderá optar por aquelas de seu interesse ou necessidade, utilizá-las em conjunto ou isoladamente e alterar sua ordem, em função das normas da instituição à qual submeterá seu projeto de pesquisa.

Lembramos, também, que elas não se pretendem “autossuficientes” para a elaboração do projeto. Recomendamos que você busque referenciais teóricos ao longo da escrita e que se mantenha em contato com seu/sua orientador(a) para dúvidas e esclarecimentos.

Por fim, nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos ferramentas e modelos que construímos para tornarem a sua vida, como “chef científico(a)”, mais fácil: formulário para registrar buscas em bases de dados; modelos de fichas de leitura; modelo de quadro de análise de artigos científicos; formulários para você registrar suas receitas; quadro-síntese com as sete fases do projeto de pesquisa; e *template* de projeto de pesquisa. Assim, esses

materiais servirão como “utensílios” de suporte para sua a “cozinha científica”.

Reunimos e disponibilizamos neste livro os nossos melhores materiais e as nossas melhores experiências em orientações para compartilhar com você. Desejamos, sinceramente, que ele ajude a alcançar seus objetivos na carreira acadêmica.

Queremos esclarecer, contudo, que a analogia do passo a passo da elaboração de um “projeto de pesquisa” com a preparação de um “prato principal” representa, apenas, um esforço didático, para facilitar seu entendimento e execução. Por isso, tentamos usar uma linguagem mais “informal” em vários momentos.

Também, reforçamos que não temos a pretensão de oferecer um livro de Metodologia Científica ou Metodologia da Pesquisa. Existem excelentes opções disponíveis, muitas das quais utilizamos no nosso embasamento. Dessa forma, não buscamos aqui esgotar a literatura sobre o assunto, tampouco substituí-la.

Informamos que a nossa proposta é “genérica”, isto é, pode ser aplicada em diferentes áreas do saber e níveis acadêmicos. Você, como “chef científico(a)”, poderá fazer os ajustes, analisar as “combinações”, propor novas “misturas” e acrescentar “ingredientes” e “temperos” a seu gosto!

Esperamos, sinceramente, que nossa proposta lhe incentive pelo mundo da pesquisa científica ou, se preferir, pela “cozinha científica”. Bom proveito!

Organizadores



PARTE I: ENTRADA

Na Parte I do nosso “Menu”, disponibilizaremos a “Entrada”, um capítulo que propõe pactuações, técnicas, convites e sugere dicas que o(a) ajudarão a ampliar a consciência e a (re)pensar comportamentos para alcançar, com harmonia, tranquilidade e segurança, seus objetivos com a leitura deste livro.

Esta “Entrada” foi cuidadosamente elaborada por uma profissional de Psicologia, com vasta experiência na área comportamental, para “organizar a sua vida” nesse começo de jornada como “chef científico(a)”. Por isso, servirá de base para as demais partes do nosso “Menu”, tanto para as “Pitadas de teoria” quanto para as “Sugestões”, “Receitas” e “Acompanhamentos”.

Aconselhamos que você faça pausas ao longo de suas leituras e tarefas, revisitando esta “Entrada” sempre que necessário. Afinal, precisamos estar bem e alinhados com nosso propósito para sermos um(a) excelente “chef científico(a)”.



ENTRADA TRIUNFAL: PREPARA, DEGUSTA E SABOREIA O SEU ESTAR ÓTIMO A CADA MOMENTO

Ana Del Carmen Perez Bastias

Apresentação

Olá! Como está você? Como está você, **realmente**, neste exato instante?

Certamente, muitas respostas surgiram ao responder a essas questões que acredito serem fundamentais para encarar este momento da vida acadêmica que finalmente chegou e que precisa ser concretizado.

Qualquer que tenham sido suas respostas às questões acima, tenha plena certeza de que viemos para te facilitar este momento e colocá-lo(a) o mais próximo de uma possibilidade bem mais leve e prazerosa, já que ele será tenso e trabalhoso.

Por isso, neste capítulo, faremos algumas pactuações, apresentarei técnicas que podem ajudar a ampliar o seu nível de consciência, farei convites para você repensar comportamentos e disponibilizarei dicas e exercícios para facilitar sua vida como “chef científico(a)”. Vamos lá!

1 Realizando nossas primeiras pactuações

Para que a sua jornada como “chef científico(a)” seja o mais proveitoso possível, precisamos pactuar algumas combinações, simples, esclarecendo que ser simples não a torna fácil e está longe

de ser superficial e leviana, precisará totalmente do **seu** ótimo em cada fase neste momento da sua vida.

Estabeleça o compromisso de fazer as práticas que vou propor e torná-las hábito para que lhe permitam manter um estado de consciência pleno e favorável à sua produtiva criatividade. Só para esclarecer, é preciso repetir uma prática no mínimo 21 vezes para que ela se torne um hábito – e, sim, manter a sanidade.

Isso requer gentileza, vontade, energia. Agora, vamos às nossas pactuações:

1.1 Pactuação nº 1: adotando e refinando o olhar do observador gentil

Exponha para si mesmo de que forma produz melhor, tenha claro que você precisa estar ciente de que pode se construir um espaço seguro e confortável para que seu projeto flua. Isso inicia com voltar o olhar para si mesmo, e este olhar é sem crítica e sem julgamento, com o olhar do observador gentil.

Cuidado: não é um olhar ou postura negligente ou pretender “dar um jeitinho”, longe disso, é aqui que começa o desafio.

Isso requer disciplina, silêncio e vigilância.

1.2 Pactuação nº 2: primando pelas corretas relações

Converse com as pessoas do seu entorno a respeito do que você está prestes a iniciar e que a ajuda delas será muito importante.

Dedique um tempo para explicar aos de casa o que significa este momento, o quanto você estará imerso no estudo, pesquisa e, claro, nas práticas que vou propor. Afinal, muitas vezes você parecerá estar totalmente “fora da casinha”, tal seu envolvimento com seu projeto.

Faça isso também com seus amigos já que, certamente, muitas baladas precisam ser postergadas. Contudo, peça a eles que

mantenham contato e que não desistam de você. E se você está em algum “#relacionamento sério” e quer mantê-lo, converse e fortaleça com isso a parceria. Esses podem ser seus maiores e melhores apoios.

Isso requer gratidão, amor, harmonia, fraternidade.

2 Mantendo o foco no seu propósito

Uma vez pactuados, apresento técnicas que antecedem o projeto de pesquisa e favorecem manter seu foco em toda elaboração dele.

Para isso, disponibilizo três possibilidades gráficas, para que você escolha pelo menos uma e a use ao seu favor. De forma prática e segura, você poderá ampliar seu nível de consciência, estabelecendo uma conversa profunda e pessoal por meio das seguintes técnicas:

2.1 IKIGAI

IKIGAI é uma palavra japonesa que significa “a razão de ser”, em que o motivo para a melhoria na qualidade de vida está em ter uma razão para viver.

Para muitos, este gráfico é uma mandala¹, e me parece coerente que se entenda esse significado para que, talvez, faça ainda mais sentido na construção do seu IKIGAI (Figura 1).

¹ Mandala significa círculo em palavra sânscrito. Ela também possui outros significados, como círculo mágico ou concentração de energia, e universalmente a mandala é o símbolo da integração e da harmonia (SIGNIFICADOS, 2014).

Figura 1 – Visão geral do IKIGAI



Fonte: Seu IKIGAI (2020).

Uma vez que você compreendeu o IKIGAI, irei lhe apresentar um passo a passo para fazê-lo: primeiro, imprima ou desenhe a sua mandala (Figura 2) e dedique um tempo para preenchê-la. Esse é um momento intimista.

Figura 2 – Modelo preenchível de IKIGAI



Fonte: Gonçalves (2016).

Após ter desenhado ou imprimido o seu modelo de IKIGAI:

- a) Responda o que você mais ama fazer;
- b) Responda no que você considera que realmente é bom;

Da interseção desses dois círculos, surge a paixão.

- c) Responda pelo que você pode ser pago;

Verifique que, a partir da interseção dos círculos do que você considera que realmente, é bom e pelo que você pode ser pago, surge a sua profissão.

- d) Responda do que o mundo precisa;

Veja que, a partir da interseção dos círculos do que você pode ser pago e do que o mundo precisa, tem-se a vocação.

Observe que, da interseção dos círculos do que você mais ama fazer e do que o mundo precisa, surge a missão.

Dessa forma, está pronta a sua mandala. A qualquer momento, poderá inserir “sacadas” que não haviam lhe ocorrido ao respondê-la e/ou retirar o que não é tão significativo. A riqueza está nessas percepções.

2.2 Gráfico de Nigel Holmes

Para usar essa ferramenta, é importante que você compreenda a definição de *mindset* fixo e *mindset* de crescimento (DWECK, 2017). Sem negar que contamos com os dois, para este momento, precisamos nutrir o *mindset* de crescimento (Figura 3):

Figura 3 – *Mindset* fixo versus *mindset* de crescimento



Fonte: Juliato (2016).

A partir dessas definições, o designer gráfico Nigel Holmes criou um gráfico para auxiliar no planejamento do seu *mindset*, que pode ser visitado e revisitado a cada momento e, se necessário, corrigi-lo (Figura 4).

Para usar esse gráfico, siga o seguinte passo a passo:

- Imprima o gráfico;
- Cole-o no espelho;
- Diariamente, pergunte-se:
 - Quais as oportunidades para aprender a crescer hoje para mim e para as pessoas à minha volta?

Faça um planejamento.

- Quando e onde vou executar meu planejamento?

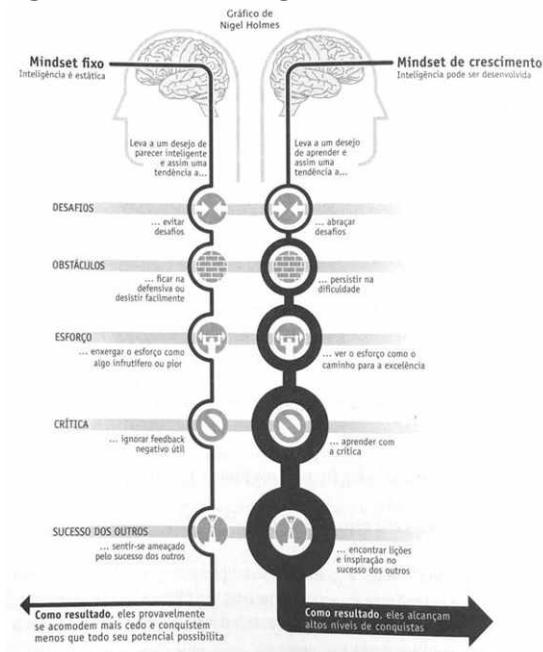
O que o torna concreto é o “quando” e “onde”.

- Quando, onde e como vou agir em meu novo planejamento?

E quando tiver êxito, pergunte-se:

- O que preciso fazer para conservar e ampliar o meu crescimento?

Figura 4 – Gráfico de Nigel Holmes



Fonte: Dweck (2017).

Mudar não é fácil, mas, com certeza, vale a pena².

Esse planejamento é questionador, é uma conversa saudável de você com você mesmo(a). Coloque-se de forma flexível diante das adversidades que possam surgir e que o(a) levem a alterar suas posturas. Isso faz parte do planejamento.

2.3 Técnica SMART

A palavra SMART, traduzida do inglês, significa “inteligente”, “esperto”. Nessa técnica, ela funciona como um acróstico: cada letra define um significado que converge para que se tenha uma probabilidade maior de alcançar um objetivo. Para isso, deve se formar uma frase que facilitará manter o foco no seu objetivo (Quadro 1):

Quadro 1 – Técnica SMART

S – ESpecífico: coloque o objetivo da forma mais detalhada possível.

Por exemplo: quero escrever um projeto.

Reflexão: que ótimo! Projeto em que área? Defina em quanto tempo o escreverá, a área, o público que atingirá. Aqui, a riqueza no detalhamento é o segredo.

M – Mensurável: é muito importante estabelecer indicadores que permitam medir e acompanhar o objetivo. Cada etapa alcançada será motivadora para continuar no seu propósito.

Por exemplo: acho que vou escrever todo o dia.

Reflexão: é um indicador sim, mas não viável.

² Nesse momento, sugiro que você veja: “Carol Dweck: O poder de acreditar que se pode melhorar”. Esse vídeo está disponível no seguinte link:

https://www.youtube.com/watch?v=_X0mgOOSpLU&list=PL2RZ8jMtEwLDN-eShjy-xbUbEjtiT_ApR&index=2.

A – Atingível: desafiar-se em objetivos inalcançáveis o(a) leva a questionar se realmente deseja transformá-los em realidade. Trabalhe no seu ótimo.

Por exemplo: Em seis meses, escreverei seis projetos de áreas diferentes.

Reflexão: só rindo para tamanha pretensão. O inatingível é uma ótima vitamina para a frustração. Não cabe aqui.

R – Relevante: o objetivo deve ser importante para você e deve estimulá-lo(a) a que seja escrito com perseverança.

Por exemplo: o projeto que meu amigo escolheu é interessante.

Reflexão: excelente para ele. Escolha o seu com dedicação e cuidado.

T – Temporal: é fundamental que se estabeleça até quando o projeto estará finalizado. Em absoluto, pode se tornar a história sem fim e fadado ao fracasso.

Por exemplo: um dia eu acabo de escrever o projeto...

Reflexão: oi!? Sem chance para isso.

Fonte: Da autora, 2020.

Seguem dois exemplos que atendem perfeitamente ao SMART:

- d) Fazer um projeto de pesquisa sobre avaliação das condições de saúde de idosos institucionalizados na cidade de Niterói/RJ, dedicando-se 1h por dia durante 4 meses, para concorrer a um edital de financiamento do Ministério da Saúde.
- e) Passar no processo seletivo para o mestrado da UFF, apresentando e defendendo um projeto de pesquisa sobre avaliação das condições de saúde de idosos institucionalizados na cidade de Niterói/RJ, dedicando-se 1h por dia durante 4 meses.

2.4 Orientações sobre o uso do IKIGAI, Gráfico de Nigel Holmes e técnica SMART

Apresentadas essas três possibilidades, escolha aquela com a qual melhor se identifica. Lembre-se de que, a qualquer momento, você pode alterar os enunciados tendo claro que um planejamento nunca é engessado.

A atenção a ser dada é em relação ao tempo necessário para fazer qualquer mudança. Trabalhe com folga.

Muito bem, definida a possibilidade que mais o(a) agradou, faça o seguinte: pare e olhe detidamente o gráfico que escolheu, dedique um tempo para estabelecer um “papo reto” com ele e o construa. Ao dizer construa, significa que ele **deve** sair do livro e ser respondido para que o encontre em todos os lugares onde você irá circular: na frente do teu espelho, computador, agenda, gaveta, abajur, armário. Mãos à obra!

Isso requer luz, ordem, criatividade.

Sinta-se à vontade para utilizar outro gráfico que conheça, domine e faça mais sentido para você. O importante é construí-lo.

Por fim, para refletir: o que as palavras colocadas em cada uma das três possibilidades evocam?

São as palavras evocativas que podem o(a) inspirar e estimular a dar continuidade. Pretendem evocar em você o seu ótimo a cada instante.

Estabelecidas as devidas combinações, espero sinceramente que elas reverberem profundamente em todo o seu Ser.

3 Realizando meus convites para facilitar a sua vida

A partir desse momento, em que já ampliamos a consciência e definimos algumas metas para a sua jornada como “chef científico(a)”, farei convites que irão extrapolar este capítulo. Eles

visam provocar reflexões e estimular movimentos que impactarão tanto no seu projeto de pesquisa quanto no seu projeto de vida.

3.1 Primeiro convite

Meu primeiro convite é para que você participe de um banquete, banquete este no qual você será o(a) executor(a) principal, neste livro denominado de “chef científico(a)”.

Em um banquete, o que primeiro se serve é a “entrada” – e me parece que você deve fazê-la com toda a pompa e circunstância que ela merece.

3.2 Segundo convite

Meu segundo convite é “só para os fortes”, por ser muito desafiador. Requer que você dedique um bom tempo e aprenda a saborear a importância do “**aqui e agora**”, parando de saltar do passado para o futuro e vice-versa, desperdiçando energia desnecessariamente (energia esta que será de extrema importância em outras fases). Acredite!

Leia com atenção: “hoje é aquele amanhã sobre o qual você estava muito preocupado ontem”. O que essa frase evoca em você?

A diferença entre “ser” e “estar” é muito importante neste momento, pois todo e qualquer adjetivo não a(o) define: “eu sou irritada(o)”, “eu sou ansiosa(o)”, “eu sou medrosa(o), e por aí vai...”

Que tal seguir a seguinte prática: “estou irritada(o), por tal motivo, mas isso não impedirá que eu faça minha atividade da melhor forma possível”, no seu ótimo. E faça algo que lhe permita neutralizar essa sensação. Não deixe ela “se criar”.

Ao se perceber: “estou ansiosa(o)”, o que isso provoca em você?

Apenas se auto-observe, faça umas boas respirações e pense no que pode minimizar essa sensação. Se algum aspecto o(a) tirar do eixo, me parece oportuno buscar ajuda³.

3.3 Terceiro convite

Meu terceiro convite é para que você realize uma atividade com o propósito de facilitar todo esse processo.

Para o próximo momento, sugiro que primeiro leia todo o exercício que vou propor. Depois, grave-se para fazer essa prática. Quer pedir para que alguém o(a) grave? Peça. E, escolha um lugar para isso:

Encontre no seu espaço uma postura o mais confortável possível, mantendo os pés em contato com o chão, coluna ereta, mas sem tencioná-la. Faça neste momento uma auto-observação, volte o olhar para si mesmo e apenas observe a sua respiração: como ela está? Raros são os momentos em que paramos para dar a devida atenção à nossa respiração, com o cuidado que ela merece; e talvez só com isso você tenha suspirado – ótimo!

Onde você se encontra? Que tipo de sensação esse lugar aflora em você: gera segurança, tranquilidade, permite focar e se concentrar? Ou precisa de um esforço maior devido aos ruídos externos?

Tomando consciência desse lugar que você escolheu: se quiser, feche os olhos (por isso a gravação); se não quiser fechá-los, mantenha o olhar em um ponto fixo e inicie um passeio minucioso por todo o seu corpo:

Sem perder a atenção na sua respiração, começando pelos pés, que podem estar fora do calçado, inclua cada dedinho, a sola

³ Nesse momento, sugiro assistir ao seguinte vídeo: “Andy Puddicombe: Tudo o que é preciso são 10 minutos úteis”. Ele está disponível em: https://www.ted.com/talks/andy_puddicombe_all_it_takes_is_10_min_dful_minutes?language=pt-br#t-544447.

do pé tocando o chão. Qual é a sensação? Siga pelo calcanhar, canelas, joelhos, coxas... Se você conta com uma mente “tagarela”, bem antes de observar seu quadril, você saiu do “aqui e agora”...

Permita que seus pensamentos sejam incluídos neste momento – assim como eles vêm eles vão –, e volte a atenção à sua respiração gentilmente; observe sua coluna, seu pescoço, ombros, respirando, inclua os braços, cotovelos, suas mãos, respire e mande mais um comando para sua mente tagarela... o comando é para **relaxar...**

Neste momento, com toda sua atenção na respiração, você visita sua cabeça, dando atenção aos seus lábios e à forma como eles se tocam, a língua na boca, suas sobrancelhas que podem sair do modo fechadas, sisudas, sua frente e couro cabeludo. E mantendo a atenção no aqui e agora, você respira.

Inclua neste passeio o sentir, aqui se requer o refinamento ao que cada passo no percurso provocou de sensação em você, e isso é um exercício de vida (confesso que não sei se só uma vida é o suficiente). Já que não fomos ensinados a termos claros os nossos sentimentos, que dirá manifestá-los naturalmente, é um baita exercício que ajudará infinitamente em todos os momentos da sua vida.

Experimente estabelecer esse diálogo do sentir, o que você sente com o contato do tecido da roupa na pele, do pé que toca o chão, desse chão que está te sustentando. Talvez você perceba neste momento que as mãos estão muito apertadas, ou muito soltas. Aqui se estabelece uma profunda e significativa atenção da escuta.

Lance a seguinte afirmação: que eu possa receber a ajuda necessária para fazer a minha parte.

Finalize esta atividade se espreguiçando e registrando em um caderno o que lhe vier à mente, deixe sua(s) caneta(s) discorrer(em) pela folha. Se pode ser um desenho?... Pode! Registre a data e todas as suas percepções e volte a elas quando você considerar importante.

Talvez aqui você perceba que precisa de uma pausa para ir ao banheiro... Quem sabe saciar a sede, ou tomar um café. Vai lá!⁴

3.4 Quarto convite

Meu quarto convite é para que você comece a cuidar do seu ambiente de trabalho.

Aqui vai uma analogia que o(a) acompanhará em todo o livro: assim como um “chef” na sua cozinha, que objetiva oferecer, ser reconhecido e valorizado pelo prato apresentado, vários serão os processos que precisará executar, repetir e refinar até alcançar a maestria naquela “receita”.

Continuemos, então, na analogia que está sendo estabelecida entre o(a) “chef de cozinha” e o(a) “chef científico(a)”. Já ouvi falar em *mise en place*⁵?

⁴ Nesse momento, deixo como sugestão para você uma meditação: “Meditação Guiada Sync Conexão com Fabio Novo”. Ela está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zvkjq-c7ALc>.

⁵ *Mise en place* (lê-se “miz an plas”) é um termo francês que significa “pôr em ordem, fazer a disposição”. Representa o momento de arrumar e preparar a cozinha para começar a confeccionar os pratos (COLUNISTA PORTAL, 2012). Nessa etapa inicial, são separados os utensílios e ingredientes necessários para executá-lo. Os ingredientes são medidos, descascados e cortados (caso necessário); e os utensílios, devidamente dispostos para o manuseio (ELEUTÉRIO, 2011). A execução da *mise en place* é de grande importância para a boa execução de qualquer receita, para que não se precise buscar ingredientes quando do momento do preparo. Por isso, na culinária profissional, essa é essencial para o bom desempenho do cozinheiro. O termo também é usado para se referir à montagem da mesa, por meio da colocação dos pratos, talhares, taças e demais utensílios para a degustação dos alimentos. Nesse caso, a *mise en place* é, sobretudo, uma função do garçom (COLUNISTA PORTAL, 2012).

Toda essa preparação estimula nosso cérebro a se focar, além de otimizar tempo, energia e disposição. É literalmente: **pre** = o que antecede; **para** = com o propósito de; **ação** = fazer, agir.

E você, “chef científico(a)”, precisará repeti-la toda vez que trabalhar no seu projeto de pesquisa.

É “preparar” o ambiente de trabalho, seja ele um escritório, quarto, sala, cozinha ou qualquer outro espaço. Então, nada de começar a escrever o projeto sem organizar o ambiente no qual irá fazê-lo. Deve se tornar hábito, e não propósito, então ele não será feito por longo tempo.

Como organizar o ambiente de trabalho?

Procure escolher um ambiente em que você tenha acesso a um microcomputador, *notebook* ou outro equipamento para registrar suas leituras e informações do projeto de pesquisa. Caso não seja possível, registre-as em um caderno ou bloco de anotações. Tenha esse equipamento ou material sempre à mão.

Uma vez tendo definido seu ambiente de trabalho e garantido como irá registrar, comece por organizar objetos que eventualmente estejam sobre a mesa/escrivadinha onde irá trabalhar.

Papéis espalhados devem ser separados e organizados em local adequado. Recolha eventuais louças, talheres e outros da mesa. Coloque lápis, canetas e outros itens em seu porta-lápis ou estojo. Depois, tire o pó e dê uma “varridinha” no chão caso necessário.

Em poucos minutos, você deixará o ambiente organizado para o seu trabalho. É como “limpar a cozinha” para começar um “novo prato”.

Ao realizar esses cuidados com o ambiente, você se sentirá mais confortável, e isso ajudará na sua concentração.

Essa “preparação do ambiente de trabalho” deverá ser repetida todas as vezes que você for mexer no seu projeto de

pesquisa, seja uma simples leitura ou a inserção de novos dados e informações.

3.4.1 Dicas para organizar seu ambiente de trabalho

Abaixo, deixo algumas dicas para tornar seu ambiente de trabalho ainda melhor:

- Escolha um ambiente tranquilo, com poucos ruídos de outras pessoas ou de equipamentos;
- Um som ambiente ajuda a se manter em harmonia (tem ótimas opções de rádios *on-line* e de *playlists* em aplicativos);
- Se preferir, utilize um aromatizador de ambiente ou incenso (nesse caso, não deixe que a fumaça atrapalhe);
- Trabalhe sobre uma mesa. Evite sofás, camas, redes, espreguiçadeiras ou qualquer outro móvel relaxante demais;
- Embora seja possível substituir o editor de textos por caderno, bloco de notas ou folhas de papel, aconselhamos usar o computador para evitar retrabalhos;
- Feche todos os programas, abas de Internet e aplicativos que possam tirar a concentração (especialmente de redes sociais como Facebook®, Instagram®, Twitter®, Pinterest®, Snapchat®, WhatsApp®, Telegram® ou outro);
- Se preferir, desligue o celular (ou deixe no modo silencioso).

3.5 Quinto convite

Meu quinto convite é para que compreenda que os processos já sugeridos e os que estão por vir objetivam facilitar que você mantenha o foco no que é imprescindível para escrever o seu

projeto, mantendo(a) no seu ótimo nos aspectos, físico, mental e espiritual.

Por isso, se estiver cansado(a), tire uma soneca. O sono é reparador. Por isso, procure dormir bem.

Também, busque se alimentar antes de começar o trabalho. Mantenha um copo com água do seu lado. Essas pequenas ações evitam que você tenha que sair do seu ambiente a cada pouco.

Se preferir, poderá fazer uma meditação antes de começar o trabalho. Existem variadas opções de aplicativos que disponibilizam meditações gratuitamente⁶.

Dê a devida atenção à sua saúde e, se puder, faça um *check up*.

Mesmo adotando cuidados, nada impede que você se sinta cansado(a) ou até mesmo exausto(a).

3.5.1 Exercícios para você lidar com o cansaço

Sentindo que seu corpo entrou em exaustão, siga uma das dicas com os exercícios abaixo:

a) Exercício 1

Saia da cadeira e deite-se de forma confortável – no chão em cima de um tapete, na sua cama, no sofá – onde você possa levantar suas pernas em uma parede.

⁶ Você pode ser a seguinte sugestão: “Meditação Guiada Sync Conexão com Fabio Novo”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zvkjq-c7ALc>.

Mantenha o quadril distante da parede aproximadamente um palmo e meio, eleve suas mãos e as entrelace atrás da cabeça, ou abra seus braços na altura dos ombros, sem esforço nenhum. Busque o conforto. Sinta sua coluna se acomodando na superfície que escolheu e fique...

Dedique o tempo necessário para que a gravidade, a superfície e a postura trabalhem ao seu favor. O sistema nervoso compreenderá que o fluxo sanguíneo mudou (o que é muito bom) e poderá provocar algumas sensações como câimbras, formigamento ou mesmo nada. Esse será seu ótimo. Com o olhar do observador gentil, dê atenção à sua respiração.

Após uns 10 minutos, desça suavemente os braços e não os sacuda, desça os pés até que as solas toquem a parede e, com cuidado, escorregue a sua coluna mais para trás e desça os pés até tocarem o chão. Deite-se de lado e fique em uma sensação agradável e de conforto. Podendo, repita o exercício antes de dormir.

b) Exercício 2

Sem sair da cadeira, sente-se de forma que suas pernas formem um ângulo de 90° e coloque seus pés juntos uns 10 cm mais para a frente.

Coloque seu calcanhar direito em cima do joelho da perna esquerda e, de forma suave e gentil, leve suas mãos por cima das pernas projetando lentamente a sua coluna para a frente sem esforço, respeitando até onde você consegue chegar.

Mantenha-se sentindo a coluna começar a pesar de forma agradável e observe que a sua respiração muda devido à sua postura.

Permaneça pelo menos 5 minutos e comece a voltar sua coluna vértebra por vértebra e, por último, a sua cabeça.

Desça o pé direito e o coloque no chão ao lado do pé esquerdo. Agora leve o seu calcanhar esquerdo e o coloque em cima do seu joelho direito, e faça isso melhor do que fez antes, leve suas mãos por cima das pernas e vá descendo até onde sua coluna o permite e fique buscando uma sensação agradável.

Sua respiração já deve ter mudado; permaneça por 5 minutos. Volte, mais lentamente ainda, a sua coluna de forma bem preguiçosa, vértebra por vértebra e, por último, erga a sua cabeça.

c) Exercício 3

Vale muito a pena acordar uns minutinhos antes e, ainda deitada(o) de costas, fazer o seguinte exercício:

Dobre os joelhos e os mantenha juntos. Abraço firme seu joelho direito e o leve reto até seu peito, sem erguer o quadril, mantendo o joelho esquerdo firme, sem deixá-lo cair para o lado. Após alguns minutos, devolva o pé direito ao lado do pé esquerdo e imediatamente abraço firme o joelho esquerdo e o leve reto até seu peito, com os mesmos cuidados anteriores e melhores.

Após alguns minutos, devolva o pé esquerdo ao lado do direito, abraço firme novamente o joelho direito e, com todos os cuidados anteriores, leve-o em direção ao ombro direito, de forma a encontrar conforto. Repita com o joelho esquerdo, levando-o em direção ao ombro esquerdo.

A sua respiração é muito importante nesse momento. Dê a devida atenção a ela.

3.6 Sexto convite

Meu sexto e último convite é para que você fique à vontade para decidir.

Se quiser, desconsidere tudo o que foi sugerido até aqui e encontre a sua forma de alcançar o resultado, este é o momento do livre arbítrio. E por que isso? Porque ninguém melhor do que você, que se conhece, sabe a melhor forma e qual o melhor caminho que o(a) levará a concretizar seu projeto.

Quem sabe só alguns aspectos até aqui abordados façam sentido. Pince o que lhe interessa e use em seu benefício.

Já os próximos capítulos devem ser seguidos à risca e foram pensados para que você possa saborear com o requinte apropriado tudo o que a conclusão exitosa do seu projeto lhe promova.

Comentários finais

Muito bem, chegamos ao final deste capítulo, e suas percepções podem ser as mais variadas. Particularmente, espero, de forma muito serena, ter podido contribuir despretensiosamente com sua evolução enquanto Ser em construção e que todos possamos nos beneficiar com sua dedicação e entrega de um projeto de pesquisa consistente e significativo.

Por fim, gostaria de compartilhar com você a mensagem “O rio e o oceano”, do poeta e escritor Gibran Kalil Gibran⁷, que serve como reflexão final:

Diz-se que, momentos antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Podemos apenas ir em frente. O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio compreende que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano. Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento.

Referências

COLUNISTA PORTAL. A Mise en Place. Culinária. **Portal Educação**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/culinaria/a-mise-en-place/65366>. Acesso em 26 abr. 2020.

DWECK, C. S. **Mindset**: a nova psicologia do sucesso. Objetiva: Rio de Janeiro, 2017. 312p.

⁷ O rio e o Oceano. Disponível em: <http://manoelafonso.com.br/cronicas/o-rio-e-o-oceano-gibran-k-gibran/>.

DWECK, C. S. O poder de acreditar que se pode melhorar. [*S. l.: s. n.*], 2015. 1 vídeo (10 min). **TED Conferences**. Disponível em: https://youtu.be/_X0mgOOSpLU. Acesso em: 26 abr. 2020.

ELEUTÉRIO, D. Mise en place, que bicho é este? **Guia do Profissional de Hotelaria e Restaurantes**, [*s. l.*], 2013.

Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20160303222343/http://www.guiagphr.com.br/dicasDetalhe.asp?iid=2726>. Acesso em: 26 abr. 2020.

GONÇALVES, A. Ikigai. O que te faz levantar todas as manhãs? **Olhar atual**, [*s. l.*], 20 jan. 2016. Disponível em:

<https://olharatual.com.br/ikigai-o-que-te-faz-levantar-todas-as-manhas/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

JULIATO, E. Mindset Produtor: como reprogramar a sua mente para o sucesso. **Top Produtor Blog**. [*s. l.*], 2016. Disponível em: <http://topprodutor.com.br/mindset-produtor-como-reprogramar-sua-mente/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

NOVO, F. Meditação guiada. [*S. l.: s. n.*], 2016. 1 vídeo (10 min). **Instituto Holoplex**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Zvkjq-c7ALc>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PUDDICOMBE, A. Tudo o que é preciso são 10 minutos úteis. [*S. l.: s. n.*], 2012. 1 vídeo (9 min). **TED Conferences**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/andy_puddicombe_all_it_takes_is_10_mindful_minutes. Acesso em: 26 abr. 2020.

SEU IKIGAI. **Ikigai Significado**. [*S. l.: s. n.*], 2020. Disponível em: <https://seuikigai.com.br/ikigai/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SIGNIFICADOS. **Significado de Mandala.** [S. l.: s. n.], 2014.
Disponível em: <https://www.significados.com.br/mandala/>.
Acesso em: 26 abr. 2020.



PARTE II: PITADAS DE TEORIA

Na Parte II do nosso “Menu”, disponibilizaremos as “Pitadas de teoria”, com uma série de informações úteis para a sua formação como “chef científico(a)”. Essas informações servirão de base para a elaboração de “seu prato principal”.

Abordaremos as seguintes “Pitadas de teoria”: 1) “Falando de conhecimento, Ciência, pesquisa e método científico”; 2) “Compreendendo a pesquisa científica e suas classificações”; 3) “Conhecendo os procedimentos de coleta e análise de dados da pesquisa científica”; 4) “Compreendendo o projeto de pesquisa”; 5) “Descrivendo os elementos do projeto de pesquisa”; 6) “Apresentando as citações”; 7) “Elaborando as referências”; e 8) “Redigindo o projeto de pesquisa”.

Essas “Pitadas de teoria” podem ser consultadas separadamente, conforme suas necessidades. Após isso, você terá condições de “botar a mão na massa” e executar as “receitas” do seu “prato principal”.

É como se estivesse iniciando um curso de Gastronomia, no qual aprenderá sobre ingredientes, técnicas, receitas e apresentação de pratos.



PRIMEIRA PITADA DE TEORIA: FALANDO DE CONHECIMENTO, CIÊNCIA, PESQUISA E MÉTODO CIENTÍFICO

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Ândrea Cardoso de Souza

Apresentação

Desde muito tempo, ouvimos falar que teoria e prática são intimamente relacionadas. Quando pensamos em um projeto de pesquisa, essa ideia se confirma: para elaborar um bom projeto de pesquisa, você precisa, primeiro, compreender os conceitos com ele relacionados.

Por exemplo: para você ser um(a) chef internacional, precisará conhecer as origens e a cultura do país ou região em que pretende se especializar. Quanto mais ampliar seu conhecimento, mais fácil será elaborar melhores preparações.

Em função disso, consideramos importante que você compreenda os conceitos básicos em torno da atividade científica. Neste capítulo, falaremos de conhecimento, Ciência, pesquisa e método científico. Não temos a pretensão de fazer uma revisão bibliográfica. Queremos, apenas, contextualizá-los.

1 Conhecimento: para compreendermos e intervirmos no mundo

Conhecer o mundo que nos cerca representa uma preocupação muito antiga, que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. Diz-se que o homem busca conhecer a realidade desde seu estágio primitivo. Há indícios disso em pinturas rupestres e outros achados da História, Paleontologia e Arqueologia. Aí, nos questionamos: por que conhecê-la?

Primeiro, precisamos conhecer a realidade para intervir no mundo, de modo que tenhamos uma vida melhor, que produzamos uma sociedade melhor. Você já parou para pensar no contrário: o que o desconhecimento nos provoca?

Ao refletir sobre isso, perceberá que, em maior ou menor nível, desconhecer significa lidar com angústia, sofrimento, medo e pavor. Quando conhecemos algo, ficamos mais seguros perante o mundo (TRAMONTINA, 2012). Então, o segredo está em transformar o desconhecido em conhecido!

A palavra conhecimento origina-se do latim *cognoscere*, que significa “ação de conhecer”. Em linhas gerais, o conhecimento representa a “apropriação intelectual de um objeto por um sujeito”. Vale destacar aqui que o objeto pode fazer parte do sujeito que conhece. Afinal, podemos conhecer a nós mesmos (CERVO; BERVIAN, 1981). Dessa forma, há uma relação contínua (de vai e vem) entre sujeito e objeto na construção do conhecimento (um está conectado ao outro) (TRAMONTINA, 2012). Nesse processo de conhecer, usamos dos nossos sentidos o tempo todo (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Em cada época da história, os homens buscaram conhecer o mundo à sua volta mediante diversos meios. Dito de outra forma, os mitos, as religiões, as filosofias, a poesia, a arte e a própria Ciência são formas de conhecer e explicar a realidade (MINAYO, 2008).

No entanto, podemos nos questionar: o que entendemos por realidade? Realidade e mundo real são a mesma coisa?

Uma rápida olhada no dicionário e vemos que “real” significa “o que existe de fato” (FERREIRA, 2002). Por exemplo: as árvores da rua na frente da nossa casa. Já a “realidade”, por sua vez, envolve o “real significado pelos sujeitos”, ou seja, a “leitura que cada um faz do real”.

A realidade, então, envolve percepções dos indivíduos e representações sociais sobre o real, o que está dado. Por exemplo: as mesmas árvores que estão na frente da nossa casa são vistas de diferentes formas por cada morador do bairro – para uns, elas podem ser robustas e servir como fonte de inspiração, enquanto para outros, não passam de mero vegetal. Ou seja, fazemos construções próprias sobre o mesmo objeto.

Entender que cada indivíduo possui sua realidade é importante para situar as escolhas que fazemos na condução de uma pesquisa. Significa, pois, que cada um de nós possui uma visão própria e peculiar, que será refletida no nosso projeto de pesquisa. A essas características, que expressam nosso modo de sentir, de atuar, de estar e de nos produzirmos como sujeitos, é o que chamamos de subjetividade (HANDEM *et al.*, 2008).

Assim, enquanto sujeitos (e não objetos), construímos e reconstruímos o conhecimento, o que nos possibilita avançar e desvendar os mistérios da vida. Ao elaborarmos um projeto de

pesquisa, que trará novos conhecimentos científicos, exercitamos nossa subjetividade e nos produzimos como sujeitos. Ao final de cada elemento do projeto, já não seremos os mesmos.

2 Tipos de conhecimento: diferentes formas para nos apropriarmos e intervirmos na realidade

Para dar conta da complexidade da realidade que nos cerca, convivemos com diferentes “tipos” ou “níveis” de conhecimento. Essa classificação leva em conta as formas de conhecer ou de justificar os conhecimentos que são produzidos (LUNGARZO, 1993) e é útil para refletirmos sobre as características desejáveis do conhecimento que produziremos a partir de nosso projeto de pesquisa. Em outras palavras: ao propormos uma pesquisa, o resultado deve ser um tipo específico de conhecimento, que atenda a determinadas características aceitas pela comunidade científica.

Em linhas gerais, podemos dizer que o conhecimento é classificado em quatro tipos ou níveis (CERVO; BERVIAN, 1981; LAKATOS; MARCONI, 1988; MINAYO, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014; TRAMONTINA, 2012; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- **Conhecimento empírico ou comum:** esse é conhecimento que está na “boca do povo”, sendo também chamado de “vulgar”. Ele é obtido ao acaso (nas nossas experiências diárias) e é transmitido de geração para geração por meio da linguagem. Por exemplo: quando estamos nervosos e nossa mãe prepara aquela receita infalível – “água com açúcar” –, estamos diante de um tipo

de conhecimento comum, que se perpetua de longa data em muitas famílias.

- **Conhecimento científico:** esse é o tipo de conhecimento que resulta da utilização de um método para conhecer as causas e as leis que explicam o que está sendo estudado. Dessa forma, esse conhecimento trata de fatos, é sistemático, analítico, explicativo, preciso, claro, verificável e universal. Normalmente, utiliza a experimentação. Por exemplo: ao fazermos uma investigação científica, poderemos identificar os efeitos daquela “água com açúcar” (que nossa mãe preparou para nos acalmar) no sistema de recompensa cerebral. Nesse caso, temos um conhecimento que é diferente daquele que nossa avó passou para nossa mãe.
- **Conhecimento filosófico:** esse, por sua vez, é o conhecimento que resulta do uso do método racional e que trata das realidades mediatas, ou seja, não perceptíveis pelos sentidos diretos. Esse conhecimento se fundamenta na razão e busca explicações para nossas questões existenciais como seres humanos. Por exemplo: quando buscamos responder a perguntas como: qual o sentido da vida? Para onde vamos? A liberdade existe?
- **Conhecimento teológico:** por fim, esse é o conhecimento que trata dos mistérios da existência humana, isto é, aquele revelado por Deus, profetas e aceito pela fé. Ele representa o conjunto de verdades obtido pela aceitação de uma revelação divina, e não pelo uso da inteligência. Baseia-se na crença. Por exemplo: segundo o conhecimento teológico, o ser humano tem uma origem divina, e as coisas que

acontecem na nossa vida, como doenças, por exemplo, podem ser explicadas por intermédio de causas sobrenaturais ou místicas.

Muito embora cada tipo de conhecimento tenha seus fundamentos, características e defensores, eles coexistem no nosso dia a dia. Assim, não temos como propósito tomar partido de um ou outro tipo, pois entendemos que, em função da complexidade da realidade, esses tipos de conhecimentos são complementares e favorecem uma multiplicidade de pontos de vista.

Vale lembrar, contudo, que determinado conhecimento empírico pode ser investigado por meio de um método científico e produzir, ao final de uma pesquisa, outro tipo de conhecimento. Aliás, muitas vezes, as “verdades” populares são tomadas como ponto de partida para investigações científicas.

3 Ciência: uma forma de interpretação da realidade

“Ciência”: essa é outra expressão que usamos muito no nosso cotidiano. Basta assistir a um noticiário, ler um jornal ou acessar a Internet (sem falar da vida no ambiente acadêmico) que veremos o quanto a nossa vida é atravessada por ela. Entretanto, de que estamos falando exatamente? Que é Ciência? De onde ela veio? Para que serve?

Começamos por entender que a Ciência, tal como se apresenta hoje, é uma construção humana relativamente recente: embora, desde as nossas origens como humanidade, tenhamos traços rudimentares de conhecimentos e técnicas, a Ciência se

desenvolveu mais intensamente a partir da Idade Moderna, em um período histórico marcado por novas propostas para entender o mundo. Nesse período, surgiram explicações e teorias que se opunham àquelas vigentes na Idade Média – conhecida como o “Período da Trevas” – em que prevaleceram as explicações de cunho religioso para o que acontecia na vida (CERVO; BERVIAN, 1981).

Assim, a Ciência ganhou impulso a partir do século XVI, quando os fatos e os fenômenos da vida passam a ser analisados por meio do uso do método científico e pela busca da objetividade nas explicações produzidas (CERVO; BERVIAN, 1981).

Desde então, a Ciência adota a atitude de questionar as “certezas” da vida, pela formulação de críticas à aceitação de conhecimentos que não passaram por “crivos” ou por “testes” antes. Em outros termos: a atividade científica tem na curiosidade uma característica marcante: “onde vemos coisas, fatos e acontecimentos, a atitude científica vê problemas e obstáculos, aparências que precisam ser explicadas e, em certos casos, afastadas” (CHAUÍ, 2003, p. 218).

Assim, a Ciência assume sempre uma postura crítica frente à realidade ao buscar conhecimentos prévios, testes, análises, controles, justificativas claras e exatas para os fenômenos que estuda (LUNGARZO, 1993). Como ela se constitui de conceitos, teorias, hipóteses, proposições e utiliza determinados métodos para investigar objetos e fenômenos específicos (LAKATOS; MARCONI, 1988), produz conhecimentos racionais, que diferem grandemente de intuições (BRUGNERA, 2012). Portanto, a Ciência revela conhecimentos que não poderiam ser obtidos de outra forma (DAVIES, 1998).

O que diferencia a Ciência das outras formas de conhecer e interpretar o mundo é, pois, justamente o seu processo de obtenção, justificação e transmissão do conhecimento (LUNGARZO, 1993). Esses aspectos conferem à Ciência o status de forma hegemônica de construção e interpretação da realidade na nossa sociedade ocidental (MOZZINI *et al.*, 2014). Isso significa que, na visão de muitos, ela teria a pretensão de ser a única promotora e o critério de verdade. Seria assim, um novo mito? (MINAYO, 2008).

4 Características da Ciência

A Ciência possui objetos de investigação específicos (para isso faz recortes da realidade para definir o que pretende estudar, analisar ou interpretar), busca distinguir as leis gerais que explicam um fato ou fenômeno e, assim, pretende aumentar a quantidade dos conhecimentos sobre a vida humana (LAKATOS; MARCONI, 1988). Para tanto, possui como propriedades básicas a objetividade, o desinteresse (no sentido de não querer fazer prevalecer visões de mundo e opiniões pessoais frente a um achado de pesquisa) e o espírito crítico (CERVO; BERVIAN, 1981).

Sendo uma forma de interpretação da realidade, podemos dizer que a Ciência possui as seguintes características (TRAMONTINA, 2012):

- Aborda fatos ou fenômenos da realidade (podem ser factuais ou não);
- É analítica: ou seja, fragmenta em partes um fato ou fenômeno para depois estudá-lo;

- É clara e precisa: utiliza conceitos e definições que se afastam das ambiguidades e imprecisões;
- É hipotética: utiliza hipóteses que poderão ou não ser comprovadas pela utilização do método científico;
- É verificável: ou seja, necessita de comprovação empírica – através da experiência;
- É metódica: utiliza procedimentos e técnicas previamente estabelecidos;
- É sistemática: utiliza sistemas de ideias conectadas entre si;
- É explicativa: procura descrever e explicar fatos e fenômenos;
- Seus enunciados devem estar amparados em leis científicas, comuns;
- É universal: pretende, a partir do estudo de fatos e fenômenos particulares, extrapolar seus achados.

Tendo em mente essas características, podemos afirmar que a Ciência não é conclusiva e nem definitiva (MINAYO, 2008). Isso equivale e entendê-la como um processo inacabado: está em constante elaboração, revisão, correção e ampliação (BRUGNERA, 2012).

Assim, devemos ter clareza que a Ciência se insere na cultura, assim como a religião, a literatura e a arte. Ela é apenas uma forma de expressão da busca pelo conhecimento da realidade (MINAYO, 2008) que possui um arsenal de conhecimentos, preceitos, normas e métodos de interpretação específicos (LUNGARZO, 1993).

Portanto, a Ciência e o conhecimento que produz devem ser sempre pensados a partir de um contexto histórico e social e pelas

escolhas pessoais dos pesquisadores (DESLANDES, 2008). O que as próximas gerações irão dizer do conhecimento científico que temos produzido hoje?

5 Sobre o método

Chamamos de método a abordagem teórica ou as concepções teóricas para a abordagem de um fato ou fenômeno a ser estudado. Ele apresenta os parâmetros necessários (uma espécie de guia) para que possamos avançar rumo ao conhecimento (MINAYO, 1997; 2008).

O método se refere a um conjunto de processos que devem ser empregados pelo homem na investigação e na demonstração da verdade (CERVO; BERVIAN, 1981). Quer dizer, representa o caminho ordenado para que qualquer atividade chegue a um fim determinado (SANTOS, 2013).

O método surgiu pela atividade de filósofos ainda antes de Cristo (por volta dos séculos VI e VII a.C.). Não sendo específico da atividade científica, um método surge a partir do momento em que o homem se encontra diante de alguma dificuldade que precisa ser solucionada. Ao longo da História, diferentes métodos foram propostos e modificados, alterando conceitos, objetivos e formas, em função dos objetos estudados (SANTOS, 2013).

Dentre esses métodos, podemos destacar (MARCONI; LAKATOS, 2011):

- Método de autoridade: baseia-se na moral e no valor intelectual de quem faz a proposição, sendo bastante

utilizado nas questões de fé (embora também observado nas Ciências);

- Método racional: fundamenta-se na razão, utilizando da dedução e da indução para chegar aos seus resultados, muito utilizado na Filosofia;
- Método científico: utiliza observação sistemática e demonstração para chegar à evidência, verdade e certeza, sendo comum a diferentes Ciências;
- Método experimental: fundamenta-se na realização de experiências, bastante utilizado na Ciências da Natureza (SANTOS, 2013).

Dessa forma, cada método é especialmente útil em cada área ou campo de atividade humana. Para tanto, reúne teorias, conceitos e disponibiliza um conjunto de procedimentos que devem ser empregados pelo homem na interpretação da realidade.

Por fim, é importante saber que a Ciência se utiliza de métodos próprios para chegar às suas conclusões. Esses métodos podem ser pensados dentro de um grande conjunto, chamado de “método científico” (MOZZINI *et al.*, 2014).

6 Sobre o método científico

Chamamos de método científico o caminho sistemático e ordenado proposto pela Ciência para produzir suas explicações da realidade. Ele acontece por meio de diversos passos ou procedimentos (também chamados de técnicas) que são usados para elucidar determinado problema de pesquisa (CERVO; BERVIAN, 1981).

Por intermédio da utilização de um método (o caminho a ser seguido), temos segurança e economia de recursos para obtermos conhecimentos válidos e verdadeiros em pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Em função de diferentes entendimentos sobre uso do método nas Ciências, podemos fazer uma distinção entre método de abordagem e métodos de procedimentos (ANDRADE, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2011; SANTOS, 2013).

O método de abordagem representa um enfoque mais amplo e com maior nível de abstração para os fenômenos naturais e da sociedade (MARCONI; LAKATOS, 2011). Assim, diz respeito aos fundamentos lógicos e ao processo de raciocínio adotado no plano geral de trabalho (ANDRADE, 2010).

O método de abordagem envolve (MARCONI; LAKATOS, 2011):

- Método indutivo: parte das constatações mais particulares em direção às leis e teorias (possui conexão ascendente);
- Método dedutivo: parte das leis e teorias para prever a ocorrência de fenômenos mais específicos ou particulares (possui conexão descendente);
- Método hipotético-dedutivo: parte de lacunas no conhecimento e formula hipóteses que serão testadas mediante inferência dedutiva. Busca prever a ocorrência dos fenômenos a partir da hipótese verificada;
- Método dialético: parte das mudanças dialéticas (contradições) observadas na natureza e na sociedade para compreender os fenômenos.

Já os métodos de procedimentos representam as etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita para a explicação dos fatos e fenômenos, sendo menos abstratos. Dessa forma, os métodos de procedimentos seriam exclusivos entre si. É possível, no entanto, que uma pesquisa utilize mais de um (ANDRADE, 2010).

Entre os métodos de procedimento, estão os métodos: 1) histórico; 2) comparativo; 3) estatístico; 4) monográfico ou estudo de caso; 5) funcionalista; 6) etnográfico; 7) estruturalista; 8) tipológico, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Embora cada área da Ciência utilize métodos distintos (CERVO; BERVIAM, 1981), todas fazem uso de métodos científicos (LAKATOS; MARCONI, 1988). Como existem procedimentos comuns a todas as Ciências, podemos dizer que existe um método científico comum (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Diante desse entendimento, podemos resumir o método científico por meio dos seguintes passos (CERVO; BERVIAM, 1981; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- Formulação de um problema ou pergunta de pesquisa;
- Levantamento de hipóteses;
- Utilização de procedimentos e técnicas para coletar dados (observações, medições, testes);
- Registro de dados observados e medidos;
- Análise dos dados para responder ao problema de pesquisa e à hipótese;
- Elaboração de explicações ou revisão das existentes sobre os resultados das observações e medições efetuadas;

- Generalização das conclusões do estudo (processo conhecido como indução);
- Predição ou antecipação de eventos futuros.

Vale destacar que esse método é adaptável às especificidades das diversas Ciências. Apesar da grande relevância do método, características do pesquisador, como reflexão, crítica, criatividade, experiência, intuição, capacidade de comunicação e de indagação, são fundamentais para a execução da investigação científica (CERVO; BERVIAN, 1981; MINAYO, 2008).

Referências

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.

BRUGNERA, N. L. A ciência. *In*: DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012. p. 157-162.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

DAVIES, P. O que é a ciência? **Crítica**: Filosofia da Ciência, [s. l.], 1 jan. 1998. Disponível em: http://www.criticanarede.com/html/filos_ciencia.html. Acesso em: 8 mar. 2008.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31- 60.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 790p.

HANDEM, P. C. *et al.* Correntes filosóficas. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 21-51.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

LUNGARZO, C. **O que é ciência, o que é lógica, o que é matemática**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos**. Tapera: Lew Editora, 2014.

SANTOS, I. E. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. Niterói: Impetus, 2013.

TRAMONTINA, R. Conhecimento. *In*: DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012. p. 143-155.

ZAMBERLAN, L. *et al.* **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.



SEGUNDA PITADA DE TEORIA: COMPREENDENDO A PESQUISA CIENTÍFICA E SUAS CLASSIFICAÇÕES

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Sidimar Meira Sagaz

Apresentação

A pesquisa é útil nas mais diversas atividades humanas: na economia, na comunicação, na saúde, no trabalho, no comportamento, na cultura e na compreensão da sociedade. Ela está presente em praticamente todas as atividades da nossa vida, embora, muitas vezes, não percebamos isso.

Por exemplo, quando queremos ir a um restaurante, buscamos informações sobre a localização, tipo de gastronomia, preço e indicações de clientes, entre outros. Para nossa experiência gastronômica acontecer da forma como desejamos, realizamos pesquisas. Entretanto, não significa que esse tipo de pesquisa seja uma investigação científica.

Por isso, neste capítulo, pretendemos trazer um panorama sobre um tipo específico de pesquisa: aquela relacionada com a atividade científica. Abordaremos os conceitos de pesquisa, o fluxo da pesquisa e a classificação das pesquisas científicas.

1 Pesquisa *versus* pesquisa científica

Em sentido genérico, podemos afirmar que realizamos pesquisa o tempo todo, uma vez que estamos sempre em busca de respostas para novas ações/situações ou, até mesmo, para entender nosso passado ou visualizar nosso futuro. Temos diferentes motivos para buscar essas informações, sejam eles de cunho pessoal, social, político, econômico, ambiental, científico etc. Embora possamos ter o entendimento da utilidade da pesquisa no nosso cotidiano, temos que ter clareza que existem diferentes tipos e finalidades de pesquisa (MOZZINI *et al.*, 2014).

A pesquisa científica, um desses tipos, visa obter conhecimentos e explicações para perguntas ou problemas científicos mediante atividades específicas de descoberta e desvelamento da realidade (RUDIO, 2014; SANTOS, 2009; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Ela representa um procedimento formal, que utiliza pensamento reflexivo, necessita de abordagem científica e simboliza o caminho para conhecer a realidade (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Dada a sua importância, é considerada como a atividade básica da Ciência (MINAYO, 1997). Por intermédio dos resultados de investigações científicas é que são produzidos novos conhecimentos, tecnologias e inovações para aprimorarmos nossa existência no mundo. Entendemos, assim, que a pesquisa científica tem grande vinculação com nossa vida prática na medida em que muitos de nossos desafios e dificuldades passam a ser estudados sob a ótica da Ciência (MINAYO, 1997).

Para ser classificada como científica, uma pesquisa deve iniciar com uma questão, uma dúvida ou uma pergunta (CERVO;

BERVIAN, 1981; MINAYO, 1997) que possa ser estudada por meio do emprego de processos científicos (CERVO; BERVIAN, 1981), os quais pressupõem uso de métodos que garantam o rigor, uma das principais marcas da atividade científica (CHAUÍ, 2003). Por meio do uso de métodos e técnicas próprios, são produzidos resultados peculiares sobre a realidade estudada (RUDIO, 2014).

2 A decisão de propor uma pesquisa original

Diante de um problema ou de uma dúvida sobre algum fato ou fenômeno de nosso interesse, temos diferentes caminhos a seguir: 1) podemos buscar respostas em conhecimentos disponíveis, procurando informações em diferentes fontes (livro, enciclopédia, artigo científico, entidade, autoridade no assunto etc.); ou 2) podemos realizar uma pesquisa mais estruturada e com maior rigor metodológico.

Nesse último caso, podemos tanto conduzir um “resumo de assunto” (revisando a literatura por meio de materiais publicados) quanto podemos propor um “trabalho científico original” (uma pesquisa conduzida pela primeira vez). O que irá determinar se faremos um resumo ou um trabalho científico original é a existência de conhecimentos específicos e qualidade desses conhecimentos disponíveis (CERVO; BERVIAN, 1981).

Caso nossa opção seja por produzir novas investigações originais, seguiremos as seguintes fases da pesquisa: 1) planejamento da investigação (elaboração de um projeto de pesquisa); 2) execução da investigação (coleta e análise dos dados); e 3) apresentação dos resultados. É esse o ciclo da

atividade científica. Por meio dele, o conhecimento avança e impacta nossa vida em sociedade.

3 Sistemas de classificação das pesquisas científicas

Considerando a diversidade de áreas de conhecimento e dos problemas ou dúvidas passíveis de serem investigados sob a ótica da Ciência, necessitamos utilizar algum sistema classificatório para as pesquisas científicas (CERVO; BERVIAN, 1981; RUDIO, 2014). Todavia, por quê? A resposta é simples: porque a classificação nos ajuda a organizar e a entender melhor as ações em torno da atividade científica (GIL, 2010). Para tanto, nós, pesquisadores, podemos utilizar diferentes critérios para classificar nossas pesquisas científicas (MOZZINI *et al.*, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Entre os critérios que podemos utilizar na classificação das pesquisas, estão (GIL, 2010; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009; RUDIO, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- Área do conhecimento;
- Abordagem;
- Natureza;
- Objetivo geral;
- Procedimentos técnicos utilizados.

Dependendo dos critérios utilizados, teremos diferentes propostas de planejamento para a investigação a ser conduzida

(LAKATOS; MARCONI, 1988). A seguir, apresentaremos uma visão geral desses tipos de pesquisas⁸.

4 Classificação das pesquisas científicas segundo a área do conhecimento

Esse sistema de classificação prevê que as pesquisas sejam enquadradas em grandes áreas do conhecimento e em suas respectivas disciplinas. Ele tem sido utilizado por agências de fomento à pesquisa, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e por órgãos estatais, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), uma Fundação do Ministério da Educação (MEC).

As grandes áreas do conhecimento são (CAPES, 2018; CNPq, 2018; GIL, 2010):

- Ciências Exatas e da Terra;
- Ciências Biológicas;
- Engenharias⁹;
- Ciências da Saúde;
- Ciências Agrárias;
- Ciências Sociais Aplicadas;
- Ciências Humanas;
- Linguísticas, Letras e Artes;

⁸ Para maior detalhamento dos sistemas classificatórios e dos tipos de pesquisas, recomendamos consultar a bibliografia especializada.

⁹ O CNPq (2018) denomina “Engenharias e Ciência da Computação”.

- Multidisciplinar¹⁰.

Essas grandes áreas, por sua vez, englobam as disciplinas comumente conhecidas (CAPES, 2018; CNPq, 2018):

- Ciências Exatas e da Terra: Matemática; Probabilidade e Estatística; Ciência da Computação; Astronomia; Física; Química; Geociências;
- Ciências Biológicas: Genética; Morfologia; Fisiologia; Bioquímica; Biofísica; Farmacologia; Imunologia; Microbiologia; Parasitologia; Ecologia; Oceanografia; Botânica; Zoologia;
- Engenharias: Engenharia Civil; Engenharia Sanitária; Engenharia de Transportes; Engenharia de Minas; Engenharia de Materiais e Metalúrgica; Engenharia Química; Engenharia Nuclear; Engenharia Mecânica; Engenharia de Produção; Engenharia Naval e Oceânica; Engenharia Aeroespacial; Engenharia Elétrica; Engenharia Biomédica;
- Ciências da Saúde: Medicina; Nutrição; Odontologia; Farmácia; Enfermagem; Saúde Coletiva; Educação Física; Fonoaudiologia; Fisioterapia e Terapia Ocupacional;
- Ciências Agrárias: Agronomia; Recursos Florestais e Engenharia Florestal; Engenharia Agrícola; Zootecnia; Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca; Medicina Veterinária; Ciência e Tecnologia de Alimentos;
- Ciências Sociais Aplicadas: Direito; Administração; Turismo; Economia; Arquitetura e Urbanismo; Desenho Industrial;

¹⁰ Essa área é apresentada pela CAPES (2018).

Planejamento Urbano e Regional; Demografia; Ciência da Informação; Museologia; Comunicação; Serviço Social;

- Ciências Humanas: Filosofia; Teologia; Sociologia; Antropologia; Arqueologia; História; Geografia; Psicologia; Educação; Ciência Política;
- Linguística, Letras e Artes: Linguística; Letras; Artes.

Existe, ainda, uma grande área multidisciplinar (CAPES, 2018), formada pelas seguintes interseções: Interdisciplinar (Meio Ambiente e Agrárias; Sociais e Humanidades; Engenharia/Tecnologia/Gestão; Saúde e Biológicas); Ensino (Ensino de Ciências e Matemática); Materiais; Biotecnologia; Ciências Ambientais.

Esse sistema tem sido bastante utilizado quando pesquisadores buscam fontes de financiamentos em editais, como aqueles publicados por agências de fomento.

5 Classificação das pesquisas científicas segundo sua abordagem

De acordo com a abordagem, as pesquisas podem ser classificadas em três grupos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- Pesquisa quantitativa;
- Pesquisa qualitativa;
- Pesquisa quantiqualitativa ou qualiquantitativa.

5.1 Pesquisa quantitativa

A **pesquisa quantitativa** é aquela que traduz os dados coletados (informações e opiniões dos fatos e fenômenos) por meio de números (RUDIO, 2014). Por intermédio de medidas numéricas, são mensurados os eventos, são estabelecidas as relações entre causas e efeitos dos eventos e são verificadas as influências de variáveis ao evento em estudo (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Para isso, utiliza métodos e recursos estatísticos (HANDDEM *et al.*, 2008).

Os procedimentos quantitativos são bastante utilizados nas Ciências (Exatas, Biológicas, Engenharias, Saúde), incluindo as pesquisas clínicas, as quais se caracterizam pela busca da objetividade na pesquisa (FLETCHER; FLETCHER, 2006; FREIRE; PATUSSI, 2005). Normalmente, esse tipo de pesquisa quantitativa envolve grandes amostras.

5.2 Pesquisa qualitativa

A **pesquisa qualitativa**, por sua vez, é aquela que se ocupa com um nível da realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ela trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes das pessoas (MINAYO, 2008). Por envolver percepções, intuições e subjetividades (HANDDEM *et al.*, 2008), seu objeto passa a ser o universo da produção humana por meio de relações, representações e intencionalidades (MINAYO, 2008). Ela parte do entendimento que o indivíduo e suas ações não podem ser analisados em separado do mundo à sua volta (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Por isso, é importante conhecer o local

de pesquisa para compreender o fenômeno em estudo (BECKER, 2007).

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa envolve as situações em que os métodos estatísticos não podem ou são insuficientes para investigar e compreender fenômenos da realidade que trata (MINAYO, 2008). Ela costuma produzir quantidades significativas de narrativas, dispensando grandes amostras (HANDEM *et al.*, 2008).

Os métodos qualitativos são bastante utilizados em Ciências Humanas e Sociais e envolvem o uso de conceitos, percepções e avaliações dos indivíduos ante os objetos estudados. Embora esses métodos ainda não sejam amplamente utilizados na área da Saúde, têm tido uso crescente em Saúde Coletiva (FREIRE; PATUSSI, 2005).

5.3 Pesquisa quantiqualitativa ou quali quantitativa

A **pesquisa quantiqualitativa ou quali quantitativa** (também chamada de **pesquisa mista**), por sua vez, é aquela que combina procedimentos quantitativos e qualitativos. Ela se justifica quando apenas uma ou outra abordagem não é suficiente para abordar a complexidade do problema de pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

Este tipo de pesquisa associa análise estatística e investigação dos significados humanos, de modo a melhor interpretar e compreender os dados e informações obtidos (FLETCHER; FLETCHER, 2006; HANDEM *et al.* 2008). Muitas pesquisas na área da Saúde e da Saúde Coletiva utilizam esse tipo de abordagem. Nessa perspectiva, há uma valorização do que cada

método oferece. Assim, há entre eles uma espécie de complementação que pode produzir riquezas de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa (MINAYO, 2008).

Essa forma de classificação se dá em função de mudanças no próprio desenvolvimento da Ciência: inicialmente, a Ciência esteve preocupada em explicar a realidade por meio de demonstrações, defendendo princípios de causa e efeito e em explicações matemáticas. Depois, os cientistas perceberam que os conhecimentos do mundo humano não poderiam ser reduzidos a explicações com base em critérios quantitativos (matemáticos) (SEVERINO, 2007). Hoje, explicações quantitativas e qualitativas têm sido combinadas para dar conta da complexidade de muitas perguntas de pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

6 Classificação das pesquisas científicas segundo sua natureza

De acordo com sua natureza, uma das maneiras mais tradicionais de classificação científica, as pesquisas são divididas em dois grandes grupos (GIL, 2010):

- Pesquisa básica;
- Pesquisa aplicada.

6.1 Pesquisa básica

A **pesquisa básica** (também chamada de pesquisa pura) é aquela que pretende preencher lacunas no conhecimento, gerando

ou aumentando novos conhecimentos em campos clássicos do saber, como a Física, a Química, a Sociologia, a Economia e outras (VASCONCELOS, 2002).

Ela busca testar hipóteses e construir teorias que envolvam verdades e interesses universais (GIL, 2010; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Dessa forma, tende a focar nos temas que priorizam os avanços das Ciências, deixando os aspectos práticos ou meramente instrumentais em segundo plano (VASCONCELOS, 2002).

6.2 Pesquisa aplicada

A **pesquisa aplicada**, por sua vez, é aquela que engloba os estudos que têm como finalidade principal resolver problemas das sociedades em que são realizadas (GIL, 2010). Ela se ocupa em entender a natureza de problemas humanos e gerar soluções que possam impactar em determinado ambiente, tendo como fonte das questões as preocupações das pessoas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 26). Assim, esse tipo de pesquisa envolve verdades e interesses locais e relaciona-se com a busca de alternativas para a vida em sociedade.

6.3 Derivações da pesquisa básica e aplicada

Embora exista a distinção entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, uma pode ter repercussões na outra. Por exemplo: uma pesquisa básica poderá contribuir com a solução de problemas práticos assim como uma pesquisa aplicada poderá ampliar o conhecimento científico.

Além disso, existem sistemas que ampliam essa classificação, dividindo a pesquisa básica e aplicada em: pesquisa básica pura; pesquisa básica estratégica; pesquisa aplicada; e desenvolvimento experimental (GIL, 2010). Outros incluem a pesquisa acadêmica na classificação, criando três tipos de pesquisa: básica, aplicada e acadêmica (VASCONCELOS, 2002). Por isso, é importante refletir bastante sobre a natureza do projeto de pesquisa que pretendemos propor.

7 Classificação das pesquisas científicas segundo seu objetivo geral

De acordo com o seu objetivo geral, outra classificação bastante utilizada, as pesquisas científicas podem ser classificadas em (GIL, 2010; SEVERINO, 2007):

- Pesquisas exploratórias;
- Pesquisas descritivas;
- Pesquisas explicativas.

7.1 Pesquisas exploratórias

As **pesquisas exploratórias** são aquelas que pretendem uma maior aproximação ou compreensão em torno de um assunto, fato ou fenômeno, contribuindo para elucidar seus elementos (HANDEN *et al.* 2008; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Como as pesquisas exploratória se preocupam apenas em levantar informações sobre determinado objeto e delimitar um campo de trabalho (SEVERINO, 2007), fornecem maior

familiaridade sobre um assunto, tornam um problema de pesquisa mais explícito, favorecem a criação de hipóteses, aprimoram ideias prévias e levam à descoberta de intuições sobre ele (GIL, 2010). Por isso, essas pesquisas são importantes para áreas do saber com limitada sistematização de conhecimentos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Por apresentarem um foco amplo e aberto para investigar fatos e fenômenos, as pesquisas exploratórias demonstram grande flexibilidade de planejamento (GIL, 2010) e exigem prazos e autonomia para que o pesquisador possa investigar pistas oriundas da realidade e dos seus estudos (VASCONCELOS, 2002).

Elas utilizam levantamento em bibliografias, entrevistas, uso de exemplos e costumam ser realizadas na forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso (GIL, 2010). São bastante utilizadas em áreas como História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia, Política e outras, podendo ser aplicadas em diversas realidades sociais e organizacionais (VASCONCELOS, 2002).

Frequentemente, as pesquisas exploratórias representam uma primeira etapa de investigações subsequentes mais estruturadas e profundas. Por isso, costumamos dizer que elas antecedem as pesquisas explicativas (SEVERINO, 2007).

7.2 Pesquisas descritivas

As **pesquisas descritivas** englobam uma grande variedade de estudos que visam identificar, observar e descrever fatos ou fenômenos, características de um grupo, comunidade, população ou contexto (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Assim, têm o propósito de

conhecer e interpretar a realidade, relacionar características ou variáveis do objeto de estudo (GIL, 2010) sem, contudo, interferir ou modificar seu comportamento (RUDIO, 2014). Descrição, classificação e interpretação são ações comuns nesse tipo de pesquisa (RUDIO, 2014).

Essas pesquisas são aquelas que estudam características de grupos ou populações (como distribuição por idade, sexo, escolaridade, condições sociais e de saúde etc.), que apontam condições de populações e instituições (saneamento, habitação, índices de violência etc.) e que levantam opiniões, crenças e atitudes de grupos, verificando a associação entre variáveis ou características (como nível econômico e preferência por marcas, partidos políticos etc.) (GIL, 2010).

As pesquisas descritivas podem ter formatos diversos: a) pesquisa de opinião; b) pesquisa de atitude; c) pesquisa de motivação; d) estudo de caso; e) pesquisa para análise de trabalho; f) pesquisa documental; g) pesquisa histórica; e h) outras (RUDIO, 2014). Geralmente, são realizadas por meio de levantamentos, os quais utilizam questionários, testes padronizados, entrevistas e observação estruturada para a coleta de dados (GIL, 2010; HANDEM *et al.*, 2008; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Em função disso, são utilizadas por todas as áreas do conhecimento humano.

7.3 Pesquisas explicativas

As **pesquisas explicativas**, por sua vez, são aquelas que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois visam identificar as causas ou fatores que determinam a ocorrência ou que influenciam a ocorrência de um fato ou fenômeno (GIL, 2010;

HANDEM *et al.*, 2008; SEVERINO, 2007). Assim, elas têm como questão principal identificar o “por que”, ou seja, as causas dos eventos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Para isso, as pesquisas explicativas podem utilizar diferentes métodos, com destaque para os experimentais e matemáticos (SEVERINO, 2007). Dessa forma, são bastante utilizadas por aquelas áreas do conhecimento que realizam pesquisas em laboratórios, com diferentes materiais (físicos, químicos, biológicos) e pessoas, ou seja, nas chamadas Ciências Naturais (aquelas que se dedicam ao estudo da natureza, em seus aspectos fundamentais, diferentemente do estudo das pessoas, da sociedade e dos comportamentos humanos) (GIL, 2010). Assim, podem tanto testar causas e fatores envolvidos em um evento (realizar experimentos) como verificar os efeitos desses fatores após a ocorrência do evento.

Muitas vezes, essas pesquisas representam a continuação de uma pesquisa exploratória ou descritiva, uma vez que, para explicar como fatores interferem em um fato ou fenômeno, é preciso, antes, que eles sejam suficientemente identificados, descritos e detalhados (HANDEM *et al.*, 2008). Dessa maneira, mesmo considerando a relevância das pesquisas exploratórias e descritivas, costuma-se dizer que o avanço científico se assenta nos resultados de pesquisas explicativas (GIL, 2010), tidas como mais complexas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

8 Classificação das pesquisas científicas segundo os procedimentos técnicos utilizados

Com relação aos procedimentos técnicos (procedimentos de coleta ou estratégias de pesquisa), as pesquisas costumam ser classificadas em: 1) pesquisas que utilizam materiais publicados (“fontes de papel”); e 2) pesquisas com dados fornecidos por pessoas (GIL, 2010; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Mesmo tendo essa classificação em mente, optamos por apresentar uma pequena variação, acrescentado: 3) pesquisas de laboratório (com animais, produtos e materiais diversos, sejam eles físicos, biológicos, químicos).

A maioria das pesquisas acaba por utilizar mais de um tipo de procedimento técnico. Dependendo do problema de pesquisa, então, dois ou mais procedimentos serão necessários (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

8.1 Pesquisas científicas que utilizam materiais publicados

Entre as pesquisas científicas que utilizam materiais já publicados (“fontes de papel”), estão:

- Pesquisa bibliográfica;
- Pesquisa documental.

8.1.1 Pesquisa bibliográfica

A **pesquisa bibliográfica** é aquela desenvolvida com base em material já elaborado, ou seja, já publicado (GIL, 2010). Ela tem como função principal traçar um panorama progresso e atual sobre

o status científico e/ou cultural do assunto ou tema da pesquisa (CERVO; BERVIAN, 1981). Assim, coloca os objetivos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte frente a frente, em uma tentativa de discussão de pressupostos e ideias (CRUZ NETO, 1997; LAKATOS; MARCONI, 1988).

Embora todos os tipos de pesquisa envolvam algum tipo de revisão de fontes bibliográficas, a pesquisa bibliográfica é aquela construída única e exclusivamente por meio de bibliografias (GIL, 2010). Assim, ela parte de dados já trabalhados por outros autores/pesquisadores (SEVERINO, 2007).

As fontes para as pesquisas bibliográficas são diversas (documentos de fonte secundária): livros de leitura corrente (obras literárias e outros); obras de divulgação (livros científicos e técnicos); livros de referência informativa (dicionários, enciclopédias, anuários e almanaques); monografias, dissertações e teses; publicações periódicas (jornais e revistas); artigos científicos; meios de comunicação oral; audiovisuais (filmes e televisão); materiais (mapas, desenhos, fotografias etc.); e impressos diversos (CERVO; BERVIAN, 1981; GIL, 2010; LAKATOS; MARCONI, 1988; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

A pesquisa bibliográfica costuma ser feita em quatro fases: identificação; localização; compilação; e fichamento (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Devido à variedade de fontes disponíveis e à importância da pesquisa bibliográfica, vale ressaltar que ela só terá valor superior se for construída a partir de fontes que apresentam dados coletados e processados de maneira adequada ou correta (GIL, 2010).

Além dos recursos disponíveis em bibliotecas, como livros e outras fontes bibliográficas, o acesso às bases de dados e materiais disponíveis na Internet assume importância ímpar para a pesquisa bibliográfica. Nesse caso, algumas modalidades, como revisões integrativas, revisões sistemáticas, metanálises e pesquisas bibliométricas, têm sido bastante utilizadas em diferentes áreas do conhecimento.

Por fim, vale frisar que, ao realizar a pesquisa bibliográfica, é possível acessar outras fontes sobre o tema, por meio das listas de referências disponibilizadas em cada fonte consultada (GIL, 2010).

8.1.2 Pesquisa documental

A **pesquisa documental** é bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, diferindo, contudo, na natureza das fontes (nesse caso, documentos). A análise documental pode ser feita tanto nos documentos de “primeira mão” (regulamentos, ofícios, memorandos, fotografias, cartas e outros), que ainda não receberam nenhum tratamento analítico, e naqueles que, de alguma maneira, já foram analisados, chamados de “segunda mão” (relatórios de empresas, de pesquisas etc., e tabelas estatísticas) (GIL, 2010).

A pesquisa documental é aquela realizada em fontes primárias, escritas ou não (fotografias, gravações, televisão e rádio, desenhos, pinturas, canções, objetos de folclore). Ela pode ser conduzida em todos aqueles materiais que são capazes de servir de fonte de informação e que ainda não foram elaborados (LAKATOS; MARCONI, 1988). Essas fontes diferem das fontes de

dados utilizadas na pesquisa bibliográfica uma vez que ainda não tiveram nenhum tipo de tratamento analítico (SEVERINO, 2007).

Muitos documentos são encontrados exclusivamente em bibliotecas. Outros, contudo, podem ser localizados em arquivos públicos, nacionais, estaduais e municipais, em arquivos particulares, em fontes estatísticas, sindicatos, igrejas, associações, partidos e outros (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Muito embora os documentos sejam fontes estáveis, que resistem no tempo, de baixo custo e que não exigem contato com indivíduos para o levantamento de dados, muitos são considerados subjetivos e sem representatividade (GIL, 2010). A pesquisa documental é bastante utilizada em investigações históricas. Também pode ser usada de maneira complementar em diversas pesquisas.

8.2 Pesquisas científicas que utilizam dados fornecidos por pessoas

Vários são os tipos de pesquisas realizadas a partir de dados fornecidos por pessoas. Apresentamos as seguintes¹¹:

- Pesquisa experimental;
- Pesquisa *ex post facto*;
- Pesquisa de coorte;
- Levantamento;
- Pesquisa de opinião;
- Pesquisa de campo;

¹¹ Foge ao propósito do nosso livro abordar todos os tipos de pesquisa e suas variações.

- Estudo de caso;
- Pesquisa participante;
- Pesquisa-ação.

8.2.1 Pesquisa experimental

A **pesquisa experimental**¹² é considerada o exemplo típico de investigação científica, tendo o laboratório como seu local privilegiado. Em linhas gerais, ela segue as seguintes ações: seleção das variáveis que podem influenciar no comportamento do objeto em estudo; definição dos meios de observação; e medição dos efeitos das variáveis sobre o objeto em estudo (SEVERINO, 2007).

Em sentido amplo, utiliza-se o termo experimento para aquelas situações criadas fora do ambiente do laboratório, mas que utilizam procedimentos rigorosos que visam controlar as variáveis que serão observadas (RUDIO, 2014).

Por meio dos experimentos com seres humanos, buscamos identificar causas de um dado evento e de que forma variáveis produzem efeitos (GIL, 2010), verificando a relação de causalidade entre variáveis – “se a variável X (independente) determina a variável Y (dependente)” (RUDIO, 2014, p. 72) – e testando as hipóteses que explicam essas relações entre causa e efeito (HANDEM *et al.*, 2008; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Muito embora o laboratório seja o local privilegiado para a pesquisa experimental, ela pode ser realizada em outros lugares, desde que algumas questões sejam observadas: 1) manipulação (ou intervenção): o pesquisador precisa interferir em

¹² Neste tópico, será tratada a pesquisa experimental com seres humanos.

características do objeto em estudo ou da realidade em estudo dentro de condições predefinidas (ou seja, ele não atua como observador passivo); 2) controle: o pesquisador deve criar grupos de controle, de modo a verificar os efeitos constatados no objeto em função do experimento; 3) aleatorização (ou randomização): os elementos que serão objeto de intervenção ou de controle devem ser alocados em grupos mediante meios aleatórios (por algum tipo de sorteio, em que cada elemento possui probabilidade de ser alocado em um ou outro grupo) (GIL, 2010; HANDEM *et al.*, 2008; RUDIO, 2014).

Em algumas pesquisas, os pesquisadores promovem manipulações de variáveis, mas não seguem um ou mais dos três critérios (randomização ou formação de grupos-controle). Nesses casos, diz-se que são produzidas pesquisas chamadas de quase-experimentais (HANDEM *et al.*, 2008).

A pesquisa experimental é bastante utilizada em pesquisas das Ciências Naturais e em estudos da área de Saúde humana (para testar novas vacinas, medicamentos, substâncias, mudanças de comportamentos). Contudo, outras áreas, ligadas às Ciências Sociais Aplicadas (Administração, Marketing etc.), realizam experimentos por meio de simulações em computadores e outros testes (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Devemos atentar para os cuidados que devemos tomar diante de uma pesquisa experimental: em relação às questões éticas envolvidas, uma vez que envolvem direta ou indiretamente o ser humano (o que impossibilita alguns estudos de serem realizados); e, também, o fato de que algumas variáveis em estudo não podem ser modificáveis em um experimento (como sexo, idade, escolaridade etc.) (GIL, 2010).

8.2.2 Pesquisa *ex post facto*

A **pesquisa *ex post facto*** (que significa “depois de um fato ocorrido”) busca, de modo semelhante à pesquisa experimental, verificar a relação entre variáveis (independentes e dependentes), porém com uma diferença importante: o pesquisador não possui controle sobre a variável tida como possível responsável por um evento (efeito), pois esse evento já aconteceu (GIL, 2010). Assim, esse tipo de pesquisa visa tanto descrever o evento ou fenômeno em estudo quanto explicar como ele ocorre (HANDEM *et al.*, 2008).

Ela é utilizada quando há interesse em realizar uma pesquisa experimental, mas não há como controlar a variável independente (aquela que seria responsável por influenciar ou produzir um evento ou fenômeno), pois, como já falamos, o evento já ocorreu. Esse tipo de investigação busca esclarecer quais os fatores que influenciaram a ocorrência de um dado evento (HANDEM *et al.*, 2008).

Na área da saúde, este tipo de pesquisa assume o desenho de um estudo conhecido como “caso-controle” (GIL, 2010). Nesse tipo de estudo, formam-se um grupo de pessoas que têm uma doença ou efeito de interesse (seriam os “casos”) e um grupo de pessoas com características semelhantes aos casos, exceto pelo fato de não terem a doença ou efeito de interesse (seriam os “controles”). Os dois grupos são comparados com a finalidade de identificar quais os fatores que estão associados com a doença ou efeito em estudo (FREIRE; PATUSSI, 2005). Por fim, vale salientar que, nessa pesquisa, não há intervenção do pesquisador. Ou seja, ele não manipula variáveis para obter diferentes efeitos.

8.2.3 Pesquisa de coorte

A **pesquisa de coorte** é um tipo de pesquisa que faz o acompanhamento de um grupo de pessoas que possui características em comum, de modo a analisar o que acontece com elas ao longo do tempo (FREIRE; PATUSSI, 2005; GIL, 2010). Trata-se de um estudo de observação bastante utilizado em Ciências da Saúde.

Nas pesquisas de coorte da área da Saúde, os indivíduos são classificados em um ou mais grupos em função da exposição a um fator de exposição, sendo acompanhados ao longo do tempo para verificar a ocorrência do efeito ou da doença em cada grupo previamente formado (FREIRE; PATUSSI, 2005).

Um estudo de coorte pode ser prospectivo (quando os grupos são formados no presente e acompanhados ao longo do tempo) ou retrospectivo (quando os grupos são formados com base em registros do passado até o presente). No caso de um estudo de coorte retrospectivo, é preciso ter fontes de dados confiáveis e completas sobre a situação dos indivíduos (GIL, 2010).

Apesar de sua utilização pela comunidade científica, os estudos de coorte não utilizam a aleatorização (randomização) na formação dos grupos, exigindo amostras grandes. Por esse motivo, as pesquisas acabam por se tornar muito custosas sob o ponto de vista operacional e financeiro (GIL, 2010).

8.2.4 Levantamento ou *survey*

Chama-se de **levantamento** ou **survey** a pesquisa que utiliza a interrogação direta de pessoas ou grupos de pessoas sobre

um determinado assunto. Em um primeiro momento, as pessoas são questionadas; posteriormente, suas respostas são tratadas por meios quantitativos (estatísticos) para que sejam produzidas conclusões (GIL, 2010; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Um levantamento busca obter informações sobre prevalência (quantidade), inter-relação e distribuição de variáveis em grupos e populações. Geralmente, envolve perguntas que são respondidas por indivíduos a um pesquisador, mas também podem ser autopreenchidas (HANDEM *et al.*, 2008). Assim, ele se caracteriza por utilizar técnicas de interrogação.

Existem duas formas principais de conduzir um levantamento: ouvindo todas as pessoas do universo pesquisado (realizando um censo) ou mediante amostragem, quando são selecionados representantes do universo (amostras), por meio de técnicas estatísticas (GIL, 2010).

Por intermédio de levantamentos, podemos: a) verificar opiniões, crenças, comportamentos diretamente na realidade; b) levantar informações de modo rápido e econômico; c) estabelecer relações entre eventos; e d) fazer generalizações (a partir do tratamento estatístico de amostras). Entretanto, os levantamentos são insuficientes para revelar a profundidade da estrutura e dos processos sociais (GIL, 2010).

Diz-se, assim, que levantamentos são muito mais adequados para estudos descritivos do que estudos explicativos. Por isso, são bastante indicados para estudos menos delicados (como preferência de consumidor, pesquisas eleitorais) e menos indicados para estudos psicológicos e sociais mais complexos (GIL, 2010).

8.2.5 Pesquisa de opinião

A **pesquisa de opinião** é um método quantitativo para a coleta de uma grande quantidade de dados originados de muitos entrevistados, sendo vista como expressão da opinião pública. Embora tenha despontado na política, atualmente é reconhecida como um método de investigação científica, inclusive para as Ciências da Comunicação Social (NOVELLI, 2005).

Considerada um tipo de levantamento (*survey*), o seu planejamento envolve: a) definição do escopo de pesquisa (do problema de pesquisa); b) identificação do universo de estudo e da amostra; c) elaboração do instrumento de pesquisa; d) realização do pré-teste; e) execução da pesquisa; f) codificação e processamento de dados; g) análise dos dados; e h) elaboração do relatório final (NOVELLI, 2005).

A pesquisa de opinião pode ser operacionalizada por meio de questionamento direto, por telefone e mediante instrumentos via internet. Ela tem como vantagens: não necessita de recursos de recursos de laboratório; possui relativo custo baixo; e possibilita vários tipos de análises estatísticas. Entre suas desvantagens, estão: possibilidade de interferência ou manipulação por parte do pesquisador; formulação inadequada de perguntas; e constrangimento do entrevistado (NOVELLI, 2005).

8.2.6 Pesquisa de campo

A **pesquisa de campo** representa uma forma de levantamento de dados no próprio local em que os fenômenos acontecem e se destina ao estudo de indivíduos, grupos,

comunidades, instituições, entre outros, com o intuito de compreender aspectos da vida em sociedade (LAKATOS; MARCONI, 1988). Nessa modalidade, o objeto em estudo é abordado em seu ambiente próprio, e a coleta de dados é realizada nas condições naturais, sob observação, sem intervenções por parte dos pesquisadores (SEVERINO, 2007).

Devemos ter em mente, contudo, que a pesquisa de campo difere do levantamento, pois enquanto o levantamento é mais abrangente e possui alcance maior (pretende ser representativo e utiliza métodos estatísticos para expressar seus resultados), a pesquisa de campo tem maior profundidade (pretende conhecer em profundidade a distribuição das características do grupo ou comunidade, ressaltando a interação social entre seus componentes, sua estrutura social e o que ocorre com o grupo) (GIL, 2010; HANDEM *et al.*, 2008).

Ela é desenvolvida tipicamente com comunidades e utiliza técnicas de observação direta das ações do grupo em estudo, por meio do contato direto do pesquisador com a realidade, em que ele permanece nela o maior tempo possível (imersão) (GIL, 2010). Dessa maneira, na pesquisa de campo, pesquisador e pesquisados estão em contato direto, o que facilita o conhecimento de suas opiniões e comportamentos (SANTOS, 2005). Assim, ela representa uma vivência com dimensão bastante intensa de subjetividade (BRANDÃO, 2007).

Embora originária da Antropologia, hoje a pesquisa de campo é aplicada em áreas diversas do conhecimento, como Sociologia, Saúde Pública, Educação, Administração e outras. Ela utiliza como principais técnicas a observação, a entrevista, o questionário, o formulário, o teste, a fotografia, as filmagens e a

análise de documentos (CERVO; BERVIAN, 1981; GIL, 2010). Desse modo, pode utilizar estratégias descritivas e analíticas para a coleta e interpretação de dados (SEVERINO, 2007).

Normalmente, a pesquisa de campo exige maior tempo para coletar dados e pode ser vista como subjetiva (em relação ao levantamento). Contudo, representa um procedimento útil para a compreensão da realidade (SANTOS, 2005) uma vez que pode trazer uma gama muito maior de informações, enriquecendo a pesquisa bibliográfica (GIL, 2010).

8.2.7 Estudo de caso

O **estudo de caso** é definido como o “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2010, p. 54). Ele representa um tipo de pesquisa que se concentra no estudo de um caso específico, particular, considerado representativo de um conjunto de casos semelhantes (SEVERINO, 2007). Dessa forma, busca prover um retrato ricamente detalhado para a unidade particular em estudo (SHI, 1997).

Pode ser realizado tendo como objeto organizações e instituições (unidades de saúde, escolas, agências reguladoras) (SHI, 1997) ou indivíduos. Assim, é bastante utilizado em pesquisas das Ciências Sociais e da Saúde (GIL, 2010).

Esse tipo de pesquisa investiga um caso dentro do seu contexto de vida real, em que, muitas vezes, os limites entre ele e o contexto não são claramente definidos (YIN, 2001). Como pretende proporcionar uma visão geral do objeto em análise (problema) ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são

influenciados por ele (GIL, 2010), o estudo de caso visa a descrição de uma realidade, sendo útil para a proposição de hipóteses (HANDDEM *et al.*, 2008).

Seu método é considerado flexível, podendo ser realizado por um único pesquisador em um projeto pequeno ou, até mesmo, envolver vários pesquisadores por tempo razoavelmente grande (SHI, 1997).

Em um estudo de caso, os pesquisadores usualmente utilizam diversas fontes para a coleta de dados (SEVERINO, 2007), incluindo registros administrativos, documentos, entrevistas, questionários e observação participante, de modo a obter o mais completo relatório dos assuntos relevantes em estudo (SHI, 1997). Pode-se dizer que ele é um dos mais completos delineamentos, pois se vale tanto de “dados de gente” quanto de “dados de papel” (GIL, 2010, p. 141).

Ademais, tem como limitações seu menor rigor metodológico (inferior aos experimentos e levantamentos), a possibilidade de apresentar viés e a dificuldade de generalização dos seus dados (GIL, 2010). Em função disso, deve ser cuidadosamente planejado, a coleta de dados deve ser criteriosa, e as análises, qualificadas (SEVERINO, 2007),

8.2.8 Pesquisa participante

A **pesquisa participante** é aquela em que “o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades” (SEVERINO, 2007, p. 120).

Possui como característica fundamental o fato de existir interação entre o pesquisador e as pessoas ou grupos investigados (GIL, 2010; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Ela é indicada para a abordagem de temas sociais complexos, associados a questões culturais, subjetivas e ideológicas que demandam contato íntimo com a realidade para a apreensão de suas nuances (VASCONCELOS, 2002). Além disso, possui valorização em grupos voltados para ações comunitárias, sendo bastante utilizada em pesquisas com indígenas, religiões, camponeses, operários e outros (GIL, 2010).

A pesquisa participante, assim, perpassa um processo de identificação entre pesquisador e sujeitos pesquisados. À medida que vivencia as manifestações dos sujeitos, o pesquisador vai registrando os elementos observados e suas análises e considerações sobre eles ao longo da investigação (SEVERINO, 2007).

8.2.9 Pesquisa-ação

A **pesquisa-ação**, por fim, exige a participação do pesquisador em conjunto com pessoas ou grupos envolvidos em um determinado problema e prevê uma intervenção planejada, com intuítos educacionais, técnicos, sociais ou outro. Em função disso, pressupõe definir um campo de investigação, formulação do problema a ser trabalhado, elaboração de hipóteses, discussão das diretrizes de pesquisa, execução do plano de ação e análise dos resultados (GIL, 2010).

Para tanto, envolve mobilização dos participantes no campo, por meio da utilização de medidas que estimulem sua autonomia,

iniciativa e participação. Também prevê a organização e a gestão de ações necessárias ao enfrentamento do problema em questão (VASCONCELOS, 2002).

Ela se diferencia da pesquisa participante, pois, além de compreender, visa intervir na situação, para modificá-la. Ou seja, o conhecimento visado relaciona-se com a alteração intencional da situação. Envolve diagnóstico, análise e mudanças da situação por meio da estimulação de mudanças por parte dos sujeitos envolvidos (SEVERINO, 2007). Nesse sentido, na visão de alguns autores, esse tipo de pesquisa tem sido alvo de críticas, pois estaria desprovida de objetividade, uma característica das pesquisas científicas (GIL, 2010).

8.3 Pesquisas laboratoriais com animais, plantas, materiais e produtos diversos

Os laboratórios englobam equipamentos, instrumentos e materiais que possibilitam precisão às experiências (CERVO; BERVIAN, 1981). Eles funcionam como “templos de estudo e de desvelamento dos mistérios da realidade, têm tal poder e magia exatamente porque tornam possível a realização de análises cada vez mais detalhadas e minuciosas dessa realidade” (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 61). Por intermédio dos recursos disponíveis em um laboratório, o pesquisador cria condições adequadas para tratar, testar e analisar seu objeto de estudo.

As pesquisas laboratoriais com animais, produtos e materiais representam uma modalidade de pesquisa experimental que tem como objeto de estudo entidades físicas, químicas ou biológicas (bactérias, vírus, fungos, animais de laboratório e cobaias diversas,

líquidos, sólidos e outros do reino mineral, por exemplo) (GIL, 2010).

Dessa forma, pesquisa laboratorial é bastante utilizada pelas Ciências Naturais (SEVERINO, 2007). Na área da Saúde, essas pesquisas também são comuns, e podem envolver animais de laboratório (camundongos, coelhos, cachorros etc.) ou o teste de substâncias químicas, medicamentos, materiais e outros, em bancadas (FREIRE; PATUSSI, 2005). No caso específico do uso de secreções, células e tecidos humanos e/ou provenientes de animais, as pesquisas devem ser analisadas em seus aspectos éticos antes de serem executadas.

Os experimentos de laboratório acontecem por meio da criação de situações artificiais que minimizam ou eliminam erros em função da observação (RUDIO, 2014). Frequentemente, são selecionadas as variáveis ou fatores em estudo, utilizam-se de mecanismos de controle durante os testes e, após, estabelecem-se as relações entre as variáveis (ou seja, busca-se verificar causa e efeito, relações entre eventos) (SEVERINO, 2007).

Como o laboratório possibilita o controle adequado e rigoroso da situação, permite maior precisão ao longo do estudo, busca isolar a observação daqueles fatores que poderão intervir nela (RUDIO, 2014), afastando a subjetividade na pesquisa (FREIRE; PATUSSI, 2005). Entretanto, dependendo do objeto de estudo, os resultados obtidos em pesquisas laboratoriais não podem ser acriticamente extrapolados para seres humanos ou animais, tendo em vista que muitas variáveis da vida não podem ser controladas em laboratório.

9 As fases da pesquisa científica

Uma vez que compreendemos a existência de diferentes sistemas classificatórios para as pesquisas científicas, é importante entendermos também que, em linhas gerais, as pesquisas científicas possuem um ciclo comum, com fases semelhantes. Ou seja, há um conjunto de fases que identificam mesmo as pesquisas que diferem em tipos.

Dessa forma, são fases ou passos comuns desse ciclo (MINAYO, 1997):

- Fase exploratória: na qual o pesquisador começa a fazer sucessivas aproximações com seu objeto de estudo. Corresponde ao momento de interrogar sobre o objeto, os conceitos, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia a ser aplicada e as questões operacionais;
- Fase de coleta de dados e informações: que corresponde ao processo investigativo em si mesmo. Acontece por meio diferentes procedimentos e técnicas, como entrevistas, observações, levantamentos de documentos, bibliografias e outros;
- Fase de tratamento dos dados e informações: quando o material é recolhido para ser analisado, de modo a produzir os resultados da investigação. Envolve ordenação, classificação e análise propriamente dita;
- Fase de teorização sobre os dados: quando o pesquisador estabelece as explicações sobre os seus resultados, tendo por base suas teorias fundantes;

- Fase de confronto entre abordagem anterior e o que a investigação produziu: nesse momento, o pesquisador estabelece comparações e contrapontos entre os resultados de sua investigação e os disponibilizados por outros pesquisadores;
- Fase de proposição de questões para aprofundamento posterior: nessa fase, o pesquisador identifica as lacunas e os limites do conhecimento produzido pela sua pesquisa, indicando pistas para investigações futuras.

Dessa forma, o ciclo da pesquisa corresponde ao processo de trabalho que começa com um problema (ou pergunta) e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. Pelo fato de esse ciclo nunca se fechar é que são produzidos os avanços científicos que aprimoram nossa vida em sociedade (MINAYO, 1997).

Referências

BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Indicadores de pesquisa**. [S. l.]: CNPq, 2018. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/indicadores1>. Acesso em: 2 fev.2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. [S. l.]: CAPES, 2018. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 2 fev. 2018.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. p. 51-66.

FLETCHER, R. H; FLETCHER, S. W. **Epidemiologia clínica: elementos essenciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, M. C. M.; PATUSSI, M. P. Tipos de Estudo. *In*: ESTRELA, C. **Metodologia Científica: ciência, ensino, pesquisa**. São Paulo: Artes Médicas, 2005. p. 185-209.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

HANDEM, P. C. *et al.* Metodologia: interpretando autores. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 91-118.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos**. Tapera: Lew Editora, 2014.

NOVELLI, A. L. R. Pesquisa de opinião. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 160-179.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, C. R. **Trabalho de Conclusão de Curso**: guia de elaboração passo a passo. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SANTOS, I. E. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. Niterói: Impetus, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHI, L. Qualitative Research. *In*: **Health Services Research Methods**. Columbia: Delmar Publishers, International Thomson Publishing, 1997. p. 126-142.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAMBERLAN, L. *et al.* **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.



TERCEIRA PITADA DE TEORIA: CONHECENDO OS PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA CIENTÍFICA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Ândrea Cardoso de Souza

Apresentação

Como já comentamos, a elaboração de um projeto de pesquisa pressupõe muita leitura sobre o assunto que pretendemos investigar.

À medida que nos apropriamos da temática, precisamos estabelecer os rumos da investigação, o tipo de pesquisa e o método a ser seguido. Outros aspectos importantes são a definição das técnicas e dos procedimentos que utilizaremos para a coleta de dados e para a análise dos dados. Afinal, em uma pesquisa, lidaremos com dados que precisam ser organizados e analisados, de modo a, posteriormente, apresentarmos os resultados da investigação conduzida.

Neste capítulo, abordaremos as técnicas e os procedimentos mais comumente utilizados para a coleta de dados, formas de amostragem, construção do banco de dados da pesquisa e as técnicas/ferramentas para a análise de dados. Normalmente, esses

aspectos costumam fazer parte da seção “metodologia”, “método e materiais”, “método” ou “procedimentos metodológicos” de um projeto de pesquisa.

Esses itens devem ser bem pensados, para que possamos apresentar resultados confiáveis e que possam ser apropriados, com segurança, por outros pesquisadores que se interessam da temática que escolhemos estudar. Por isso, reforçamos que a abordagem da realidade envolve articulação entre pensamento e prática, técnicas ou instrumentos de operacionalização do conhecimento e criatividade do pesquisador (MINAYO, 2008).

1 Técnicas e instrumentos para a coleta de dados da pesquisa

A execução de uma pesquisa pressupõe a definição de um método¹³ (um caminho) a ser seguido na elucidação de um problema de pesquisa. Esse caminho funciona como baliza e é útil para nortear as escolhas do pesquisador (CERVO; BERVIAN, 1981).

O método científico possui passos e é operacionalizado por meio de processos/técnicas, os quais representam os procedimentos específicos utilizados por uma Ciência na abordagem de fatos e fenômenos (CERVO; BERVIAN, 1981).

Nessa perspectiva, entendemos as técnicas como os procedimentos que servem de medição prática na realização de pesquisas (LAKATOS; MARCONI, 1988; SEVERINO, 2007). Elas

¹³ Para saber mais, ver o capítulo teórico “Primeira pitada de teoria: falando de conhecimento, ciência, pesquisa e método científico”.

precisam ser compatíveis com métodos e os conceitos/paradigmas adotados (SEVERINO, 2007).

Existem várias técnicas disponíveis para a realização de pesquisas científicas. Dentre elas, destacamos as seguintes¹⁴ (CERVO; BERVIAN, 1981; LAKATOS; MARCONI, 1988):

- Observação;
- Documentação;
- Experimentação.

Dependendo do objeto de estudo (bem como dos objetivos do pesquisador), podem ser utilizados, simultaneamente, diferentes métodos de abordagem, teorias, fontes e técnicas de coleta de dados, pesquisadores e sujeitos (combinados ou não) em um processo conhecido como triangulação (COSTA; COSTA, 2015).

1.1 Observação

A observação é uma técnica de coleta de dados que consiste na aplicação dos sentidos para a apreensão de nuances da realidade (CERVO; BERVIAN, 1981). Ela busca um registro organizado do comportamento de pessoas, de objetos e eventos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014), exigindo do investigador um contato mais direto com a realidade (LAKATOS; MARCONI, 1988).

¹⁴ Serão abordadas as de uso mais comum.

Vale destacar que a observação “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (LAKATOS; MARCONI, 1988, p. 169).

Essa técnica tem sido amplamente utilizada em estudos exploratórios e descritivos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014) e é tida como o ponto de partida da investigação social, sendo utilizada nas pesquisas de campo e imprescindível na Antropologia (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Existem algumas modalidades de observação:

- Observação não estruturada *versus* observação estruturada;
- Observação não participante *versus* observação participante;
- Observação individual *versus* observação em equipe;
- Observação na vida real (trabalho de campo) *versus* observação em laboratório;
- Observação não disfarçada *versus* observação disfarçada.

1.1.1 Observação não estruturada *versus* observação estruturada

A **observação não estruturada** também é chamada de assistemática, espontânea, informal, livre ou ocasional. Nesse tipo de observação, o pesquisador coleta e registra aspectos da realidade sem utilizar meios técnicos específicos e sem fazer perguntas diretas (LAKATOS; MARCONI, 1988). O observador está diante de um problema ou situação, mas sem um propósito predeterminado (SANTOS, 2013), sendo particularmente útil quando o problema necessita de maior precisão (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Assim, na observação não estruturada, o conhecimento é obtido por meio de experiências casuais. Contudo, na visão de alguns autores, o pesquisador sempre sabe o que observar (este fato tornaria uma experiência parcialmente espontânea ou casual) (LAKATOS; MARCONI, 1988).

A **observação estruturada**, por sua vez, também é conhecida como sistemática, controlada e planejada. Ela difere da observação não estruturada, pois o pesquisador sabe o que procurar e o que é importante em cada situação (tem questões previamente definidas). Para tanto, ele utiliza instrumentos variados, como anotações, escalas, quadros (LAKATOS; MARCONI, 1988), microscópios, lunetas, balanças, termômetros e outros (SANTOS, 2013). Dessa forma, pode ser utilizada tanto em pesquisas de campo quanto experimentais e laboratoriais.

A observação estruturada é aquela em que o pesquisador detalha o que deve observar e como deve registrar sua observação. Ela reforça a confiabilidade dos dados (ZAMBERLAN *et al.*, 2014) e exige condições intelectuais e morais por parte do pesquisador (SANTOS, 2013), incluindo curiosidade, paciência e imparcialidade (CERVO; BERVIAN, 1981).

1.1.2 Observação não participante *versus* observação participante

A **observação não participante** é aquela em que o pesquisador, apesar de entrar em contato com uma dada realidade, grupo ou comunidade, não se integra a ela. Significa que o observador “presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador” (LAKATOS; MARCONI, 1988, p. 171). Como não há envolvimento

do pesquisador com o contexto ou grupo observado, ela pode ser realizada a distância (HANDEM *et al.*, 2008). Nesse tipo de observação, as pessoas não são interrogadas, e o observador também não se comunica com elas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

A observação participante, diferentemente,

[...] consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste (LAKATOS; MARCONI, 1988, p. 171).

Por envolver elevado contato com o grupo ou organização, possibilita tanto o levantamento de dados sobre a complexidade do comportamento humano quanto a compreensão dos seus significados (HANDEM *et al.*, 2008).

A observação participante pode acontecer de duas formas principais: 1) quando o observador pertence ao mesmo grupo ou comunidade que pesquisa; 2) quando o observador se integra ao grupo ou comunidade com a finalidade de levantar as informações (BRANDÃO, 2007). Em ambas as formas, o pesquisador pode realizar a observação por meio do anonimato ou sem esconder das pessoas a sua realização.

Existem algumas dificuldades na aplicação dessa técnica, entre elas: permanência da objetividade (uma vez que o pesquisador exerce influência e é influenciado por antipatias e simpatias pessoais); interferência, devido à presença do pesquisador, no comportamento do grupo em análise; há também um constante choque entre o quadro de referência do observador

ante o observado (HANDEM *et al.*, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988).

1.1.3 Observação individual *versus* observação em equipe

A **observação individual** é aquela realizada por um único pesquisador. Ao mesmo tempo que é possível intensificar a objetividade de informações ao anotar dados e indicar os fatos e suas interpretações, pode, também, ser influenciada negativamente pela personalidade e preferências que um único observador projeta sobre os observados (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Entretanto, a **observação em equipe** possibilita que um grupo observe um mesmo fato ou fenômeno por meio de vários ângulos. Ela pode ser realizada de diferentes formas: 1) todos os pesquisadores podem observar o mesmo fato; 2) cada pesquisador pode observar um aspecto diferente da realidade; 3) os observadores também podem utilizar de procedimentos distintos para a observação. Assim, posteriormente à observação em equipe, os dados podem ser comparados e, até mesmo, confrontados (LAKATOS; MARCONI, 1988).

1.1.4 Observação na vida real *versus* observação em laboratório

A **observação na vida real** também é conhecida como observação natural ou de campo e diz respeito ao estudo do comportamento no ambiente natural (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Ela visa registrar os dados à medida que os fatos ou fenômenos acontecem e no local onde ocorrem. Trata-se de uma observação

espontânea feita, muitas vezes, sem uma maior preparação (LAKATOS; MARCONI, 1988). Além disso, tem como vantagem o fato de que “o fenômeno observado reflete com maior precisão o verdadeiro fenômeno” (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 120). Entre suas desvantagens, estão os custos em esperar o fenômeno acontecer e as dificuldades de mensurar fenômenos no seu contexto natural (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

A **observação em laboratório**, entretanto, busca elucidar ações e condutas sob condições controladas e preparadas especificamente para análise (LAKATOS; MARCONI, 1988). Para tanto, faz uso de instrumentos adequados como aparelhos de medição e registro acrescidos da presença do observador (tipicamente disponíveis nesses ambientes). Assim, ao mesmo tempo que possibilita a realização de observações mais apuradas, salientamos que muitos aspectos importantes da vida não podem ser observados sob as condições ideais em um laboratório (LAKATOS; MARCONI, 1988).

1.1.5 Observação não disfarçada *versus* observação disfarçada

Na **observação não disfarçada**, os indivíduos sabem que estão sendo observados. Nesse sentido, não há consenso sobre os efeitos da presença de um observador sobre o comportamento dos indivíduos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Por fim, na **observação disfarçada**, as pessoas não sabem que estão sendo observadas. Os observadores podem, então, comportar-se de maneira natural; e as pessoas observadas, por sua vez, também tendem a se comportar de modo espontâneo ou

natural, como, por exemplo, por intermédio do uso de espelhos transparentes e de câmeras ocultas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

1.1.6 Vantagens e desvantagens da observação

Em linhas gerais, são tidas como vantagens da observação, independentemente da modalidade: a) possibilidade de estudar fenômenos variados; b) probabilidade de coletar dados sobre atitudes e comportamentos; e c) constatação de dados não presentes em um roteiro de entrevista ou questionário (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Entre as limitações e desvantagens da observação, estão: a) o observado pode criar impressões positivas ou negativas sobre o observador, que interferem na coleta de dados; b) os fatos previstos podem interferir nas atividades de pesquisa; e c) muitos aspectos do cotidiano podem não estar acessíveis ao pesquisador (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Muito embora a observação seja transversal à atividade científica (o que significa que, o tempo todo, enquanto pesquisadores, devemos estar atentos ao mundo à nossa volta), enquanto técnica de pesquisa, é muito utilizada em pesquisas qualitativas no âmbito das Ciências Sociais (em pesquisas participantes) e nas pesquisas laboratoriais. Para que uma observação seja válida, necessita ser atenta, exata, completa, precisa, sucessiva e metódica (CERVO; BERVIAN, 1981).

1.2 Documentação

A documentação é uma técnica de pesquisa realizada com o intuito de obter informações sobre um determinado campo de interesse ou com vistas a responder a um dado problema de pesquisa. Ela é útil para qualquer pesquisa, independentemente de seu tipo (LAKATOS; MARCONI, 1988).

A documentação é classificada em dois grandes grupos (LAKATOS; MARCONI, 1988):

- **Documentação direta:** é aquela que faz o levantamento de dados e informações no local onde os fenômenos acontecem. Assim, esse tipo de documentação acontece por meio de dois modos em especial: na pesquisa de campo e na de laboratório. Para isso, pode utilizar diferentes instrumentos de coleta de dados, como entrevistas, questionários, formulários, medidas de opinião e diferentes testes laboratoriais.
- **Documentação indireta:** realizada para coletar informações prévias sobre o assunto a ser estudado nas chamadas **fontes** de papel (materiais já publicados). Essa forma de levantamento de dados é utilizada na pesquisa bibliográfica e na pesquisa documental e pode ser realizada com diferentes fontes, sejam elas bibliográficas (livros, enciclopédias, dicionários), documentos (de arquivos públicos e privados) e bases de dados.

1.2.1 Instrumentos de documentação direta

Dentre as possibilidades de documentação direta, destacamos o uso do questionário, do formulário, das escalas de medição e das entrevistas. Existem, contudo, várias outras possibilidades. Em pesquisas na área da Saúde, por exemplo, é comum a realização de exames clínicos, exames por som e imagem. Em pesquisas de laboratório, são utilizados equipamentos e testes diversos, cada um com suas especificidades.

a) Questionário

O **questionário** é um instrumento de coleta de dados constituído por um conjunto ordenado de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença (e interferência) de um entrevistador (LAKATOS; MARCONI, 1988; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Frequentemente, o pesquisador envia o questionário para o informante por um intermediário, por correspondência, por e-mail ou por formulários *on-line*¹⁵.

O questionário é utilizado como um meio para a realização da técnica de observação (LAKATOS; MARCONI, 1988). Para que seja considerado um bom instrumento, deve ser capaz de coletar os dados para contemplar os objetivos de pesquisa. Por isso, é importante considerar as características do público-alvo, definir o conteúdo individual de cada pergunta e verificar a sua pertinência (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

¹⁵ São exemplos de questionários *on-line* aqueles realizados com os Formulários Google (Google Forms)® e Survey Monkey®.

Dependendo do tema e do problema de pesquisa, recomenda-se o uso de questionários já construídos e validados por outros estudos/pesquisadores. Esse fato garante rigor à investigação e segurança de que o instrumento a ser utilizado consegue, de fato, mensurar aquilo a que se propõe.

Caso o questionário seja construído especificamente para a investigação, costumamos realizar, antes da sua aplicação, o teste do instrumento, o que significa a sua avaliação por um pequeno grupo de indivíduos com vistas a identificação e correção de possíveis falhas ou problemas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

O questionário normalmente está dividido em blocos (por assuntos) e pode ser construído com diferentes tipos de perguntas (LAKATOS; MARCONI, 1988; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- Abertas, livres ou não estruturadas: permitem que o informante responda livremente emitindo opiniões e fazendo uso de sua linguagem própria. Ao mesmo tempo que possibilita respostas mais profundas, as perguntas abertas podem ser cansativas e gerar dificuldades para tabulação, interpretação e análise;
- Perguntas fechadas dicotômicas: limitadas a alternativas fixas (sim e não). Ao utilizar esse tipo de pergunta, devemos cuidar para não induzir a uma resposta. Caso seja inserida uma alternativa para resposta (“não sei”), passa a ser chamada de tricotômica.
- Perguntas fechadas de múltipla escolha: trata-se de perguntas fechadas, porém com uma série de alternativas ou respostas possíveis. Há, assim, um leque de opções para o responde fazer a escolha;

- Perguntas mistas: aquelas que mesclam perguntas fechadas dicotômicas ou de múltipla escolha com espaços para que o informante acrescente explicações ou opiniões perante suas escolhas.

Dentre as vantagens do questionário para a coleta de dados, destacamos: a) possibilidade de englobar grande número de pessoas simultaneamente; b) obtenção de respostas rápidas e precisas; c) economia de tempo, de recursos humanos e deslocamentos; d) menor risco de distorção das respostas por não existir influência direta do pesquisador; e) liberdade ao informante nas respostas (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Por outro lado, apresentamos as seguintes desvantagens do questionário: a) grande percentagem de questionários não retorna (taxa de resposta pode ser baixa); b) dificuldade de compreensão das perguntas pelos informantes; c) possibilidade de perguntas não serem respondidas ou serem respondidas incorretamente; e, d) não pode ser aplicado a analfabetos (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Na construção do questionário, ressaltamos que é preciso observar alguns cuidados: a) definir com clareza a informação a ser solicitada; b) utilizar palavreado em consonância com a linguagem do entrevistado; c) usar palavras de significado único, sem ambiguidades; d) não usar questões tendenciosas, que sugerem a resposta; e) evitar perguntas que exijam estimativas de longos períodos, pois os indivíduos poderão não se lembrar de fatos passados (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

b) Formulário

O **formulário**, por sua vez, é um instrumento de coleta de dados que se caracteriza por ter seu preenchimento pelo próprio pesquisador, a partir das respostas do indivíduo questionado. Ele envolve um roteiro de perguntas que podem ser preenchidas face a face entre pesquisador e informante (em uma situação de questionamento direto) ou mediante observação da realidade (quando o pesquisador analisa a realidade e preenche o seu roteiro de perguntas) (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Dessa forma, embora possa ser semelhante à estruturação de um questionário, difere deste uma vez que é preenchido pelo pesquisador. Trata-se de um instrumento bastante utilizado na pesquisa social (LAKATOS; MARCONI, 1988). Ele pode ser aplicado impresso ou por meio de equipamentos eletrônicos.

Dentre as vantagens do formulário, apontamos: a) a possibilidade de ser utilizado para qualquer pessoa ou população, independentemente de nível de instrução; b) facilidade para coletar os dados; c) a presença do pesquisador favorece o entendimento das questões e objetivos delas. Dentre suas desvantagens, ressaltamos: a) a presença do pesquisador pode provocar pressão de tempo e menor liberdade nas respostas; b) por ser aplicado individualmente, a coleta de dados pode ser mais demorada; c) informantes fundamentais podem estar em locais distantes, exigindo que o pesquisador se desloque até eles (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Na construção de um formulário, reforçamos que é preciso atentar aos seguintes aspectos: a) selecionar criteriosamente as questões; b) cuidar da organização das questões; c) ter redação

simples, clara e objetiva; d) padronizar a forma de assinar respostas por meio de traços, círculos, riscos, quadrados, parêntesis; e) categorizar itens e subitens por intermédio de letras e números; e f) manter um espaço mínimo para cada resposta (LAKATOS; MARCONI, 1988).

c) Escalas de medição

As **escalas de medição**, por sua vez, são instrumentos para medir a intensidade de um fato ou fenômeno (RUDIO, 2014). Em uma pesquisa, a mensuração ou medição permite verificar características dos objetos pela utilização de números e outros símbolos (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Existem quatro tipos principais de escalas de medição (RUDIO, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- Escala nominal: representa o nível mais básico para uma medida. Nela, “os números são utilizados apenas para indicar que os fenômenos pertencem a classes diferentes” (RUDIO, 2014, p. 111). É utilizada na coleta de dados básicos ou gerais, como sexo, idade, renda, estado civil e outros (ZAMBERLAN *et al.*, 2014);
- Escala ordinal: aquela que inclui julgamentos pelo respondente. Ele atribui ordem aos objetos para indicar em que medida possuem menor ou maior grau quando comparado a outro. As escalas ordinais são utilizadas, por exemplo, quando o respondente é solicitado a definir ordem de prioridade (o mais importante, o segundo mais

importante, o terceiro mais importante etc.) entre as alternativas (ZAMBERLAN *et al.*, 2014);

- Escala intervalar: neste tipo, as “distâncias numericamente iguais na escala representam valores iguais na característica que está sendo avaliada” (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 133). De acordo com Rudio (2014), um exemplo comum de uso da escala intervalar é o que acontece com a medição em graus da temperatura em um termômetro (em qualquer um dos outros pontos, a distância permanece sempre a mesma, mantendo uma unidade de medida comum e constante, mesmo que o ponto zero seja arbitrário)¹⁶ (RUDIO, 2014). Esse tipo de escala é muito utilizado em pesquisas, pois auxilia na medida da intensidade de uma atitude;
- Escala de razão ou de proporção: esta escala possui características semelhantes à escala intervalar. Diferencia-se, contudo, pelo fato de sua origem ser o ponto zero (chamado de zero absoluto) (RUDIO, 2014). Por exemplo, para saber o quanto os indivíduos gastam com comidas *fast food* nos domingos, as respostas poderão ser bastante variadas. Enquanto um indivíduo pode referir gastar uma

¹⁶ Outro exemplo: a escala Likert, em que os entrevistados indicam seu grau de concordância ou discordância sobre uma série de afirmações. Ela tem cinco categorias de resposta (discordo totalmente, discordo, nem concordo nem discordo, concordo, concordo totalmente). Outro tipo de escala intervalar é a escala de diferencial semântico utilizada para que os entrevistados classifiquem objetos entre duas extremidades separadas, geralmente, por sete pontos. Por exemplo, ao questionar um consumidor sobre o preço de um produto, em uma extremidade da escala, encontra-se a palavra “barato”, na outra, a palavra “caro”. Entre uma e outra, existem números de 1 a 7 para que o entrevistado selecione um ponto.

grande quantidade em dinheiro, outro pode não gastar nada (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

As escalas de medição e escalonamento são consideradas alternativas às perguntas de um questionário (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Por serem de fácil visualização e entendimento por parte do respondente, facilitam a coleta de dados. Além disso, por fornecerem informações sobre a avaliação de intensidade de um fato ou fenômeno, são, muitas vezes, imprescindíveis em uma investigação.

d) Entrevista

A **entrevista** é definida como o “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (LAKATOS; MARCONI, 1988, p. 173). Ela pode ser conduzida tanto para verificar fatos quanto para compreender opiniões, motivos, sentimentos e ações diante dos fatos (LAKATOS; MARCONI, 1988; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

A entrevista é um procedimento muito utilizado na pesquisa social em áreas como Sociologia, Antropologia, Psicologia, Política, Serviço Social, Jornalismo e as pesquisas de mercado (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Dentre os tipos de entrevistas individuais, destacamos:

- Entrevista estruturada;
- Entrevista semiestruturada;
- Entrevista não estruturada.

A **entrevista estruturada** ou padronizada acontece quando um entrevistador segue um roteiro de perguntas predeterminadas, elaboradas em função dos objetivos da pesquisa. Assim, o entrevistador não tem liberdade para adaptar perguntas nem alterar a ordem de tópicos, ou de formular perguntas novas na situação de entrevista. Com isso, espera-se obter padronização de respostas ante a uniformização das perguntas (HANDEM *et al.*, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988).

A **entrevista semiestruturada** envolve a elaboração de um roteiro com questões básicas, fundamentados nos objetivos e teorias que servem de base ao estudo. Entretanto, ao longo do processo de entrevista, o entrevistador poderá acrescentar novas perguntas ao roteiro prévio para esclarecer ou aprofundar determinados assuntos (HANDEM *et al.*, 2008).

Por fim, a **entrevista não estruturada** ou não padronizada é aquela em que as perguntas são abertas e na qual o entrevistador tem liberdade para explorar cada tema que considere mais adequado. Ela possibilita ampliar os questionamentos e, assim, enriquecer a abordagem de cada questão (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Salientamos as seguintes vantagens da entrevista: a) pode ser aplicada para a população geral, independentemente do seu nível de instrução; b) possibilita analisar atitudes, condutas, reações e gestos do entrevistado ao ser questionado; c) permite obter dados não encontrados em fontes de documentos; d) oportuniza ao entrevistador, na situação de entrevista, alterar ou, até mesmo, formular perguntas de modo distinto; e) viabiliza ao entrevistador retomar questões para certificar-se que

compreendeu adequadamente as respostas; f) proporciona tratar os dados coletados em uma entrevista por meio de métodos estatísticos (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Dentre as limitações ou desvantagens das entrevistas, apontamos: a) dificuldades de comunicação por parte de entrevistado e ou entrevistador; b) possibilidade de o respondente ser influenciado pelo entrevistador, de modo consciente ou inconsciente, em função de aspectos físicos, opiniões e atitudes; c) nem sempre o entrevistado está disposto a fornecer dados e informações importantes ou necessárias; d) há apenas relativo controle sobre a situação de entrevista; e) a técnica exige preparo, ocupa tempo e é de difícil realização (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Em função das características da entrevista, é preciso que elas sejam bem planejadas (o que pode ser feito mediante preparação de um roteiro adequado) e gerenciadas (desde a preparação do ambiente físico, dos equipamentos para a gravação e da forma de condução da situação de entrevista).

Dentre esses cuidados, destacamos: a) ter clareza sobre as informações que são necessárias; b) conhecer previamente os entrevistados, de modo a se familiarizar com eles e com o domínio que possuem do assunto; c) verificar a oportunidade de realização da entrevista, marcando local e horário com antecedência; d) preparar, caso seja necessário, uma situação de entrevista que garanta ao entrevistado o segredo de sua identidade e confissões; e) organizar roteiro ou formulário (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Além disso, é preciso entender que a técnica da entrevista também pode ser aplicada em outras modalidades, como é o caso do painel e do grupo focal.

e) Painel

Chamamos de **painel** a modalidade de entrevista que “consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos” (LAKATOS; MARCONI, 1988, p. 175). Para garantir que o entrevistado não distorça suas respostas em função das repetições, são formuladas perguntas de modo diverso (LAKATOS; MARCONI, 1988).

f) Grupo focal

Por fim, um **grupo focal** ou grupo de foco (*Focus Group*) é um tipo de entrevista realizada com um pequeno grupo de indivíduos entrevistados, por meio de um método não estruturado e natural (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Assim, representa um tipo de pesquisa qualitativa, um tipo de entrevista coletiva, em que buscamos levantar valores, normas e tendências que se referem a um grupo particular (COSTA, 2005).

A origem do grupo focal é atribuída às Ciências Sociais. Hoje, essa técnica tem sido bastante utilizada em diferentes áreas, como Psicologia, Sociologia, Saúde e Administração, incluindo o Marketing (COSTA, 2005).

Normalmente, um grupo focal é realizado com 8 a 12 pessoas, com entrevistados pré-selecionados, em um ambiente informal, com duração de uma a três horas e com o uso de recursos de vídeo e gravação de voz (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Ele acontece pela presença e liderança de um moderador que fomenta a discussão sobre os problemas que são interessantes

para o investigador (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Além dele, um documentador faz os registros de tudo aquilo que observa (comentários verbais e posturas, gestos). Nesta técnica, em função da livre discussão, pode ser gerada uma grande quantidade de informações (COSTA, 2005).

Dentre as vantagens do grupo focal, destacamos: a) interação entre os participantes; b) flexibilidade na condução do roteiro e do processo; e c) qualidade das expressões e palavras; e profundidade dos conteúdos gerados. Já dentre suas desvantagens, salientamos: a) reduzido controle do moderador sobre os dados gerados; b) o fato de conduzir a pesquisa em um ambiente não natural pode distorcer opiniões e comportamentos; e c) as opiniões poderão ser influenciadas pelo comportamento de uma pessoa mais exuberante do grupo (COSTA, 2005).

Assim como em qualquer situação de entrevista, o planejamento e o gerenciamento do grupo focal devem ser bastante criteriosos e pressupõem atenção a aspectos como: a) elaboração do roteiro de entrevista; b) definição do público-alvo; c) determinação do perfil do moderador; d) delimitação dos papéis do documentador; e) realização da reunião; e f) construção do relatório de pesquisa (COSTA, 2005; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

1.2.2 Instrumentos de documentação indireta

Quando da realização de documentação indireta, por meio da análise de fontes secundárias (materiais já publicados), é comum a utilização das fichas de leitura e dos roteiros para a busca e registro das informações. Chamamos a atenção, também, para o uso crescente das pesquisas na Internet.

a) Fichas de leitura

As **fichas de leitura** são instrumentos utilizados para objetivos distintos: analisar o conteúdo de um texto inteiro; resumir uma obra ou parte dela; e para fazer transcrições de trechos importantes de uma obra. Essas fichas podem ser adquiridas em papelarias ou construídas pelo próprio pesquisador.

Normalmente, as fichas de leitura possuem os seguintes elementos, que são registrados manualmente ou em editores de texto: a) título ou assunto geral; b) título específico; c) referência; d) corpo ou texto da ficha (em que se inserem o resumo e/ou as citações); e) local em que se encontra a obra.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos modelos de fichas de leitura.

b) Roteiro

O **roteiro** para a documentação, em geral, é o instrumento construído pelo pesquisador que apresenta, normalmente por meio de itens, os aspectos que devem ser buscados e registrados em dado material.

Esses itens devem ser organizados de modo a englobar as variáveis importantes, levando em consideração os objetivos da investigação. Os dados assim obtidos podem ser registrados manualmente ou pelo auxílio de editores de texto.

c) Pesquisa na Internet

Além desses instrumentos, destacamos a técnica da **pesquisa na Internet** (em bases de dados e outros sítios eletrônicos) para a localização de artigos científicos, materiais bibliográficos e documentos. Ela parte do entendimento que a Internet hoje pode ser vista como uma “megabiblioteca” (YAMAOKA, 2005), sendo um recurso imprescindível de fontes de pesquisa (SEVERINO, 2007).

Como a Internet oferece um volume excessivo de informações, é preciso discernir sobre em quais locais a pesquisa científica poderá ser realizada (SEVERINO, 2007). Dependendo da área do conhecimento, existem diferentes bases de dados, nacionais ou internacionais, que disponibilizam artigos científicos completos para acesso (mas nem todos de acesso livre, isto é, gratuitos).

Destacamos que os artigos científicos são fontes bibliográficas com maior credibilidade, pois seguem métodos científicos, passaram por uma avaliação antes de serem publicados e fazem parte de periódicos (revistas) que seguem regras criteriosas.

Por meio da utilização dos chamados “motores de busca” nas bases de dados, o pesquisador poderá encontrar milhares de artigos científicos em sua área de interesse. Aplicando filtros para sua busca, poderá conferir maior rigor na sua pesquisa (YAMAOKA, 2005).

Muito embora as pesquisas em bases de dados na Internet sejam cada vez mais valorizadas, a documentação, enquanto

técnica de pesquisa, pode ser realizada utilizando diversas fontes (indiretas ou diretas) e se aplica a diferentes tipos de pesquisa.

Nas “Sugestões”, ilustramos um passo a passo para a busca de artigos científicos em bases de dados. Depois, nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos modelos para o registro das informações da busca, modelos de fichas de leituras e exemplo de um quadro para análise de artigos científicos.

1.2.3 Usos e importância da documentação

Ela também pode ser vista como um procedimento comum a toda investigação científica, uma vez que sempre precisamos realizar algum tipo de revisão ou de pesquisa bibliográfica na fundamentação teórica do projeto.

Independentemente do propósito em utilizar a documentação, é preciso atentar para os seus aspectos práticos. Uma vez coletadas as informações (sejam elas provenientes de fontes primárias ou secundárias), o pesquisador deve seguir os seguintes passos: 1) identificar adequadamente as fontes; 2) registrar sua origem; 3) compilar os dados/realizar os fichamentos dos materiais (LAKATOS; MARCONI, 1988).

1.3 Experimentação

Chamamos de experimentação o conjunto de técnicas e processos utilizados para verificar hipóteses¹⁷ de modo a

¹⁷ A hipótese busca estabelecer uma relação de causa e efeito ou de antecedente e consequente entre dois fenômenos. Assim, pretende-se verificar se um suposto efeito ou consequência varia cada vez que se faz

estabelecermos relações entre causa e efeito, antecedente e consequente no estudo de um fato ou fenômeno (CERVO; BERVIAN, 1981; SANTOS, 2013). As pesquisas desse tipo podem ser realizadas com animais, vegetais, minerais e com pessoas (LAKATOS; MARCONI, 1988).

A experimentação está pautada no determinismo: para ser considerada uma causa, um fator deve ser necessário e suficiente para provocar outro. Sem sua presença, o efeito não seria verificável (CERVO; BERVIAN, 1981). Assim, ao realizarmos testes/provas nas mesmas circunstâncias, verificamos se as mesmas causas levam aos mesmos efeitos, buscando descobrir leis fixas e constantes para explicar o comportamento do fenômeno (RAMPAZZO, 2005).

A experimentação acontece por meio dos seguintes passos: 1) seleção das variáveis que podem influenciar no comportamento do objeto ou fenômeno em estudo; 2) definição dos meios de observação; e 3) medição dos efeitos das variáveis sobre o objeto em estudo (SEVERINO, 2007).

Os laboratórios são os locais privilegiados para a experimentação, pois, nesses espaços, o pesquisador possui instrumentais próprios e consegue controlar condições ambientais (temperatura, luminosidade, pressão, barulho etc.) para observar, medir e apresentar os resultados de suas investigações. Assim, a pesquisa realizada por intermédio de experimentação representa um procedimento de maior exatidão, porém de elevada complexidade (LAKATOS; MARCONI, 1988).

variar uma suposta causa ou antecedente e, também, se varia nas mesmas proporções (CERVO; BERVIAN, 1981, p. 22-23).

Embora o laboratório seja o local ideal para a pesquisa experimental, ela pode ser realizada em outros lugares, como ambientes artificiais ou reais, fechados ou ao ar livre (LAKATOS; MARCONI, 1988). Isso significa que a experimentação pode ser aplicada tanto no laboratório quanto na pesquisa de campo, utilizando diferentes instrumentos para a mensuração das situações em análise e suas influências (RAUPP; BEUREN, 2006).

Dessa maneira, também usamos o termo experimento para aquelas situações criadas fora do ambiente do laboratório, mas que utilizam procedimentos rigorosos que visam controlar as variáveis que serão observadas (RUDIO, 2014). É oportuno destacar, contudo, que um experimento de laboratório e um de campo são bastante distintos entre si (RAUPP; BEUREN, 2006).

Dependendo da área do conhecimento, do objetivo da investigação, dos materiais estudados, dos equipamentos e dos produtos necessários, a experimentação pode utilizar instrumentos como testes com substâncias, roteiros de observação, formulários, planilhas para registro de dados, simulações em computadores e sistemas de informação, entre outros.

2 Amostragem

Quando realizamos pesquisas que têm como fonte de dados um conjunto de elementos com características comuns (sejam pessoas, animais ou objetos), podemos obter as informações de duas maneiras principais: 1) por meio da realização de um censo; ou, 2) por intermédio da utilização de amostras (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Enquanto o **censo** envolve o exame de todos os indivíduos de uma determinada população, a **amostra** representa o subgrupo da população/universo selecionado com finalidade de participação no estudo (MARCONI; LAKATOS, 2011; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Ela é utilizada por facilitar os procedimentos de coleta de dados e, uma vez bem definida, possibilita a extrapolação dos achados por meio de tratamentos estatísticos (FLETCHER; FLETCHER, 2006).

A amostra resulta de um processo de amostragem, pelo qual buscamos identificar uma quantidade de representantes dentro de um universo de possibilidades (DESLANDES, 2008). Nesse sentido, é importante destacarmos que existem dois tipos principais de amostras: 1) as amostras probabilísticas; e 2) as não probabilísticas (DESLANDES, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2011; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

2.1 Amostras probabilísticas

As amostras probabilísticas são aquelas em que todos os elementos de uma população possuem probabilidade conhecida, e não nula, de participarem da amostra escolhida (DESLANDES, 2008). Elas se fundamentam na escolha aleatória dos pesquisados e possibilitam a utilização de tratamentos estatísticos para compensar erros amostrais e outros para garantir a representatividade e a significância da amostra.

Entre as técnicas para a definição de amostras probabilísticas, estão (ZAMBERLAN *et al.*, 2014; VAUGHAN; MORROW, 2002): a) amostragem aleatória simples; b) amostragem estratificada; c) amostragem sistemática; e d)

amostragem por conglomerados. O uso de amostras probabilísticas possibilita estimar o erro de amostragem. Isso, por sua vez, ajuda o pesquisador a não fazer generalizações equivocadas (DESLANDES, 2008).

Um aspecto muito importante para a determinação de uma amostra está em definir a margem de erro da pesquisa, a qual pode ser entendida como a “diferença entre os parâmetros da população e as características da amostra” (ZAMBERLAN *et al.*, 2014, p. 144). A margem de erro é apresentada em pontos percentuais para mais ou para menos e é frequentemente divulgada em pesquisas eleitorais.

2.2 Amostras não probabilísticas

As amostras não probabilísticas, por sua vez, são construídas a partir do julgamento do pesquisador, e não em função da chance de os elementos serem selecionados. Embora possam oferecer estimativas sobre características da população, não possibilitam uma avaliação objetiva e precisa dos resultados (ZAMBERLAN *et al.*, 2014), pois não podem ser analisadas por certos tipos de tratamentos estatísticos. Assim, fica mais difícil extrapolar os seus resultados para o todo (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Entre as técnicas de amostragem não probabilísticas, estão (MARCONI; LAKATOS, 2011; ZAMBERLAN *et al.*, 2014): a) amostragem por conveniência ou intencional; b) amostragem por julgamento ou por júris; c) amostragem por cotas (quotas); d) amostragem tipo bola de neve.

2.3 Possibilidades e usos das amostras

As amostras em que cada membro da população tem uma probabilidade igual ou conhecida de ser selecionado, ao longo prazo e com amostras grandes, podem produzir resultados muito semelhantes à população de origem. Por outro lado, amostras obtidas ao acaso ou por conveniência poderão não representar a população de origem, produzindo resultados enganosos (FLETCHER; FLETCHER, 2006).

Em pesquisas que utilizam dados qualitativos, como as exploratórias, normalmente são feitas amostras pequenas. Já pesquisas que se pretendem conclusivas, como as descritivas, exigem amostras maiores. Ou seja, quando serão coletados dados sobre grande número de variáveis, é necessário amostras maiores (assim, erros de amostragem por meio de variáveis ficam reduzidos) (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

A ideia de amostragem não é a mais indicada para as pesquisas sociais, especialmente as de cunho qualitativo. Isso se dá em função de que o universo em questão não são os sujeitos, mas, sim, as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes (DESLANDES, 2008).

Dessa maneira, opta-se por definir o número de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar em princípio o número de participantes). O momento de parar de acrescentar novos sujeitos se dá por meio do critério de saturação, isto é, a partir do ponto em que as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação (DESLANDES, 2008).

Após a definição da amostra do estudo, procede-se à coleta de dados. A forma de execução dessa etapa depende do método e dos instrumentos que serão utilizados. Feito isso, é necessário construir o banco de dados para posterior análise.

3 Construção do banco de dados

Dados são números, palavras, sinais, gestos e outros coletados mediante instrumentos de pesquisa. Isoladamente, costumam não possuir significado. Porém, quando combinados e contextualizados, são transformados em informação. Os dados são classificados em qualitativos (palavras, imagens, sons, sinais, gestos etc.) ou quantitativos (números e dados de medição¹⁸) (COSTA; COSTA, 2015).

Independentemente da técnica e dos instrumentos utilizados na coleta de dados, será preciso, após essa etapa, organizar esses dados e informações inicialmente. Para tanto, é preciso construir um banco de dados ou adotar algum outro mecanismo para o armazenamento do seu material de pesquisa.

O **banco de dados** pode ser construído em editores de texto (Word®, BrOffice.org Writer®, Google Writely® Google Docs® ou outro), processadores de planilhas (Excel®, Google Planilhas® ou outro) e/ou importado para *softwares* específicos para dados qualitativos (NVivo®, WEBQDA®, MAXQDA® ou qualquer outro) ou quantitativos (SPSS®, Action Stat®, Stata® ou outro). Contudo, documentos e materiais impressos precisarão ser

¹⁸ Dados de medição são compostos por números e suas respectivas unidades de medida. Por exemplo: 50 kg, 15 m (COSTA; COSTA, 2015).

organizados fisicamente em caixas ou arquivos especificamente projetados para esse fim.

Após essa organização inicial dos dados e informações, é realizada a análise do material.

4 Análise dos dados de pesquisa

A **análise dos dados** visa identificar os aspectos que aproximam as informações obtidas para transformá-los em resultados (SILVA *et al.*, 2008). Nessa fase, são interpretados os dados e as informações obtidas na pesquisa (RUDIO, 2014).

No processo de análise e interpretação dos dados, o pesquisador deverá demonstrar capacidade de ordenar e organizar respostas para que elas possam ser analisadas e interpretadas. Esse processo envolve operações como: 1) classificação; 2) codificação; e 3) tabulação (RUDIO, 2014).

A análise dos dados deve considerar a forma de abordagem, isto é, se os dados obtidos resultam de pesquisas quantitativas, qualitativa ou quantiquantitativas. Assim, a análise dos dados costuma ser estruturada em três etapas (SILVA *et al.*, 2008):

- Busca de temas ou regularidades nos dados coletados (o que resulta em tópicos que servirão para a construção de categorias do estudo);
- Inter-relacionamento dos temas em uma estrutura geral. Envolve criatividade e rigor intelectual;
 - Comparação dos dados coletados e analisados com o referencial teórico do estudo, de modo a compreender ou ratificar os resultados encontrados

4.1 Análise quantitativa

Geralmente, os dados quantitativos são obtidos por meio de observações sistemáticas, perguntas abertas ou perguntas fechadas em função da utilização de questionários, testes e escalas (SILVA *et al.*, 2008).

Os dados coletados dessa forma são transformados em números, de modo a serem processados. Nesse sentido, o processamento dos dados quantitativos envolve as seguintes etapas (RUDIO, 2014):

- Classificação;
- Codificação;
- Tabulação;
- Análise propriamente dita.

A primeira etapa, denominada de **classificação**, corresponde ao processo de dividir um universo (ou todo) em partes a partir da utilização de um determinado critério. Por exemplo: em uma pesquisa populacional, o total de entrevistados corresponde ao todo. Ao utilizar o sexo como critério, esse todo pode ser dividido ou classificado em duas partes. Cada uma dessas partes, portanto, corresponde a uma classe (RUDIO, 2014).

A classificação dos dados deve seguir algumas regras: a) utilizar apenas um critério na mesma classificação (por exemplo, não dividir uma população em: indivíduos do sexo masculino, feminino e negros); b) englobar todos os indivíduos, sem deixar nenhum de fora (por exemplo, ao utilizar em uma pesquisa a possibilidade de classificação dos indivíduos como brancos ou

pardos, deixa-se de lado a possibilidade de o indivíduo ser classificado como negro ou indígena); c) ser formada por grupos que se excluam mutuamente, de modo que um mesmo indivíduo não possa ser enquadrado em mais de uma categoria (por exemplo, um erro bastante comum é aquele em que os indivíduos possam ser divididos de acordo com sua faixa etária em: 10-15 anos; 15-20 anos; e 20-25 anos; nesse caso, os indivíduos com 15 e 20 anos podem pertencer a mais de uma faixa); d) não ser muito minuciosa: do contrário, utilizando várias subdivisões, torna o processo confuso (RUDIO, 2014).

A **codificação** representa um processo pelo qual um dado ou informação é inserido em uma categoria (grupos ou unidades de sentido). A cada categoria, um item e, na sequência, um símbolo. Por exemplo, cada pergunta de um questionário pode ser vista como uma categoria, que ainda pode ser subdividida em função das alternativas de resposta (RUDIO, 2014).

A **tabulação** corresponde ao processo em que os dados obtidos das categorias são apresentados na forma de tabela, quadro ou gráfico (RUDIO, 2014). Uma vez definida a forma de apresentação, os dados são analisados à luz da fundamentação teórica do estudo (SILVA *et al.*, 2008).

A **análise dos dados** é o processo que acontece após a realização da codificação e da tabulação, sendo muito importante para determinar em que medida os dados são fidedignos, isto é, se eles trazem certezas. A estatística representa um instrumento que possibilita a interpretação de dados que, pela sua dimensão, são complexos (MARCONI; LAKATOS, 2011).

A escolha de um teste estatístico se dá a partir de questões como: tipo de variável estudada, número de amostras em

avaliação, forma de relacionamento de amostras (independentes ou dependentes), entre outras (LELES; DAL MORO, 2005).

Em geral, a análise dos dados envolve: a) identificar os elementos característicos de um grupo (o que pode ser obtido por medidas de tendência central, como média, mediana e moda); b) definir em que medida os indivíduos variam dentro de um mesmo grupo (em estatística, utilizam-se as medidas de variabilidade, como desvio-padrão, desvio-médio e amplitude); c) demonstrar como os indivíduos se distribuem em relação à característica analisada; d) apresentar a relação entre variáveis ou características; e) descrever diferenças entre grupos de indivíduos. O processo de análise faz uso, em grande medida, das ferramentas da estatística (RUDIO, 2014).

Vale lembrar que existem diferentes testes para estatística descritiva e analítica (ou inferencial). A escolha da forma de análise dependerá de seu objeto de estudo e do tipo de dados que foram gerados.

4.2 Análise qualitativa

A análise qualitativa é precedida pelas fases exploratória e da pesquisa de campo (MINAYO; COSTA, 2019). Ela envolve a organização e a descrição das informações, o agrupamento em pontos de convergência e a sua posterior interpretação (SILVA *et al.*, 2008).

Para tanto, diferentes propostas de análise podem ser seguidas pelo pesquisador. Chamamos de **procedimentos de análise** as formas de organização dos dados e os passos empreendidos para a produção de inferências explicativas ou de

descrição (DESLANDES, 2008). São exemplos de procedimentos de análise de dados qualitativos: a) análise de conteúdo¹⁹; b) análise de discurso²⁰; c) análise de narrativas; d) análise semiótica, entre outros (DESLANDES, 2008).

Independentemente do procedimento adotado, destacamos que a análise qualitativa gira em torno da **compreensão** do material construído na interação entre pesquisador e pesquisado(s) na fase de trabalho de campo. É preciso considerar as singularidades dos participantes e de seu contexto por meio da

¹⁹ A análise de conteúdo é aquela que analisa o que está sendo dito em um texto (tanto aquele produzido em entrevistas quanto os textos já produzidos em artigos, revistas e documentos (COSTA; COSTA, 2015). Ela é um meio de analisar diversos tipos de linguagens (escrita, oral, imagens e gestos) presentes em um documento (SEVERINO, 2007). A análise de conteúdo visa, assim, “a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47). O conteúdo de uma mensagem, pois, é utilizado como fonte de busca de significado. Utilizar indicadores desse tipo é imprescindível para compreender as práticas humanas e os componentes psicológicos e sociais a elas ligados. Ela busca compreender o sentido manifesto ou oculto das comunicações (por detrás das mensagens) (SEVERINO, 2007). Esse tipo de análise acontece a partir da construção de categorias definidas previamente e/ou posteriormente à coleta dos dados (BARDIN, 2011). Existem *softwares* que podem ser utilizados para essa finalidade.

²⁰ A análise do discurso é um tipo de análise em se que busca identificar como algo está sendo dito em um texto (COSTA; COSTA, 2015). Ela acontece por meio de sua análise interna (“o que diz e como diz”) e externa (“por que diz o que ele diz”). Assim, essa análise coloca em questão a relação entre o campo da Linguística com o campo da Sociedade, ou seja, busca identificar como o texto se relaciona com a situação de sua criação (GREGOLIN, 1995).

compreensão de sua linguagem (expressão da forma com que cada ser se relaciona e significa o mundo à sua volta). Nesse exercício, é importante, também, buscar contradições e conflitos em suas ideias, os quais relevam formas de relacionamento desses indivíduos em relação ao contexto social mais amplo. Esse movimento, concomitante à compreensão da linguagem, é conhecido como dialética.

Por fim, chega-se ao momento da **interpretação** do material, tendo como horizonte a produção de aproximações sobre a realidade estudada (MINAYO; COSTA, 2019).

Os procedimentos de análise devem ser descritos minuciosamente, deixando claro o processo de interpretação que foi adotado pelo pesquisador. Em linhas gerais, esse processo envolve (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019):

- Ordenação dos dados;
- Categorização (classificação dos dados);
- Contextualização;
- Análise final (interpretação final).

A **ordenação** envolve a organização do material gerado na fase de campo (entrevistas, observações e documentos coletados) por meio de transcrições, releituras e organização de relatos e observações em determinada ordem. Dessa forma, possibilita que o pesquisador tenha uma ideia horizontal do conjunto de informações coletadas e descobertas no campo (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019).

Na sequência, faz-se a **categorização (classificação dos dados)**. Mediante releituras sucessivas dos materiais produzidos

na fase de campo, são recortados itens específicos (por exemplo, respostas a determinadas questões) e organizados em um texto separado (esse “recorta” e “cola” dá origem a diferentes “gavetas”, em que cada assunto, tópico ou tema é separado e guardado) (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019).

Em seguida, faz-se a leitura desses textos específicos (“gavetas”) e buscam-se ideias, concepções e estruturas de relevância denominadas de **categorias** (unidades de sentido, sejam elas definidas previamente à fase de campo ou durante ela). Uma vez identificadas essas categorias, elas devem ser resumidas, considerando sua reiteração. Dentro de cada tópico/categoria, buscam-se homogeneizações e diferenças internas, em um movimento de busca de interpretação (processo chamado de interpretação de primeira ordem) (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019).

Depois, esses termos destacados em cada tópico/categoria são **contextualizados**, buscando demonstrar os principais pontos que os participantes da pesquisa quiserem chamar a atenção. Trata-se, assim, de compreender o sentido daquilo que foi manifestado (processo chamado de interpretação de segunda ordem). Nesse momento, também, é importante fazer um contraponto das unidades de sentido identificadas em relação à literatura nacional e internacional sobre a temática (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019).

Em conclusão, na **análise final**, faz-se a elaboração do texto final que apresenta as informações de forma precisa, consistente e o mais objetiva possível da realidade. Trata-se, pois, de apresentar a compreensão das produções discursivas, sempre relacionadas

com o contexto histórico e social vivenciado por pesquisados e pesquisador (MINAYO, 1992, 2008; MINAYO; COSTA, 2019).

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

COSTA, M. A.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSTA, M. E. B. Grupo focal. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-192.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

FLETCHER, R. H; FLETCHER, S. W. **Epidemiologia clínica: elementos essenciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GREGOLIN, M. R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-21, 1995.

Disponível em:

https://alsafi.ead.unesp.br/bitstream/handle/11449/107724/IS_SN1981-5794-1995-39-13-21.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

Acesso em: 15 jun. 2017.

HANDEM, P. C. *et al.* Metodologia: interpretando autores. *In:* FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 91-118.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

LELES, C. R.; DAL MORO, R. G. Princípios de bioestatística. *In:* ESTRELA, C. **Metodologia Científica**: ciência, ensino, pesquisa. São Paulo: Artes Médicas, 2005. p. 509-555.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In:* MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

MINAYO; M. C. S.; COSTA, A. P. Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação. Portugal: Ludomedia, 2019.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. *In*: BEUREN, I. M. (org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 76-97.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, I. E. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. Niterói: Impetus, 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. O. L. Resultados da pesquisa. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 131-137.

VAUGHAN J. P.; MORROW, R. H. **Epidemiologia para Municípios**: manual para gerenciamento dos distritos sanitários. São Paulo: Hucitec, 2002.

YAMAOKA, E. J. O uso da Internet. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 146-163.

ZAMBERLAN, L. *et al.* **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.



QUARTA PITADA DE TEORIA: COMPREENDENDO O PROJETO DE PESQUISA – AS BASES PARA O(A) “CHEF CIENTÍFICO(A)”

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Ândrea Cardoso de Souza

Apresentação

Como já vimos, a pesquisa científica acontece em três grandes fases: 1) elaboração do projeto de pesquisa; 2) execução da pesquisa; e 3) publicação dos resultados (o que pode ocorrer por meio de relatórios de pesquisa, monografias, dissertações, teses, livros, capítulos e artigos científicos). Tendo em mente o nosso propósito com este livro, a partir de agora, enfocaremos a primeira fase, a da elaboração do projeto de pesquisa.

Neste capítulo, abordaremos os seguintes assuntos: 1) o que é um projeto de pesquisa; 2) importância e usos do projeto de pesquisa; 3) o que é necessário para elaborar um projeto de pesquisa; 4) as dimensões do projeto científico; 5) as questões básicas que devem ser respondidas em um projeto de pesquisa; e 6) a estrutura básica do projeto de pesquisa.

Ou seja, apresentaremos a base para que você, um(a) “chef científico(a)”, possa elaborar o seu “prato principal” (o seu projeto de pesquisa).

1 Projeto de pesquisa

A palavra **projeto** é utilizada frequentemente em diversas áreas do conhecimento e em vários setores da sociedade. Ela deriva do latim *projectu*, que significa “algo lançado à frente”, e está associada às ideias de “planejamento”, “plano”, “desígnio”, “intenção”, “intento”, “desenho” (FERREIRA, 2002; POLITO, 2004). Dessa forma, um projeto se relaciona com algo que ganhará materialidade no futuro. Ou seja, um “vir a ser”.

O **projeto de pesquisa**, especificamente, é um tipo de projeto que apresenta e descreve a estrutura que antecede uma pesquisa a ser realizada (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Ele faz a apresentação formal da pesquisa que será realizada, sintetizando o que foi elaborado e o que será executado (MARCONI; LAKATOS, 2011). Assim, estabelece o elo entre pensamento, execução e avaliação de uma investigação (SANTOS, 2009).

A partir desse entendimento, podemos dizer que o projeto de pesquisa corresponde ao conjunto de elementos que, uma vez organizados, apresenta um caminho seguro e eficaz para que o pesquisador atinja seu(s) objetivo(s), livrando-o dos perigos de se perder antes de chegar ao que pretende (ZAMBERLAN *et al.*, 2014). É, pois, um instrumento que servirá como guia para as ações do estudo proposto (DESLANDES, 2008).

Antes de escrever um projeto propriamente dito, algumas instituições e pesquisadores solicitam a elaboração de um **anteprojeto** ou **pré-projeto de pesquisa**. Nesse caso, trata-se de uma construção mais simples, com o objetivo de integrar elementos do quadro teórico e metodológico, construindo definições em torno da pesquisa a ser descrita no projeto

definitivo. Para tanto, é preciso realizar estudos preliminares que possibilitem ao pesquisador compreender o estado de sua questão de pesquisa por meio de investigações já realizadas e pelo seu aspecto teórico (MARCONI; LAKATOS, 2011).

2 Importância e usos do projeto de pesquisa

Uma vez que já definimos o que é um projeto de pesquisa, fica a questão: qual a sua importância?

A elaboração do projeto de pesquisa é uma fase imprescindível da pesquisa científica (ABNT, 2011; ZAMBERLAN *et al.*, 2014) por vários motivos: a) possibilita o direcionamento da investigação; b) esclarece o próprio pesquisador sobre o objeto a que ele se propõe a investigar; c) ajuda a perceber o que ainda precisa estudar; d) auxilia na antecipação de cenários da pesquisa; e) favorece construir um plano de trabalho; f) propicia planejar o uso de esforços e recursos em cada etapa da investigação; g) facilita a comunicação entre pesquisadores; e h) é útil para a emissão pareceres, opiniões e julgamentos no meio acadêmico-científico (COSTA; CARDIM, 2008; DESLANDES, 2008).

Além disso, ele é comumente utilizado para a solicitação de financiamento de pesquisa e de bolsas nas agências de fomento à pesquisa (como o CNPq, CAPES, agências estaduais e universidades). É necessário, também, para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (COSTA; CARDIM, 2008).

Podemos afirmar, então, que é por intermédio do projeto que o pesquisador comunica à comunidade científica os seus propósitos de investigação (DESLANDES, 2008). Enquanto uma declaração de intenções de pesquisa, ele não deve ser visto como

algo rígido, inflexível, uma vez que, certamente, terá alterações. Entretanto, quanto maior o detalhamento do projeto de pesquisa, melhor a preparação do pesquisador para as ações que deverá executar durante a pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

Ressaltamos, por fim, que, ao apresentar o seu projeto, o pesquisador assume uma responsabilidade pública com a realização ao que foi prometido (DESLANDES, 2008).

3 O que é necessário para construir um projeto de pesquisa?

Um projeto de pesquisa representa o desfecho de várias ações e esforços do pesquisador na articulação de cada elemento necessário à sua elaboração. Assim, é importante frisarmos que ele não surge ao acaso, mesmo que o pesquisador tenha muita experiência ou grande apreço e compromisso com sua área de atuação (DESLANDES, 2008).

Para elaborar um projeto de pesquisa, é necessário recursos, atitudes e posturas por parte do pesquisador, tais como (DESLANDES, 2008; VASCONCELOS, 2002):

- Conhecimento mínimo prévio da realidade a ser analisada e de metodologia de pesquisa;
- Capacidade técnica e profissional;
- Disciplina na busca de bibliografias sobre o assunto de interesse;
- Postura crítica ante as teorias e pesquisas já disponíveis a serem utilizadas;
- Articulação de dados, informações e conhecimentos disponíveis;

- Utilização de recursos diversos, como bibliotecas, Internet e bases de dados *on-line*;
- Emprego da criatividade e uso da imaginação;
- Dispêndio de tempo para a realização das tarefas;
- Humilde, no sentido de entender que todo conhecimento é limitado historicamente.

Dessa forma, o projeto é visto como “fruto do trabalho vivo do pesquisador” (DESLANDES, 2008, p. 31). Sua construção requer organização e investimentos pessoais, uso de métodos, técnicas e instrumentos variados. Quando bem conduzido, oferece um caminho seguro para o pesquisador na interpretação da realidade.

4 As dimensões do projeto científico

Ao elaborar um projeto científico, você lidará com, pelo menos, três dimensões da realidade, que estão interligadas (tidas como as dimensões de um projeto de pesquisa) (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014):

- Dimensão técnica: trata das regras científicas para a construção de um projeto. Ela diz respeito a como definir um objeto de estudo, como abordá-lo e como escolher os instrumentos mais adequados para a investigação;
- Dimensão ideológica: relacionada com as escolhas do pesquisador. Isso quer dizer que, quando define o que pesquisar, a partir de qual base teórica e como vai pesquisar, ele está fazendo escolhas que são, mesmo em última

instância, ideológicas (há sempre uma visão de mundo implícita e defendida). Essa dimensão faz um contraponto à ideia da neutralidade da investigação científica, uma vez que o contexto influencia nas definições do pesquisador;

- Dimensão científica: é aquela que busca ultrapassar o senso comum (que é uma reconstrução da realidade disseminada popularmente) por meio do método científico. Este, por sua vez, possibilita que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, unindo o teórico e o empírico. Essa dimensão articula as duas anteriores.

Essas três dimensões servem como balizas para o pesquisador na tarefa de construção do seu projeto de pesquisa (MOZZINI *et al.*, 2014). Ao mesmo tempo que apontam para as características desejáveis da investigação, ampliam os horizontes sobre os alcances e limites da pesquisa. Por isso, é importante tanto sabermos que elas existem quanto buscarmos identificá-las no nosso próprio projeto de pesquisa.

5 Questões que devem ser respondidas com a construção do projeto de pesquisa

Ao escrever um projeto, você, como pesquisador, definirá uma série de escolhas para a abordagem da realidade que pretende investigar (DESLANDES, 2008). Assim, precisará realizar vários esforços intelectuais para contemplar as informações necessárias ao seu projeto de pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

Por isso, ao elaborar um projeto de pesquisa, você precisará responder às seguintes questões básicas (COSTA; COSTA, 2015;

DESLANDES, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2011; MOZZINI *et al.*, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014):

- “Quem?”: refere-se à apresentação da instituição e do(s) pesquisador(es);
- “O que pesquisar?”: significa definir o tema e escolha do problema;
- “Qual a direção?”: refere-se à construção da(s) hipótese(s) (a resposta prévia do problema de pesquisa);
- “O que já foi escrito sobre o tema?”: aponta para a revisão de literatura ou referencial teórico;
- “Para que pesquisar?”: aponta para os objetivos geral e específicos da pesquisa;
- “Por que pesquisar?”: representa a estruturação da justificativa pela definição do problema;
- “Como pesquisar?”: significa definir a metodologia do estudo (método, técnicas, universo, procedimentos, amostragem e tratamento dos dados);
- “O que pode gerar?”: produtos e resultados esperados;
- “Por quanto tempo pesquisar?”: apresenta-se o cronograma da pesquisa;
- “Com que recursos?”: representa a construção do orçamento;
- “A partir de quais fontes?”: definem-se as referências utilizadas.

Ao fazer essas questões e buscar respondê-las, você conferirá a estrutura necessária ao seu projeto de pesquisa. Tais perguntas podem, inclusive, ser usadas com um “*checklist*”: quando

contempladas no projeto, contribuem para o melhor encaminhamento da investigação.

6 Estrutura do projeto de pesquisa

A estrutura de um projeto de pesquisa corresponde ao “esqueleto” da proposta de investigação. Ela contempla, de forma ordenada, os elementos que servem de guia para o pesquisador na consecução da investigação. Conhecer a estrutura de um projeto de pesquisa significa, em última instância, aprender como se faz pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

6.1 Estrutura do projeto de pesquisa segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

De acordo com a norma ABNT NBR 15287 (2011)²¹, a estrutura de um projeto de pesquisa compreende duas partes: uma externa e outra interna.

A **parte externa** do projeto de pesquisa engloba a **capa** (proteção externa do projeto em que estão impressas as informações fundamentais para a sua identificação) e a **lombada** (aquela parte da capa que reúne as folhas com grampos, costura, cola ou outra maneira)²² (ABNT, 2011).

A **parte interna**, por sua vez, envolve elementos **pré-textuais** (parte que antecede o texto com informações que ajudam

²¹ A Norma NBR 15287:2011 é uma norma específica da ABNT que trata da “Apresentação do Projeto de Pesquisa”.

²² A lombada está presente nos documentos encadernados como se fossem um “livro”.

na identificação e utilização do projeto de pesquisa), **textuais** (parte em que se apresenta o conteúdo do projeto propriamente dito) e **pós-textuais** (parte que sucede o texto e complementa o projeto de pesquisa) (ABNT, 2011).

Os elementos **pré-textuais** englobam: folha de rosto; lista de ilustrações; lista de tabelas; lista de abreviatura e siglas; lista de símbolos; e sumário.

Já os elementos **textuais** envolvem uma parte introdutória, na qual se apresentam o tema, o problema de pesquisa, hipótese(s), objetivo(s) e justificativa(s). Além disso, deve indicar o referencial teórico que embasa o projeto, a metodologia a ser utilizada, bem como os recursos necessários e o cronograma.

Por fim, os elementos **pós-textuais** incluem: referências, glossário, apêndice, anexo, índice (ABNT, 2011).

6.2 Estrutura básica para um projeto de pesquisa

Embora exista a estrutura padrão da ABNT, com elementos considerados obrigatórios e outros opcionais, cada instituição de ensino, programa de pós-graduação ou curso costuma definir os itens e a forma de apresentação do projeto de pesquisa²³. Também existem variações em função da área de conhecimento e do tipo de pesquisa a ser realizada. Muitas vezes, um projeto de pesquisa envolve diferentes campos ou áreas do saber, assumindo uma característica multidisciplinar/interdisciplinar.

Pensando nessa possibilidade e considerando a variabilidade quanto à estrutura e apresentação dos projetos de

²³ Por isso, recomendamos que busque as orientações e normas de sua instituição antes de começar a elaborar seu projeto de pesquisa.

pesquisa, aqui sugerimos uma “estrutura básica para um projeto de pesquisa”. Essa estrutura deriva das orientações da ABNT e pode ser facilmente adaptada para diferentes necessidades em função de áreas do saber, cursos de graduação ou programas de pós-graduação.

Nosso ponto de partida será ter clareza que o projeto de pesquisa possui três “conjuntos” de elementos: os pré-textuais, os textuais e pós-textuais. Depois, precisaremos reconhecer quais elementos compõem cada um desses conjuntos.

Entre os elementos **pré-textuais**, recomendamos que o seu projeto apresente os seguintes elementos, em ordem:

- Capa;
- Folha de rosto;
- Resumo;
- Lista de ilustrações;
- Lista de tabelas;
- Lista de abreviaturas e siglas;
- Lista de símbolos;
- Sumário.

Entre os **textuais**, sugerimos os seguintes elementos em sua respectiva ordem:

- Introdução;
- Revisão de literatura;
- Problema de pesquisa;
- Objetivos;
- Hipóteses;

- Justificativa;
- Método e materiais;
- Questões éticas;
- Produtos e resultados esperados;
- Cronograma;
- Orçamento.

Por fim, entre os elementos **pós-textuais**, indicamos, em ordem:

- Referências;
- Apêndices;
- Anexos.

Lembramos que esses elementos são importantes para guiar os passos do pesquisador. Dessa forma, quanto mais bem organizado e descrito o projeto de pesquisa, mais utilidade terá (CERVO; BERVIAN, 1981; MARCONI; LAKATOS, 2011; SEVERINO, 2007).

Contudo, é importante ressaltar que nem todos esses elementos precisam ser apresentados. Dependendo da área do conhecimento e da instituição, um ou mais elementos poderão ser suprimidos ou, até mesmo, agrupados/renomeados.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

COSTA, M. A.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSTA, M. M.; CARDIM, M. G. Projeto de pesquisa: como fazer. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 73-90.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 790p.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos**. Tapera: Lew Editora, 2014.

POLITO, A. G. **Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2004.

SANTOS, C. R. **Trabalho de Conclusão de Curso**: guia de elaboração passo a passo. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ZAMBERLAN, L. *et al.* **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.



QUINTA PITADA DE TEORIA: DESCRREVENDO OS ELEMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA – OS “INGREDIENTES” DO SEU “PRATO PRINCIPAL”

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Neste capítulo, faremos a descrição de cada um dos elementos do projeto de pesquisa. Usaremos como balizas as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o suporte teórico sobre a temática e as nossas experiências na elaboração de projetos de pesquisa e nas orientações de estudantes.

Para facilitar a sua compreensão, os elementos do projeto (aqui chamados de “ingredientes” do seu “prato principal”) serão abordados individualmente e na sequência que sugerimos que sejam apresentados. Este será o capítulo mais extenso, pois traz a “estrutura” do suporte teórico para o seu projeto de pesquisa.

Afinal, antes de “botar a mão na massa” e começar a elaborar o seu próprio projeto de pesquisa, é importante compreender cada um de seus elementos. É como preparar o seu “prato principal”: se você não conhecer cada “ingrediente” e a “ordem” em que ele deve ser acrescentado na preparação, ficará muito difícil apresentar um “prato final” digno de um(a) “chef”.

Para fazermos a descrição de cada um dos elementos (os “ingredientes” do projeto de pesquisa), seguiremos a nossa sugestão de estrutura básica de um projeto de pesquisa descrita no capítulo anterior²⁴. Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de projeto de pesquisa com esses elementos.

Ingrediente 1 – Capa

A capa é elemento obrigatório da parte externa do seu projeto de pesquisa. Ela deve conter as seguintes informações: a) nome da instituição de ensino (universidade, faculdade, unidade, escola ou outra); b) identificação do curso ou do programa de pós-graduação; c) título do projeto de pesquisa; d) local (cidade e estado); e) data (ano). Podem ser inseridos, também, o(s) nome(s) do(s) autor(es).

Cada instituição de ensino costuma possuir um modelo próprio de capa, com brasão, especificação de fonte e outros dentro de um padrão. Caso não exista, sugerimos um *template* de capa nos “Acompanhamentos” (que pode ser perfeitamente adaptado às suas necessidades).

Um aspecto bastante importante a ser observado no projeto e que aparece “de cara”, já na capa, é o **título** do seu projeto.

Mesmo provisório, o título tem como finalidade apresentar uma visão geral do trabalho a ser executado, servindo como

²⁴ Vale enfatizar que esses elementos podem ser suprimidos, agrupados ou renomeados, dependendo da área de conhecimento e das normas institucionais onde se realiza a investigação.

“rótulo da pesquisa” e como uma “primeira forma de contato com o seu leitor” (COSTA; CARDIM, 2008; SEVERINO, 2007).

A forma de apresentação do título varia muito de acordo com o ambiente no qual se dá a pesquisa: pode assumir um estilo clássico e objetivo ou simbólico/metafórico. Caso sejam utilizadas palavras simbólicas e poéticas, elas devem ser complementadas por um subtítulo que traduza o conteúdo temático da pesquisa (SEVERINO, 2007; VASCONCELOS, 2002).

Em linhas gerais, entendemos que o título deve expressar, com maior precisão possível, o conteúdo do tema e a área de vinculação da pesquisa (SEVERINO, 2007). Assim, deve ser autoexplicativo, claro, sintético, curto, evitar palavras desnecessárias e ser coerente com objeto e objetivos da pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008; VASCONCELOS, 2002).

Ingrediente 2 – Folha de rosto

A folha de rosto é o primeiro elemento pré-textual obrigatório da parte interna do seu projeto de pesquisa. Ela apresenta os elementos essenciais para identificação do trabalho (ABNT, 2011).

Na folha de rosto, devem ser apresentadas informações como: a) título do trabalho; b) identificação, finalidade e a quem se apresenta (instituição de ensino ou outra) o projeto de pesquisa; c) identificação do(s) autor(es); d) identificação do(s) orientador(es) – caso exista(m); e) local (cidade e estado); e, f) data (ano).

Nos “Acompanhamentos”, ilustramos um *template* de folha de rosto.

Ingrediente 3 – Resumo

O resumo apresenta os itens mais importantes de um trabalho, fornecendo ao(à) leitor(a) uma primeira noção sobre o documento que será apresentado na sequência. Por isso, é muito importante que o resumo de seu projeto de pesquisa seja bem redigido.

Existem três tipos principais de resumos: crítico; informativo e indicativo. Desses, o resumo informativo é bastante utilizado em trabalhos científico-acadêmicos. Ele deve contemplar os pontos mais relevantes do trabalho, ser conciso, claro e não apresentar opiniões do(s) autor(es).

De acordo com a norma ABNT NBR 6028 (2021)²⁵, o resumo informativo deve informar sobre as “finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que possa, inclusive, dispensar a consulta ao original” (ABNT, 2021, p. 1). Vale evidenciar, contudo, que, em um projeto de pesquisa, ainda não temos resultados e conclusões.

Por isso, sugerimos que o resumo do projeto de pesquisa contemple os seguintes itens, em ordem: a) introdução (apresentação do tema e breve justificativa); b) objetivos (geral e específicos, se possível); c) método e materiais (abordagem metodológica); d) questões éticas (caso se aplique); e) forma de publicação dos resultados; e f) palavras-chave.

²⁵ A NBR 6028:2011 é uma norma específica da ABNT sobre informação e documentação que trata da “redação e apresentação de resumos, resenhas e resenhas” (ABNT, 2021, p. 1).

Esses itens (ou seja, as palavras que indicam “introdução”, “objetivos” etc. podem ou não ser ficar visíveis na apresentação do resumo).

Segundo a Norma ABNT NBR 6028:2021, o resumo para trabalhos acadêmicos, como monografias de graduação, dissertações e teses deve: a) ter extensão entre 150 e 500 palavras; b) ser composto de frases concisas em parágrafo único, sem enumeração de tópicos.; c) convém usar verbo na terceira pessoa; e, d) evitar símbolos, contrações, fórmulas, equações e diagramas (caso imprescindíveis, devem ser definidos na primeira vez que aparecem). Após o resumo, as palavras-chave devem ser apresentadas logo abaixo, separadas entre si por ponto e vírgula e finalizadas por ponto, grafadas com as iniciais em letra minúscula, com exceção dos substantivos próprios e nomes científicos (ABNT, 2021).

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de estrutura de resumo.

Ingrediente 4 – Lista de ilustrações

A lista de ilustrações contempla desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outras (ABNT, 2011). Ela deve ser organizada de acordo com a ordem que esses itens são apresentados no texto. Cada item deve ser designado por seu tipo específico (desenho, fotografia etc.), seguido de travessão, título e número da página. Caso necessário, pode ser construída uma lista própria cada tipo de ilustração (ABNT, 2011).

De acordo com a ABNT (2011), a lista de ilustrações é um elemento opcional. Tendo em vista a variabilidade de tipos de projetos de pesquisa, nem sempre existirão ilustrações, ou poderão existir poucas ilustrações.

Em função disso, sugerimos que essa lista seja criada apenas quando existirem três ou mais itens para compô-la. Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de lista ilustrações.

Ingrediente 5 – Lista de tabelas

A lista de tabelas enumera as tabelas utilizadas ao longo do projeto de pesquisa. Em função disso, ela deve ser organizada de acordo com a ordem que esses itens são apresentados. Cada item deve ser designado por seu nome específico, seguido do número da página (ABNT, 2011).

De acordo com a ABNT (2011), a lista de tabelas é um elemento opcional. Considerando que nem sempre um projeto de pesquisa apresenta tabelas, sugerimos que essa lista seja criada apenas quando existirem três ou mais itens para compô-la. Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de lista de tabelas.

Ingrediente 6 – Lista de abreviaturas e siglas

Essa lista é opcional e engloba as abreviaturas e siglas utilizadas no texto. Para a sua apresentação, cada item deve ser seguido das palavras ou expressões a que se referem por extenso (ABNT, 2011).

A ABNT (2011) recomenda que seja criada uma lista própria para cada tipo. Sugerimos que ela seja criada apenas quando existirem três ou mais itens para compô-la. Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de lista de abreviaturas e siglas.

Ingrediente 7 – Lista de símbolos

A lista de símbolos também é opcional e enumera os símbolos utilizados no projeto de pesquisa. Ela deve ser elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, seguida do respectivo significado do símbolo (ABNT, 2011).

Da mesma forma que as outras listas, sugerimos que ela seja criada apenas quando existirem três ou mais itens para compô-la. Disponibilizamos um *template* de lista de símbolos nos “Acompanhamentos”.

Ingrediente 8 – Sumário

O sumário apresenta um esquema com as principais partes, seções, capítulos e tópicos do trabalho (ou seja, suas principais divisões), de forma sequencial, indicando a página inicial de cada divisão (SEVERINO, 2007).

Ele deve ser inserido como o último elemento pré-textual projeto de pesquisa, no qual são apresentadas as divisões do trabalho na mesma ordem e grafia em que elas são apresentadas no texto subsequente (ABNT, 2003).

De acordo com a norma ABNT NBR 6027 (2003)²⁶, recomenda-se que a apresentação do sumário obedeça às seguintes normas principais²⁷: a) a palavra “sumário” deve ter a mesma fonte utilizada nas seções primárias, e ser apresentada de forma centralizada; b) a subordinação dos itens do sumário deve seguir a mesma forma de escrita que aparece no texto do projeto; e c) elementos pré-textuais não devem constar no sumário.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de sumário.

Ingrediente 9 – Introdução

A introdução do projeto de pesquisa faz a primeira apresentação dos elementos e conceitos básicos que você utilizará no documento. Dessa forma, deve possibilitar o entendimento sobre o que será estudado e desenvolvido na pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008; VASCONCELOS, 2002).

A introdução fornece, de forma curta e concisa, a descrição da situação-problema ou da área de interesse do pesquisador por meio de uma contextualização sobre o assunto e acerca das questões norteadoras do projeto de pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

Considerando que a introdução deve ser atrativa e motivar a leitura do texto subsequente, sugerimos que ela contemple: a) a contextualização do assunto; b) a definição do tema de pesquisa; c) a caracterização do objeto de estudo; e d) a apresentação do

²⁶ A NBR 6027:2003 é uma norma específica da ABNT de informação e documentação que trata da “Apresentação do Sumário”.

²⁷ Para maiores informações, consultar a Norma ABNT NBR 15287:2011.

problema de pesquisa. Dessa maneira, definir o tema e a escolha do problema significa responder à questão “O que pesquisar?” de um projeto de pesquisa.

A **contextualização do assunto** envolve a elaboração de um panorama sobre o contexto histórico, os antecedentes, o estado atual, as tendências e os desafios sobre a temática disponíveis na literatura (VASCONCELOS, 2002). Assim, apresenta rapidamente o estado atual do conhecimento sobre o assunto a ser desenvolvido no projeto de pesquisa. Na contextualização, é importante destacar fatos e informações específicas que despertam o seu interesse (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

O **tema de pesquisa** corresponde ao assunto que se deseja estudar, provar ou desenvolver. Ele se refere, portanto, à área de interesse do pesquisador e representa uma delimitação bastante ampla. A escolha do tema é o primeiro passo de uma investigação científica (COSTA; CARDIM, 2008; DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988).

Considerando que existem diversos assuntos dentro de uma mesma área que podem ser pesquisados (DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988), definir um tema não é tarefa fácil e exige conhecimento, maturidade e tomadas de decisão por parte do pesquisador (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

De acordo com Barros e Junqueira (2005), a escolha do tema envolve observar aspectos como: a) afinidade (o assunto deve ser familiar ou desafiador ao pesquisador); b) oportunidade (refere-se à possibilidade de ler, refletir, pesquisar, analisar e escrever a partir de lacunas do conhecimento); c) relevância (deve ser importante para o pesquisador e para o conhecimento científico); d)

propriedade (precisa se relacionar com a área ou interesses do pesquisador); e) delimitação (busca-se tratar de único tema em profundidade, afinando-o); e f) realismo (considera recursos disponíveis).

Assim, a escolha do tema depende da observação de dois grupos de fatores: a) fatores internos: referem-se a questões e preferências do pesquisador, como interesse, preferência pelo tema, capacidades para conduzir a pesquisa e tempo disponível; b) fatores externos: novidade e aplicabilidade do tema de pesquisa, valor acadêmico e social do tema, possibilidade de acesso a material bibliográfico e recursos financeiros (COSTA; CARDIM, 2008).

Muito embora o encontro com o tema seja o primeiro passo para o projeto de pesquisa, é importante destacar que ele é um caminho em aberto (DESLANDES, 2008), que vai se moldando à medida que o pesquisador se apropria do estado do conhecimento.

O **objeto de estudo**, por sua vez, corresponde ao recorte específico do tema que será estudado. Ele representa a parte exata da realidade que será alvo da investigação (COSTA; CARDIM, 2008; COSTA; COSTA, 2015). A definição do objeto de estudo acontece por intermédio de questionamentos delimitadores ao tema (problematização), os quais possibilitam seu refinamento e especificação (DESLANDES, 2008).

Por meio da definição do objeto, espera-se chegar a um enunciado formal do tema, na forma de uma frase curta e objetiva em que se delimita o tipo de pesquisa, o quê, o onde e o quando do fenômeno em análise. Dessa forma, a sua definição é o ponto de partida para o planejamento e a execução da pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

A construção de um objeto de estudo científico constitui um exercício contra a ideia de que as coisas estão dadas na realidade e que bastaria apenas estar atento ao que acontece no cotidiano (DESLANDES, 2008). A construção do seu enunciado exige enquadramentos teóricos, técnicos, espaciais e temporais, os quais dependem das intenções e de outros fatores relacionados com o investigador (VASCONCELOS, 2002). Por isso, não é tarefa simples (COSTA; CARDIM, 2008).

Dessa forma, na elaboração da introdução do projeto de pesquisa, é importante que o tema e o objeto de estudo sejam devidamente contextualizados. Esses aspectos despertarão a curiosidade e o interesse para a leitura dos demais elementos a serem descritos no seu projeto de pesquisa. Reforçamos que a introdução pode ser finalizada com uma alusão ao objetivo geral no seu último parágrafo.

Ilustramos um *template* de introdução nos “Acompanhamentos”.

Ingrediente 10 – Revisão de literatura

A revisão de literatura (também conhecida como revisão bibliográfica, fundamentação bibliográfica, revisão teórica, referencial teórico) é a seção do projeto de pesquisa que apresenta uma visão do contexto e dos fundamentos do objeto de investigação (MOZZINI *et al.*, 2014; VASCONCELOS, 2002). Segundo a Norma ABNT NBR 15287 (2011), um projeto de

pesquisa deve ter a indicação do referencial teórico que o embasa²⁸.

A revisão de literatura tem como propósitos: a) mapear o que, onde, por quem e quando foi dito (DESLANDES, 2008)²⁹; b) embasar os pressupostos do pesquisador (CERVO; BERVIAN, 1981); c) compreender o estado atual e o que tem sido feito na área da pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008); d) auxiliar na familiarização da temática; e) fazer a sustentação teórica do projeto (COSTA; COSTA, 2015). Dessa maneira, responde à questão “O que já foi escrito sobre o tema?” de um projeto de pesquisa.

A revisão deve contemplar os conceitos em torno do objeto de pesquisa. Para tanto, pode ser construída a partir da sistematização da evolução e/ou do contexto histórico do tema; da apresentação das experiências relevantes atuais para o tema; e

²⁸ Embora façamos a sugestão de elaborar a revisão de literatura separadamente, essa seção pode ser suprimida desde que a temática e seus conceitos básicos sejam apresentados na introdução do projeto.

²⁹ Existe distinção entre **revisão de literatura** e o **quadro teórico** do estudo (DESLANDES, 2008). Enquanto a primeira visa mapear o que tem sido feito, onde, quando e por quem, o quadro teórico (também chamado de quadro conceitual, base teórica, definição teórica-conceitual) trata especificamente dos princípios, definições, categorias, teorias ou pensamentos científicos que nortearão a análise dos resultados (COSTA; COSTA, 2015). O quadro teórico forma um sistema explicativo sintético, objetivo e coerente do projeto de pesquisa, pois apresenta as balizas que serão utilizadas para abordar e explicar os fenômenos estudados, orientando as formas de análise do objeto de pesquisa (DESLANDES, 2008; SEVERINO, 2007). Ele envolve escolhas e concordância ideológica do pesquisador, uma vez que este opta por explicações lógicas e coerentes para abordar seu objeto de estudo (DESLANDES, 2008). Em linhas gerais, o quadro teórico costuma ser apresentado juntamente com a seção “revisão de literatura”.

da sistematização de conceitos, categorias ou problemáticas-chave que direcionam para a análise a ser desenvolvida (VASCONCELOS, 2002).

Para a construção da revisão de literatura, costumamos utilizar diferentes fontes bibliográficas, como livros, capítulos de livros, dicionários, dissertações, teses, artigos publicados em congressos e artigos científicos, entre outros (COSTA; COSTA, 2015). Além disso, é importante usar referências fundamentais para o tema (COSTA; CARDIM, 2008).

De acordo com a natureza do estudo e do ambiente no qual se insere o projeto, pode ser dada ênfase em aspectos históricos, teóricos, sociais, econômicos, técnicos, científicos, gerenciais etc. (VASCONCELOS, 2002). Ressaltamos que é importante que a sua revisão de literatura seja o mais atualizada possível.

As informações oriundas dessas diferentes fontes devem ser devidamente citadas no texto; e os documentos, elencados na lista de referências. Para tanto, deve-se seguir as normas de cada instituição de ensino.

Sugerimos que ela seja subdivida em tópicos ou partes, contemplando os elementos do objeto de pesquisa. Esse procedimento facilita a organização do pesquisador e a própria leitura do projeto. Nos “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para a revisão de literatura.

Ingrediente 11 – Problema de pesquisa

O problema de pesquisa ou pergunta norteadora representa uma dificuldade que se pretende resolver com a condução da pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1988). Ele diz respeito a “uma

questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual deve-se encontrar uma solução” (CERVO; BERVIAN, 1981, p. 49). Ilustra como o tema está problematizado, por que e o que precisa ser feito para que seja resolvido (SEVERINO, 2007).

O problema de pesquisa tem origem na definição de uma situação-problema e é construído a partir da elaboração de questionamentos sobre o tema. Do processo de problematização, surge uma questão única (o problema de pesquisa ou a dúvida científica), individualizada e específica, que deverá nortear a condução da pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008; DESLANDES, 2008). Assim, é essa pergunta que dá início à investigação propriamente dita (CERVO; BERVIAN, 1981).

Nessa definição, deve ficar claro que um problema social não é a mesma coisa que um problema científico. Para transformar um problema social em questão de pesquisa, o pesquisador precisa romper com ideias religiosas e morais, preconceitos e ideias do senso comum sobre o tema (DESLANDES, 2008).

Definir, com clareza, o problema de pesquisa é muito importante, uma vez que ele serve de guia para os próximos passos, orientando o pesquisador na busca de respostas ou soluções. A construção do problema envolve: a) observar com atenção e curiosidade fatos ou fenômenos; b) identificar dificuldades ou lacunas sobre o assunto; e c) formular perguntas sobre o tema e apontar hipóteses que o expliquem. Ademais, criatividade e conhecimentos prévios auxiliam nessa definição (CERVO; BERVIAN, 1981).

Por isso, recomendamos que o problema de pesquisa apresente características como: a) seja formulado como pergunta

(pois facilita sua identificação); b) seja claro; c) seja preciso; e d) seja delimitado a uma dimensão viável (GIL, 2010). Vale lembrar que, quando bem formulado, auxilia o pesquisador na busca de respostas, mesmo que não definitivas. Salientamos, entretanto, que ele deve ser factível, isto é, passível de ser respondido por meio de uma investigação (CERVO; BERVIAN, 1981).

Algumas questões podem ajudar na seleção final do seu problema de pesquisa: trata-se de um problema original? É relevante? É adequado para mim? Há possibilidades reais para executar seu estudo? Existem recursos financeiros e outros necessários? Há tempo suficiente para investigar tal questão? (RÚDIO, 2014).

Apresentamos um *template* para o problema de pesquisa nos “Acompanhamentos”.

Ingrediente 12 – Objetivos

Os objetivos dizem respeito aos resultados que se pretende alcançar com o término da pesquisa, ou seja, aos propósitos da investigação (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014; SEVERINO, 2007). Eles têm como ponto de partida a formulação do problema e das hipóteses da pesquisa (BARROS; JUNQUEIRA, 2005; SEVERINO, 2007). Dessa maneira, respondem à questão “Para que pesquisar?” de um projeto.

Os objetivos podem ser intrínsecos (quando estão relacionados com problemas que se pretende resolver) ou extrínsecos (quando se relacionam com tarefas como trabalhos de conclusão de curso, solicitações de aulas ou de terceiros) (CERVO; BERVIAN, 1981).

Em termos práticos, conferem foco à investigação por meio de ações viáveis, factíveis e não abstratas (BARROS; JUNQUEIRA, 2005; DESLANDES, 2008). Como pretendem responder ao problema de pesquisa ou à questão norteadora, devem ser expressos em ações genéricas, sem determinar número ou pessoas³⁰ (COSTA; CARDIM, 2008).

Geralmente, formula-se um objetivo geral, mais amplo (também chamado de objetivo central ou principal), articulado com objetivos específicos (COSTA; CARDIM, 2008; DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014; VASCONCELLOS, 2002). Enquanto o **objetivo geral** se refere ao conhecimento que a pesquisa proporcionará em relação ao objeto, os **objetivos específicos** são formulados pelo desdobramento das ações que serão necessárias à realização do objetivo geral (DESLANDES, 2008).

Os objetivos específicos podem ser de dois tipos: a) aqueles que desagregam o objetivo geral em alguns de seus subtemas, identificando seus elementos e pontos fundamentais; b) aqueles que indicam as contribuições potenciais da pesquisa, ao responderem “por quê” e “para quê” ela é proposta. Nesse sentido, os objetivos específicos podem ser de diferentes dimensões: teóricos, práticos, técnicos, sociais, econômicos, gerenciais, assistenciais, ambientais etc. (VASCONCELOS, 2002).

Os objetivos devem ser escritos com verbos no infinitivo, pois, assim, fica claro que se trata de ações de investigação propriamente ditas (DESLANDES, 2008).

³⁰ Vale ressaltar a distinção entre objetivos e metas. Enquanto os objetivos representam o que se pretende alcançar com a finalização da pesquisa, as metas quantificam, detalham e localizam os objetivos ao longo do tempo (CERVO; BERVIAN, 1981).

Considerando que os objetivos representam o guia para escolha e construção dos métodos e instrumentos da pesquisa e que o desenho metodológico viabilize a realização de cada um dos objetivos (DESLANDES, 2008), recomendamos que o projeto de pesquisa tenha um objetivo geral e de três a cinco objetivos específicos (MOZZINI *et al.*, 2014).

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* para os objetivos.

Ingrediente 13 – Hipóteses

As hipóteses³¹ representam enunciados ou suposições sobre as relações que se estabelecem entre variáveis dos fatos/fenômenos em estudo. Elas costumam ser formuladas como respostas provisórias ou soluções para determinados problemas de pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988; SEVERINO, 2007). Assim, estabelecem uma espécie de diálogo entre a criatividade do pesquisador, o conhecimento existente e a realidade a ser investigada (DESLANDES, 2008). Elas respondem à seguinte questão em um projeto: qual a direção da pesquisa?

As hipóteses têm como ponto de partida as questões da pesquisa (BARROS; JUNQUEIRA, 2005) e orientam o pesquisador na busca da verdade e das explicações sobre fatos e fenômenos, bem como se eles se relacionam entre si (CERVO; BERVIAN, 1981;

³¹ Cabe destacar aqui a diferença entre hipóteses e pressupostos: enquanto as hipóteses são afirmações provisórias sobre o problema de pesquisa, os pressupostos representam evidências prévias sobre a temática, já confirmadas pela literatura (DESLANDES, 2008; SEVERINO, 2007).

RUDIO, 2014). Dessa forma, devem ser compatíveis com o nível de conhecimento científico atual (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Elas têm caráter explicativo ou preditivo (LAKATOS; MARCONI, 1988) e exercem duas funções principais: a) completar resultados já obtidos, facilitando a compreensão de um tema em estudo; e b) orientar o pesquisador na busca da causa provável ou da lei que procura (CERVO; BERVIAN, 1981).

As hipóteses podem ser elaboradas a partir de observações, de resultados de outras pesquisas, de teorias sobre o problema em estudo, de soluções de problemáticas semelhantes e da própria intuição do pesquisador. Na sua formulação, recomendamos que uma hipótese tenha características como: a) apresentar conceitos claros (para evitar ambiguidades); b) ser específica (deve estar relacionada com as questões de pesquisa); c) não deve ser baseada em valores morais (“bom”, “mau”, “pior”, “melhor” etc.); d) ser fundamentada em teoria (apresentar embasamento teórico que a sustente); e) deve ser simples, sugerida e passível de verificação (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; GIL, 2010; MOZZINI *et al.*, 2014).

Um estudo pode articular uma ou mais hipóteses ou, até mesmo, prescindir de sua elaboração, como é caso das pesquisas de natureza exploratória (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

Vale apontar que as hipóteses poderão ser comprovadas ou negadas (refutadas) após a realização da investigação (CERVO; BERVIAN, 1981). Nesse sentido, o pesquisador deve trabalhar com imparcialidade, não forçando a confirmação de suas hipóteses (que poderão ser parcial ou totalmente negadas) (BARROS; JUNQUEIRA, 2005). Quando uma hipótese seguir determinados

critérios e princípios e puder ser verificada, poderá ser transformada em lei (RUDIO, 2014).

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* para a apresentação das hipóteses.

Ingrediente 14 – Justificativa

A justificativa representa a relevância do estudo, ou seja, os motivos pelos quais uma determinada pesquisa deve ser realizada (DESLANDES, 2008). Dessa forma, trata da importância e das contribuições da pesquisa para a área do conhecimento pesquisada (COSTA; CARDIM, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014). Ela responde à questão “Por que pesquisar?” do projeto de pesquisa.

Na sua construção, podem ser explorados diferentes motivos: **a) motivos teóricos ou de ordem teórica**: aqueles que apontam as contribuições do estudo para a compreensão do problema apresentado, ou seja, que exploram lacunas e que ampliam os conhecimentos disponíveis; **b) motivos de ordem prática**: são aqueles que indicam a relevância da pesquisa para a proposição de intervenções para modificar a realidade social contemplada, atendendo às demandas sociais da investigação; **c) motivos de ordem pessoal**: os que apontam para a relevância da escolha do estudo a partir da trajetória de cada pesquisador (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

De acordo com Barros e Junqueira (2005), é interessante apresentar justificativas para aspectos como: a) a escolha do tema; b) a delimitação do objeto de estudo; c) o enfoque do estudo; d) o período do estudo; e) os instrumentos de coleta dos dados; f) o tipo

de material e o tipo de dados e fontes utilizados; g) o tipo de pesquisa; e h) a escolha do método de análise dos dados.

Considerando que a justificativa apresenta as contribuições esperadas com os resultados da investigação, ela se refere tanto à relevância quanto à oportunidade de sua realização (SEVERINO, 2007).

Sugerimos que a justificativa seja embasada na literatura disponível. Nesse caso, as informações provenientes de diferentes fontes bibliográficas devem ser devidamente citadas no texto, e os documentos utilizados devem compor a lista de referências. Para tanto, você deverá seguir as normas de sua instituição.

Nos “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para a justificativa.

Ingrediente 15 – Método e materiais

A seção de “método e materiais”, também chamada de “método”, “materiais e métodos”, “metodologia”³², “procedimentos metodológicos”, “abordagem metodológica” e “caminho metodológico”, entre outros (MOZZINI *et al.*, 2014), é a parte do projeto de pesquisa que faz conexão com os objetivos de estudo (DESLANDES, 2008) e na qual se descreve como será a feita a abordagem do objeto de pesquisa (VASCONCELOS, 2002). Dessa maneira, responde à questão “Como pesquisar?” de um projeto de pesquisa.

³² Para alguns autores, a Metodologia representa a disciplina que se ocupa do estudo das diferentes concepções teóricas, métodos, técnicas e instrumentos utilizados no trabalho científico. Em síntese, nessa acepção, seria o estudo dos métodos científicos.

Espera-se que sejam apresentados métodos e técnicas correspondentes e adequados para cada objetivo do seu projeto (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014). Assim, a seção “método e materiais” inclui os elementos operacionais da pesquisa, tais como: a) tipo de pesquisa; b) desenho da pesquisa; c) fontes de dados e informações; d) instrumentos de coleta; e) forma de análise dos dados e outras informações relevantes sobre como será a operacionalização da pesquisa que você pretende estabelecer (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014; VASCONCELOS, 2002).

Normalmente, os itens que compõem essa seção variam em função da área do conhecimento da pesquisa e das próprias exigências de cada instituição de ensino. Tendo em mente essa variabilidade, sugerimos que ela contemple definições sobre:

- Tipo de pesquisa;
- Duração da pesquisa;
- Local da pesquisa;
- População em estudo/Universo do estudo;
- Amostra;
- Coleta dos dados;
- Variáveis em estudo;
- Análise dos dados.

Tipo de pesquisa

O ponto de partida da seção “método e materiais” consiste na definição do **tipo de pesquisa** (MOZZINI *et al.*, 2014). Conforme já vimos, dependendo do critério utilizado, podemos ter

diferentes classificações das pesquisas³³ (GIL, 2010; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009; RUDIO, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

De acordo com a área do conhecimento, as pesquisas podem ser classificadas em Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguísticas, Letras e Artes; Multidisciplinar. Em função da abordagem, as pesquisas são divididas em quantitativa; qualitativa; quantiquantitativa ou quali quantitativa (mista). De acordo com sua natureza, elas podem ser básicas e aplicadas. Já considerando o objetivo geral, elas são classificadas em exploratórias; descritivas e explicativas. Por fim, ao utilizar como critério seus procedimentos técnicos utilizados, podemos ter as pesquisas que empregam materiais publicados; as que usam dados fornecidos por pessoas; e aquelas laboratoriais com animais, plantas, materiais e produtos diversos.

Nessa definição do **tipo da pesquisa**, sugerimos apresentar o nome do estudo (ou seja, a sua classificação), seus conceitos básicos (caso necessário), suas características e suas indicações. Também consideramos relevante apresentar o seu delineamento ou desenho³⁴, por meio da elucidação dos passos operacionais que serão seguidos para a abordagem do objeto. Para o delineamento,

³³ Para mais informações, consultar o capítulo “Segunda pitada de teoria: compreendendo a pesquisa científica e suas classificações”.

³⁴ Cada pesquisa apresenta uma lógica para a abordagem da realidade, que serve de guia para o pesquisador. O desenho da pesquisa envolve aspectos como: a) o tipo de lógica básica de generalização de dados a ser utilizada: amostragem, replicação, comparação contextualizada ou combinação de duas ou mais destas lógicas; b) o enquadramento da realidade a ser investigada em níveis e números de casos; e c) a lógica do uso do tempo no desenho (VASCONCELOS, 2002).

podem ser utilizados esquemas, quadros, gráficos e imagens que ajudam a compreender o como o objeto de estudo será abordado.

É oportuno lembrar que a escolha do tipo de pesquisa depende de fatores como definição dos objetivos, tempo e recursos disponíveis, questões éticas que o envolvem e disponibilidade de dados que a pesquisa irá gerar, entre outros (MOZZINI *et al.*, 2014). Nesse sentido, é importante que você justifique suas escolhas.

Duração da pesquisa

A **duração da pesquisa** é o item que apresenta o tempo necessário para a realização da investigação. Normalmente, faz-se uma apresentação genérica, identificando-se o número de meses necessário para a sua execução.

Nesse item, é importante deixar claro o corte de tempo em relação ao objeto em estudo (VASCONCELOS, 2002). Enquanto nos estudos transversais a coleta de dados acontece uma única vez no tempo (ou seja, os participantes respondem ou são examinados em dado momento), nos estudos longitudinais, a coleta de dados pressupõe algum tipo de seguimento dos participantes para respostas ou exames ao longo do tempo, podendo se subdividir em estudos prospectivos e retrospectivos (PEREIRA, 1999). Apesar de ser uma informação simples, é muito importante que seja apresentada. O detalhamento da duração da pesquisa é descrito no elemento “Cronograma”.

Local da pesquisa

O **local da pesquisa** é o item em que se apresenta a definição do campo onde se pretende realizar a pesquisa. Nesse item, costumamos apresentar o espaço da pesquisa, ou seja, a organização/instituição, a comunidade e as bases de dados, entre outros.

A escolha do local de pesquisa (ou dos locais) deve prever a descrição da localização geográfica, suas características físicas e serviços oferecidos (em se tratando de uma organização). Considerando que o local deve ser adequado para a investigar aquilo que se pretende (HANDDEM *et al.*, 2008), lembramos que, ao fazer qualquer seleção, é preciso esclarecer os motivos que levaram à escolha (MOZZINI *et al.*, 2014).

Por isso, é importante apresentar os motivos que o levaram a definir o local da sua investigação (DESLANDES, 2008).

População em estudo ou universo do estudo

Após a definição do local, apresenta-se a **população**³⁵ em estudo. Dependendo do tipo de investigação, substitui-se a palavra população por **universo do estudo** (esse é caso de investigações que têm como foco análise de organizações e de materiais já publicados, como documentos, estatísticas e publicações, dentre outros)³⁶.

³⁵ A palavra população possui sentidos distintos, entre os quais: “conjunto de indivíduos da mesma espécie que vivem numa mesma região” (FERREIRA, 2002, p. 545).

³⁶ A lógica do universo é a mesma, ou seja, apresentar o conjunto de onde serão retirados os elementos para o estudo.

Em pesquisa, o item população representa um conjunto de seres, animados ou não, que possuem característica(s) em comum. Assim, delimitar uma população em estudo significa definir as pessoas, os fenômenos ou as coisas que serão pesquisados, caracterizando-as em termos de variáveis diversas, como local de moradia, faixa etária, sexo, local de trabalho e outros (MARCONI; LAKATOS, 2011).

A população diz respeito a todas as pessoas de um cenário específico (como, por exemplo, de uma cidade, estado ou país) ou que possuam características definidas (como, por exemplo, uma idade ou uma doença) de interesse para a investigação (FLETCHER; FLETCHER, 2006). Dessa forma, também costuma ser denominada de “população elegível” da pesquisa.

Na definição da população/universo, deve-se descrever os motivos da opção, os quais devem ser condizentes com os objetivos da pesquisa (MOZZINI *et al.*, 2014). Vale ressaltar que a população de origem deve possibilitar o encontro das fontes de análise do estudo (DESLANDES, 2008).

Destacamos que a maioria dos projetos de pesquisa busca obter informações sobre características ou medidas referentes a uma população/universo, as quais podem ser obtidas de duas maneiras principais: por meio da realização de um censo (mediante exame de todos os indivíduos de uma determinada população/universo) ou da utilização de amostras (MARCONI; LAKATOS, 2011; ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Amostra

No projeto de pesquisa, a **amostra** é o item em que se define o subconjunto de instituições, pessoas, animais, plantas ou objetos a serem estudados (MOZZINI *et al.*, 2014), sendo eles provenientes da população ou universo (conjunto de elementos) previamente definidos. Assim, na definição de uma amostra, cada elemento tem uma chance de ser incluída no estudo, independentemente da técnica de amostragem a ser utilizada³⁷.

Amostras são utilizadas quando não se pretende ou não é possível estudar individualmente cada um dos elementos de uma população ou universo. Por exemplo: não há necessidade de examinar toda a água de uma lagoa para saber se existe poluição, nem questionar todos os eleitores de um país para saber sobre sua intenção de voto. Quando uma amostra é bem planejada, ela evita o viés da pesquisa e otimiza tempo, mão de obra e custos de uma investigação (VAUGHAN; MORROW, 2002).

Nesse processo, costumam ser definidos os critérios de inclusão e de exclusão dos elementos (seres animados ou não) na formação da população em estudo.

Entendemos por **critérios de inclusão** as variáveis ou características (condições) envolvidas que fazem com que um material ou indivíduo seja participante da pesquisa.

Os **critérios de exclusão**, por sua vez, representam as variáveis ou as características que impossibilitam um material ou indivíduo de participar da investigação. Ou seja, as condições que

³⁷ Para mais informações, consultar o capítulo “Terceira pitada de teoria: conhecendo os procedimentos de coleta e análise de dados da pesquisa científica”.

o retirariam se este preenchesse os critérios de inclusão. Nesse sentido, não podem ser uma negativa dos critérios de inclusão (apenas contradição).

Para a definição do tamanho da amostra, devem ser considerados, entre outros, os seguintes fatores: a) a natureza ou tipo de pesquisa; b) a relevância da decisão: quanto mais importante a decisão a ser recomendada com a realização da pesquisa, menor deve ser a margem de erro; c) o tamanho das amostras utilizadas em pesquisas similares; d) a quantidade de recursos disponível para realizar a pesquisa; e) a taxa de resposta ou de preenchimento (em algumas pesquisas, há uma grande taxa de não resposta) (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Pesquisas que utilizam dados qualitativos normalmente empregam amostras pequenas (sujeitos incluídos na pesquisa ou grupo em estudo) por trabalharem com representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes das pessoas. Nesse caso, muitas vezes, opta-se por definir o número de sujeitos por inclusão progressiva (sem demarcar em princípio o número de participantes). O momento de parar de acrescentar novos sujeitos se dá por meio do critério de saturação (DESLANDES, 2008).

Já pesquisas que se pretendem conclusivas, como as descritivas, exigem amostras maiores. Ou seja, quando serão coletados dados sobre grande número de variáveis, é necessário amostras maiores (assim, erros de amostragem por meio de variáveis ficam reduzidos) (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Existem dois tipos principais de amostras: a) as amostras não probabilísticas, que não utilizam da aleatoriedade e envolvem algum tipo de conveniência para sua definição; e b) as amostras probabilísticas, em que cada elemento do conjunto tem

probabilidade de ser selecionado (DESLANDES, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2011; MOZZINI *et al.*, 2014; ZAMBERLAN *et al.*, 2014). Nesse sentido, existem diferentes amostras probabilísticas: aleatória simples; estratificada; sistemática e por conglomerados (VAUGHAN; MORROW, 2002)³⁸.

A seleção da amostra segue alguns passos: a) definir quem será pesquisado (ou seja, diz respeito à especificação da população-alvo); b) determinar a técnica de amostragem (probabilística ou não probabilística); c) estabelecer o tamanho da amostra (ou seja, o número de elementos a serem englobados na pesquisa); e d) executar a amostragem (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

Coleta dos dados

No item **coleta dos dados**, são apresentados os procedimentos, as técnicas e os instrumentos que serão utilizados para a busca de dados da investigação científica. Dessa forma, coletar dados significa obter informações sobre o fato ou o fenômeno estudado (RUDIO, 2014).

Os **procedimentos** para a coleta de dados são variados e envolvem desde aqueles prévios à coleta de dados (tais como contato com organizações para solicitação de autorização), aqueles no momento da coleta de dados (por exemplo, como serão conduzidos exames, aplicação de questionários etc.) e após a coleta (retorno das informações para participantes etc.) (ZAMBERLAN *et al.*, 2014).

³⁸ Para saber mais, indicamos a consulta a livros de Estatística e Bioestatística.

Nesse sentido, no projeto de pesquisa, é importante esclarecer onde e como será realizada a coleta de dados, descrevendo em quais locais e a forma de abordagem dos participantes, caso sejam pessoas ou animais.

As **técnicas de pesquisa** se referem aos procedimentos que operacionalizam o método previamente definido, mediante emprego de instrumentos apropriados. As técnicas podem buscar, basicamente, dois tipos de dados: a) dados primários, quando o pesquisador produz os dados em interação direta com os sujeitos, como em entrevistas, observações, questionários; e b) dados secundários, quando a busca se dá em acervos já existentes, tais como documentos, bancos de dados, revistas, jornais, coleções de artefatos (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

As técnicas ilustram modos de proceder para realizar a coleta de informações em determinada pesquisa. São exemplos de técnicas de pesquisa: entrevista, grupo focal, observação participante, análise documental, análise bibliográfica e *survey*, entre outros. Cada uma delas deve ser conduzida de modo diverso (DESLANDES, 2008; VASCONCELOS, 2002).

Os **instrumentos de pesquisa**, por sua vez, são variados e englobam os recursos propriamente utilizados para o registro dos dados. Muitas vezes, o pesquisador já dispõe de instrumentos validados, isto é, previamente testados e aplicados por outros pesquisadores em investigações com temáticas semelhantes. Contudo, dependendo do objeto em estudo, pode ser necessário construir o próprio instrumento.

Entre as características desejáveis e imprescindíveis para um instrumento de pesquisa, estão a validade e a fidedignidade: a validade diz respeito à capacidade de o instrumento medir aquilo

que ele pretende medir; a fidedignidade, por sua vez, significa que quando o instrumento é aplicado para uma mesma amostra ele oferece os mesmos resultados (RUDIO, 2014).

São exemplos de instrumentos de pesquisa: tópicos de entrevistas, questionários, formulários, testes ou escalas de medidas de opinião e atitudes, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 2011; RUDIO, 2014).

No seu projeto de pesquisa, é importante descrever em detalhes os instrumentos a serem utilizados (qual sua fonte/origem, como estão organizados, quais as variáveis envolvidas, o número e tipo de questões ou perguntas etc.). Além disso, você deve inserir a versão na íntegra desses instrumentos na seção “Apêndices” (caso construído especificamente para a investigação) ou “Anexos” (caso seja um instrumento já validado).

Variáveis em estudo

No item **variáveis em estudo**, fazemos a apresentação das variáveis que serão úteis para a análise final da pesquisa. Entende-se por variável toda característica que pode assumir valores distintos (não são constantes) e sobre a qual se coletam dados em uma investigação (VAUGHAN; MORROW, 2002). Assim, representa uma classificação ou medida, uma quantidade que varia e que é possível de mensuração (LAKATOS; MARCONI, 1988).

As variáveis são selecionadas de acordo com sua relevância para o estudo, relacionam-se com os desfechos esperados e podem ser medidas por meio de números (por exemplo, idade, peso) ou de categorias (tais como presença ou ausência de doença). Elas podem ser classificadas em: a) quantitativas:

eminentemente numéricas, como, por exemplo, idade e taxa de mortalidade; e b) qualitativas: embora todas sejam processadas numericamente, expressam qualidades, tais como grupo étnico e cor dos olhos (VAUGHAN; MORROW, 2002).

Elas precisam ser definidas claramente para evitar distorções de interpretação (o que um chama de “resfriado comum”, pode ser interpretado por outro como “gripe”) (VAUGHAN; MORROW, 2002). Frequentemente, as variáveis em estudo são apresentadas por intermédio de um modelo de análise, em que se estabelece a influência do comportamento de uma ou mais variáveis sobre um determinado fato ou fenômeno. Por exemplo, o nível de escolaridade de um indivíduo (variável) pode influenciar no seu nível de informação sobre suas condições de saúde.

Análise dos dados

Por fim, no item **análise dos dados**, fazemos a descrição dos procedimentos que serão utilizados para o processamento dos dados em informações de pesquisa (MOZZINI *et al.*, 2014). Para tanto, devemos especificar qual tipo de análise será desenvolvida em função do tipo de dados coletados (quantitativos e qualitativos), bem como de suas formas de integração (VASCONCELOS, 2002).

Previamente à análise, deve-se construir o banco de dados da investigação, sendo esse o local onde o pesquisador faz a primeira organização dos dados e informações coletados. Deve-se informar onde o banco será construído, seja ele um processador

de texto, de planilhas ou *softwares* específicos para dados qualitativos ou quantitativos.

Existem diferentes procedimentos para a análise de dados, dependendo do tipo e abordagem da investigação (MOZZINI *et al.*, 2014). Em pesquisas quantitativas, podem ser utilizadas análises de conteúdo, de discurso, de narrativa, argumentativa e semiótica, entre outras (DESLANDES, 2008). Em pesquisas quantitativas utilizam-se análises estatísticas descritivas ou inferenciais, por meio de variados tipos de testes estatísticos (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Em função disso, nesse item, devemos prever o tipo de tratamento a ser realizado, quais os seus fundamentos, indicações, se será utilizado algum programa estatístico ou *software*, se haverá algum tipo de suporte de profissionais especializados, quais as medidas e formas de apresentação dos achados, bem como os critérios para a interpretação dos resultados (caso existam).

Tais procedimentos precisam ser descritos minuciosamente, deixando claro o processo de interpretação que será adotado no seu projeto de pesquisa. Esse aspecto é muito importante, uma vez que, por meio da análise dos dados, são produzidas inferências explicativas ou descrições dos fatos e fenômenos que você estudará (DESLANDES, 2008).

Nos “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para a seção de método e materiais.

Ingrediente 16 – Questões éticas

A seção questões éticas (também chamada de aspectos éticos, aspectos bioéticos e outros) trata dos preceitos éticos

envolvidos na pesquisa científica³⁹. Nesse sentido, reforçamos que a atividade científica, seja ela realizada com pessoas, animais ou meio ambiente, deve ser pautada por princípios éticos, tendo como baliza o discernimento entre aquelas ações que não devem ser praticadas e aquelas que precisam ser praticadas na consecução da investigação⁴⁰.

Para ajudar o pesquisador nessa tarefa, existem entidades, órgãos e resoluções que normatizam a defesa dos interesses, integridade e dignidade das pessoas ou animais que participarão de pesquisa no país. É importante saber, então, que toda pesquisa que tenha um desses participantes deverá ser apreciada por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ou Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA), os quais são responsáveis por julgar suas implicações éticas⁴¹.

Contudo, se seu estudo tiver outras fontes de informação (como materiais já publicados, documentos etc.), verifique a necessidade de ter essa seção no projeto de pesquisa.

Nessa seção, deve-se esclarecer sobre a observância aos preceitos éticos da pesquisa, abordando questões como as

³⁹ Dependendo das normas de sua instituição, pode ser criada uma seção à parte para as “questões éticas” ou inseri-las na seção “método e materiais”.

⁴⁰ Vale lembrar que a redação de um projeto de pesquisa também deve ter o compromisso de não ferir a ética da elaboração de textos científicos. Nesse sentido, são considerados comportamentos antiéticos, por exemplo, a prática de plágio e a fraude (DESLANDES, 2008).

⁴¹ Para pesquisas com seres humanos, devem-se observar as diretrizes e as normas regulamentadoras da Resolução MS/CNS nº 466/2012. Já para pesquisas envolvendo animais, deve-se atentar para as disposições da Lei nº 11.794/2008 (que trata dos procedimentos para uso científico de animais) e para as resoluções específicas, sejam elas de um CEUA ou do IBAMA (animais silvestres).

autorizações institucionais para a realização da pesquisa, bem como à observância, em caso de pesquisas com seres humanos⁴², aos princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Em termos operacionais, devem-se pontuar: a) o direito à informação e a garantia de liberdade de escolha em participar ou não da pesquisa: os participantes devem estar cientes dos procedimentos de pesquisa, dos possíveis riscos e danos e assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴³; b) os benefícios que serão gerados; c) os possíveis riscos na participação, os meios que serão adotados para a minimização dos riscos e as garantidas de cessação da pesquisa em caso de prejuízos; d) a relevância da pesquisa e a minimização do ônus para os mais vulneráveis; e) garantias de sigilo e anonimato das informações disponibilizadas.

⁴² Pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à avaliação de um CEP por meio do Sistema Plataforma Brasil, um sistema eletrônico criado pelo Ministério da Saúde para gerenciar os trâmites dos projetos de pesquisa envolvendo seres humanos no país.

⁴³ O TALE é o “documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais”. O TCLE, por sua vez é “documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar” (BRASIL, 2013).

Para submeter um projeto de pesquisa à avaliação do CEP, via Sistema Plataforma Brasil, é necessário coletar e estruturar as seguintes informações:

- Resumo do projeto;
- Palavras-chave;
- Introdução;
- Hipóteses;
- Objetivo geral;
- Objetivos específicos;
- Metodologia;
- Critérios de inclusão dos participantes;
- Critérios de exclusão dos participantes;
- Riscos da pesquisa;
- Benefícios da pesquisa;
- Tamanho da amostra;
- Cronograma de pesquisa;
- Orçamento de pesquisa.

Além disso, os seguintes documentos devem ser digitalizados e anexados na Plataforma Brasil:

- Autorização para a realização da pesquisa (do responsável do local onde a pesquisa será realizada);
- TCLE;
- TALE (para participantes menores de 18 anos, quando necessário);
- Instrumentos de coleta de dados (fichas clínicas, questionários e outros).

No projeto de pesquisa, as autorizações para a realização da pesquisa costumam ser inseridas na seção “Anexos”. Já os TALE e o TCLE são inseridos na seção “Apêndices”. Os instrumentos a serem utilizados para a coleta de dados poderão ser inseridos em Apêndices (se construídos) ou em Anexos (se já validados e utilizados por outros pesquisadores).

Na seção “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para as questões éticas.

Ingrediente 17 – Produtos e resultados esperados

Na seção produtos e resultados esperados, listam-se os produtos (objetos, materiais e atividades) a serem elaborados/construídos em função da execução do projeto de pesquisa, bem como seus resultados para a problemática ou área do conhecimento em questão.

Lembramos que os produtos representam os efeitos imediatos da pesquisa (o que fica palpável e observável), como, por exemplo: cartilhas, equipamentos, máquinas, relatórios etc. Os resultados, por sua vez, referem-se aos impactos desses produtos, tais como: aumento do nível de informação sobre o assunto, otimização de recursos no processo de fabricação de uma tecnologia, aprimoramento da gestão organizacional, melhoria dos indicadores de saúde de uma dada população.

Dessa forma, essa seção responde à seguinte questão do projeto de pesquisa: “O que pode gerar?”. Os produtos e resultados costumam ser elencados em tópicos e têm grande importância na

avaliação do mérito de pesquisas, especialmente quando se busca algum tipo de financiamento junto às agências e instituições.

Nos “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para a seção de produtos e resultados.

Ingrediente 18 – Cronograma

O item cronograma apresenta todas as fases e tarefas da pesquisa no transcorrer do tempo disponível (CERVO; BERVIAN, 1981). Dessa forma, faz uma estimativa, o mais viável possível, do tempo necessário para a realização de cada etapa da pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008). Ele responde à questão “Por quanto tempo?” do projeto (MARCONI; LAKATOS, 2011).

O cronograma possibilita o acompanhamento dos andamentos da investigação pelos pesquisadores (COSTA; CARDIM, 2008). Embora possa sofrer alterações ao longo da pesquisa, precisa ser seguido criteriosamente para que o estudo seja realizado dentro dos prazos definidos. Assim, deve levar em consideração, entre outras coisas, o número de dias letivos, a data de finalização e a viabilidade de execução da pesquisa (BARROS; JUNQUEIRA, 2005).

Geralmente, o cronograma é apresentado em um quadro, no qual, nas linhas, elencam-se as tarefas ou as atividades e, nas colunas, o tempo em que elas serão realizadas (meses) (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014). Vale destacar que uma ou mais atividades de pesquisa poderão ser realizadas simultaneamente (MOZZINI *et al.*, 2014) e que deve ser previsto o espaço de tempo para a redação final, devendo essas informações

ser devidamente registradas no cronograma (DESLANDES, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2011; SEVERINO, 2007).

Na seção “Acompanhamentos”, apresentamos um *template* para o cronograma.

Ingrediente 19 – Orçamento

O orçamento é a seção do projeto em que se descreve a previsão de custos da pesquisa, em função da necessidade de materiais permanentes, de consumo, recursos humanos, serviços de terceiros e outros (COSTA; CARDIM, 2008). Ele responde à questão: “Com que recursos?” (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Para os projetos em que se solicita financiamento de agências de fomento à pesquisa, é preciso que o orçamento seja bem detalhado (MOZZINI *et al.*, 2014). Mesmo que não seja pleiteado financiamento externo, esse é um elemento de grande importância do projeto. Nesse caso, você informará que a pesquisa será custeada sem financiamento externo ou com financiamento próprio (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

Existem diferentes formatos para a apresentação do orçamento. Contudo, é comum dividi-lo em dois tipos básicos de gastos: com pessoal e com material (MARCONI; LAKATOS, 2011).

O custo pessoal engloba gastos com coordenação da pesquisa, pesquisadores de campo, programadores de computação, estatísticos e outros (podem ser globais, mensais, semanais ou hora/atividade). O custo com material, por sua vez, diz respeito a elementos permanentes (computadores, equipamentos diversos, calculadoras, máquinas fotográficas etc.) ou elementos consumidos na realização da pesquisa (papel, lápis,

canetas, fotocópias, impressões, encadernações etc.) (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Geralmente, o orçamento é apresentado em um quadro, em que, nas linhas elencam-se os itens o que compõem e, nas colunas, os valores unitários e totais de cada item orçado, considerando as especificações e preços vigentes no mercado (MOZZINI *et al.*, 2014). É preciso seguir as orientações de cada instituição na elaboração do orçamento.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de orçamento de pesquisa.

Ingrediente 20 – Lista de Referências

Muitas fontes são utilizadas na elaboração de um projeto de pesquisa, entre elas: a) livros; b) capítulos de livros; c) artigos de revistas científicas; d) revistas leigas; e) jornais; f) documentos oficiais; g) informações pessoais; h) teses; i) dissertações; j) monografias; k) textos não publicados; l) bancos de dados, entre outras (DESLANDES, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

Na lista de referências, primeiro elemento pós-textual do projeto de pesquisa, são elencados todos os documentos (fontes) utilizados e citados ao longo do seu projeto. Ela responde à seguinte questão do projeto: “A partir de quais fontes?”.

A elaboração dessa lista possibilita ao(à) leitor(a) ampliar seus conhecimentos por meio da busca das indicações feitas (SEVERINO, 2007) e permite recuperar e confrontar os dados apresentados (COSTA; CARDIM, 2008).

Essa lista deve ser elaborada a partir da observação das normas solicitadas pela sua instituição. Geralmente, cada

instituição opta por seguir uma normalização específica, entre as quais, estão as normas: ABNT; *American Psychological Association* (APA); *American Medical Association* (AMA); Chicago (CMS); Harvard; Turabian; Vancouver, entre outras.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* de lista de referências.

Ingrediente 21 – Apêndices

Na seção de apêndices, são elencados os textos ou os documentos elaborados pelo(s) autor(es) do projeto, de maneira a complementar sua exposição/argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho (ABNT, 2011; COSTA; CARDIM, 2008; MOZZINI *et al.*, 2014).

Esses materiais costumam ser listados de forma individual e sequencial, de acordo com a ordem a que se referem no corpo do projeto de pesquisa.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* para os apêndices.

Ingrediente 22 – Anexos

Na seção de anexos, são incluídos os textos ou os documentos não elaborados pelo(s) autores, que servem de fundamentação, comprovação e ilustração para o projeto de pesquisa (ABNT, 2011; MOZZINI *et al.*, 2014). Entre eles, estão autorizações, fotos, tabelas, mapas, formulários, questionários e roteiros de entrevistas (COSTA; CARDIM, 2008).

Esses materiais colaboram para tornar mais claro o conteúdo do corpo do projeto de pesquisa (VASCONCELOS, 2002).

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos um *template* para os anexos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BARROS, A. T.; JUNQUEIRA, R. D. A elaboração do projeto de pesquisa. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 32-50.

BRASIL. Lei nº 11.794, de 8 de outubro de 2008. Regulamenta o inciso VII do § 1º do Art. 225 da Constituição Federal, estabelecendo procedimentos para o uso científico de animais; revoga a Lei nº 6.638, de 8 de maio de 1979; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 145, n. 196, p. 1-3, 9 out. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111794.htm. Acesso em: 16 out 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 112, p. 59-62, 13 jun. 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 17 jul. 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

COSTA, M. A.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSTA, M. M.; CARDIM, M. G. Projeto de pesquisa: como fazer. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 73-90.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 790p.

FLETCHER, R. H; FLETCHER, S. W. **Epidemiologia clínica**: elementos essenciais. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

HANDEM, P. C. *et al.* Metodologia: interpretando autores. *In:* FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 91-118.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos**. Tapera: Lew Editora, 2014.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa científica. *In:* GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VAUGHAN J. P.; MORROW, R. H. **Epidemiologia para Municípios**: manual para gerenciamento dos distritos sanitários. São Paulo: HUCITEC, 2002.

ZAMBERLAN, L. *et al.* **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.



SEXTA PITADA DE TEORIA: APRESENTANDO AS CITAÇÕES

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Conforme já vimos, para elaborar um projeto de pesquisa, precisamos acessar e utilizar dados e informações de várias fontes bibliográficas: livros, capítulos, manuais, dicionários, revistas e jornais correntes, documentos, *sites*, artigos científicos etc. Para isso, podemos ir a bibliotecas, centros de documentação e instituições ou acessar bibliotecas de universidades e bases de dados do mundo inteiro por meio da Internet.

Uma vez realizadas as buscas e leituras das fontes bibliográficas, é hora de documentar as informações por intermédio do fichamento (ou de, pelo menos, ter sublinhado/destacado essas informações nos textos previamente lidos). Depois, você deverá inserir as informações no texto do seu projeto, fazendo uso das citações.

Nessa parte, abordaremos o assunto “citações”, de modo que você possa utilizá-las no seu projeto. Pretendemos trazer as informações básicas sobre o assunto, tendo por base a Norma ABNT NBR 10520 (2002). Você sempre poderá consultar essa norma ou o manual de normalização de trabalhos acadêmicos da sua instituição caso queira saber mais.

1 O que são e qual a finalidade das citações?

Citação é a “menção de uma informação extraída de outra fonte” (ABNT, 2002, p. 1). Isso significa que toda vez que utilizarmos alguma informação proveniente de qualquer fonte bibliográfica previamente consultada (livro, capítulo, artigo científico, *website* etc.) no nosso projeto de pesquisa, deveremos usar citações. Assim, deixaremos claro que aquela ideia ou informação “não saiu da nossa cabeça”, fazendo os “devidos créditos ao autor”.

O uso de citações tem como finalidades: a) conferir rigor científico ao texto; b) comprovar a veracidade das informações; c) respeitar os aspectos éticos da escrita científica (ao não plagiar); d) demonstrar esforços do pesquisador em trazer informações relevantes e atualizadas sobre a temática; e) indicar referências para o aprofundamento do tema (MOZZINI *et al.*, 2014).

Vale lembrar, portanto, que, ao apresentar adequadamente as citações, “os argumentos usados possuem sustentação em outras pesquisas e outros autores” (DMITRUK, 2012, p. 94). Isso traz credibilidade científica ao seu projeto de pesquisa.

2 Tipos de citações: direta, indireta, citação de citação

Podemos dizer que, em linhas gerais, existem três “tipos” de citações: a) citação direta; b) citação indireta; e c) citação de citação.

A **citação direta** é aquela em que há “transcrição textual de parte da obra do autor consultado” (ABNT, 2002, p. 2). Ou seja,

quando “copiamos” e “colamos” a informação da fonte original no nosso projeto de pesquisa.

Normalmente, a citação direta é utilizada para apresentar definições, trechos de legislações ou outras informações em que é importante que sejam transcritas literalmente (*ipsis litteris*). Contudo, de modo geral, sugerimos que não seja usada em demasia, para evitar que o trabalho fique uma “colcha de retalhos”, o que demonstra certa “preguiça intelectual”.

Já a **citação indireta** é aquela em que temos um “texto baseado na obra do autor consultado” (ABNT, 2002, p. 2). Isso quer dizer que usamos a “ideia/concepção” do autor previamente consultado no nosso projeto de pesquisa. Ou seja, “lemos”, “compreendemos”, “sintetizamos” e “escrevemos” a ideia/informação com nossas próprias palavras.

A citação indireta é muito utilizada em projetos de pesquisa, justamente para evitar aquelas “colchas de retalhos” que resultam do “copia e cola” no texto. Muitas vezes, por exemplo, lemos um livro inteiro e sintetizamos a ideia que precisamos usar no projeto de pesquisa em uma ou duas frases. Realizar citações indiretas significa que você compreendeu e articulou as ideias e informações necessárias, demonstrando “maturidade intelectual”.

Por fim, a **citação de citação** é aquela em que fazemos uma “citação direta ou indireta de um texto em que não se teve acesso ao original” (ABNT, 2002, p. 2). Isso significa que usamos uma ideia/concepção de um autor a partir de sua identificação em documento de outro autor (que não o original). Para fazermos essa

sinalização, utilizamos o “apud”⁴⁴, expressão latina que significa “citado por, conforme, segundo” (ABNT, 2002, p. 6).

Em uma citação de citação, identificamos, usamos e apresentamos uma informação que não tivemos acesso ao autor que a escreveu. Por exemplo, ao lermos um artigo científico publicado em 2020, identificamos uma definição de um autor de 1960 que será útil e a mencionamos no projeto de pesquisa. Entretanto, por motivos diversos, não conseguiremos acessar o documento da década de 1960. Nesse caso, devemos deixar claro que obtivemos a informação a partir de outro autor/documento, por meio do “apud”.

Em função disso, recomendamos que a citação de citação seja utilizada com parcimônia, restringindo-se aos casos muito necessários, por dois motivos principais: a) para evitar o “telefone sem fio” (a informação final pode ser muito diferente daquilo que o autor original publicou); e b) para não caracterizar “preguiça intelectual”.

3 Localização das citações

As citações podem ser apresentadas de duas formas, basicamente: a) no corpo do texto; e b) como notas de rodapé (ABNT, 2002).

Mais frequentemente, usamos citações diretamente do texto, pois nem sempre um projeto de pesquisa irá apresentar notas de rodapé. Essas notas são aquelas que ficam no final da

⁴⁴ Não há necessidade de uso de itálico na expressão de acordo com a ABNT NBR 10520 (2002).

página, separadas do texto a que se relacionam por um “traço” (filete)⁴⁵.

As notas de rodapé, por sua vez, podem ser de dois tipos: a) **notas explicativas**: aquelas que são usadas para apresentar explicações, comentários e esclarecimentos que não possam ser incluídos no texto; e b) **notas de referência**: aquelas que têm como intuito principal indicar documentos consultados, informar sobre outras partes nos quais o assunto foi abordado e, também, sugerir fontes de leitura (ABNT, 2002).

4 Sistema de chamada das citações

O sistema de chamada é usado para a apresentação das citações no documento. Ele pode ser dois tipos: a) Sistema autor-data; e b) Sistema numérico.

O **sistema autor-data**, como o próprio nome indica, é aquele em a citação é apresentada usando informações do autor (pessoa física ou entidade) e da data de publicação (ano). Esse é o sistema usado quando o trabalho segue as “Normas da ABNT”.

Por exemplo:

Os docentes acreditam que o cirurgião-dentista egresso esteja recebendo uma ótima formação científica e técnica (LUCIETTO, 2005).

Atentar para:

a) Os elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação);

⁴⁵ De acordo com a ABNT NBR 10520 (2002), as notas de rodapé devem apresentar forma de apresentação específica. (Este é um exemplo de nota de rodapé).

b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

O **sistema numérico**, por sua vez, é aquele em que fonte é indicada por meio de números arábicos, de forma sequencial, remetendo-os à lista de referências. A numeração deve ser única e consecutiva, e cada número deve corresponder a uma referência na mesma ordem em que aparece no texto (ABNT, 2002).

Esse sistema é bastante usado na área da saúde, como nas “Normas Vancouver”, elaborado pelo Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas. Segundo a ABNT (2002), esse sistema não deve ser usado quando existem notas de rodapé.

Por exemplo:

Os docentes acreditam que o cirurgião-dentista egresso esteja recebendo uma ótima formação científica e técnica (15).

Atentar para:

- a) O elemento numérico dentro dos parênteses – nesse caso, escrito com mesma fonte e tamanho;
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Ou:

Os docentes acreditam que o cirurgião-dentista egresso esteja recebendo uma ótima formação científica e técnica¹⁵.

Atentar para:

- a) O elemento numérico fora dos parênteses – nesse caso, escrito com mesma fonte, porém com tamanho menor e sobrescrito;
- b) O ponto final da frase após parênteses número.

Vale ressaltar que, independentemente do sistema, aquele que for escolhido deve ser seguido durante todo o trabalho (ou

seja, não se deve “misturar” o sistema autor-data e o sistema numérico num mesmo documento). Além disso, ele deve permitir sua correlação na lista de referências e/ou em notas de rodapé (ABNT, 2002).

5 Forma de apresentação das citações quanto ao sistema de chamada

A forma de apresentação das citações varia de acordo com o sistema de chamada e tipo de citação⁴⁶.

Segundo a ABNT NBR 10520 (2002), as informações sobre autor e data podem ser inseridas no **corpo da frase** ou **após a citação**, no final. Também, essas informações podem se referir a citação direta, indireta ou citação de citação.

Quando a informação sobre o autor-data fizer parte da sentença (frase), ela segue o padrão de escrita da língua portuguesa. Nesse caso, será apresentada em **letras maiúsculas e minúsculas, seguida da data (ano) de publicação entre parênteses**.

Por exemplo:

De acordo com Lucietto (2005), os estágios em âmbito multiprofissional no Sistema Único de Saúde são importantes na formação dos estudantes de Odontologia.

Atentar para:

- a) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);
- b) O elemento dentro dos parênteses: ano da publicação.

⁴⁶ Abordaremos exemplos mais comuns a partir das Normas da ABNT NBR 10520 (2002).

A outra possibilidade é que as informações sobre autor e data não sejam incluídas no texto, sendo apresentadas após o final da frase. Nesse caso, devem ser apresentadas em **letras maiúsculas, entre parênteses**.

Por exemplo:

Os estágios em âmbito multiprofissional no Sistema Único de Saúde são importantes na formação dos estudantes de Odontologia (LUCIETTO, 2005).

Atentar para:

- a) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação;
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

6 Forma de apresentação das citações diretas

No texto, as **citações diretas de até três linhas** devem ser inseridas entre aspas duplas (aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação). Também, deve-se especificar informações sobre autor, data (ano) de publicação e página do documento original em que se encontra a informação.

Por exemplo:

Dessa forma, “outros campos do saber não odontológicos podem contribuir com seus conhecimentos e ferramentas de modo a aprimorar as práticas coletivas de saúde bucal na esfera pública” (LUCIETTO, 2012, p. 25).

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado *ipsis litteris*;

- c) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- d) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Ou

Segundo Lucietto (2012, p. 25) “outros campos do saber não odontológicos podem contribuir com seus conhecimentos e ferramentas de modo a aprimorar as práticas coletivas de saúde bucal na esfera pública”.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- c) A forma de apresentação da autoria ((letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);
- d) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- e) O ponto final da frase após o fechamento das aspas duplas.

No texto, a **citação direta com mais de três linhas** deve ser separada do texto a antecede e sucede e ser destacada com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado⁴⁷ e sem aspas. Também, especificar informações sobre autor, data (ano) de publicação e página do documento original onde se encontra a informação.

Por exemplo:

⁴⁷ Normalmente, usa-se tamanho 12 no texto, e nas citações diretas com mais de três linhas e notas, usa-se tamanho 10.

Diante dos grandes desafios que se colocam à formação dos estudantes em tempos de SUS, fica evidente que

[...] a Odontologia, de modo isolado, embora revestida de importantes contribuições para uma prática clínica cientificamente embasada e tecnicamente resolutive, não tem se mostrado autossuficiente para pensar e para propor métodos de intervenção sobre o complexo processo saúde-doença bucal em âmbito comunitário (LUCIETTO, 2012, p. 25).

Dessa forma, outros campos do saber não odontológicos podem contribuir com seus conhecimentos e ferramentas de modo a aprimorar as práticas coletivas de saúde bucal na esfera pública.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) A citação direta com mais de três linhas está separada do texto que a antecede e sucede;
- c) A escrita segue a ideia do parágrafo (é como se tirássemos as aspas duplas, apenas);
- d) O tamanho da fonte da citação é menor que a do texto que a antecede e sucede;
- e) Não existem aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- f) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- g) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

7 Forma de apresentação das citações indiretas

No texto, as **citações indiretas** devem ser apresentadas a partir de informações sobre o autor e data (ano) de publicação. A página do documento original no qual se encontra a informação é opcional.

Normalmente, não utilizamos a indicação dessa página na apresentação da citação indireta, por dois motivos: a) para diferenciar da forma de apresentação da citação direta; b) porque uma citação indireta pode expressar a síntese de um documento inteiro, não sendo possível localizá-la com exatidão.

Por exemplo:

O professor pode tanto incentivar o estudante na construção de uma visão crítica da realidade e da sociedade em que está inserido quanto, até mesmo, desestimulá-lo ao adotar determinada postura ou forma de transmitir as informações e de desenvolver suas atividades na formação odontológica (LUCIETTO, 2012).

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado após leitura, interpretação e reescrita (paráfrase) do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação;
- c) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Ou:

Em conformidade com Lucietto (2012), o professor pode tanto incentivar o estudante na construção de uma visão crítica

da realidade e da sociedade em que está inserido quanto, até mesmo, desestimulá-lo ao adotar determinada postura ou forma de transmitir as informações e de desenvolver suas atividades na formação odontológica.

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado após leitura, interpretação e reescrita (paráfrase) do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);
- c) A data (ano) da publicação entre parênteses inserida na sentença.

8 Forma de apresentação de citações de citações

No texto, as **citações de citações** devem ser informadas seguindo a forma de apresentação das citações diretas ou indiretas (dependendo de a qual tipo se refere). Contudo, acrescenta-se o “apud” (“citado por”, “conforme”, “segundo”) na apresentação da autoria, de modo esclarecer que não se teve acesso ao documento original.

São exemplos de citação de citação a partir de transcrição literal de parte do texto (citação direta):

Fica evidente, então, que há de “se pensar na formação de cirurgiões-dentistas dotados de múltiplas sensibilidades para perceber e lidar com o adoecimento e o sofrimento alheio” (ALENCAR, 1975, p. 216 apud LUCIETTO, 2020, p. 20).

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado considerando a informação de Alencar (1975). Contudo, essa informação foi localizada no documento de Lucietto, publicado posteriormente, em 2020;

- b) Os elementos dentro dos parênteses: autor original em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do original / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original / apud / autor consultado em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do documento consultado / número da página de onde foi retirada a informação no documento consultado);
- c) Na apresentação da autoria, primeiro, aparece o autor original (data anterior). Depois, o autor consultado (data mais recente);
- d) A expressão apud não é grifada é itálico segundo a NBR 10520 (2002). Contudo, deve-se seguir as normas da sua instituição.

Ou:

Por conseguinte, na perspectiva adotada por Alencar (1975, p. 216 apud LUCIETTO, 2020, p. 20), “há que se pensar na formação de cirurgiões-dentistas dotados de múltiplas sensibilidades para perceber e lidar com o adoecimento e o sofrimento alheio”.

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado considerando a informação de Alencar (1975). Contudo, essa informação foi localizada em outro documento de Lucietto, publicado posteriormente, em 2020;
- b) A escrita do autor original segue a normas da língua portuguesa (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);
- c) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação do original / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original / apud / autor consultado em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do documento consultado / número da página de onde foi retirada a informação no documento consultado);
- d) Na apresentação da autoria, primeiro, aparece o autor original (data anterior). Depois, o autor consultado (data mais recente);

e) A expressão *apud* não é grifada é itálico segundo a NBR 10520 (2002). Contudo, deve-se seguir as normas da sua instituição.

São exemplos de citação de citação a partir de paráfrase de texto (citação indireta):

A partir do século XVIII, na França, a vaidade impulsionou a reposição dos dentes faltantes (CARVALHO, 2003 *apud* LUCIETTO, 2020).

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado considerando a informação de Carvalho (cujo documento foi publicado em 2003). Contudo, essa informação foi localizada no documento de Lucietto, publicado posteriormente, em 2020. Não houve acesso à informação original de Carvalho (2003);
- b) Os elementos dentro dos parênteses: autor original em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do original / *apud* / autor consultado em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do documento consultado (se trata de citação indireta);
- c) Na apresentação da autoria, primeiro, aparece o autor original (data anterior). Depois, o autor consultado (data mais recente);
- d) A expressão *apud* não é grifada é itálico segundo a NBR 10520 (2002). Contudo, deve-se seguir as normas da sua instituição.

Ou:

Segundo Carvalho (2003 *apud* LUCIETTO, 2020), a partir do século XVIII, na França, a vaidade impulsionou a reposição dos dentes faltantes.

Atentar para:

- a) O texto apresentado foi elaborado considerando a informação de Carvalho (cujo documento foi publicado em 2003). Contudo, essa informação foi localizada no documento de Lucietto, publicado

posteriormente, em 2020. Não houve acesso à informação original de Carvalho (2003);

b) A escrita do autor original segue a normas da língua portuguesa (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);

c) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação do original / apud / autor consultado em letras maiúsculas / vírgula / data (ano) da publicação do documento consultado;

d) Na apresentação da autoria, primeiro, aparece o autor original (data anterior). Depois, o autor consultado (data mais recente);

e) A expressão apud não é grifada é itálico segundo a NBR 10520 (2002). Contudo, deve-se seguir as normas da sua instituição.

9 Forma de apresentação das citações quanto a supressões, comentários, ênfase e texto traduzido

Supressões de partes do texto devem ser informadas por meio do uso de reticências entre colchetes [...].

Por exemplo:

Diante dos grandes desafios que se colocam à formação dos estudantes em tempos de SUS, “a Odontologia [...] não tem se mostrado autossuficiente para pensar e para propor métodos de intervenção sobre o complexo processo saúde-doença bucal em âmbito comunitário” (LUCIETTO, 2012, p. 25).

Atentar para:

a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;

b) A supressão de parte da citação direta está representada por [...];

c) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação /

vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
 d) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Caso sejam usados acréscimos, interpolações ou comentários na citação, devem-se usar colchetes [], com a informação no seu interior.

Por exemplo:

Dessa maneira, “fomenta a adoção de ações interdisciplinares [visando à transdisciplinaridade], multiprofissionais e intersetoriais que extrapolem o campo da saúde bucal” (LUCIETTO, 2012, p. 25).

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) O acréscimo de parte da citação direta está representado entre os colchetes [];
- c) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- d) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Para enfatizar trechos em uma citação, deve-se destacá-los indicando a ênfase por meio da expressão “grifo nosso” entre parênteses, após a chamada da citação, ou “grifo do autor” caso o destaque já faça parte da obra consultada.

Por exemplo:

Diante dos grandes desafios que se colocam à formação dos estudantes em tempos de SUS, “a Odontologia [...] não tem

se mostrado **autossuficiente** para pensar e para propor métodos de intervenção sobre o complexo processo saúde-doença bucal em âmbito comunitário” (LUCIETTO, 2012, p. 25, grifo nosso).

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) A supressão de parte da citação direta está representada por [...];
- c) A ênfase está grifada em negrito;
- d) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original / grifo nosso (indicando ênfase realizada);
- e) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

“A conformação do movimento intitulado **Saúde Bucal Coletiva** no Brasil, desde o início dos anos 1980, já vinha incorporando e reafirmando tais pressupostos” (LUCIETTO, 2012, p. 25, grifo do autor).

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 25 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) A ênfase dada pelo autor consultado está grifada em negrito;
- c) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original / grifo do autor (indicando ênfase realizada);
- d) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Por fim, quando a citação apresentar texto traduzido pelo autor, deve-se incluir a expressão “tradução nossa” entre parênteses, após a chamada da citação.

Por exemplo:

O professor pode tanto incentivar o estudante na construção de uma visão crítica da realidade e da sociedade em que está inserido, quanto, até mesmo, desestimulá-lo (LUCIETTO, 2012, tradução nossa).

Atentar para:

- a) Trata-se de citação indireta construída a partir de tradução de texto;
- b) Não é utilizado nenhum recurso como negrito, itálico ou sublinhado;
- c) A forma de apresentação dos elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano) da publicação / vírgula / tradução nossa (indicando que há trecho de livre tradução);
- d) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

10 Forma de apresentação das citações: dados obtidos por informação verbal

Caso a informação utilizada na citação seja proveniente de algum tipo de informação verbal (palestra, aula, debate, comunicação etc.), faz-se a indicação da expressão “informação verbal” entre parênteses. Também, mencionam-se em nota de rodapé os dados disponíveis.

Por exemplo:

Isso equivale a dizer que o sistema de ensino odontológico tanto influencia quanto é influenciado pelo mercado de trabalho (informação verbal)¹.

Na nota de rodapé:

¹ Informação fornecida por Deison Alencar Lucietto durante palestra na Associação Brasileira de Odontologia (ABO) – Seção Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, em junho de 2013.

11 Forma de apresentação das citações: trabalhos em fase de elaboração

Quando se utiliza informação proveniente de trabalho ainda não publicado, deve-se fazer a indicação da expressão “em fase de elaboração”, entre parênteses. Além disso, mencionam-se os dados disponíveis em nota de rodapé.

Por exemplo:

Nesse sentido, a criação do Sistema Único de Saúde se traduz em um importante aspecto a ser considerado na formação dos profissionais da saúde (em fase de elaboração)¹.

Na nota de rodapé:

¹ A formação em Odontologia e o SUS, de autoria de Deison Alencar Lucietto, a ser editado em 2019 pela DLBOOKS.

12 Forma de apresentação da chamada das citações com um autor

Em relação à apresentação dos autores no sistema de chamada das citações, é importante destacar dois aspectos: a) um

documento pode ser elaborado tanto por uma pessoa física quanto por uma instituição/entidade, ambos entendidos como autores; b) há diferenças na forma de apresentação da chamada das citações quando existe um, dois, três ou mais autores (sejam eles pessoas físicas ou entidades).

Quando existir **único autor** (pessoa física ou entidade) e ele estiver **inserido na própria sentença**, deve-se usar letra inicial maiúscula, seguida de minúsculas e apresentar a data de publicação entre parênteses.

Por exemplo:

Segundo Lucietto (2012), para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS.

Atentar para:

- a) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);
- b) O elemento dentro dos parênteses: ano da publicação.

Caso se trate de citação direta, também deve-se mencionar a página entre parênteses, após a data.

Por exemplo:

Segundo Lucietto (2012, p. 23), “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde”.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 23 do documento de Lucietto, publicado em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- c) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserida na sentença);

- d) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- e) O ponto final da frase após o fechamento das aspas duplas.

Caso o **único autor não faça parte da sentença**, ele deve ser inserido no final da frase entre parênteses, com letras maiúsculas, seguido de data.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO, 2012).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Em se tratando de citação direta de único autor não inserido na sentença, deve-se também mencionar a página entre parênteses.

Por exemplo:

Nesse sentido, vale destacar que “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde” (LUCIETTO 2012, p. 23).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação) / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

13 Forma de apresentação da chamada das citações com dois autores

Quando existirem **dois autores** (pessoas físicas ou entidades) e eles estiverem **inseridos na própria sentença**, deve-se usar letra inicial maiúscula seguida de minúsculas e apresentar a data de publicação entre parênteses.

Por exemplo:

Segundo Lucietto e Senna (2012), para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS.

Atentar para:

- a) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas em cada autor, pois estão inseridos na sentença);
- b) Os autores são separados entre si por “e”;
- c) O elemento dentro dos parênteses: data (ano) da publicação.

Caso se trate de citação direta, também deve-se mencionar a página entre parênteses, após a data.

Por exemplo:

Segundo Lucietto e Senna (2012, p. 23), “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde”.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 23 do documento publicado por Lucietto e Senna, em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- c) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas de cada autor, pois estão inseridos na sentença);
- d) Os autores são separados entre si por “e”;

- e) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- f) O ponto final da frase após o fechamento das aspas duplas.

Caso os **dois autores não façam parte da sentença**, eles devem ser inseridos no final da frase entre parênteses, com letras maiúsculas, separados entre si por ponto e vírgula, seguidos de data da publicação.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO; SENNA, 2012).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Em se tratando de citação direta de dois autores não inseridos na sentença, deve-se também mencionar a página entre parênteses.

Por exemplo:

Nesse sentido, vale destacar que “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde” (LUCIETTO; SENNA, 2012, p. 23).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / segundo autor (em letras maiúsculas)

/ vírgula / data (ano da publicação) / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;

b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

14 Forma de apresentação da chamada das citações com três autores

Quando existirem **três autores** (pessoas físicas ou entidades) e eles estiverem **inseridos na própria sentença**, deve-se usar letra inicial maiúscula seguida de minúsculas para cada autor e apresentar a data de publicação entre parênteses.

Por exemplo:

Segundo Lucietto, Senna e Alencar (2012), para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS.

Atentar para:

- a) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas de cada autor, pois estão inseridos na sentença);
- b) Os dois primeiros autores são separados por “vírgula”;
- c) O segundo e terceiro autores são separados por “e”;
- d) O elemento dentro dos parênteses: data (ano) da publicação.

Caso se trate de citação direta, também deve-se mencionar a página entre parênteses, após a data.

Por exemplo:

Segundo Lucietto, Senna e Alencar (2012, p. 23) “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde”.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 23 do documento publicado por Lucietto, Senna e Alencar, em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- c) A forma de apresentação da autoria (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas em cada autor, pois os autores estão inseridos na sentença);
- d) Os dois primeiros autores são separados entre si por “vírgula”;
- e) O segundo e terceiro autores são separados entre si por “e”;
- f) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- g) O ponto final da frase após o fechamento das aspas duplas.

Caso os **três autores não façam parte da sentença**, eles devem ser inseridos no final da frase entre parênteses, com letras maiúsculas, separados entre si por ponto e vírgula, seguidos de data da publicação.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO; SENNA; ALENCAR, 2012).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / segundo autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Em se tratando de citação direta de três autores não inseridos na sentença, deve-se também mencionar a página entre parênteses.

Por exemplo:

Nesse sentido, vale destacar que “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde” (LUCIETTO; SENNA; ALENCAR, 2012, p. 23).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / segundo autor (em letras maiúsculas) / ponto e vírgula / terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da publicação) / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

15 Forma de apresentação da chamada das citações com mais de três autores

Quando existirem **quatro ou mais autores** (pessoas físicas ou entidades) e eles estiverem **inseridos na própria sentença**, deve-se apresentar o primeiro autor com letras maiúsculas e minúsculas, usar a expressão “*et al.*” em itálico (que significa “e colaboradores/e outros”) e, entre parênteses, a data de publicação⁴⁸..

Por exemplo:

⁴⁸ Esta forma de escrita está presente na norma ABNT NBR 6023: 2018 em relação à forma de apresentação da lista de referências. Algumas instituições e periódicos preferem o uso de “e colaboradores”, “e outros”, “e colegas”.

Segundo Lucietto *et al.* (2012), para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS.

Atentar para:

- a) A forma de apresentação do primeiro autor (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas do primeiro autor, pois está inserido na sentença);
- b) A presença apenas do primeiro autor;
- c) A presença da expressão “*et al.*” (o ponto final apenas após o “*al*”). Essa expressão precisa estar em itálico. Contudo, deve-se observar as normas de cada instituição, editora ou periódico;
- d) O elemento dentro dos parênteses: data (ano) da publicação.

Caso se trate de citação direta, também deve-se mencionar a página entre parênteses, após a data.

Por exemplo:

Segundo Lucietto *et al.* (2012, p. 23), “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde”.

Atentar para:

- a) O texto foi copiado *ipsis litteris* da página 23 do documento publicado por Lucietto e mais três autores, em 2012;
- b) Aspas duplas no início e final do trecho copiado;
- c) A forma de apresentação do primeiro autor (letra inicial maiúscula seguida de minúsculas, pois está inserido na sentença);
- d) A presença apenas do primeiro autor;
- e) A presença da expressão “*et al.*” (o ponto final apenas após o “*al*”). Essa expressão precisa estar em itálico. Contudo, deve-se observar as normas de cada instituição, editora ou periódico;
- f) Os elementos dentro dos parênteses: data (ano) da publicação / vírgula / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- g) O ponto final da frase após o fechamento das aspas duplas.

Caso os **quatro ou mais autores não façam parte da sentença**, o primeiro autor deve ser inserido no final da frase, entre parênteses, com letras maiúsculas, seguido da expressão “*et al.*” e da data da publicação.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO *et al.*, 2012).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / expressão “*et al.*” / vírgula / data (ano da publicação);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Em se tratando de citação direta com **quatro ou mais autores** não inseridos na sentença, deve-se também mencionar a página, entre parênteses.

Por exemplo:

Nesse sentido, vale destacar que “a inserção das ações de saúde bucal torna-se elemento fundamental para garantir a integralidade da atenção à saúde” (LUCIETTO *et al.*, 2012, p. 23).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: primeiro autor (em letras maiúsculas) / expressão “*et al.*” / vírgula / data (ano da publicação) / abreviação de página seguida de ponto final / número da página de onde foi retirada a informação no original;
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

16 Forma de apresentação da chamada das citações: coincidência de autores

Quando existir **coincidência de sobrenome de autores**, insere-se a inicial dos seus prenomes.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO, A., 2012; LUCIETTO, D., 2015).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / ponto final / vírgula / data (ano da publicação) / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / ponto final / vírgula / data (ano da publicação);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

Existindo **coincidência de iniciais de prenomes**, escreve-se o nome por extenso.

Por exemplo:

Para a integralidade em saúde, é preciso garantir a inserção de ações de saúde bucal no SUS (LUCIETTO, Alencar, 2012; LUCIETTO, Antônio, 2015).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / prenome do primeiro autor por extenso (primeira letra em maiúscula, seguida de minúsculas) / vírgula / data (ano da publicação) / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / prenome do segundo autor por

extenso (primeira letra em maiúscula, seguida de minúsculas) / vírgula / data (ano da publicação);
b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

17 Forma de apresentação da chamada das citações: diversos documentos de mesma autoria

Quando existir **diversos documentos de mesma autoria publicados em anos diferentes** e usados de forma simultânea em uma citação indireta, deve-se separar as datas de publicação por vírgula.

Por exemplo:

A inserção de ações de saúde bucal no SUS é fundamental para o alcance da integralidade da atenção (LUCIETTO, 2012, 2015, 2017).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: sobrenome do autor (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da primeira publicação mencionada) / vírgula / data (ano da segunda publicação mencionada) / vírgula / data (ano da terceira publicação mencionada);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

18 Forma de apresentação da chamada das citações: vários autores citados simultaneamente

Quando existir **diversos documentos de vários autores** usados de forma simultânea em uma citação indireta, eles devem ser apresentados em ordem alfabética e separados entre si por ponto e vírgula.

Por exemplo:

A atuação do cirurgião-dentista em ações de promoção da saúde contribui para a melhoria das condições de saúde em âmbito comunitário (ALENCAR, 2015; LUCIETTO, 2012; SENNA, 2010).

Atentar para:

- a) Os elementos dentro dos parênteses: sobrenome do primeiro autor em ordem alfabética (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da primeira publicação mencionada) / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor segundo ordem alfabética (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da segunda publicação mencionada) / ponto e vírgula / sobrenome do terceiro autor segundo ordem alfabética (em letras maiúsculas) / vírgula / data (ano da terceira publicação mencionada);
- b) O ponto final da frase após o fechamento dos parênteses.

19 Uso de *softwares* gerenciadores de referências

A organização da forma de apresentação das citações e da lista de referências utilizadas em um documento (como o seu projeto de pesquisa) pode ser realizada com o apoio de *softwares* gerenciadores de referências.

Esses *softwares* possibilitam a inclusão das citações em diferentes sistemas de chamada (como ABNT, Vancouver, APA etc.). Após o *download* no seu computador, você criará suas bibliotecas de referências no próprio *software* e fará a inserção das citações no documento a ser escrito como auxílio do seu editor de texto. Dentre esses *softwares*, destacamos: Zotero®, Mendeley® e EndNote®.

Para saber mais sobre eles (alguns são gratuitos) e forma de utilização, recomendamos buscar informações sobre esses gerenciadores na Internet.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012.



SÉTIMA PITADA DE TEORIA: ELABORANDO AS REFERÊNCIAS

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Conforme já vimos, para elaborar um projeto de pesquisa, precisamos acessar e utilizar dados/informações de várias fontes bibliográficas: livros, capítulos, manuais, dicionários, revistas e jornais correntes, documentos, *sites*, artigos científicos etc. Essas fontes que citamos na elaboração do projeto devem ser apresentadas adequadamente como referências do nosso documento.

Neste capítulo, abordaremos o assunto “referências”, de modo que você saiba utilizá-las adequadamente no seu projeto. Pretendemos trazer as informações mais básicas sobre o assunto, tendo por base a Norma ABNT NBR 6023 (2018). Você sempre poderá consultar essa norma ou o manual de normalização de trabalhos acadêmicos da sua instituição caso queira saber mais.

1 O que são e qual a finalidade das referências?

Referência é um “conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual” (ABNT, 2018, p. 3). Isso significa que toda

vez que citarmos uma informação de qualquer fonte bibliográfica (livro, capítulo, artigo científico, *website* etc.) no nosso projeto de pesquisa, deveremos informar a respectiva referência. Assim, listaremos todos os documentos que embasaram a elaboração do nosso projeto.

Assim como as citações, o uso de referências tem como finalidades: a) conferir rigor científico ao texto; b) comprovar a origem das informações; c) respeitar os aspectos éticos da escrita científica; d) demonstrar esforços do pesquisador em trazer informações relevantes e atualizadas sobre a temática; e) indicar leituras para o aprofundamento do tema.

2 Definições importantes

Antes mesmo de adentrarmos nas especificidades sobre “referências”, é importante conhecer algumas definições básicas sobre o assunto. São essas definições que nos ajudarão a entender como elaborar cada tipo de referência.

A Norma ABNT NBR 6023 (2018) traz, logo no seu início, essas definições. Na sequência, transcrevemos algumas fundamentais⁴⁹:

- **Documento:** “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova” (ABNT, 2018, p. 2). Um documento pode ser de diferentes tipos/suportes:

⁴⁹ Para outras definições, consultar a Norma ABNT NBR 6023 – Informação e documentação Referências – Elaboração (2018).

manuscrito, impresso, sonoro, audiovisual, eletrônico, magnético etc.;

- **Título:** “palavra, expressão ou frase que designa o assunto ou o conteúdo de um documento” (ABNT, 2018, p. 4);
- **Subtítulo:** “informações apresentadas em seguida ao título, visando esclarecê-lo ou complementá-lo, de acordo com o conteúdo do documento” (ABNT, 2018, p. 4);
- **Autor(es):** “pessoa(s) física(s) responsável(eis) pela criação do conteúdo intelectual ou artístico de um documento” (ABNT, 2018, p. 1);
- **Autor(es)-entidade(s):** “instituição(ões), organização(ões), empresa(s), comitê(s), comissão(ões), evento(s), entre outros, responsáveis por publicações em que não se distingue autoria pessoal” (ABNT, 2018, p. 1). Por exemplo: Conselho Federal de Medicina (CFM), Associação Brasileira de Odontologia (ABO) etc.
- **Monografia:** “item não seriado, isto é, item completo, constituído de uma só parte, ou que se pretende completar em um número preestabelecido de partes separadas” (ABNT, 2018, p. 3);
- **Capítulo, seção ou parte:** “divisão de um documento, numerado ou não” (ABNT, 2018, p. 1);
- **Publicação periódica:** “publicação em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas, destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT 6023, 2002, p. 3). Por exemplo: periódicos científicos;
- **Editora:** “casa publicadora, pessoa(s) ou instituição responsável pela produção editorial” (ABNT, 2018, p. 2). Em

caso de vídeos, utiliza-se “produtora” e para registros sonoros, “gravadora”;

- **Editor:** “responsável intelectual ou científico que atua na reunião de artigos para uma revista, jornal, entre outros, ou que coordena ou organiza a preparação de coletâneas” (ABNT, 2018, p. 2);
- **Edição:** “Todos os exemplares produzidos a partir de um original ou matriz” (ABNT, 2018, p. 2). As impressões, reimpressões e tiragens de uma mesma obra, sem modificações, pertencem a uma mesma edição.

3 Tipos de elementos em uma referência

Uma referência possui elementos “essenciais” e “complementares”. Podemos dizer que os “essenciais” são obrigatórios, ou seja, que devem ser elencados na elaboração da referência. Eles variam conforme o tipo de documento (manuscrito, impresso, sonoro, audiovisual etc.). Os “complementares”, por sua vez, possibilitam melhor caracterizar um determinado documento. Dessa forma, são “opcionais” (ABNT, 2018).

Tanto os elementos “essenciais” quanto os “complementares” são retirados do próprio documento que serviu de fonte para os dados e informações utilizados no projeto de pesquisa. Por exemplo: se você utilizou um livro, deve retirar esses elementos da ficha catalográfica da obra, localizada logo no início da publicação.

Considerando a existência desses diferentes tipos de elementos, sugerimos que você padronize suas referências utilizando os “elementos essenciais”.

4 Localização das referências

Uma referência pode aparecer em diferentes locais do documento: a) no rodapé da página (como “nota de referência”); b) no fim de um texto ou de capítulo em uma monografia; c) em lista de referências, apresentada ao final da obra; d) fazendo parte de resumos, resenhas e outros (ABNT, 2018).

No projeto de pesquisa, utiliza-se a “Lista de Referências”, apresentada como primeiro elemento pós-textual.

5 Transcrição dos elementos e apresentação das referências

Quando pensamos na apresentação de referências, é importante entender que existem regras a serem seguidas. Para facilitar esse entendimento, transcreveremos essas normas em itens, a partir da ABNT NBR 6023 (2018):

- Os elementos “essenciais” (obrigatórios) e “complementares” (quando utilizados) devem seguir uma sequência padrão;
- Cada tipo de referência (por exemplo: livro, capítulo, artigo científico) possui uma sequência de elementos que deve ser seguida para todos do mesmo grupo;
- Um documento pode ser de autoria de “pessoa(s) física(s)” ou “entidade”. Por exemplo: LUCIETTO, Deison Alencar

- (pessoa física) ou BRASIL. Ministério da Educação (entidade);
- Para a transcrição do elemento autoria de “pessoa(s) física(s)”, indicam-se geralmente o(s) autor(es) pelo último sobrenome, seguido do(s) prenome(s) e outros sobrenomes (abreviado(s) ou não – seguir mesmo padrão). Por exemplo: LUCIETTO, D. A. ou LUCIETTO, Deison Alencar;
 - Quando um documento apresenta até três autores, todos são listados na elaboração da referência, sendo separados entre si por ponto e vírgula. Por exemplo: MAZZUTTI, W. J.; FREDDO, S. L.; LUCIETTO, D. A.;
 - Quando existir quatro ou mais autores, costuma-se listar o primeiro acrescido da expressão “*et al.*” em itálico (que significa “e colaboradores”, “e outros”). Por exemplo: SENNA, M. A. A. *et al.* (essa forma de apresentação da autoria significa que o documento possui mais de três autores);
 - Quando existir a identificação do tipo de participação de autoria (organização, edição, coordenação, compilação etc.) insere-se essa informação entre parênteses após a identificação do autor. De acordo com a norma ABNT NBR 6023:2018, a entrada deve ser feita pelo nome do responsável, seguido da abreviação, em letras minúsculas e no singular, do tipo de participação (organizador, compilador, editor, coordenador, entre outros), entre parênteses. Havendo mais de um responsável, o tipo de participação deve constar, no singular, após o último nome. Por exemplo: ALENCAR, A. (org.); LUCIETTO, D. A. (ed.); SENNA, M. A. A. (coord.); DUARTE, J; BARROS, A. (org.).

- Quando se tratar de autor “entidade”, escreve-se geralmente o seu próprio nome, por extenso. Por exemplo: BRASIL. Ministério da Saúde.
- Quando a autoria de uma parte (por exemplo, um capítulo de livro) é a mesma do todo (nesse caso, do livro), repete-se a autoria. Por exemplo: FREDDO, S. L. Título do capítulo. *In*: FREDDO, S. L. **Título do livro**. Local: Editora, data;
- Título e subtítulo devem ser apresentados como figuram no documento e são separados entre si por dois pontos. Por exemplo: **Planejamento em Saúde Coletiva**: teoria e prática para estudantes e profissionais da saúde (título está grifado e subtítulo escrito após os dois pontos);
- Quando houver edição do documento, ela deve ser transcrita pela abreviatura dos numerais ordinais e da palavra edição, ambas no idioma do documento. Por exemplo: 3. ed.; 5th ed.;
- No caso de nomes homônimos de cidades, acrescenta-se o nome do estado, do país etc. Por exemplo: Sarandi/RS e Sarandi/PR. De acordo com o item 8.4.4 da norma ABNT NBR 6023:2018 “Utiliza-se a expressão *sine loco*, abreviada, entre colchetes [*s. l.*], caso não seja possível identificar o local de publicação. O *s* de *sine* deve ser grafado em letra maiúscula quando for o primeiro elemento dos dados de publicação.”
- O nome da editora deve ser indicado como aparece no documento. Sendo possível, abreviam-se prenomes e suprimem-se palavras que designam a natureza jurídica ou comercial. Por exemplo: Santos (ao invés de “Editora Santos”). Conforme o item 8.5.5 da norma ABNT NBR

6023:2018, “A expressão *sine nomine* deve ser utilizada abreviada e entre colchetes [s. n.], quando a editora não puder ser identificada.”. Contudo, quando não for possível identificar local e editora, segundo o item 8.5.6 da NBR 6023:2018: “devem-se utilizar as expressões *sine loco* e *sine nomine*, abreviadas, entre colchetes e separadas por dois pontos [S. l.: s. n.].”;

- A data deve ser indicada em algarismos arábicos, e meses devem ser abreviados (exceto “maio”). Por exemplo: 28 jun. 1979.
- Volume e número de publicações periódicas são abreviados, respectivamente, por “v.” e “n.”, seguidos da numeração correspondente. Por exemplo: v. 5, n. 1.
- Quando se referenciam partes de publicações, mencionam-se os números das folhas ou páginas inicial e final, utilizando respectivamente, as abreviaturas “f.” ou “p.”. Por exemplo: 120 f., 240 p.
- Cada documento deve ser identificado individualmente (ou seja, há uma referência para cada obra);
- Utiliza-se espaço simples na elaboração da referência, com uma linha de espaço simples separando um documento do outro. Contudo, é importante estar atendo às normas de cada instituição de ensino/pesquisa, pois podem existir variações no espaçamento;
- As referências são alinhadas somente à margem esquerda do texto;
- Utiliza-se o recurso tipográfico (negrito, grifo ou itálico, conforme cada instituição de ensino/pesquisa) para

destacar o elemento título, de forma uniforme em todas as referências;

- As referências de uma lista devem obedecer aos mesmos princípios (deve-se seguir um padrão);
- Caso se utilizem “elementos complementares”, eles devem ser incluídos em todas as referências da lista. Por isso, é importante estar atento aos elementos que devem ser apresentados (“essenciais”) e aos facultativos (“complementares”)
- Em caso de abreviaturas, consultar tanto o texto quanto os Anexos A e B da Norma ABNT NBR 6023 (2018).

Embora essas sejam as regras gerais pautadas na ABNT NBR 6023 (2018), é importante estar atento ao que é preconizado pela sua instituição de ensino/pesquisa, pois podem existir variações na transcrição dos elementos e na forma de apresentação das referências.

6 Ordenação das referências

As referências dos documentos previamente citados no projeto de pesquisa devem ser ordenadas em conformidade com o sistema de chamada utilizado para as citações no texto. Nesse sentido, vale apontar que os sistemas mais utilizados são: a) sistema alfabético (segundo a ordem alfabética de entrada); b) sistema numérico (por ordem de citação no texto) (ABNT, 2002).

Caso seja utilizado o **sistema alfabético**, as referências devem ser elencadas seguindo única ordem alfabética (de A a Z,

pelas iniciais de autoria) no final do trabalho, do artigo ou do capítulo.

Por exemplo:

CAREGNATO, E. F.; SIMONATTO, L. S.; LUCIETTO, D. A. Determinantes e condições de saúde bucal em crianças e adolescentes com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 233-244, 2019.

FREIRE, M. C. M. Dieta, saúde bucal e saúde geral. *In*: BUISCHI, Y. P. (Org.). **Promoção de saúde bucal na clínica odontológica**. 1 ed. São Paulo: Artes Médicas: EAP-APCD, 2000. p. 248-278.

LUCIETTO, D. A.; SLAVUTZKY, S. M. B.; LEMOS, V. M. A. **Planejamento em Saúde Coletiva**: teoria e prática para estudantes e profissionais da saúde. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

Atentar para:

- a) Nesse caso, está sendo utilizado o sistema alfabético para as referências (o que significa que no texto do projeto de pesquisa, utilizou-se o sistema autor-data para a apresentação das citações);
- b) As referências seguem, na lista, a ordem alfabética (de A a Z), de acordo com a autoria dos documentos;

Já em se utilizando o **sistema numérico**, a lista de referências obedecerá a norma ABNT NBR 6023:2018 (caso a opção seja pela norma Vancouver, deve-se seguir a mesma ordem numérica crescente das citações no texto - 1, 2, 3 e assim

sucessivamente). Esse sistema não deve ser usado de forma concomitante com notas de referência e notas explicativas. Por exemplo:

1. LUCIETTO, D. A.; SLAVUTZKY, S. M. B.; LEMOS, V. M. A. **Planejamento em saúde coletiva:** teoria e prática para estudantes e profissionais de saúde. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. 128 p.

2. FREDDO, S. L. *et al.* Hábitos de higiene bucal e utilização de serviços odontológicos em escolares de uma cidade da Região Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 1991-2000, 2008.

3. MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos.** Tapera: Lew Editora, 2014. 220 p.

Atentar para:

a) Nesse caso, está sendo utilizado o sistema ABNT para as referências (o que significa que no texto do projeto de pesquisa, utilizou-se o sistema numérico para a apresentação das citações).

b) As referências seguem, na lista, as definições da ABNT NBR 6023:2018.

7 Modelos de referências

A Norma ABNT NBR 6023 (2018) apresenta vários modelos de referências, ilustrando diferentes possibilidades e variações para cada documento.

Aqui, contudo, optamos por exemplificar os “elementos essenciais” por “tipo de documento”, considerando aqueles mais comumente utilizados na elaboração de um projeto de pesquisa

(livro, capítulo de livro, trabalho de conclusão de curso/dissertação/tese, artigo científico, artigo de jornal e trabalho apresentado em evento)⁵⁰. Dessa forma, nos ateremos apenas à parte mais operacional do processo.

7.1 Livro

Os elementos essenciais da referência de um livro (monografia no todo) são: a) autor(es); b) título; c) edição; d) local; e) editora; f) data de publicação.

Por exemplo:

LUCIETTO, D. A.; SLAVUTZKY, S. M. B.; LEMOS, V. M. A.
Planejamento em Saúde Coletiva: teoria e prática para
 estudantes e profissionais da saúde. 1. ed. Porto Alegre: Editora
 da UFRGS, 2012.

Atentar para:

- a) Autores: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial do nome do meio (em letra maiúscula, caso exista) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final;
- b) Título: com a presença do recurso tipográfico (nesse caso, negrito) / subtítulo (sem a presença do negrito) / ponto final;

⁵⁰ Para mais exemplos, consultar a Norma ABNT NBR 6023 – Informação e documentação Referências – Elaboração (2018).

- c) Edição: número seguido de ponto / abreviatura de edição / ponto final;
- d) Local: cidade onde o documento foi publicado/ dois pontos;
- e) Editora: nome da casa publicadora documento/ vírgula;
- f) Data da publicação: refere-se ao ano em que o documento foi publicado / ponto final.

7.2 Capítulo de livro

Os elementos essenciais da referência de um capítulo de livro (parte de monografia) são: a) autor(es); b) título do capítulo; c) expressão “*In:*” em itálico (conforme atualização da norma ABNT NBR 6023:2018); d) autor(es) do livro; e) título do livro; f) edição; g) local; h) editora; i) data de publicação (ou seja, faz-se a referência completa da monografia no todo após a expressão “*In:*”); j) paginação.

Por exemplo:

FREIRE, M. C. M. Dieta, saúde bucal e saúde geral. *In:* BUISCHI, Y. P. (org.). **Promoção de saúde bucal na clínica odontológica**. 1. ed. São Paulo: Artes Médicas: EAP-APCD, 2000. p. 248-278.

Atentar para:

- a) Autor(es) do capítulo: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final;
- b) Título do capítulo: sem a presença do recurso tipográfico / ponto final;
- c) Expressão “*In:*” em itálico, maiúsculas e minúsculas, sem aspas / dois pontos;
- d) Autor(es) do livro/organizador(es): sobrenome do autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto

final / inicial dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final / expressão org. entre parênteses (pois, nesse caso, trata-se de livro organizado por uma autora) / ponto final;

e) Título do livro: com a presença do recurso tipográfico (nesse caso, negrito) / ponto final;

f) Edição: número seguido de ponto / abreviatura de edição / ponto final;

g) Local: cidade onde o documento foi publicado / dois pontos;

h) Editora: nome da casa publicadora documento / vírgula;

i) Data da publicação: refere-se ao ano em que o documento foi publicado / ponto final;

j) Paginação: abreviatura de página / ponto final / página inicial do capítulo / traço / página final do capítulo.

OBS: a partir da expressão “*In:*” apresenta-se a referência completa do livro, seguida da paginação.

7.3 Trabalho de conclusão de curso, dissertação, tese etc.

Os elementos essenciais da referência de trabalho de conclusão de curso, dissertação, tese uma monografia, dissertação e tese (monografia no todo) são: a) autor(es); b) título; c) data; d) número de folhas; e) tipo de documento (tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso etc.); f) área de concentração; g) unidade; h) instituição; i) local; j) data da aprovação.

Por exemplo:

LUCIETTO, D. A. **A formação em Odontologia e o SUS:** perspectivas dos docentes. 2012. 219 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.
Atentar para:

- a) Autor(es): sobrenome (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial do nome do meio (em letra maiúscula, caso exista);
- b) Título: com a presença do recurso tipográfico (nesse caso, negrito) / subtítulo (sem a presença do negrito) / ponto final;
- c) Data: ano da publicação / ponto final;
- d) Número de folhas: número seguido da abreviatura de folha / ponto final;
- e) Tipo de documento: em letras maiúsculas e minúsculas (nesse caso, trata-se de tese);
- f) Área de concentração (caso exista): entre parênteses, em letras maiúsculas e minúsculas / traço;
- g) Unidade: nome da unidade em maiúsculas e minúsculas / vírgula;
- h) Instituição: nome da instituição em maiúsculas e minúsculas / vírgula;
- i) Local: cidade da instituição em maiúsculas e minúsculas / vírgula;
- j) Data da aprovação: ano (normalmente coincide com a data de publicação) / ponto final.

7.4 Artigo de periódico científico

Os elementos essenciais da referência de um artigo em periódico científico são: a) autor(es); b) título da parte, artigo ou matéria; c) título da publicação; d) local de publicação; e) numeração correspondente ao volume; f) numeração correspondente ao fascículo ou número; g) paginação inicial e final, quando se tratar de artigo ou matéria; h) data ou intervalo de publicação. Caso existam, podem ser inseridas particularidades que identificam a parte.

Por exemplo:

CAREGNATO, E. F.; SIMONATTO, L. S.; LUCIETTO, D. A. Determinantes e condições de saúde bucal em crianças e adolescentes com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 233-244, 2019.

Atentar para:

- a) Autor(es): sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial do nome do meio (em letra maiúscula, caso exista) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final;
- b) Título do artigo científico: caso exista, inserir subtítulo / ponto final;
- c) Título da publicação (nome do periódico): pode ser escrito por extenso ou utilizando a abreviação do nome do periódico (em caso de abreviatura de periódico, manter o padrão. Por exemplo, caso abrevie um título de periódico, abreviar todos os outros). Com a presença do recurso tipográfico (nesse caso, negrito) / vírgula;
- d) Local da publicação: cidade onde a revista é publicada / vírgula;
- e) Numeração correspondente ao volume do periódico/revista: abreviatura de volume (v.) / o número de volume correspondente / vírgula;
- f) Numeração correspondente ao número do periódico/revista: abreviatura de número (n.) / o número correspondente / vírgula;
- g) Paginação inicial e final do artigo no periódico/revista: abreviatura de página (p.) / página inicial / traço / página final / vírgula;
- h) Data: ano da publicação / ponto final;

7.5 Artigo de jornal (comunicações, editorial, entrevistas, reportagens, resenhas e outros)

Os elementos essenciais da referência de um artigo de jornal são: a) autor(es) (se houver); b) título; c) título do jornal; d) local de publicação; e) data de publicação; f) seção, caderno ou parte do jornal; g) paginação. Quando não houver seção, caderno ou parte, a paginação do artigo ou matéria é inserida antes da data.

Por exemplo:

LUCIETTO, D. A; PIETROBON, L.; STEFENS, S. P.
 Odontologia e sacarose: uma visão contemporânea.
Informativo Regional, Soledade, 23 ago. 2013. Artigos
 FASURGS, p. 20.

Atentar para:

- a) Autores: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial do nome do meio (em letra maiúscula, caso exista) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final;
- b) Título do artigo de jornal: título / dois pontos / subtítulo / ponto final;
- c) Título da publicação (nome do jornal): com a presença do recurso tipográfico (nesse caso, negrito) / vírgula;
- d) Local da publicação: cidade onde o jornal é publicado / vírgula;
- e) Data da publicação: dia / abreviatura do mês correspondente / ano / ponto final;
- f) Seção do jornal: nome da seção ou parte / vírgula;
- g) Paginação: abreviatura de página (p.) / página inicial / ponto final;

7.6 Trabalho apresentado em evento

Os elementos essenciais da referência de um trabalho apresentado em um evento são: a) autor(es); b) título do trabalho apresentado; c) expressão “*In:*” em itálico (conforme atualização da norma ABNT NBR 6023:2018); d) nome do evento; e) numeração do evento (se houver); f) ano; g) local (cidade) de realização; h) título do documento (anais, atas, tópico temático etc.) em maiúsculas; i) local; j) editora; k) data de publicação; l) página inicial e final da parte referenciada. Por exemplo:

SAGAZ, S. M.; LUCIETTO, D. A; MADRUGA, L. R. R. G.
Sustentabilidade na Odontologia: aproximando conceitos a partir da literatura brasileira. *In:* SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 21., 2016, Cruz Alta. **Anais** [...]. Cruz Alta: UNICRUZ, 2017. P. 1-3.

Atentar para:

- a) Autores: sobrenome do primeiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / inicial do nome do meio (em letra maiúscula, caso exista) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do segundo autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final / ponto e vírgula / sobrenome do terceiro autor (em letras maiúsculas) / vírgula / inicial do prenome (em letra maiúscula) / ponto final / iniciais dos nomes do meio (em letra maiúscula, caso existam) / ponto final;
- b) Título do trabalho apresentado: título / dois pontos / subtítulo / ponto final;
- c) Expressão “*In:*”: em itálico, maiúsculas e minúsculas, sem aspas / dois pontos;
- d) Nome do evento: em maiúsculas / vírgula;

- e) Numeração do evento: número do evento seguido de ponto/vírgula;
- f) Ano do evento: ano correspondente / vírgula;
- g) Cidade do evento: cidade / ponto final;
- h) Título do documento: com reticências entre colchetes caso o título repita o nome do evento [...], com a presença do recurso tipográfico no título (nesse caso, negrito) / ponto final;
- i) Local: cidade da editora / dois pontos;
- j) Editora: nome da editora / vírgula;
- k) Data da publicação: ano da publicação do documento / ponto final;
- l) Paginação: abreviatura de página (p.) / página inicial do trabalho apresentado / traço / página final do trabalho apresentado / ponto final;

7.7 Documentos consultados *on-line*

Quando se tratar de obra consultada *on-line* (livro, capítulo de livro, trabalho de conclusão de curso/dissertação/tese, artigo científico, artigo de jornal e trabalho apresentado em evento, por exemplo), as informações sobre o endereço eletrônico e data de acesso do documento também são consideradas essenciais.

Nesse caso, após a elaboração da referência (conforme o padrão para cada tipo de documento), insere-se a expressão “Disponível em:”, e apresenta-se o endereço eletrônico. Na sequência, insere-se a expressão “Acesso em:” e apresenta-se a data de acesso ao documento. Por exemplo:

CAREGNATO, E. F.; SIMONATTO, L. S.; LUCIETTO, D. A.
Determinantes e condições de saúde bucal em crianças e adolescentes com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 233-244, 2019. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/issue/view/2258>. Acesso em: 26 ago. 2019.

Atentar para:

- a) Referência completa do tipo de documento consultado *on-line* (nesse caso, um artigo de periódico científico);
- b) A expressão “Disponível em”: em maiúsculas e minúsculas, após a referência completa / dois pontos;
- c) O endereço eletrônico do documento: em letras minúsculas, sem sublinhado / ponto final;
- d) A expressão “Acesso em”: em maiúsculas e minúsculas / dois pontos;
- e) A data de acesso do documento: dia / abreviatura do mês correspondente / ano / ponto final.

8 Uso de *softwares* gerenciadores de referências

Softwares gerenciadores de referências são bastante úteis para a apresentação das citações e elaboração da lista de referências no projeto de pesquisa.

Esses *softwares*, dentre os quais estão o Zotero®, o Mendeley® e o EndNote®, possibilitam a utilização de diferentes sistemas de chamada (como ABNT, Vancouver, APA etc.).

Para saber mais sobre o uso desses gerenciadores, indicamos buscar informações na Internet.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.



OITAVA PITADA DE TEORIA: REDIGINDO O PROJETO DE PESQUISA

Deison Alencar Lucietto
Ândrea Cardoso de Souza
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

A comunicação adequada das suas intenções enquanto “chef científico(a)” é um dos requisitos mais importantes para o projeto de pesquisa. Assim, não basta conhecer e obedecer às normas e às regras para a elaboração de cada um dos elementos que compõem o conteúdo. É preciso, também, adotar os cuidados com a boa escrita (FERNANDES, 2008).

Dessa forma, ao elaborar seu projeto de pesquisa, você precisará adotar uma linguagem adequada à comunidade científica, isto é, informativa, clara, objetiva e, ao mesmo tempo, elegante.

Considerando a importância de observar tanto o conteúdo quanto a forma de escrita do seu texto, neste capítulo, abordaremos alguns cuidados para a redação do seu projeto de pesquisa.

1 Conteúdo da escrita científica

Um primeiro aspecto a ser observado na escrita do projeto de pesquisa diz respeito ao conteúdo, ou seja, ao seu embasamento teórico. Para apresentar um bom conteúdo, é preciso ler e dominar a literatura sobre o tema que você investigará. Embora muito relevante, essa tarefa não é simples e demanda certo tempo, uma vez que você deverá contemplar tanto as obras de referência quanto leituras adicionais mais amplas sobre seu tema (como jornais e Internet, por exemplo) (MARCONI; LAKATOS, 2011).

O material proveniente dos fichamentos, resumos e esquemas previamente elaborados é de grande valia para produzir um texto bem fundamentado. Nesse sentido, recomenda-se que se faça um esboço ou esquema do que se pretende abordar em cada tópico previamente à escrita propriamente dita, confrontando as informações documentadas da literatura (SEVERINO, 2007).

Depois de ler e fazer os seus registros (usando do fichamento), é preciso organizar as ideias no texto em cada elemento do projeto de pesquisa. Para uma adequada organização desse conteúdo, é importante que você reflita sobre o que pretende desenvolver nos diferentes parágrafos. Lembramos que um parágrafo representa uma etapa de raciocínio, promove articulações do pensamento e deve ser construído com a estrutura de introdução, um corpo (desenvolvimento) e uma conclusão (SEVERINO, 2007).

Na elaboração do conteúdo do projeto de pesquisa, basicamente, usamos dois tipos de vocabulário: a) vocabulário técnico; b) vocabulário comum (CERVO; BERVIAN, 1981).

O vocabulário técnico corresponde ao uso dos termos específicos dentro de cada campo ou área do conhecimento. Mesmo que muitas vezes esses termos sejam de difícil compreensão para o(a) leitor(a) comum, eles devem fazer parte da sua escrita, pois conferem valor e peso aos argumentos utilizados no seu projeto de pesquisa. O vocabulário comum, por sua vez, refere-se aos termos que são utilizados com a finalidade de transmitir as informações desejadas. Para evitar que essas ideias gerem confusão, é importante verificar os significados em dicionários e não utilizar expressões em sentido figurado (CERVO; BERVIAN, 1981).

Por isso, destacamos que a combinação de vocabulário técnico e comum deve ser feita de modo a obter uma redação consistente, objetiva e clara, que ofereça suporte ao seu projeto de pesquisa.

2 A elaboração da escrita científica

De modo a garantir que o seu texto científico transmita as informações pretendidas, é preciso que você atente para os seguintes aspectos: a) argumentação; b) validação; c) coerência textual; d) coesão textual; e) correção gramatical (FERNANDES, 2008).

A **argumentação** é utilizada no texto científico com o intuito de influenciar o(a) leitor(a) sobre determinado assunto ou tema. Para tanto, você deve utilizar de raciocínio consistente e pautado em evidências atuais sobre o seu objeto de estudo (FERNANDES, 2008).

A **validação**, por sua vez, tem como finalidade comprovar os seus argumentos (afirmações, declarações, opiniões, julgamentos) por meio de fatos. Dessa maneira, ela confere créditos e fortalece a perspectiva defendida (FERNANDES, 2008).

Tanto na argumentação quanto na validação, reforçamos a importância de inserir as citações e fazer a indicação de referências⁵¹.

Embora argumentação e validação sejam fundamentais para a escrita científica, a forma como as ideias são apresentadas no texto também deve ser considerada. Você necessitará utilizar palavras, imagens e comparações que transmitam pensamentos claros e objetivos (MARCONI; LAKATOS, 2011). Nesse sentido, há que se observar aspectos como coerência e coesão textuais.

A **coerência textual** refere-se à continuidade de significados de um texto. Um texto coerente é aquele que possui uma estrutura lógica e clara de sentidos em suas frases e parágrafos, de modo que o(a) leitor(a) compreenda o conteúdo e a inteligibilidade estabelecida na comunicação (FERNANDES, 2008). Para tanto, as ideias apresentadas devem se relacionar entre si, não utilizar vícios de linguagem como a repetição excessiva nem se contradizer entre si.

Já a **coesão textual** é utilizada justamente para estabelecer relações de sentido entre os elementos do texto. Isso significa que o texto deve ser ordenado de forma sequencial, de modo que um elemento subsequente dependa de outro (FERNANDES, 2008). Para a coesão, podem ser usados elementos como conectivos, correlação de tempos verbais, uso de referências a termos,

⁵¹ Para saber mais, ver os capítulos “Sexta pitada de teoria: apresentando as citações” e “Sétima pitada de teoria: elaborando as referências”.

reiteraões de expressões e utilização de substituições adequadas de palavras.

Por fim, a **correção gramatical** é fundamental para você garantir uma adequada apresentação do texto (FERNANDES, 2008). Deve-se, nesse aspecto, atentar para a ortografia (letras maiúsculas, divisão de palavras, pontuação, acentuação, abreviaturas e siglas etc.) concordância, uso de pronomes e termos, entre outros.

Reiteramos, portanto, que a escrita científica deve ser racional, lógica e, ao mesmo tempo, obedecer aos preceitos gramaticais da língua portuguesa (DMITRUK, 2012). A observação desses aspectos na elaboração do seu projeto de pesquisa demonstrará que você foi cuidadoso(a) com a escrita. Ao valorizar o seu próprio projeto de pesquisa, demonstrará respeito aos leitores.

3 Características desejáveis para a redação científica

Conforme já vimos, a escrita científica possui especificidades em relação ao seu conteúdo e forma de elaboração. Por isso, a seguir, descreveremos as características desejáveis da linguagem científica (ANDRADE, 2010; CERVO; BERVIAN, 1981; DMITRUK, 2012; MARCONI; LAKATOS, 2011; MOZZINI *et al.*, 2014; SEVERINO, 2007):

- **Explicação:** significa apresentar o assunto e sua relevância. Para tanto, é preciso utilizar argumentos pautados na literatura sobre a temática e em evidências científicas atuais;

- **Ordenação de ideias:** refere-se a apresentar as ideias de modo a garantir sua coesão, com explicações ordenadas de forma lógica e sequencial. Os conceitos devem ser coordenados de forma harmônica (entre si e no todo);
- **Objetividade:** a linguagem deve ser técnica, racional, informativa e pautada em fatos. Portanto, devem-se afastar opiniões, pontos de vista pessoais e subjetivos. Por exemplo: evitar expressões como “parece”, “a unidade era pequena”, “pessoa alta”;
- **Clareza:** devem-se utilizar palavras ou termos com significado próprio e que evitem interpretações diversas (devemos usar linguagem denotativa). As informações têm de ser precisas. Por isso, precisamos evitar termos pomposos, sentimentais e exotéricos;
- **Concisão:** as ideias devem ser expressas por meio de frases curtas, expondo conteúdos com poucas palavras e evitando longas explicações com detalhes insignificantes (não sendo prolixo/a). Devemos cuidar para não acumular frases em único parágrafo;
- **Simplicidade:** deve prevalecer o estilo simples e direto de escrita, evitando erudições, adjetivos desnecessários, repetições, gírias ou expressões deselegantes (como aquelas provenientes da linguagem coloquial);
- **Impessoalidade**⁵²: o texto deve ser redigido na terceira pessoa do singular, sem usar referências pessoais como, por

⁵² Dependendo do campo ou da área de conhecimento, esse aspecto deve ser desconsiderado. Por exemplo, pesquisas das Ciências Sociais e Humanas costumam usar textos redigidos na primeira pessoa do singular ou do plural.

exemplo: “meu trabalho”, “eu penso”, “na minha opinião”, “minha tese”, “nosso trabalho”, “julgamos” etc. Ademais, é preciso utilizar o pronome impessoal “se” para ações concretas. Por exemplo: “realizou-se”, “identificou-se” e outros;

- **Imparcialidade:** significa abolir preconceitos, julgamentos e não sobrevalorizar o próprio trabalho. Por exemplo: não usar expressões como “infelizmente”, “isso é bom”, “trabalho gigantesco”;
- **Originalidade:** diz respeito à novidade na forma de expor o conteúdo de um trabalho, especialmente para temáticas pouco exploradas;
- **Modéstia:** refere-se à postura do pesquisador em reconhecer os limites do seu trabalho, uma vez que poderá ter erros e inconsistências;
- **Cortesia:** usar da diplomacia nas críticas, nos juízos e na forma de discordância feitos a respeito de resultados de outras pesquisas. Deve estar presente tanto nas críticas quanto nos agradecimentos, sem exageros;
- **Acuidade:** observar com atenção tudo o que será comunicado, verificando vocabulário, informações, números e medidas.

4 Questões éticas na escrita científica

A redação do seu projeto de pesquisa deve ter o compromisso de não ferir a ética da elaboração de textos científicos. Dentre os comportamentos antiéticos na escrita

científica, destacamos a prática de plágio e a fraude (DESLANDES, 2008).

O **plágio acadêmico** é definido como a utilização de ideias e informações provenientes de outros autores, sem citar adequadamente sua fonte (DESLANDES, 2008). Dessa forma, consideramos plágio quando um indivíduo “retira, seja de livros ou da Internet, ideias, conceitos ou frases de outro autor (que as formulou e as publicou), sem lhe dar o devido crédito, sem citá-lo como fonte de pesquisa” (NERY *et al.*, 2010, p. 1). Vale ressaltarmos que o plágio não se restringe a textos, mas se aplica a qualquer criação intelectual, em parte ou no todo, seja ela uma imagem, um gráfico ou qualquer outra (INCA, 2012).

Dessa forma, um primeiro ponto a ser observado para evitarmos o plágio é compreender o que significa e quais as implicações da autoria de um trabalho.

De acordo com a ABNT, autor é a “pessoa física responsável pela criação do conteúdo intelectual ou artístico do trabalho” (ABNT, 2011, p. 1). Dessa forma, é fundamental que respeitemos a fonte dos conceitos e ideias que embasarão nosso projeto de pesquisa.

Ressaltamos que a produção de um trabalho acadêmico-científico demanda uma série de investimentos pessoais, os quais justificam a relevância de conferirmos os créditos de autoria: a) um(a) autor(a) investe tempo e recursos na elaboração do seu trabalho; b) precisa fazer pesquisas bibliográficas, utilizar, citar e referenciar outros autores; c) expõe seu trabalho para a comunidade científica (pode sofrer críticas); d) responsabiliza-se pela publicação; e) pode ser acionado judicialmente em função de plágio, inverdades ou danos morais (RENK, 2012).

Um segundo ponto a ser observado para evitarmos o plágio é compreender o que ele significa e quais as suas características.

De acordo com Krokosz (2014), existem diferentes tipos de plágio:

- **Plágio direto:** quando há cópia literal de texto ou de parte de texto sem o uso de citação ou sem a inserção do autor desse texto;
- **Plágio indireto:** quando se faz paráfrase de texto ou de parte de texto sem citação ou sem a inserção do autor desse texto (mesmo que a obra consultada esteja listada no final do trabalho);
- **Plágio consentido:** quando há combinação entre indivíduos para a obtenção de vantagens pessoais (compra de trabalhos; trabalhos reapresentados em diferentes instituições como se fossem originais; trabalhos feitos por uma pessoa e entregue por outra);
- **Plágio de fontes:** quando o autor informa ter acessado fontes que foram retiradas a partir de outros documentos (ou seja, não foram acessadas de primeira mão – nesse caso, se não houve acesso ao documento original, isso deve ser mencionado através do “apud”);
- **Autoplágio:** quando há cópia literal ou paráfrase de texto do próprio autor (em todo ou parte), sem que ele faça a devida citação.

Independentemente do tipo, o plágio é considerado um pecado capital no meio acadêmico; dessa forma, caso um(a) autor(a) o cometa, poderá sofrer diferentes penalidades: a)

advertência; b) expulsão; e c) até cassação do diploma universitário (RENK, 2012). Em função de tudo isso, “o autor que se sentir lesado pelo plágio pode acionar judicialmente o plagiador. Este é passível de penalização. Fora isso, desonra-se quem o pratica e age em desfavor de sua formação” (RENK, 2012, p. 210).

Para dirimir os casos de plágio, existem diferentes legislações brasileiras: a) Constituição Federal; b) Código Civil; c) Código Penal; e d) Lei do Direito Autoral (Lei nº 9.610/98) (INCA, 2012).

Para evitar o plágio e respeitar a ética na escrita do projeto de pesquisa, é necessário, pois, conferirmos os devidos créditos aos autores dos trabalhos consultados. Para tanto, precisamos fazer uso correto das citações (diretas, indiretas e citações de citações), bem como inserir a lista de referências das obras consultadas no final do projeto de pesquisa.

A **fraude**, por sua vez, diz respeito à invenção de dados e de informações, tanto no sentido de criar resultados quanto de justificar pressupostos e embasar suas propostas (DESLANDES, 2008). Trata-se de um comportamento igualmente abominável no meio acadêmico que, inclusive, pode trazer prejuízos de diversas ordens para a Ciência e para a própria sociedade.

5 Algumas dicas para a redação do seu projeto de pesquisa

Abaixo, listamos algumas dicas que o(a) ajudarão no momento de redigir o seu projeto de pesquisa:

- Reserve tempo para realizar pesquisas e fazer leituras sobre o seu assunto;

- Leia com “atenção” e com “intenção” as obras de referência: atenção, para compreender as ideias do texto; e intenção, para buscar, já na leitura, aquelas informações que serão úteis ao seu projeto de pesquisa;
- Sempre que possível, realize o fichamento dos textos importantes para o seu projeto de pesquisa;
- Faça esquemas com as ideias que pretende desenvolver (um bom esquema ajudará na ordenação);
- Organize suas ideias e reflita sobre o que pretende escrever em cada elemento e parágrafo antes de iniciar a escrita;
- Escreva um parágrafo para única ideia principal;
- Elabore parágrafos breves (nem longos nem curtos demais), de modo a facilitar o raciocínio;
- Utilize frases diretas e curtas, sem deixá-las desconexas ou confusas;
- Informe, descreva e explique o assunto de forma interessante, clara, precisa e séria;
- Use o vocabulário técnico sem exagero;
- Evite elementos supérfluos e termos oriundos de línguas estrangeiras;
- Evite repetição de palavras, rimas, repetição de sons desagradáveis e concorrência entre consoantes;
- Não use expressões vulgares, gírias e expressões regionais;
- Obedeça às normas de escrita da língua portuguesa;
- Faça citações adequadamente;
- Evite citações diretas e citações de citações desnecessárias;
- Cuide da formatação final do texto (parágrafos, espaçamentos, tipo de fonte, tamanho de fonte);

- Sempre revise o texto. Se possível, peça que alguém (mesmo que não domine o assunto) leia o material e assinale os pontos em que não compreendeu a escrita;
- Indique as referências bibliográficas;
- Antes de imprimir, salve uma cópia do arquivo no formato PDF;
- Confira o texto impresso antes de entregar.

Referências

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012.

FERNANDES, R. F. Desenvolvendo o conteúdo. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 191-200.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. **Plágio acadêmico**: conhecer para combater. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/plagio_academico.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.

KROKOSZ, M. **Plágio Acadêmico**. Instituto Antiplágio: São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.plagio.net.br>. Acesso em: 22 ago. 2014.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.

MOZZINI, C. B. *et al.* **Manual de Trabalhos Acadêmicos**. Tapera: Lew Editora, 2014.

NERY, G. *et al.* **Nem tudo o que parece é**: entenda o plágio. Niterói: Comissão de Avaliação de Casos de Autoria, Departamento de Comunicação Social – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.

RENK, A. Plágio, pirataria e outros danos mais. *In*: DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012. p. 204-213.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.



PARTE III: SUGESTÕES PARA O(A) “CHEF CIENTÍFICO(A)”

Na Parte III do nosso “Menu”, oferecemos algumas “Sugestões” para lhe dar suporte nas atividades do seu “prato principal” como “chef científico(a)”.

Abordaremos as seguintes “Sugestões”: 1) Buscando fontes bibliográficas; 2) Realizando o fichamento de documentos para o projeto de pesquisa; 3) Criando uma pasta de documentos do projeto de pesquisa no seu computador; 4) Criando o documento base do projeto de pesquisa no seu computador; e 5) Formatando o documento base do projeto de pesquisa no seu computador. Nessas “Sugestões”, trazemos dicas e orientações que irão facilitar diferentes etapas da elaboração do seu projeto de pesquisa.



SUGESTÃO 1: BUSCANDO FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Sidimar Meira Sagaz

Apresentação

Uma das principais características do(a) “chef científico(a)” é dominar o assunto de seu projeto de pesquisa. Isso significa que você precisará ler e refletir sobre o que vem sendo publicado sobre a temática escolhida.

Embora saibamos que a leitura é fundamental para ser um *expert*, muitas vezes, não conhecemos onde e como buscar as informações necessárias para a elaboração do nosso projeto.

Por isso, apresentaremos como primeira “Sugestão” a busca de fontes bibliográficas, com ênfase nos artigos científicos, para o(a) auxiliar a se tornar um(a) excelente “chef científico(a)”!

1 O que são fontes bibliográficas?

Fontes bibliográficas são documentos que servirão de leitura e embasamento para a elaboração do seu projeto de pesquisa. Os rápidos avanços na produção do conhecimento e a velocidade com que novas informações são geradas diariamente ampliam, em muito, as possibilidades de consulta a essas diferentes fontes.

2 Quais os tipos de fontes bibliográficas?

Para a elaboração de um projeto de pesquisa, temos vários tipos de fontes de pesquisa bibliográfica: a) artigos científicos; b) livros; c) capítulo de livros; d) dicionários; e) monografias; f) dissertações; g) teses; h) documentos históricos; i) legislações; j) relatórios institucionais; k) relatórios de pesquisa; l) *sites* de entidades governamentais e de classe; m) documentos de instituições e organizações; n) revistas e jornais, entre outros.

3 Onde buscar fontes bibliográficas?

A escolha do local para a busca de fontes bibliográficas depende do seu objeto de estudo. Contudo, em linhas gerais, ela pode ser realizada em locais diversos: a) em bibliotecas físicas e eletrônicas (*on-line*) ligadas a instituições de ensino e pesquisa; b) em centros de documentação de instituições e organizações diversas; c) em consultas na Internet, em bases de dados e outros.

Hoje, existe uma ampla possibilidade de realizar consultas *on-line*. Para isso, sugerimos que acesse o *site* da biblioteca e o repositório da sua instituição. Normalmente, as bibliotecas ligadas a instituições de ensino/pesquisa disponibilizam acervo *on-line*, o que nos possibilita localizar o documento e, também, fazer o *download* de alguns.

Além disso, você poderá acessar *sites*, portais e bases de dados diretamente de sua casa para a busca de publicações acadêmicas e científicas.

4 O que são e como funcionam as bases de dados?

Bases de dados são coleções que armazenam grandes quantidades de informações provenientes de periódicos científicos, dissertações, teses e outros tipos de documentos em meio eletrônico. Elas podem ter acesso livre ou restrito e são organizadas por área de conhecimento (mas, podem ser multidisciplinares).

As bases de dados possuem “motores de busca”, que são ferramentas (formulários) utilizadas para encontrar documentos nas suas coleções, a partir da inserção de termos, palavras-chave ou descritores de assunto em campos específicos. Ilustraremos apresentando o motor de busca da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) (Figura 1).

Os descritores de assunto⁵³, por sua vez, são usados para localizar/classificar as informações dos documentos nas coleções que fazem parte das bases de dados. Assim, são utilizados para encontrar os documentos em uma base, facilitando a busca das publicações que foram previamente cadastradas seguindo uma determinada lógica (estrutura) nas coleções/bibliotecas.

⁵³ Embora usados geralmente como sinônimos, há diferenças entre descritor e palavra-chave: enquanto um descritor passa por controle criterioso de sinônimos, significado e importância, uma palavra-chave provém de textos gerais e não obedece a nenhuma estrutura (BRANDAU; MONTEIRO; BRAILE, 2005).

Figura 1 – Visão geral do “motor de busca” da (BVS)

Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://bvssalud.org/>.

Na área da saúde, podem-se consultar os Descritores em Saúde (DeCS) (<http://decs.bvs.br>)⁵⁴, um vocabulário estruturado e multilíngue (português, espanhol e inglês) criado pelo BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), utilizado para a indexação de artigos científicos, livros, anais de congressos e relatórios técnicos, entre outros (BVS, 2021) (Figura 2):

⁵⁴ O site do DECS teve atualização no ano de 2021.

Figura 2 – Visão geral do DeCS



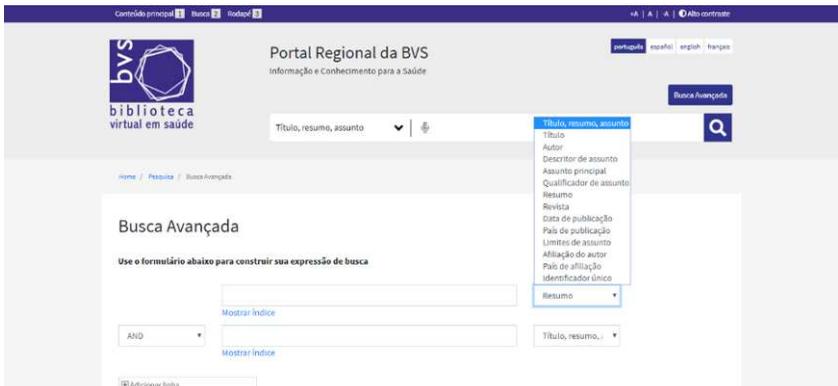
Fonte: DeCS (2021).

Disponível em: <http://decs.bvs.br/>.

A utilização dos termos de busca pode ser feita em diferentes domínios do formulário de busca avançada (assunto, resumo, título, autor, descritor principal, revista, data de publicação etc.) (Figura 3):

Após a definição do domínio no qual será feita a busca (assunto, resumo, título, autor, descritor principal, revista, data de publicação etc.), define-se a dos operadores booleanos (AND, OR, NOT) (EBSCO, 2018).

Figura 3 – Domínios do formulário de busca avançada na BVS



Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

É o operador booleano que define relações entre os termos (palavras-chave ou descritores) em uma pesquisa. Dependendo da escolha do booleano, você poderá ter uma pesquisa ampla ou mais específica (EBSCO, 2018; YAMAOKA, 2005) (Figura 4):

- **AND:** combina os termos (palavras-chave ou descritores) de modo para que cada resultado da pesquisa (busca) contenha todos os termos inseridos. Alguns mecanismos possibilitam substituir AND pelo operador (+). Por exemplo: “açúcares” AND “doença crônica” localiza artigos que contêm ambos “açúcares” e “doença crônica”;
- **OR:** combina os termos (palavras-chave ou descritores) de modo que cada resultado da pesquisa contenha no mínimo um dos termos. Por exemplo: “açúcares” OR “doença crônica” encontra resultados que contêm “açúcares” ou “doença crônica”;

- NOT: exclui termos (palavras-chave ou descritores) para que cada resultado da pesquisa não contenha nenhum dos termos que o seguem. Alguns mecanismos de busca permitem substituir o operador NOT pelo operador (-). Por exemplo: “açúcares” NOT “doença crônica” encontra resultados que contêm “açúcares”, mas não “doença crônica”.

Figura 4 – Escolha dos operadores booleanos na BVS

Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

Após realizar essas definições, ao clicar em “buscar”, será gerada uma lista com as informações das publicações localizadas. Dependendo da base de dados, você poderá ter acesso a resumos e aos textos completos para *download*. Contudo, algumas exigem que os artigos sejam comprados.

5 Sites, portais e bases de dados para a busca de publicações acadêmicas e científicas

As bibliotecas das instituições de ensino costumam disponibilizar uma relação com *links* de bases de dados com informações sobre as áreas das publicações, os tipos de documentos disponíveis e as formas de acesso.

Abaixo, listamos alguns *sites*, portais e bases de dados para você realizar a busca de publicações acadêmicas e científicas:

- Portal de Periódicos da CAPES:
<http://www.periodicos.capes.gov.br>
- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD):
<http://bdttd.ibict.br/vufind/>
- Biblioteca Eletrônica Científica *Online* (SciELO):
<https://www.scielo.org/>
- Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): <https://bvsalud.org/>
- *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL):
<http://www.spell.org.br>
- Google Acadêmico: <https://scholar.google.com.br/>
- *Directory of Open Access Journals* (DOAJ):
<https://www.doaj.org>
- *Directory of Open Access Books* (DOAB):
<https://www.doabooks.org/>

6 Passo a passo para a busca de artigos científicos

Conforme já vimos, há uma ampla variedade de fontes bibliográficas para a fundamentação teórica de seu projeto de pesquisa. A escolha do tipo de fonte dependerá, obviamente, da área do saber e do seu objeto em estudo.

De modo geral, recomendamos a busca por conceitos/definições em obras como livros, capítulos, dicionários e enciclopédias. No entanto, para o embasamento científico de seu projeto, indicamos a utilização de artigos recentemente publicados por periódicos científicos⁵⁵.

Os artigos científicos apresentam “maior credibilidade científica”, pois trazem resultados e discussões atuais de pesquisas e passaram por avaliações criteriosas quanto à relevância de sua temática e do seu método antes de serem publicados nos periódicos.

Em função disso, abaixo, disponibilizamos um passo a passo para a busca de artigos científicos⁵⁶. Para ilustrar, faremos uma pesquisa hipotética na BVS:

⁵⁵ Recomendamos que você faça um levantamento dos artigos publicados nos últimos cinco anos. Caso existam muitas publicações, poderá reduzir para os últimos três anos.

⁵⁶ Apresentaremos uma possibilidade de busca simples, com finalidade de ilustrar um passo a passo. Existem, contudo, outras formas e estratégias para realizá-la.

a) Defina o tema/assunto de seu projeto de pesquisa

Esse é o ponto de partida para a busca de artigos científicos. Antes de começar a busca em uma base de dados, defina, com clareza o tema/assunto e o objeto de pesquisa de seu projeto.

Quanto mais específico e mais claro o objeto de pesquisa, mais fácil para realizar a busca por artigos científicos. Por exemplo: imaginemos que seu projeto de pesquisa tenha como recorte de tema a “relação entre consumo de açúcares, obesidade e cárie dentária em escolares”.

b) Defina as palavras-chave/descriptores que melhor expressam ou se relacionam ao tema do seu projeto de pesquisa

Considerando como exemplo o recorte “relação entre consumo de açúcares, obesidade e cárie dentária em escolares”, podemos afirmar que “açúcares”, “obesidade”, “cárie dentária” e “escolares” são palavras-chave que expressam esse recorte. Ou seja, essas são palavras com significado importante para o que se pretende desenvolver.

Após identificá-los, podemos verificar se essas palavras são, de fato, descritores de assunto. Para tanto, no caso da área da saúde, basta fazer uma busca nos DeCS. Sendo esse o caso, depois de abrir o *site*, basta clicar em “Consulta ao DeCS” e realizar a busca com cada palavra (Figura 5):

Figura 5 – Consulta por descritores no DeCS



Fonte: DeCS (2021).

Disponível em: <http://decs.bvs.br/>.

Ao pesquisar pelas palavras-chave do nosso tema hipotético, identificamos que existem os seguintes descritores compatíveis cadastrados no DeCS⁵⁷, respectivamente, nos idiomas português, inglês e espanhol:

- Para a palavra “açúcares”, foram localizados: “Açúcares, *Sugars*, *Azúcares*”; “Açúcares da dieta, *Dietary Sugars*, *Azúcares de la Dieta*”; “Sacarose, *Sucrose*, *Sacarosa*”;
- Para a palavra “obesidade”, foram encontrados: “Obesidade, *Obesity*, *Obesidad*”; “Doença crônica, *Chronic Disease*, *Enfermedad Crónica*”;

⁵⁷ Para a busca de descritores na área da saúde em língua inglesa, com vistas à realização de buscas de artigos na literatura biomédica internacional, especificamente, é possível consultar o Medical Subject Headings (MeSH) em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh>.

- Para a palavra “cárie dental”, foram localizados: “Cárie dentária, *Dental Caries, Caries Dental*”;
- Por fim, para a palavra “escolares”, foram encontrados os seguintes descritores: “Criança, *Child, Niño*”; “Saúde da criança, *Child Health, Salud del Niño*”; “Estudantes, *Students, Estudiantes*”.

De posse dessa lista de descritores, será possível localizar as publicações na base de dados com maior proximidade em relação ao tema previamente definido.

Caso não localize o descritor de uma ou mais palavras-chave, você deverá utilizar sinônimos. Se ainda assim não encontrar um descritor, a sugestão é realizar a busca utilizando as palavras-chave e os respectivos sinônimos.

c) Defina a(s) base(s) de dados em que será feita a busca por artigos científicos

Conforme já mencionamos, as bases de dados são grandes coleções de fontes bibliográficas de acesso *on-line* para a busca de artigos de periódicos científicos, livros, dissertações, teses, resumos de anais de congressos e outros.

Existem várias bases de dados que podem ser acessadas de qualquer computador conectado à Internet.

No nosso exemplo hipotético, optamos por ilustrar a pesquisa na BVS (Figura 6):

Figura 6 – Visão geral do motor de busca na BVS

Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

d) Realize a busca por artigos científicos

Para localizar as publicações em uma base de dados, será necessário preencher os campos do formulário de busca (“motor de busca”) com termos (descritores ou palavras-chave), domínios em que será feita a busca (título, assunto, autor etc.) e escolha do operador booleano (AND, OR ou NOT).

No nosso exemplo hipotético, optamos por ilustrar a pesquisa na BVS, utilizando os descritores “açúcares” AND “obesidade” AND “cárie dentária” AND “criança” no domínio “título, resumo, assunto” (Figura 7):

Figura 7 – Visão geral do preenchimento do formulário de busca avançada ao utilizar os descritores “açúcares” AND “obesidade” AND “cárie dentária” AND “criança” na BVS

Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

Quanto maior o número de descritores combinados, mais restrito e específico será o resultado da pesquisa, o que significa que haverá menor probabilidade de encontrar muitas publicações (e aquelas que forem localizadas estarão bastante relacionadas com o objeto de estudo).

Nesse caso, ao combinar quatro descritores, foram localizadas 10 publicações⁵⁸ (Figura 8):

⁵⁸ Pesquisa realizada em 05/11/2019 na BVS.

Figura 8 – Resultado da pesquisa ao utilizar os descritores “açúcares” AND “obesidade” AND “cárie dentária” AND “criança” na BVS – 5 nov. 2019



Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

O próximo passo é reduzir o número de descritores e alternando sua combinação até encontrar artigos que apresentam semelhança com a temática⁵⁹. A cada descritor removido, amplia-se a busca, o que significa que haverá maior número de artigos localizados e que eles poderão se distanciar do seu objeto de estudo.

No nosso exemplo hipotético, optamos por ilustrar essa nova pesquisa na BVS, utilizando apenas três descritores: “açúcares” AND “cárie dentária” AND “criança”.

⁵⁹ Outra possibilidade é começar a busca com menos descritores e refinar os achados posteriormente.

Nesse caso, ao eliminar o descritor “obesidade”, o número de publicações localizadas saltou de 10 para 59⁶⁰ (Figura 9):

Figura 9 – Resultado da pesquisa ao utilizar os descritores “açúcares” AND “cárie dentária” AND “criança” na BVS – 5 nov. 2019

Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

Caso não tenha localizado publicações que se relacionem com a temática ao utilizar três ou mais descritores, deve-se reduzir o número de palavras-chave/descriptores ou mudar a estratégia de booleanos.

Contudo, cada vez que se reduz o número de palavras-chave/descriptores, são localizados mais artigos, aumentando a possibilidade de encontrar documentos que não se relacionam muito com o seu objeto de estudo (que não têm “muito a ver” com o seu tema). Se optar por ampliar a busca, deverá ter mais cuidados

⁶⁰ Pesquisa realizada em 05/11/2019 na BVS.

na leitura dos títulos e resumos para selecionar aqueles que se relacionam, de fato, com o seu tema.

e) Aplique “filtros” nos resultados obtidos na busca inicial

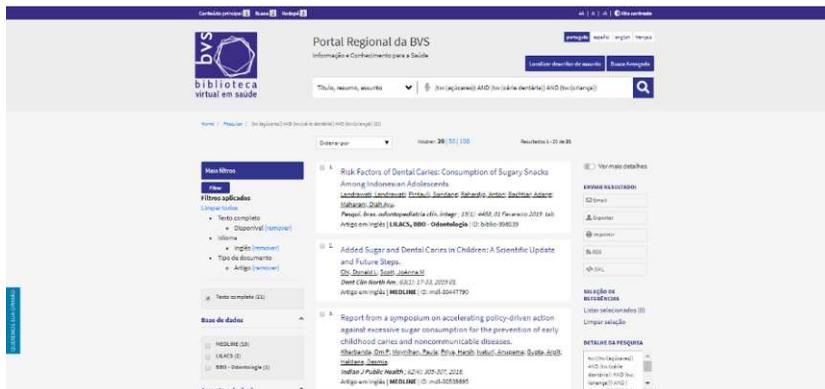
Uma vez conduzida a busca inicial de artigos, procede-se à aplicação de “filtros” para delimitar os achados, de acordo com as suas demandas.

As bases de dados possuem diversos “filtros” para a busca, que podem ser selecionados para definir aspectos como: texto completo disponível; coleções; assunto principal da publicação; tipo de estudo da publicação; aspecto clínico; país/região como assunto; idioma; ano de publicação; tipo de documento; revista; assunto da revista; país de afiliação, dentre outros.

No nosso exemplo, ao realizarmos a pesquisa na BVS, utilizando os descritores “açúcares” AND “cárie dentária” AND “criança” no domínio “título, resumo, assunto”, localizamos 59 publicações no total (Figura 9) (ver acima).

Ao aplicarmos os filtros “texto completo disponível”; “idioma: português e inglês”; “tipo de documento: artigo”; e “intervalo de tempo: últimos 5 anos (2014-2019)”, esse montante reduziu para 21 artigos (Figura 10):

Figura 10 – Resultado da pesquisa ao utilizar os descritores “açúcares” AND “cárie dentária” AND “criança” na BVS após a aplicação de filtros – 5 nov. 2019



Fonte: BVS (2019).

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>.

Depois da aplicação dos filtros desejados, você terá uma lista de artigos a serem selecionados.

f) Faça a seleção final

Após aplicar os filtros na busca inicial, você deverá fazer a seleção dos artigos para serem posteriormente lidos na íntegra. Para tanto, leia e selecione os artigos por meio da leitura dos seus títulos e resumos, ambos disponibilizados pelas bases de dados.

É essa leitura que possibilitará verificar em que medida os artigos previamente delimitados lhe interessam, em função do seu objeto ou tema de pesquisa.

Feito isso, você terá uma lista com a seleção de artigos a serem lidos na íntegra para a elaboração do seu projeto de pesquisa. As bases de dados costumam disponibilizar uma opção para envio dessa seleção por e-mail, *download* para uma pasta de seu computador ou armazenamento dos artigos em uma pasta de documentos pessoal na própria base.

g) Faça o fichamento dos artigos

Após salvar os artigos que você selecionou, chegou a hora de lê-los e registrar as informações que serão úteis na elaboração do seu projeto de pesquisa. Para tanto, sugerimos que utilize a técnica do fichamento, conforme descrito na sugestão a seguir.

7 Algumas dicas para a busca de fontes bibliográficas

Abaixo, listamos algumas dicas que o(a) ajudarão no momento de realizar a busca de fontes bibliográficas:

- Escolha fontes bibliográficas confiáveis: evite *blogs* pessoais e *sites* de busca comuns;
- Entre no *site* da biblioteca de sua instituição de ensino para ter acesso a informações de bases de dados de sua área;

- Dê preferência para a busca em periódicos com maior valor científico (identificáveis pelo maior Fator de Impacto⁶¹ e por melhor avaliação de Qualis⁶²);
- Registre o endereço eletrônico da base de dados na qual realizou a pesquisa e a data⁶³;
- Registre os descritores (termos ou palavras-chave) utilizados na pesquisa e o total de publicações encontradas⁶⁴;
- Aplique os filtros na pesquisa de acordo com suas necessidades (quanto mais especificar, menor o trabalho posterior de checagem);
- Leia atentamente o título e o resumo dos artigos após aplicar os filtros de pesquisa. Selecione apenas aqueles que se relacionam com seu tema/objeto;
- Repita a pesquisa na base de dados utilizando os mesmos mecanismos de busca caso precise atualizar a literatura;
- Envie a seleção final para seu e-mail. Assim, terá uma lista com os *links* dos artigos, podendo acessá-la de qualquer equipamento com acesso à Internet;
- Salve os artigos e outras publicações em uma pasta do seu computador;

⁶¹ Principal métrica utilizada para avaliar as revistas científicas por todo o mundo ao contabilizar as citações recebidas. Para saber mais, acesse: <https://www.ufrgs.br/blogdabc/o-que-e-fator-de-impacto-das-revistas-cientificas/>.

⁶² O Qualis Periódicos é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos brasileiros. Para saber mais, acesse: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>.

⁶³ Disponibilizamos um modelo em “Acompanhamentos”.

⁶⁴ Disponibilizamos um modelo em “Acompanhamentos”.

- Salve cada artigo/publicação na pasta identificando seu título, autor e ano da publicação. Isso facilitará no momento de recuperar o documento;
- Caso utilize um *software* gerenciador de referências, já faça o cadastramento do artigo/publicação na sua biblioteca;
- Faça *backup* ou salve documentos importantes em HD externo, *pen drive* ou na nuvem.

Referências

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Busca Avançada**. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2019. Disponível em: <https://bvshalud.org/>. Acesso em: 5 nov 2019.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Descritores em Ciências da Saúde**: DeCS. 2021. ed. rev. e ampl. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2021. Disponível em: <http://decs.bvs.br/>. Acesso em: 22 nov 2021.

BRANDAU, R.; MONTEIRO, R.; BRAILE, D. M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. VII-IX, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76382005000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 set 2019.

EBSCO. **Pesquisa com Operadores Booleanos**. [S. l.]: EBSCO Connect, 28 nov. 2018. Disponível em: https://connect.ebsco.com/s/article/Pesquisa-com-Operadores-Booleanos?language=en_US. Acesso em: 4 nov. 2019.

YAMAOKA, E. J. O uso da Internet. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 146-163.



SUGESTÃO 2: REALIZANDO O FICHAMENTO DE DOCUMENTOS PARA O PROJETO DE PESQUISA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna
Ândrea Cardoso de Souza

Apresentação

Como você já teve ter percebido, enquanto “chef científico(a)”, deverá realizar a busca, a leitura e o registro de vários documentos, os quais servirão de embasamento teórico/bibliográfico para o seu projeto de pesquisa.

Para organizar melhor essa tarefa, chamada de “prática de documentação”, sugerimos que você registre as informações mais importantes em fichas de leitura.

Nesta segunda “Sugestão”, apresentaremos o que é, qual a importância e como realizar o fichamento.

1 O que são fichas de leitura?

As fichas de leitura são arquivos impressos ou em formato digital nos quais registramos transcrições/informações mais relevantes de um determinado documento. Elas podem ser compradas em livrarias (modelo pronto) ou elaboradas por você, usando um editor de texto do seu computador.

2 Quais os elementos de uma ficha de leitura?

A ficha de leitura apresenta uma estrutura em elementos (campos a serem preenchidos), que permitem a você organizar as informações provenientes da leitura, interpretação e análise do documento previamente selecionado para o projeto de pesquisa.

Normalmente, uma ficha de leitura possui os seguintes elementos:

- Cabeçalho: onde se registram: o título/assunto geral da ficha; o título/assunto específico da ficha – se houver; a referência completa do documento;
- Corpo ou texto da ficha: onde se insere o resumo e/ou as citações do documento. O corpo da ficha pode ser dividido em itens, conforme necessidade;
- Local em que se encontra o documento fichado: onde se informa a biblioteca, base de dados ou outro local de origem do documento;
- Responsável pela elaboração da ficha: onde se registra o nome da pessoa que elaborou o fichamento.

Esses elementos, quando preenchidos adequadamente, possibilitam a organização dos registros e facilitam a busca das informações sempre que você necessitar.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos modelos de fichas de leitura.

3 Por que usar fichas de leitura?

As fichas de leitura são bastante úteis, pois o(a) ajudarão a identificar os documentos previamente lidos, fazer a adequada referência desses documentos, utilizar citações dos documentos, elaborar críticas sobre as leituras e ganhar tempo (DMITRUK, 2012).

Isso significa que, após fazer o fichamento, você não necessitará buscar nem ler o documento novamente. Dessa forma, otimizará sua vida científica.

4 Que materiais podem ser fichados?

Você poderá realizar o fichamento de capítulos de livros; artigos científicos; artigos de jornal; palestras; vídeos; aulas e outros (DMITRUK, 2012).

Dessa forma, poderá fichar qualquer fonte bibliográfica ou matéria que seja de interesse para o seu projeto de pesquisa.

5 Tipos de fichas de leitura

Dentre os tipos de fichas, destacamos os seguintes exemplos para a elaboração de um projeto de pesquisa: a) ficha de identificação de bibliografia; b) ficha de citações diretas; c) ficha de citações indiretas; d) ficha de citações mistas; e) ficha de resumo; f) ficha de “elementos padrão”.

A **ficha de identificação de bibliografia** é usada para registrar os elementos da referência, de modo a localizá-la quando necessário. Nesse caso, são identificados os seguintes

componentes da obra fichada: a) autor(es); b) título; c) subtítulo (se houver); d) editora; e) local; f) volume; g) número; e, h) paginação, entre outros.

A **ficha de citações diretas** é aquela em que as informações são copiadas integralmente da fonte e transcritas na ficha. A **ficha de citações indiretas** é aquela em que você lê, interpreta e reescreve partes da obra consultada (faz paráfrases). Na **ficha de citações mistas**, você utiliza tanto as citações diretas quanto as indiretas. Para as fichas de citações, você deve seguir as normas para a apresentação das citações⁶⁵.

A **ficha de resumo**, por sua vez, é aquela em que se faz um resumo da obra a partir da sua interpretação. Nesse caso, você fará a leitura e registrará as informações mais importantes em um resumo, por intermédio de suas próprias palavras.

Por fim, a “**ficha de elementos padrão**” é aquela em que já possui campos a serem preenchidos de acordo com a necessidade de informações do tipo de cada obra. Por exemplo: campo para introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusões.

Nos “Acompanhamentos”, disponibilizamos dois modelos de fichas de leitura. Também, apresentamos um quadro de análise de artigos, que poderá ser utilizado com finalidade de fichamento e/ou descrição de resultados de pesquisa bibliográfica.

⁶⁵ Para saber mais, veja o capítulo “Sexta Pitada de Teoria: Apresentando as citações”.

6 Como registrar as informações mais importantes nas fichas de leitura?

O primeiro passo para registrar as informações de forma adequada nas fichas é ler com atenção a obra/documento, de modo que você consiga compreender adequadamente a mensagem do(s) autor(es). Na sequência, procure identificar a estrutura do texto, bem como as ideias/tópicos principais. Por fim, sintetize as informações mais relevantes por meio dos seus registros (DMITRUK, 2012).

Se for utilizar uma **citação direta**, os trechos transcritos devem ser apresentados entre aspas, e as supressões são identificadas pelo sinal [...]. Deve-se inserir a página na qual se encontra a informação no documento original ao final de cada frase copiada. Mesmo não sendo necessário identificar a paginação nas **citações indiretas**, sugerimos que registre mesmo assim essa informação sempre que possível.

Caso pretenda elaborar um **resumo** da obra, uma boa forma de começar a organizar suas ideias é fazer um esquema visual (em setas ou itens, por exemplo), contemplando os principais assuntos/tópicos do documento. A partir daí, você conseguirá desenvolver cada um. Lembre-se de que o resumo é uma condensação do texto (diferentemente de copiar ou de substituir uma frase por outra) (DMITRUK, 2012).

Ao utilizar uma **“ficha de elementos padrão”**, atente para preencher cada campo com todas as informações necessárias.

Em todas elas, siga as normas da sua instituição de ensino/pesquisa.

7 Como arquivar as fichas de leitura?

As fichas físicas podem ser armazenadas em um arquivo de fichas ou em pastas de plástico ou papel. As fichas digitais devem ser armazenadas em pastas no seu computador.

Independentemente da forma, atente para organizá-las de modo que consiga localizar as informações quando necessitar.

8 Algumas dicas para o fichamento

Abaixo, listamos algumas dicas que o(a) ajudarão no fichamento de suas leituras:

- Leia os documentos com atenção;
- Realize o fichamento concomitantemente ou logo após a leitura do documento;
- Organize as fichas por assunto dentro da uma pasta (seja ela física ou digital);
- Caso utilize arquivos de fichas ou pastas físicas, identifique-os adequadamente com alguma etiqueta;
- Caso utilize fichas digitais, a cada dia que você for alterar o documento criado, salve com a data da última modificação e trabalhe sempre com a versão mais recente;
- Você poderá nomear cada versão no seguinte formato: “[Ano.mês.dia]_Ficha_[assunto]”. Por exemplo: “2020.05.25_Ficha_Saúde_Bucal”. Dessa forma, as versões ficarão organizadas na sua pasta.

- Utilize algum mecanismo extra de salvamento (nuvem, *backup*, envio por e-mail);

Referências

DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012.



SUGESTÃO 3: CRIANDO UMA PASTA DE DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA NO SEU COMPUTADOR

Deison Alencar Lucietto
Ândrea Cardoso de Souza

Apresentação

Desde o momento em que você decidiu elaborar um projeto de pesquisa, como “chef científico(a)”, é importante organizar seus arquivos de pesquisa. Para tanto, você precisará criar uma pasta no seu computador.

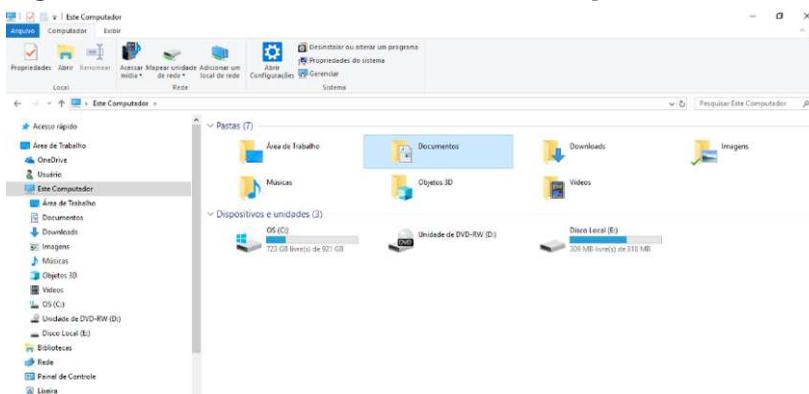
Nada de começar a escrever o projeto sem organizar isso primeiro. É como começar a preparar um “bolo” sem ter a “fôrma” para assá-lo.

Nesta terceira “Sugestão”, apresentaremos um passo a passo para você criar essa pasta. Para tanto, ilustraremos isso no sistema operacional Windows®.

1 Como criar uma pasta de documentos para o seu projeto de pesquisa no computador?

Primeiro, crie uma pasta no seu computador para salvar todos os arquivos/documentos do seu projeto de pesquisa. Para isso, acesse “Meu computador” e clique em “Documentos” (Figura 1).

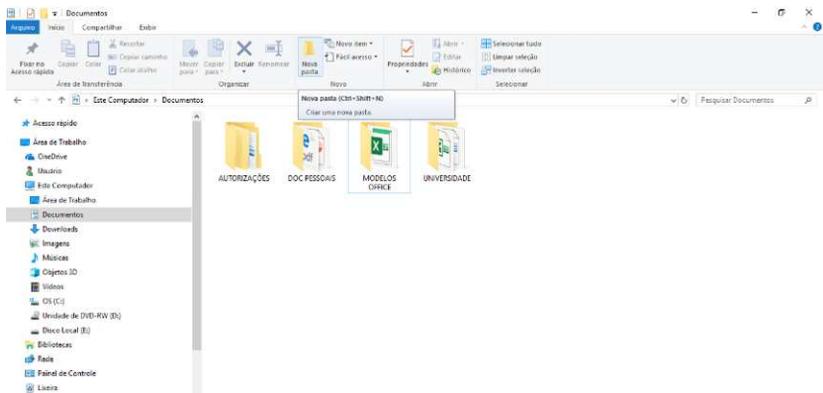
Figura 1 – Acessando “Documentos” no “Meu computador”



Fonte: Windows®, 2019.

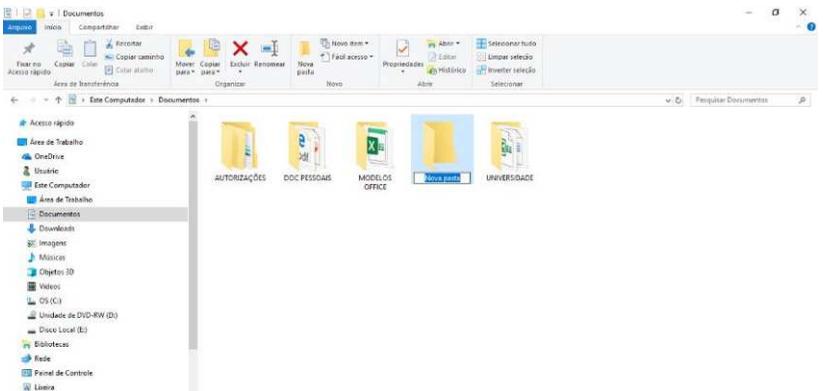
Depois, na barra de comandos superior, clique em “Nova pasta” (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Criando “Nova Pasta”



Fonte: Windows®, 2019.

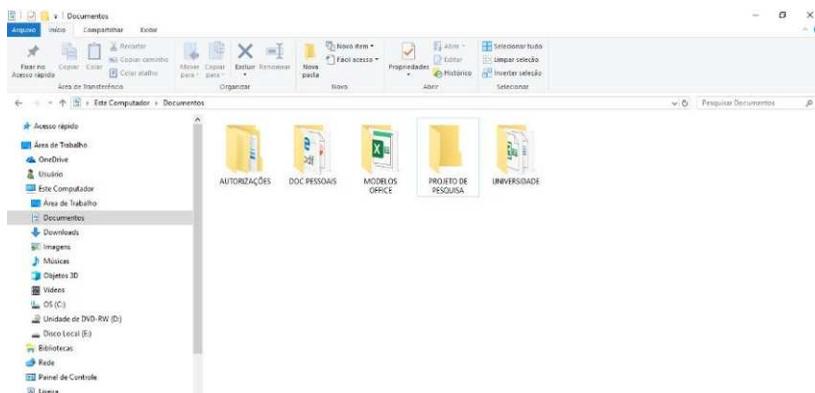
Figura 3 – Nomeando a “Nova Pasta” criada



Fonte: Windows®, 2019.

Após a criação da pasta, defina um nome (por exemplo: “Projeto de Pesquisa”) (Figura 4):

Figura 4 – Pasta “Projeto de Pesquisa” criada

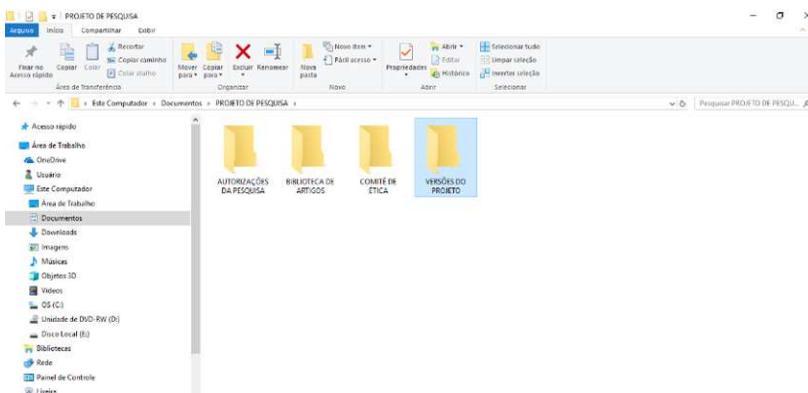


Fonte: Windows®, 2019.

Após criar a pasta do seu projeto de pesquisa, se preferir, dentro dela, poderá criar outras pastas para organizar tipos de documentos⁶⁶ (por exemplo: “Autorizações de Pesquisa”, “Biblioteca de Artigos”, “Versões do Projeto de Pesquisa” etc.) (Figura 5).

⁶⁶ Você define a quantidade de pastas e os nomes dessas pastas de acordo com sua necessidade e preferências. Importa é que consiga localizar os documentos quando precisar.

Figura 5 – Subpastas criadas na pasta “Projeto de Pesquisa”



Fonte: Windows®, 2019.

Uma vez tendo criado as pastas para arquivar os documentos do projeto de pesquisa, você não precisará mais repetir essa operação. O próximo passo será criar o documento base do projeto de pesquisa. Abordaremos isso na próxima “Sugestão”.

2 Algumas dicas para manter suas pastas organizadas

Abaixo, listamos algumas dicas que o(a) ajudarão no fichamento de suas leituras:

- Salve suas pastas com nomes fáceis de localizar/lembrar;
- Insira a pasta do seu projeto de pesquisa em nuvem e ative a sincronização automática (poderá usar o Google Drive®,

One Drive®, Dropbox® ou outro). Dessa maneira, terá sua produção sempre salva/atualizada e poderá acessá-la a partir de qualquer equipamento conectado à Internet;

- Se não for possível, faça *backup* constantemente da sua pasta do projeto de pesquisa em *pen drive* ou HD externo para não ter problemas com perda de trabalhos;
- Para os arquivos impressos, separe uma caixa ou pasta para arquivar os documentos do seu projeto de pesquisa.



SUGESTÃO 4: CRIANDO O DOCUMENTO BASE DO PROJETO DE PESQUISA NO SEU COMPUTADOR

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Depois de ter organizado as pastas no computador, chegou a hora de criar o documento base para a elaboração de seu projeto de pesquisa.

Apesar de parecer simples, esse é um passo bem importante. Será o *start* oficial do seu “prato principal” como “chef científico(a)”.

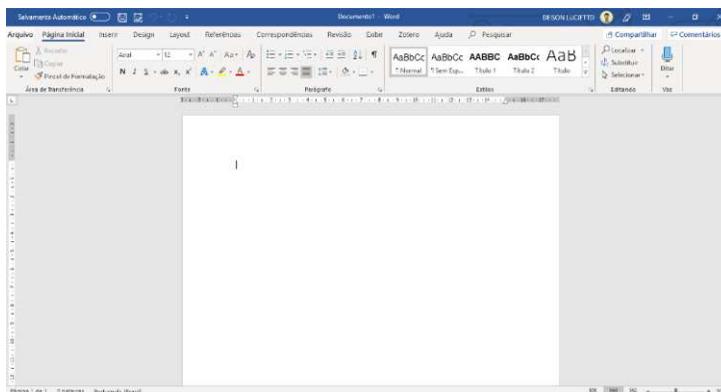
Nesta “Sugestão”, apresentaremos um passo a passo para criar e salvar o documento. Para tanto, ilustraremos isso no sistema operacional Windows®.

1 Como criar o documento base de seu projeto de pesquisa no computador?

Primeiro, abra o editor de textos que você tem instalado no computador (Word®, BrOffice.org Writer®, Google Writely® Google Docs® ou qualquer outro).

Caso esteja usando o Microsoft Word®, na barra de comandos superior, clique em “Arquivo” (Figura 1):

Figura 1 – Clicando em “Arquivo”



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Na sequência, clique em “Salvar Como” (ou diretamente em “Salvar”) (Figura 2):

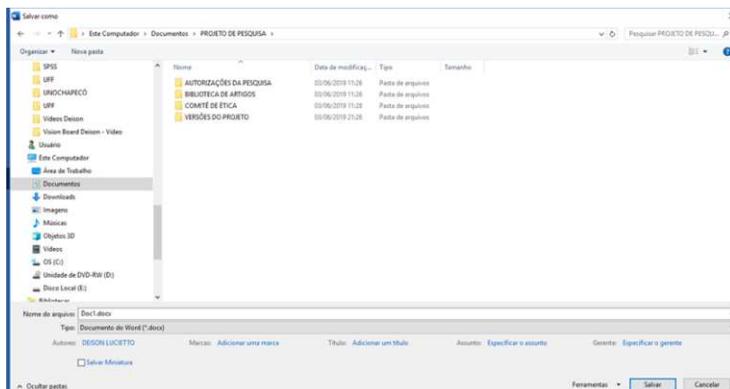
Figura 2 – Clicando em “Salvar Como”



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Depois, selecione a pasta de destino (“Projeto de Pesquisa” ou equivalente) (Figura 3):

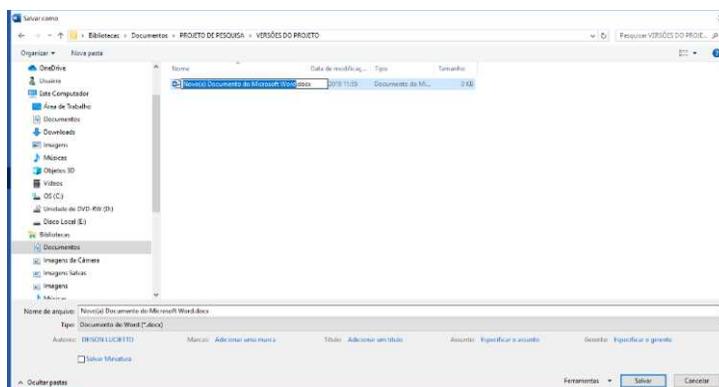
Figura 3 – Selecionando a pasta de destino



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

O próximo passo será nomear o documento e salvá-lo (Figura 4):

Figura 4 – Nomeando o Documento na pasta “Versões do Projeto” dentro de “Projeto de Pesquisa”

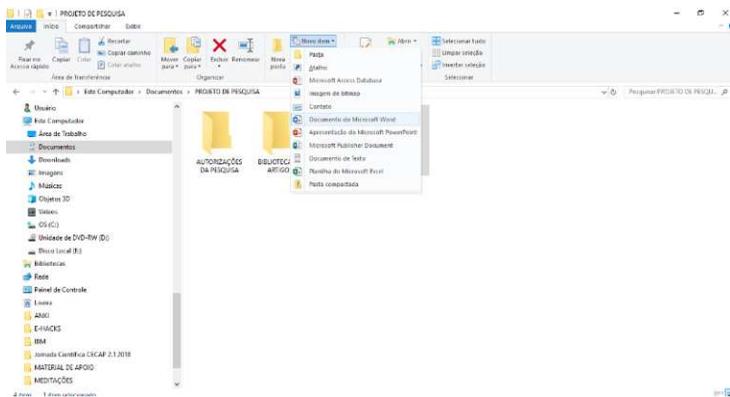


Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Outra opção de salvamento é a seguinte:

Acesse a Pasta “Projeto de Pesquisa” (ou equivalente) e clique em “Novo item” na barra de comandos superior. Selecione “Novo documento do Word” (Figura 5):

Figura 5 – Criando um documento a partir da própria pasta “Projeto de Pesquisa”

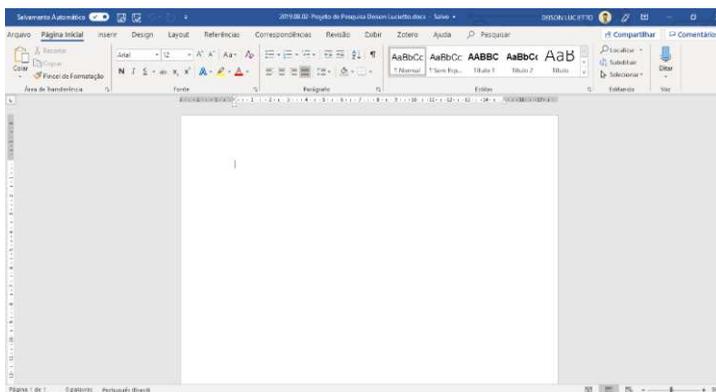


Fonte: Windows®, 2019.

Na sequência, crie, nomeie e salve o documento como já demonstrado anteriormente (ver figuras 3 e 4).

Ao final do processo, você terá um documento criado e salvo na pasta de seu projeto de pesquisa (Figura 6):

Figura 6 – Documento em branco criado, nomeado e salvo



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Após ter criado, nomeado e salvado o documento base do seu projeto de pesquisa, é preciso formatá-lo. Abordaremos isso na próxima “Sugestão”.

2 Algumas dicas para criar e nomear o documento do seu projeto de pesquisa

Abaixo, listamos algumas dicas que o(a) ajudarão no momento de criar e nomear o documento que servirá de base para o seu projeto de pesquisa:

- Nomear seu documento exige alguns cuidados: utilize um nome fácil, que lhe permita localizar o arquivo sem dificuldades;

- Uma forma de manter seus arquivos organizados é indicar a data da versão do documento. Isso irá ajudará você a “não se perder”, caso utilize diferentes versões;
- Você poderá nomear cada versão no seguinte formato: “[Ano.mês.dia]_Projeto_de_pesquisa_[título]_[seu nome]”.
Por exemplo:
2020.05.25_Projeto_de_Pesquisa_Açúcares_e_doenças_crônicas_Deison_Lucietto.
- Dessa forma, as versões ficarão organizadas em ordem crescente/decrescente na sua pasta: a cada nova versão, você altera a data, mês e ano (se for o caso).
- Com esse formato, também ficará fácil localizar o arquivo ao buscá-lo por palavra-chave e para enviar o arquivo para o(a) orientador(a);
- Se preferir, poderá usar o salvamento automático e trabalhar sempre no mesmo documento (mas, nesse caso, nem sempre conseguirá acessar informações modificadas/excluídas de versões anteriores).



SUGESTÃO 5: FORMATANDO O DOCUMENTO BASE DO PROJETO DE PESQUISA NO SEU COMPUTADOR

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Antes mesmo de começar a digitar no documento base para seu projeto de pesquisa, é preciso formatá-lo em relação às margens (superior, esquerda, inferior, direita), configurações de parágrafo (alinhamento, nível do tópico, recuo e espaçamento), fonte (estilo, tamanho, cor) e paginação do documento (posição e formatação do número).

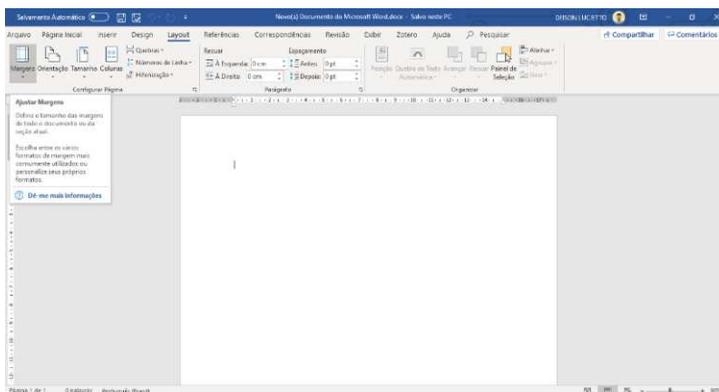
Nesta “Sugestão”, apresentaremos um passo a passo para deixar seu documento pronto para iniciar o projeto de pesquisa. Para tanto, ilustraremos isso no sistema operacional Windows®.

Isso facilitará a manter tudo em ordem a cada nova informação inserida. Assim, você evitará retrabalhos e otimizará seu tempo.

1 Como formatar o documento base do projeto de pesquisa?

Na aba “Layout” (ou equivalente), defina as margens (superior, esquerda, inferior e direita) da mancha gráfica do documento, conforme normas da sua instituição (Figura 1):

Figura 1 – Clicando em “Margens” na aba “Layout”



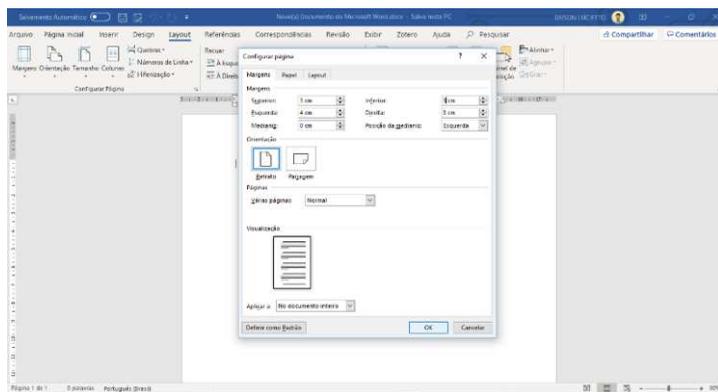
Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Para tanto, abra a janela “Margens”, clique em “Margens Personalizadas...” e defina “Margens”, “Orientação”, “Páginas” e “Aplicar a documento”⁶⁷. Após especificar suas preferências⁶⁸, clique em “OK” (para salvar as configurações nesse documento) ou “Definir como Padrão” (caso queira usar essa configuração como padrão para esse e outros documentos) (Figura 2):

⁶⁷ Caso não exista norma específica, sugerimos utilizar a seguinte formatação: Margens: Superior: 3 cm; Inferior: 3 cm; Esquerda: 4 cm; Direita: 3 cm (a margem esquerda precisa de mais espaço em função da encadernação); Orientação: “Retrato”; Páginas: “Várias páginas: normal”; Aplicar “No documento inteiro”.

⁶⁸ A norma ABNT NBR 15287:2011 especifica margens esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior de 2 cm.

Figura 2 – Definindo as margens do documento

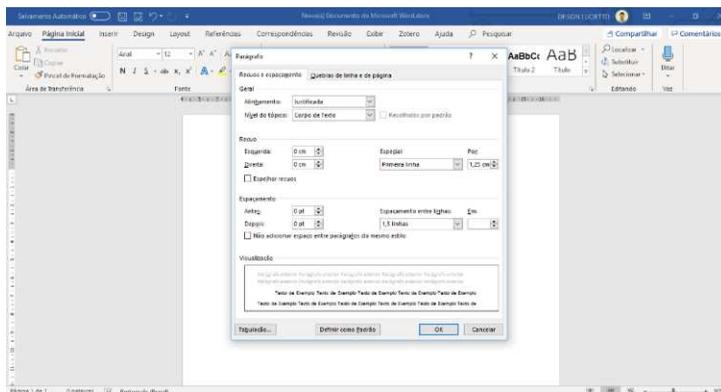


Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Na sequência, acesse a aba “Página Inicial” e abra “Configurações de Parágrafo” (ou equivalente) para definir “alinhamento”, “nível do tópico”, “reco” e “espaçamento”⁶⁹. Após especificar suas preferências, clique em “OK” (para salvar as configurações nesse documento) ou “Definir como Padrão” (caso queira usar essa configuração como padrão para esse e outros documentos) (Figura 3):

⁶⁹ Caso não exista norma específica, sugerimos utilizar a seguinte formatação: alinhamento: “Justificada”; Nível do tópico “Corpo do texto”; Recuo esquerdo e direito “0”, especial “Primeira linha”, por “1,25 cm”; Espaçamento: antes e depois “0 pt” e espaçamento entre linhas “1,5 linhas” por “Primeiro parágrafo”.

Figura 3 – Definindo configurações de parágrafo

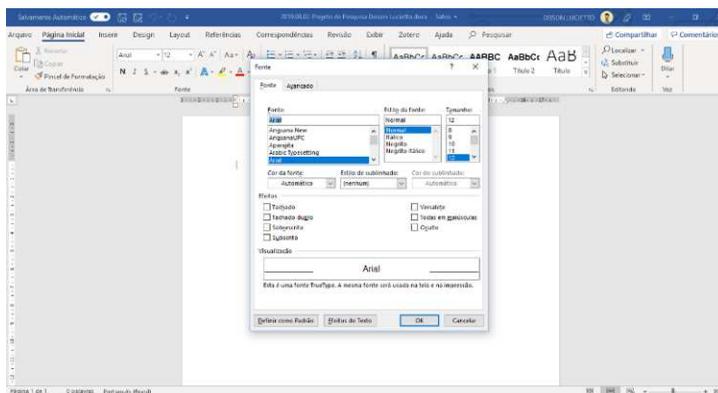


Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Feito isso, ainda em “Página Inicial”, abra “Fonte” para definir “fonte”, “estilo da fonte”, “tamanho”, “cor” e “estilo de sublinhado”⁷⁰. Após especificar suas preferências, clique em “OK” (para salvar as configurações nesse documento) ou “Definir como Padrão” (caso queira usar essa configuração como padrão para esse e outros documentos) (Figura 4).

⁷⁰ Caso não exista norma específica, sugerimos utilizar a seguinte formatação: fonte: “Arial” ou “Times New Roman”; Estilo da fonte: “Normal”; Tamanho: “12” (exceto para tabelas, quadros, legendas e notas de rodapé, que indicamos tamanho “10”); Cor da fonte: “automático” (ou seja, preto); Estilo do sublinhado: “nenhum”.

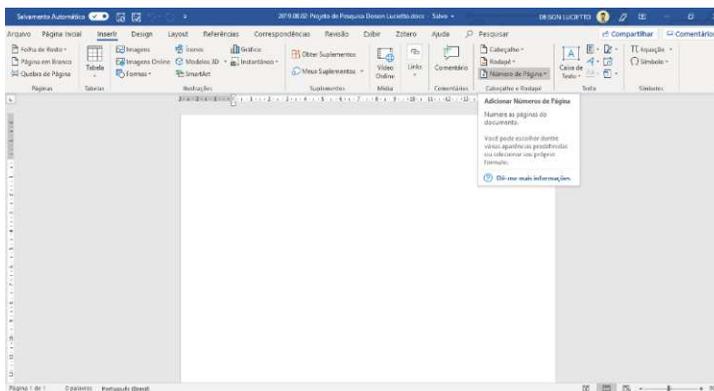
Figura 4 – Definindo a fonte



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Por fim, inclua a paginação do documento. Para tanto, clique na aba “Inserir”, depois em “Número de Página” (Figura 5):

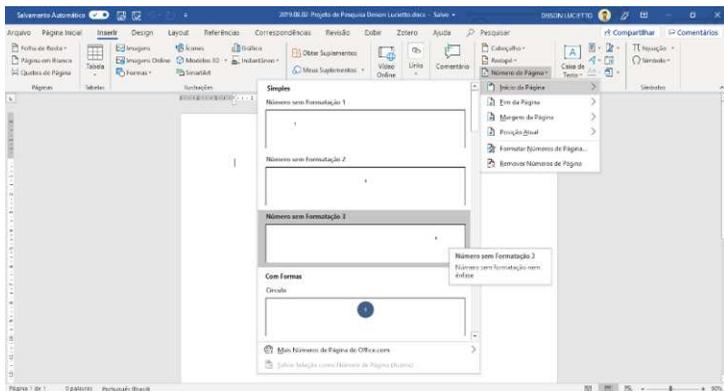
Figura 5 – Clicando em “Número de página” na aba “Inserir”



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Nessa caixa da paginação, você poderá escolher a “posição do número” e “formatar números de página”⁷¹ (Figuras 6 e 7):

Figura 6 – Escolhendo “Posição do número” e “Formatar número de página”

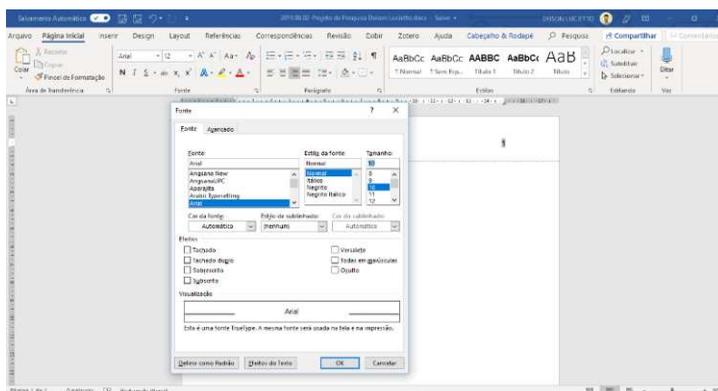


Fonte: Microsoft Word®, 2016.

⁷¹ Caso não exista norma específica, sugerimos utilizar a seguinte formatação: clicar em “Início da página” e escolher “Simple” e “Número sem Formatação 3” (canto superior direito do documento). Depois clicar em “Formatar Número de Página...” e definir “Formato do número: 1,2, 3...” e clicar na opção “Continuar da seção anterior” em “Numeração da página”:

Na sequência, com o cabeçalho aberto, clique em “Página Inicial”, selecione o Tipo de Fonte (lembre-se de usar a mesma para todo o documento) e defina o “Tamanho da Fonte”⁷² (Figura 9):

Figura 9 – Definindo “Tipo de fonte” e “Tamanho da fonte” para o número de página



Fonte: Microsoft Word®, 2016.

Após formatar esses elementos, seu documento base do projeto de pesquisa está pronto para começar a ser editado.

⁷² Caso não exista norma específica, sugerimos utilizar tamanho “10” para a numeração de páginas.

2 Algumas dicas para a formação do documento base do seu projeto de pesquisa

Abaixo, listamos algumas dicas que (o)a ajudarão no momento de realizar a formatação do documento base de seu projeto de pesquisa:

- Após formatar o documento, caso ainda não tenha feito, você poderá nomear cada versão no seguinte formato: “[Ano.mês.dia]_Projeto_de_pesquisa_[título]_[seu nome]”. Por exemplo:
2020.05.25_Projeto_de_Pesquisa_Açúcares_e_doenças_crônicas_Deison_Lucietto.
- A cada dia que você for alterar o seu documento criado, salve com a data da última modificação;
- Dessa forma, as versões ficarão organizadas em ordem crescente/decrescente na sua pasta: a cada nova versão, você altera a data, mês e ano (se for o caso).
- Com esse formato, também ficará fácil localizar o arquivo ao buscá-lo por palavra-chave e para enviar o arquivo para o(a) orientador(a);
- Se preferir, poderá usar o salvamento automático e trabalhar sempre no mesmo documento (mas, nesse caso, nem sempre conseguirá acessar informações modificadas/excluídas de versões anteriores);
- Sempre trabalhe na versão do documento mais recente.



PARTE IV: RECEITAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Na Parte IV do nosso “Menu”, disponibilizamos as “Receitas” para você elaborar com cada “ingrediente” o seu “prato principal”.

Para facilitar o seu entendimento e a operacionalização dessa parte prática, todas as “Receitas” contêm os seguintes itens: a) “Apresentação da receita; b) “Itens necessários”; c) “Modo de fazer”; d) “Tempo necessário”; e) “Resultado esperado”; f) “Dicas”; g) “Registre suas informações”; e h) “Para saber mais”.

Cada receita é única e tem como objetivo elaborar um elemento ou parte de elemento do seu projeto de pesquisa.

É como se você estivesse chegando à cozinha para preparar seu prato principal. Chegou a hora do(a) “chef científico(a)” botar a mão na massa!



RECEITAS PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna

Apresentação

Considerando que muitos estudantes e até mesmo pesquisadores têm dificuldades para elaborar o projeto de pesquisa, propomos a seguir um “Livro de receitas para a elaboração do Projeto de Pesquisa”. Esse conjunto de “receitas” visa auxiliar você, agora “chef científico(a)”, a elaborar o seu “prato principal”.

As “receitas” estão organizadas em sequência lógica, em um passo a passo simples, com questões que, uma vez respondidas, resultarão em informações úteis para o seu projeto de pesquisa. Você poderá utilizá-las em conjunto ou isoladamente, de acordo com suas necessidades. Também, poderá alterar a ordem delas, em função das normas da instituição à qual submeterá seu projeto.

Lembramos que essas “receitas” não são autossuficientes para a elaboração de um projeto de pesquisa. Recomendamos que busque suporte de seu/sua orientador(a) e de referenciais teóricos ao longo da escrita.

A cada receita, sempre acrescente boas doses de foco, dedicação, comprometimento e amor. Esses temperos ajudarão você a apresentar um excelente “prato principal”!



RECEITA 1 – DEFININDO O TEMA DE PESQUISA



Apresentação

Sua primeira “receita”, como “chef científico(a)”, é definir o tema ou o assunto da sua pesquisa (DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988). Apesar de parecer fácil, essa etapa exige cuidados. Vale enfatizar que um pesquisador pode gostar ou ter interesses variados e que diversos assuntos podem ser pesquisados sob pontos de vista distintos (CERVO; BERVIAN, 1981).

O que você pretende pesquisar?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará dos seguintes itens:

- Material para consulta: livros e artigos científicos diversos;
- Um computador com acesso à Internet;
- Aprendizados prévios;
- Material para anotações;
- Algumas doses de imaginação e criatividade.



Modo de fazer

A primeira etapa a ser feita, caso não tenha nenhuma ideia prévia do assunto a pesquisar, é fazer uma primeira aproximação com a temática, definindo:

- De qual(is) área(s) ou disciplina(s) de sua (futura) profissão/curso você mais gosta?

Procure responder:

- Dentro dessa(s) área(s) ou disciplina(s), o que considera importante estudar? Por quê?
- Em sentido amplo (e considerando as suas respostas anteriores), que assunto você considera interessante pesquisar sob o ponto de vista científico?

Feito isso, use mais uma dose de criatividade e descreva uma frase que sintetiza as questões acima e esclarece o tema ou o assunto de sua pesquisa.



Tempo necessário

O tempo para a definição do tema de seu projeto de pesquisa é variável. Dependerá do seu nível de conhecimento sobre a área ou disciplina, de suas experiências prévias e do seu empenho na apropriação das informações. Reserve de uma a duas horas para isso.



Rendimento

Ao final dessa primeira receita, você terá a definição do tema de seu projeto de pesquisa!



Dicas

- Escolha uma área ou disciplina que o(a) motive a estudar. Lembre-se de que você vai precisar investir parte de seu tempo para pesquisar, ler e escrever sobre o assunto escolhido;
- Procure um(a) orientador(a) que entenda do assunto que você gosta; ou alguém que tenha experiência em pesquisa;
- Caso exista alguma linha de pesquisa à qual você precise se vincular, procure verificar quais pesquisas têm sido conduzidas e quem as coordena na sua instituição. Converse com o(a) coordenador(a) do seu curso ou programa;
- Procure aliar interesses pessoais e institucionais nessa definição. Isso ajudará você a se envolver com a temática!
- Registre seu tema e o deixe “descansando” por um ou dois dias, enquanto você procura ler mais sobre o assunto.
- Depois, retire-o do “forno”, revise sua escrita e faça os ajustes necessários. Isso ajudará a organizar melhor suas ideias.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa” para registrar seus avanços!
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre o tema de projeto de pesquisa, revise o “Ingrediente 9 – Introdução” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 2 – DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO DA PESQUISA



Apresentação

Uma vez tendo definido o tema ou o assunto de pesquisa, você precisará avançar no seu recorte/especificação, de modo que o fato/fenômeno que você pretende estudar possa ser abordado por meio de uma investigação científica.

É esse recorte, chamado de objeto em estudo, que dará o direcionamento para os próximos passos da elaboração do seu projeto de pesquisa (COSTA; CARDIM, 2008; COSTA; COSTA, 2015).

Sem essa delimitação, você ficará literalmente “à deriva”, pois os assuntos, por si sós, são bastante vagos e amplos. É preciso, pois, problematizar o tema, de modo a delimitar sob qual ponto de vista ele será abordado (CERVO; BERVIAN, 1981).

Quais “lentes” você usará para abordar o seu tema?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará dos seguintes itens:

- Material para consulta: livros e artigos científicos diversos;
- Um computador com acesso à Internet;
- Aprendizados prévios;
- Material para anotações;

- Mais algumas doses de imaginação e criatividade.



Modo de fazer

Tenha em mente seu tema ou assunto de pesquisa, conforme descrito no “Formulário Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa”.

A partir disso, responda:

- O que pretende pesquisar sobre o assunto?
- Quando?
- Onde?
- Com quem?
- Pretende descrever um fato/fenômeno/evento?
- Pretende analisar a associação entre fatores (por exemplo: causas e consequências) em um fato/fenômeno?
- Pretende realizar pesquisa em materiais já publicados (bibliográfica)? Por quê?
- Pretende realizar pesquisa em laboratório? Com animais? Plantas? Por quê?
- Pretende realizar pesquisa com seres humanos? Por quê?
- Quais os termos (palavras-chave ou descritores) que compõem seu assunto de pesquisa?

São essas questões que irão dar o direcionamento para a sua pesquisa. Feito isso, é interessante decompor o seu assunto, definindo quais os termos que o compõe (CERVO; BERVIAN, 1982).



Tempo necessário

O tempo para a definição do objeto de estudo depende, grandemente, da definição do assunto e da sua expertise na temática. Entretanto, caso já tenha refletido bastante sobre seu tema, reserve ao menos uns 45 minutos para isso.



Rendimento

Ao final dessa primeira receita, você terá a definição do objeto de estudo do projeto de pesquisa!



Dicas

- Algumas técnicas podem ser utilizadas para facilitar a escolha do assunto, como: a) decomposição do assunto em partes; b) analisar o assunto a partir de circunstâncias do contexto (como tempo e espaço); e c) definir os termos que compõem o assunto (CERVO; BERVIAN, 1981);
- Antes de decompor o seu assunto inicial, de analisá-lo a partir de um contexto de tempo e espaço ou definir quais os termos que o compõem, procure ler capítulos de livros, livros e artigos científicos. Isso o(a) ajudará a ter maior precisão nessa etapa;
- Procure discutir com seu/sua orientador(a) e com outras pessoas que entendem do assunto;
- Por mais que pareça não ter sentido, registre sempre suas ideias.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo” para registrar seus avanços!
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre o tema de projeto de pesquisa, revise o “Ingrediente 9 – Introdução” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 3 – ELABORANDO A INTRODUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA



Apresentação

Após definir o tema e o objeto de estudo, o próximo passo é organizá-los e apresentá-los na introdução.

É nessa etapa que fazemos a primeira apresentação dos conceitos básicos que fundamentarão sua pesquisa. Assim, ela deverá possibilitar o entendimento sobre o que será estudado e desenvolvido (COSTA; CARDIM, 2008; VASCONCELOS, 2002).

Vamos começar a elaborar a introdução do seu projeto de pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará basicamente de:

- Material bibliográfico: livros, documentos, artigos e seus fichamentos;
- Um computador com acesso à Internet;
- Um editor de textos no seu computador;
- Conhecimentos (básicos) prévios de redação e língua portuguesa.



Modo de fazer

Para elaborar a introdução, faça inicialmente a contextualização do tema (assunto), considerando seus achados na literatura (VASCONCELOS, 2002).

Para tanto:

- Escreva um parágrafo contextualizando o seu tema de pesquisa sob o ponto de vista histórico ou de seus antecedentes;
- Escreva um parágrafo descrevendo o estado atual, tendências e desafios em torno de seu tema de pesquisa;

Depois, você precisará apresentar seu objeto de estudo. Então:

- Escreva um parágrafo para cada conceito básico que compõe seu objeto de estudo;

Na sequência:

- Escreva pelo menos um parágrafo apresentando aplicações e implicações possíveis do estudo que pretende conduzir. Caso prefira, poderá sinalizar o objetivo do estudo no último parágrafo;

Nessa escrita, faça as citações adequadamente em cada frase e parágrafo. Você deverá escrever a introdução em texto único, concatenando as informações relevantes em torno de seu objeto de estudo.

Escreva seu texto de modo que os parágrafos apresentem sequência lógica, coesa, partindo das ideias mais gerais às mais específicas.

Organize suas ideias a fim de despertar o interesse pela leitura.



Tempo necessário

Depois de ter lido e registrado as informações importantes nas fichas de leitura, você não precisará de muito tempo para elaborar a introdução do seu projeto de pesquisa. Contudo, reserve, pelo menos, de duas a três horas para deixá-la bem organizada.



Rendimento

Ao final dessa receita, você terá a elaboração do primeiro elemento textual do seu projeto de pesquisa!



Dicas

- Leia bastante sobre o seu assunto de pesquisa;
- Analise a organização da escrita da introdução de outros trabalhos acadêmicos e de artigos científicos. Se possível, acesse outros projetos de pesquisa para isso;
- Antes de escrever, reflita sobre quais os conceitos mais relevantes do seu objeto de estudo;
- Organize suas ideias em parágrafos;
- Faça elos ou *links* entre um parágrafo e outro;
- Utilize dados e informações atualizados;

- Caso prefira, poderá fazer a escrita da introdução após a finalização da elaboração de todas as etapas subsequentes do projeto. Algumas pessoas entendem que assim fica mais fácil apresentar claramente o conteúdo do projeto de pesquisa.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 3 – Elaborando a introdução do projeto de pesquisa” para registrar seus avanços!
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre o tema de projeto de pesquisa, revise o “Ingrediente 9 – Introdução” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 4 – DEFININDO A ESTRUTURA DA REVISÃO DE LITERATURA DO PROJETO DE PESQUISA



Apresentação

Após elaborar a introdução, o próximo passo é construir a estrutura (ou esqueleto) da revisão de literatura. É a partir dela que você desenvolverá cada um dos tópicos de assunto.

Vale lembrar que a revisão de literatura é a seção (ou parte) do projeto de pesquisa que visa embasar, sob o ponto de vista bibliográfico, o assunto/objeto de pesquisa (DESLANDES, 2008).

Quais conceitos são fundamentais para o seu projeto de pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Material bibliográfico: livros, documentos, artigos e seus fichamentos;
- Um computador com acesso à Internet;
- Material para suas anotações.



Modo de fazer

Para construir a estrutura (ou esqueleto) da revisão de literatura do projeto de pesquisa, o ponto inicial consiste em definir os conceitos que deverão ser abordados, considerando o tema, o objeto de estudo e o problema de pesquisa previamente definidos.

Uma maneira para fazer isso é resgatar o enunciado do objeto de estudo (descrito no “Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo”) e listar os principais conceitos/assuntos a ele vinculados.

Esses conceitos/assuntos serão os tópicos principais da sua revisão. Liste-os.

Depois, questione-se se esses tópicos necessitam ser subdivididos, em função da abrangência do assunto. Ou seja, vale refletir se é necessário buscar informações mais específicas dentro de cada tópico.

Esses seriam os subtópicos de assuntos. Cada subdivisão corresponde a um subtópico de assunto.

Quanto mais abrangente o conteúdo, maior a necessidade de subdivisões.

Por fim, enumere cada tópico e subtópico. Isso facilitará visualizar a estrutura de sua revisão de literatura.



Tempo necessário

Para elaborar a estrutura da revisão de literatura, você demandará em torno de 45 minutos.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá a estrutura de assuntos a ser desenvolvida na revisão de literatura do seu projeto de pesquisa.



Dicas

- Leia bastante sobre o seu assunto de pesquisa;
- Analise os assuntos/tópicos desenvolvidos em publicações sobre a temática de seu projeto;
- Converse com seu/sua orientador(a) para identificar quais tópicos são mais relevantes;
- “Se for para pecar, que seja pelo excesso, e não pela falta”: é preferível que você tenha conteúdo robusto em informações do que tenha que realizar novas buscas.
- Depois de listar os tópicos que pretende escrever, peça ajuda de seu/sua orientador(a) para ajudá-lo(la) a filtrar o que é mais relevante;
- Fundamente cada tópico ou subtópico com a literatura mais recente disponível (últimos 5 anos, por exemplo). Contudo, dependendo da área do projeto, será preciso ampliar e incluir os trabalhos clássicos.



Registe suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 4 – Definindo a estrutura da revisão de literatura do projeto de pesquisa”;

- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre a revisão de literatura, revise o “Ingrediente 10 – Revisão de Literatura” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 5 – ELABORANDO A REVISÃO DE LITERATURA DO PROJETO DE PESQUISA



Apresentação

Após definir a estrutura (ou esqueleto) com os tópicos da revisão de literatura, é chegado o momento de desenvolver cada um deles.

Ressaltamos que a revisão de literatura visa embasar, sob o ponto de vista bibliográfico, o assunto/objeto de pesquisa. Nesse sentido, ela descreve o que foi dito sobre o assunto, por quem e quando (DESLANDES, 2008).

Ela traz uma visão geral do contexto e dos conceitos que são necessários para compreender a temática da sua pesquisa. Assim, forma a sustentação teórica do projeto de pesquisa. É importante, inclusive, para a posterior discussão dos resultados encontrados com a realização da pesquisa.

A revisão estabelece um diálogo entre a teoria e o problema a ser investigado (DESLANDES, 2008) e deve ser construída com base no senso crítico (DMITRUK; GALLON, 2012).

Quais conceitos, dados, informações e autores são fundamentais para o seu projeto de pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas em bibliotecas, bases de dados e em *sites*;
- Livros, capítulos, documentos e outras fontes bibliográficas impressas (caso tenha disponibilidade);
- Os fichamentos dos documentos;
- Material de papelaria (lápiz, caneta, borracha, marca-texto e *post-its*);
- Material para suas anotações.



Modo de fazer

Para elaborar a revisão de literatura, você deve retomar a estrutura com os tópicos/subtópicos de assuntos previamente elaborados.

Para o desenvolvimento de cada tópico ou subtópico da revisão de literatura, você poderá realizar pesquisas bibliográficas e documentais (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Isso pode ser feito na biblioteca da sua própria instituição de ensino, em bibliotecas *on-line*, em bases de dados científicos (muitas têm acesso livre), em *sites* confiáveis (de governos, organizações, ministérios, instituições de ensino e pesquisa), entre outros. *Sites* de livre edição de informações são desaconselhados em revisões de literatura.

Para a revisão de literatura, poderão ser utilizados diferentes fontes, tais como livros, capítulos, manuais técnicos, documentos, legislações, relatórios de pesquisas, enciclopédias, dicionários, periódicos

científicos, monografias, dissertações, teses, anais de encontros científicos (congressos, seminários fóruns e simpósios), entre outros. Liste cada tópico e subtópico no seu editor de textos. A partir das suas leituras, esquemas, anotações, resumos e fichamentos já realizados, vá inserindo as informações em cada um deles.

Procure organizar as informações em cada tópico/subtópico partindo de definições mais amplas em direção aos aspectos mais específicos (texto em formato de “funil”).

Cada tópico/subtópico da revisão deve ser construído com “introdução, desenvolvimento e conclusão” (ou seja, deve apresentar “início, meio e fim”, de forma semelhante a uma redação).

Você precisará inserir, em cada frase ou parágrafo, as devidas citações, sejam elas diretas ou indiretas. Lembre-se de que se trata de um texto eminentemente dissertativo.



Tempo necessário

Para construir a revisão de literatura, você demandará de algum tempo, pois precisará buscar as informações, fazer as leituras, realizar registros (como o fichamento) e escrever o texto. Tudo isso demanda tempo. Reserve, pelo menos, umas quatro horas para organizar cada tópico. Esse tempo é variável e dependerá muito do quanto já realizou leituras, fichamentos e seu domínio da temática.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá a revisão de literatura do seu projeto de pesquisa.



Dicas

- Converse com seu/sua orientador(a) e com outros(as) professores(as) ou pessoas com experiência na área de seu projeto, solicitando indicações de bibliografia. Isso agiliza sua busca por fontes de referência;
- Ao ler um documento, seja ele livro, capítulo, artigo ou outro, procure sublinhar as informações mais importantes. Ou, pelo menos, utilize *post-its* para indicar isso (quando não puder fazer marcações/anotações no próprio material);
- Após a leitura, procure sistematizar suas informações em fichamentos, anotações ou resumos. Muitas vezes, lemos muita coisa e deixamos para fazer os registros posteriormente. Assim, acabamos esquecendo de coisas importantes.
- Para fazer fichamentos, utilize as fichas de leitura que disponibilizamos em “Acompanhamentos”. Se preferir, construa um modelo de ficha (física ou em formato eletrônico) que mais se adeque ao seu estilo.
- Procure organizar suas ideias antes de escrever cada tópico ou subtópico da sua revisão. Reflita sobre o que é mais importante.
- Embora você possa utilizar tanto citações diretas quanto indiretas, procure ler, compreender/interpretar e rescrever as informações. Reserve as transcrições literais (citações diretas) para a apresentação de definições ou para trechos imprescindíveis em função de sua relevância.
- “Se for para pecar, que seja pelo excesso, e não pela falta”: é preferível que você tenha conteúdo robusto em informações do que tenha que realizar novas buscas. A partir de um texto mais denso, você poderá filtrar o que é mais relevante.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 5 – Elaborando a revisão de literatura do projeto de pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre a revisão de literatura, revise o “Ingrediente 10 – Revisão de Literatura” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.
- Para saber mais sobre os tipos de citações, veja o Capítulo “Sexta pitada de teoria: apresentando as citações”. Também recomendamos consulta a Norma ABNT NBR 10520 (2002).

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 6 – DEFININDO O PROBLEMA DE PESQUISA



Apresentação

Após definir o assunto/tema, o objeto de estudo e já ter elaborado a revisão de literatura, o próximo passo é definir, com clareza, o problema de pesquisa.

Também chamado de dúvida da pesquisa, o problema de pesquisa é a pergunta que deflagra a atividade de investigação (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Ele costuma ser definido a partir de um interesse pessoal (quando o(a) pesquisador(a) quer saber mais sobre um determinado fenômeno), de um interesse institucional (quando o(a) pesquisador(a) pode fazer parte de uma instituição que realiza pesquisas em determinadas áreas) ou, ainda, uma questão de origem social que precisa de respostas (como no caso de problemas sociais que envolvem saúde, educação, segurança ou outro) (DMITRUK; GALLON, 2012).

Pode parecer estranho, mas, sem um problema bem formulado, a pesquisa não acontece. Vamos fazer a definição final da sua questão de pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará dos mesmos itens utilizados antes:

- Material para consulta: livros e artigos científicos diversos;
- Um computador com acesso à Internet;
- Aprendizados prévios;
- Material para anotações;
- Boas doses de imaginação e criatividade.



Modo de fazer

Para definir um problema de pesquisa, é fundamental estar familiarizado com o assunto previamente escolhido. Para isso, você precisará ler artigos científicos, capítulos, livros e outros materiais já publicados que tratam do seu tema e objeto de interesse.

Considerando o seu objeto de estudo (definido no Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa), responda:

- Quais questões de pesquisa (problemas de pesquisa) têm sido feitas por outros pesquisadores em publicações científicas da sua área de interesse?

Tendo essas questões como base, vale examiná-las com atenção para responder:

- Você identifica lacunas no conhecimento disponível?
- Quais problemas da “vida real” não foram contemplados?
- Que aspectos ainda não foram abordados?
- Quais aspectos necessitam de novas abordagens ou investigações?
- Por quê?

Respondidos esses questionamentos, utilize um *checklist* para a seleção do seu problema de pesquisa, a partir dos seguintes critérios (LAKATOS; MARCONI, 1988; RUDIO, 2014):

- A dúvida/questão poderá ser resolvida por meio de pesquisa?
- É interessante?
- Trará conhecimentos novos?
- Está adequada ao estado atual da Ciência?
- É oportuna?
- Possível de ser realizada?
- Em que medida está em sintonia com a sua trajetória profissional?

A partir dessas definições, você precisa escrever a dúvida que irá desencadear a sua investigação. Essa dúvida, escrita em formato de pergunta, representa o problema de pesquisa.



Tempo necessário

O tempo para a definição do problema de pesquisa é variável. Depende muito dos avanços já conquistados por você na definição prévia da temática e do objeto de estudo. Reserve uns 30 minutos para isso.



Rendimento

Ao final dessa segunda receita, você terá a definição do problema de pesquisa!



Dicas

- Leia bastante sobre o assunto que você definiu;
- Para elaborar um problema de pesquisa adequado, é muito importante confrontar as suas perguntas com aquelas que já foram tratadas por outros pesquisadores (DESLANDES, 2008);
- Você pode construir um diário de perguntas sobre seu tema, anotando novas dúvidas após suas leituras. Isso o(a) ajudará a definir melhor seu problema de pesquisa (DESLANDES, 2008);
- Lembre-se de que a pergunta ou problema de pesquisa deve ser coerente com a temática em estudo. Partimos de um assunto mais amplo até chegarmos a uma questão específica que desencadeará a pesquisa;
- Discuta o seu problema de pesquisa com seu/sua orientador(a). Quanto mais clara estiver a questão, mais fácil será avançar nas próximas receitas.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 6 – Definindo o problema de pesquisa”.
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre problema de pesquisa, revise o “Ingrediente 11 – Problema de pesquisa” do Capítulo “Quinta

pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 7 – DEFININDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA



Apresentação

Após definir, com clareza, o problema de pesquisa, chegamos ao momento de redigir os objetivos do projeto de pesquisa.

Os objetivos representam o que se pretendemos alcançar ou responder ao término da investigação (DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988). Eles estão relacionados com o problema de pesquisa e com as hipóteses do estudo (BARROS; JUNQUEIRA, 2005; SEVERINO, 2007).

Em um projeto de pesquisa, costumamos dividir os objetivos em dois tipos: o objetivo geral, que define o que será procurado, ou seja, o “resultado intelectual” a ser obtido e que se refere à hipótese (DESLANDES, 2008; DMITRUK; GALLON, 2012); e os objetivos específicos, que são desdobramentos das ações com vistas à realização do objetivo geral (DESLANDES, 2008).

Então, o que você pretende alcançar ao término de sua pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas de informações (caso necessário);
- Conhecimentos e experiências no assunto;

- Definição clara de seu problema de pesquisa.



Modo de fazer

Para definir os objetivos de seu projeto de pesquisa, tenha em mente a pergunta que apresenta o seu problema de pesquisa (resgate o enunciado do “Formulário Receita 3 – Definindo o problema de pesquisa”).

A partir daí, procure responder às seguintes questões:

- Considerando o problema de pesquisa, o que sua investigação irá gerar como conhecimento final?
- Que pretende alcançar/responder com o término da pesquisa?

A resposta a essa questão indicará a definição do objetivo geral.

Depois, considerando esse enunciado do objetivo geral, responda:

- Quais ações serão necessárias para atingir esse objetivo? Quais ações de pesquisa possibilitarão alcançá-lo?
- O que se pretende alcançar em sentido estrito com a pesquisa?

As respostas a essas questões apontarão para os objetivos específicos. Por fim, escreva o objetivo geral em forma de frase única, e os objetivos específicos, em itens.

Utilize verbos que expressam ações de pesquisa: verificar, analisar, compreender, identificar, descrever, relacionar etc. nessa escrita.



Tempo necessário

Para construir seus objetivos, você não precisará de muito tempo. Considerando que o seu problema de pesquisa já foi bem delimitado previamente, reserve uns 45 minutos para defini-los.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá em mãos o objetivo geral e os específicos de seu projeto de pesquisa!



Dicas

- Tente identificar os objetivos nos artigos científicos, monografias, dissertações e teses que você previamente utilizou para construir sua revisão de literatura;
- Questione-se: o que a minha pesquisa pretende gerar? Para que realizar a pesquisa?
- O objetivo geral deve ser coerente com o problema de pesquisa. Geralmente, transforma-se o problema de pesquisa em objetivo geral, acrescentando-se um verbo no início do enunciado e suprimindo o ponto de interrogação do final do problema de pesquisa.
- Os objetivos devem claros e possíveis de serem atingidos (COSTA; CARDIM, 2008; DESLANDES, 2008);
- Devem-se utilizar verbos no infinitivo para a descrição dos objetivos, pois assim fica claro que se trata de ações de investigação propriamente ditas (DESLANDES, 2008).

- Os objetivos representam o guia para a escolha e construção dos métodos e instrumentos. Espera-se que o desenho metodológico viabilize a realização de cada um dos objetivos (DESLANDES, 2008).
- Discuta os enunciados dos objetivos com seu/sua orientador(a).



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa”.
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre os objetivos da pesquisa, revise o “Ingrediente 12 – Objetivos” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 8 – DEFININDO (A)S HIPÓTESE(S) DA PESQUISA



Apresentação

Após elaborar sua revisão de literatura e definir os objetivos do projeto de pesquisa, você já está mais familiarizado com o assunto e dispõe de informações para refletir, criticar e discutir sobre o que se espera encontrar como resposta ao seu problema de pesquisa. Dessa forma, já tem as bases para formular sua(s) hipótese(s) de pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Lembramos que uma hipótese, enquanto uma afirmação provisória, antecede a constatação dos fatos (LAKATOS; MARCONI, 1988). Ela costuma ser formulada considerando tanto os resultados de pesquisas anteriores sobre o mesmo tema quanto as observações e a intuição do pesquisador (DESLANDES, 2008).

Um projeto de pesquisa poderá ter uma ou articular várias hipóteses de pesquisa. Contudo, nem sempre a(s) hipótese(s) precisa(m) ser apresentada(s). Depende da área do conhecimento e do tipo de pesquisa que está sendo realizada (como, por exemplo, no caso de pesquisas sociais com abordagem qualitativa).

O que você imagina encontrar como respostas ao seu problema de pesquisa e aos objetivos específicos do projeto?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas de informações (caso necessário);
- Seus resumos e fichamentos;
- Conhecimentos e experiências no assunto;
- Umases doses de intuição.



Modo de fazer

Para definir a(s) hipótese(s) de seu projeto de pesquisa, tenha em mente o seu problema de pesquisa (resgate o enunciado do “Formulário Receita 6 – Definindo o problema de pesquisa”) e os objetivos previamente definidos (reveja o enunciado do “Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa”). Além disso, cerque-se de seus resumos e fichamentos realizados por ocasião da revisão de literatura.

A partir daí, procure responder às seguintes perguntas:

- O que os autores de livros, capítulos de livros e artigos científicos afirmam sobre o seu tema/problema de pesquisa?
- Já foram feitos estudos semelhantes àquele que você quer realizar?
- Quais foram os resultados desses estudos?

Depois, considerando suas leituras, conhecimentos prévios e as respostas sobre esses questionamentos iniciais, escreva frases afirmativas descrevendo quantidades ou características daquilo que

you expect to find in terms of answers to your problem of research. These provisional affirmations are the hypotheses.

You will be able to use the “storm of ideas” technique for this. List everything you imagine finding as an answer to your problem of research, without worrying about the form of writing or, in fact, it will be like this.

With this first list, you will be able to reflect with more ownership. If possible, establish comparisons like the one that is in the literature available on your theme. In this case, it is important to make the appropriate citations.

In the end, write your research hypotheses in items. If you prefer, use sequentially the letters and numbers H1, H2, H3 etc. to present them.



Tempo necessário

To build your hypotheses, you will demand some time. Reserve at least one hour for this.



Rendimento

After completing this recipe, you will have the definition of the hypotheses of your project. They will help to give direction to the research!



Dicas

- Tente identificar os enunciados das hipóteses nos artigos científicos, monografias, dissertações e teses que você previamente utilizou para construir sua revisão de literatura;
- Procure especificar com maior precisão possível o que imagina encontrar como resultados da pesquisa, evitando termos como “maioria”, “minoria”, “poucos”, “muitos” etc.;
- Esteja atento aos resultados de outras pesquisas já realizadas;
- Escreva os enunciados de forma objetiva e clara;
- As hipóteses devem ser simples (CERVO; BERVIAN, 1981);
- Devem ser compatíveis com o nível de conhecimento científico atual (GIL, 2010; LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Devem ser passíveis de verificação por meio da investigação (CERVO; BERVIAN, 1981; LAKATOS; MARCONI, 1988);
- As hipóteses são escritas como afirmações, e não como dúvidas ou perguntas;
- Trabalhe com imparcialidade na definição de suas hipóteses (BARROS; JUNQUEIRA, 2005).
- Evite julgamentos de valor (bom, mau, melhor, pior) na escrita;
- Discuta seus enunciados das hipóteses com seu/sua orientador(a). Verifique a necessidade de utilizar algum modelo de hipóteses com ele(a).



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 8 – Definindo a(s) hipótese(s) da pesquisa”;

- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre hipóteses da pesquisa, revise o “Ingrediente 13 – Hipóteses” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 9 – ELABORANDO A JUSTIFICATIVA DA PESQUISA



Apresentação

Um dos aspectos fundamentais na construção do seu projeto de pesquisa consiste na elaboração da justificativa, especialmente se você pretende apresentar seu projeto em algum processo seletivo, a uma instituição ou evento ou, ainda, buscar financiamento.

A justificativa da pesquisa ilustra a importância de seu estudo. Ou seja, define o porquê a pesquisa deve ser realizada (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Para tanto, ela pode ser elaborada a partir de diferentes motivos: a) os que visam preencher lacunas do conhecimento (de ordem teórica); b) os que buscam responder ou resolver problemas vivenciados em diferentes áreas da vida e da sociedade (de ordem prática); e c) os que se alinham à sua trajetória, seja como estudante ou pesquisador (de ordem pessoal) (DESLANDES, 2008).

Em um projeto de pesquisa, costumamos apresentar a justificativa como um elemento separado, organizado em parágrafos.

Qual a importância do seu projeto de pesquisa? Quais motivos que justificam a proposição de sua pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas de informações (caso necessário);
- Conhecimentos e experiências no assunto;
- Algumas doses de imaginação.



Modo de fazer

Para construir a justificativa de seu projeto de pesquisa, tenha em mente os objetivos geral e específicos que você já definiu (relembre os enunciados do “Formulário Receita 8 – Definindo os objetivos da pesquisa”).

A partir daí, procure responder às seguintes questões:

- Quais lacunas no conhecimento científico disponível poderão ser resolvidas com a realização da sua pesquisa?
- Que definições ainda são “nebulosas” na sua área/assunto de interesse?

As respostas a essas perguntas indicarão as motivações de ordem teórica de sua pesquisa.

Na sequência, reflita sobre:

- Qual a relevância social do seu problema de pesquisa?
- Que aspectos da vida ou da sociedade poderão ser impactados positivamente com a realização de sua pesquisa?

As respostas a essas questões representam os motivos de ordem prática de sua pesquisa.

Depois, questione-se:

- Quais suas motivações pessoais para realizar esta pesquisa?
- Como o tema de sua pesquisa se insere na sua trajetória estudantil e profissional?

Ao responder a essas perguntas, você levantará os seus motivos de ordem pessoal.

Por fim, escreva a sua justificativa em forma de texto corrido. Você pode fazer um ou mais parágrafos para cada um dos motivos definidos. Procure organizar suas ideias em uma sequência adequada.

Sempre que possível, embase seus motivos a partir da literatura disponível.

Faça as devidas citações nessa escrita.



Tempo necessário

O tempo para construir a justificativa de seu projeto é variável: reserve entre uma e duas horas para isso. Ele dependerá do quanto você já se apropriou do assunto.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá uma justificativa potente para seu projeto de pesquisa!



Dicas

- Leia bastante sobre seu assunto;
- Busque mapear as justificativas de outros estudos já publicados, como artigos, relatórios de pesquisas, monografias, dissertações, teses e outros;
- Converse com *experts* na área: seu/sua orientador(a), pesquisadores(as) e professores(as). Eles poderão indicar lacunas e aspectos que merecem atenção em termos de pesquisa para você;
- Vale se perguntar: caso seu projeto de pesquisa fosse uma “mercadoria”, você o compraria? Por quê?
- Esgote ao máximo as potencialidades de seu projeto;
- Utilize escrita clara e seja consistente em seus argumentos;
- Após escrevê-la, compartilhe com seu/sua orientador(a).



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 9 – Elaborando a justificativa da pesquisa”.
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre justificativa da pesquisa, revise o “Ingrediente 14 – Justificativa” do Capítulo “Quinta pitada de

teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os 'ingredientes' do seu 'prato principal'”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 10 – DEFININDO O MÉTODO E OS MATERIAIS DA PESQUISA



Apresentação

Após as definições iniciais do projeto de pesquisa, as quais, muitas vezes, exigem maior fundamentação teórica, chegamos ao elemento que trata de como a pesquisa será operacionalizada. No elemento “método e materiais”, devemos deixar claro quais procedimentos pretendemos seguir na abordagem do objeto em estudo.

Esse elemento está ligado aos objetivos do projeto e é, também, chamado de “metodologia”, “procedimentos metodológicos”, “abordagem metodológica”, “caminho metodológico” entre outros.

Os itens que o compõem são variáveis e dependem do tipo de pesquisa, da área de conhecimento da pesquisa e das próprias exigências de cada instituição de ensino.

Em linhas gerais, devemos esclarecer o tipo de pesquisa, o desenho da pesquisa, onde será realizada, qual sua duração, quem fornecerá dados, quais os instrumentos de coleta de dados e a forma de análise de dados (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; VASCONCELOS, 2002).

Como você pretende operacionalizar sua pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Leituras prévias de artigos científicos e relatórios de pesquisas na sua área de interesse;
- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas de informações (caso necessário);
- Umas pitadas de criatividade.



Modo de fazer

Para elaborar o método e os materiais, tenha em mente o objetivo geral e os objetivos específicos da sua pesquisa (relembre os enunciados do “Formulário Receita 8 – Definindo os objetivos da pesquisa”).

Para cada objetivo específico, procure refletir:

- O que é preciso fazer para alcançar esse objetivo?
- Quais procedimentos deverão ser realizados para produzir o que se espera em cada objetivo específico?

Esses questionamentos iniciais fornecerão boas pistas para você pensar sobre a operacionalização do seu projeto.

Comece por definir o tipo de pesquisa que será realizada. Para isso, responda:

- A pesquisa será realizada com base em materiais publicados? Com dados fornecidos por pessoas? Ou com base animais, plantas, materiais ou produtos diversos?
- Ela será quantitativa, qualitativa ou de abordagem mista?

- Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa?

Depois, registre informações sobre:

- Qual a duração da pesquisa? Quantos meses serão necessários para realizar a pesquisa?
- Onde ela será realizada (qual sua população/universo)? Em uma base de dados, instituição, comunidade, meio ambiente, laboratório? Por que foi(oram) escolhido(s) esse(s) local(is) de pesquisa?

Considerando onde a pesquisa será conduzida, esclareça:

- Qual a população/planta/material/produto em estudo?
- Quem ou o que poderá fazer parte da pesquisa?
- Quais os critérios de inclusão dos participantes? Ou seja, quais as características da pessoa, população, animal, planta, produto ou material para que seja incluído na pesquisa?
- Quais critérios de sua exclusão? Isto é: quais características da pessoa, animal, vegetal, produto ou material previamente incluídos que impossibilitam sua participação?
- Utilizará algum tipo de amostragem? Como será feita essa amostragem?
- Qual o tamanho final da amostra?

Feito isso, é preciso descrever como serão coletados e analisados os dados da pesquisa. Reflita sobre os procedimentos que necessitam ser realizados previamente, no momento e após a coleta de dados.

Depois, defina:

- Quais técnicas e instrumentos de coleta serão utilizados?

- Será feito algum tipo de estudo-piloto (teste de instrumentos de pesquisa)? Onde? Como? Quando?
- Quais variáveis ou características serão coletadas?
- Onde dados e informações serão armazenados?
- Como eles serão analisados? Qual método ou técnica será utilizada para produzir e compreender os resultados da investigação?

Procure descrever com detalhes as respostas a esses questionamentos. Sempre que possível, fundamente suas escolhas. Faça as devidas citações nessa escrita.



Tempo necessário

Você precisará de algum tempo para construir o método e os materiais de sua pesquisa. Reserve umas quatro horas para isso.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá em mãos todas as informações necessárias para operacionalizar seu projeto de pesquisa!



Dicas

- Leia relatórios de pesquisa, monografias, dissertações e teses sobre o seu tema;

- Busque identificar nas suas leituras o método e os materiais utilizados por outros pesquisadores para a realização de suas pesquisas;
- Converse com *experts* na área: seu/sua orientador(a), pesquisadores(as) e professores(as). Eles poderão o(a) ajudar nas definições necessárias;
- Organize as informações em tópicos e subtópicos: além de facilitar a visualização e compreensão, o(a) ajudarão a fazer uma espécie de *checklist* das informações necessárias;
- Na escolha dos procedimentos, técnicas e instrumentos, busque por aqueles que já foram validados e utilizados em outras investigações. Caso não existam, procure auxílio de *experts* para construí-los;
- Lembre-se de prever algum tipo de pré-teste e estudo-piloto para analisar as propriedades daquilo que está propondo;
- Utilize escrita clara e busque ser consistente em seus argumentos;
- Após escrevê-la, compartilhe com seu/sua orientador(a).



Registe suas informações

- Para facilitar o registro das informações, utilize o “Formulário Receita 10 – Definindo o método e os materiais da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre o método e os materiais da pesquisa, revise o “Ingrediente 15 – Método e materiais” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 11 – DEFININDO AS QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA



Apresentação

Após as definições sobre o método e os materiais, caso seu projeto envolva pessoas, animais e meio ambiente como fontes de dados/informações, será preciso ponderar sobre suas implicações éticas.

Nesse sentido, é fundamental que sua proposta de investigação seja analisada em relação aos princípios éticos da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça e equidade.

Para tanto, será necessário refletir: como o seu projeto de pesquisa poderá interferir na vida dos participantes? Como afetará pessoas, animais e meio ambiente?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Resoluções brasileiras que tratam da participação de pessoas, animais e meio ambiente em pesquisas científicas (caso se apliquem);
- Computador com acesso à Internet, para realizar buscas de informações (caso necessário);
- Um pitada de senso crítico.



Modo de fazer

Para elaborar as questões éticas, tenha em mãos as definições dos seus objetivos (relembre os enunciados do “Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa”) e do método e materiais (“Formulário Receita 10 – Definindo o método e os materiais da pesquisa”).

Para definir as questões éticas, inicialmente, você deverá definir quais autorizações serão necessárias para a pesquisa (qual o tipo de autorização, seu objetivo e a quem será destinada) e para qual Comitê de Ética (CEP, CEUA ou outro órgão) seu projeto será submetido.

Feito isso, precisará analisar, sob o ponto de vista daqueles que participarão da pesquisa:

- Quais os benefícios esperados?
- Quais os riscos a que estarão submetidos?
- Quais os mecanismos que serão adotados para minimizar esses riscos?
- Qual a relevância social da investigação?
- Quais os cuidados para com os mais vulneráveis?

Em se tratando de pessoas, deve-se atentar especialmente para a garantia de sigilo e anonimato das informações, bem como o livre consentimento para participação ou não no estudo. Por isso, defina, também, sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e outros.



Tempo necessário

O tempo para elaborar as questões éticas não é muito extenso. Reserve umas duas horas para isso.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá as informações necessárias para embasar seu projeto sob o ponto de vista da ética em pesquisa.



Dicas

- Acesse o *site* do CEP, CEUA ou órgão ambiental da sua instituição de ensino para ficar por dentro das resoluções, normas e prazos;
- Busque identificar nas suas leituras prévias como foram tratadas as questões éticas das pesquisas realizadas;
- Converse com seu/sua orientador(a) para planejar os itens/tópicos dessa seção no projeto de pesquisa;
- Registre todas as informações no projeto, de forma clara e consistente;
- Verifique os modelos disponíveis pelo CEP, CEUA ou órgão ambiental de sua instituição para a elaboração de Declaração de Autorização Local, TCLE, TALE e outros documentos necessários para a análise das implicações éticas de seu projeto de pesquisa;
- Após escrever as questões éticas do projeto, compartilhe com seu/sua orientador(a).



Registre suas informações

- Para facilitar o registro das informações, disponibilizaremos o “Formulário Receita11 – Definindo as questões éticas da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre questões éticas da pesquisa, revise o “Ingrediente 16 – Questões éticas” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 12 – DEFININDO OS PRODUTOS E RESULTADOS ESPERADOS



Apresentação

Após o planejamento da operacionalização do projeto de pesquisa, chegamos ao momento de especificar os produtos e os resultados esperados com a realização da pesquisa.

Lembramos que os produtos se referem a objetos, materiais e atividades que serão gerados pela pesquisa (palpáveis), enquanto os resultados dizem respeito aos impactos desses na problemática em questão ou na área do conhecimento da pesquisa (incluindo os participantes do estudo).

A definição de produtos e resultados é um aspecto bastante importante para os projetos de pesquisa que buscarão algum tipo de financiamento. Tendo isso em mente:

O que você espera produzir/gerar com sua pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador para registrar suas informações;
- Rever os objetivos e o método e os materiais do seu projeto de pesquisa.



Modo de fazer

Para elaborar os produtos a serem gerados, procure lembrar cada objetivo específico do seu projeto (veja os enunciados do “Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos da pesquisa”).

Para cada objetivo específico, defina:

- O que será gerado com a execução desse objetivo?
- Uma vez atingido esse objetivo, o que terei de palpável?

Após essa reflexão, faça uma lista dos produtos a serem gerados.

Para elaborar os resultados da pesquisa, tenha em mente a lista dos produtos recém-elaborada. Para cada produto previamente listado, procure responder:

- Qual(is) o(s) impacto(s) desse produto para os participantes do estudo?
- Qual(is) o(s) impacto(s) desse produto para o objeto de estudo?
- Qual(is) o(s) impacto(s) desse produto para a área do conhecimento a que se vincula o projeto?

Registre todas as suas informações.



Tempo necessário

O tempo para definir os produtos e resultados é pequeno. Se você tiver clareza dos objetivos específicos, você conseguirá fazer isso em torno de uma hora.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá a definição dos produtos e resultados a serem gerados com sua pesquisa.



Dicas

- Para elaborar os produtos e resultados do seu projeto, você pode usar uma folha com três colunas: na primeira, insira os objetivos do projeto de pesquisa. Na sequência, à direita, elenque os produtos e, por fim, os resultados;
- Para escrevê-los, pergunte-se: o que será gerado com a realização de cada objetivo? Assim, preencherá a coluna dos produtos;
- Depois, questione-se: qual(is) o(s) impacto(s) de cada produto em relação aos participantes, problemática ou área de conhecimento? Assim, preencherá a coluna dos resultados;
- Organize as informações em tópicos;
- Depois de definir os produtos e resultados, compartilhe-os com seu/sua orientador(a).



Registre suas informações

- Para facilitar o registro das informações, utilize o “Formulário Receita 12 – Definindo os produtos e resultados esperados da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre produtos e resultados da pesquisa, revise o “Ingrediente 17 – Produtos e resultados esperados” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 13 – DEFININDO O CRONOGRAMA DA PESQUISA



Apresentação

Após as definições sobre a operacionalização, os produtos e os resultados do projeto de pesquisa, chegamos ao momento de especificar como suas atividades serão distribuídas no tempo.

O “cronograma” é o elemento que apresenta a distribuição das fases e tarefas da pesquisa ao longo dos meses, sendo imprescindível para entender a que momento cada ação/atividade será realizada (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988).

Quais ações precisam ser realizadas para operacionalizar sua pesquisa? Em que tempo/momento elas serão realizadas? Por quanto tempo?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador para registrar suas informações;
- Um calendário.



Modo de fazer

Para definir o cronograma, inicialmente, você deverá responder à seguinte questão:

- Quais as etapas, tarefas e ações/atividades da sua pesquisa? Considerando desde a finalização do projeto de pesquisa até a apresentação final?

Depois, responda:

- Qual o tempo previsto para realizar cada etapa, tarefa e atividade da sua pesquisa?

Feito isso, construa um quadro e faça a combinação dessas informações: liste todas as tarefas, ações e atividades da pesquisa em linhas subsequentes.

Nas colunas, identifique o tempo previsto para realizar cada uma.

Insira um título acima do quadro (por exemplo: “Cronograma da pesquisa”). Na parte inferior, indique a fonte e o ano da elaboração (por exemplo: “Autoria própria, 2015” ou “Do(s) Autore(s), 2015”).



Tempo necessário

Você precisará de uns 45 minutos para elaborar o cronograma. Nada de muito demorado.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá em mãos o seu cronograma de pesquisa. Assim, poderá organizar sua agenda pessoal, conciliando com as atividades da pesquisa.



Dicas

- Defina cada etapa, tarefa, atividade/ação em uma sequência lógica;
- Reflita sobre quanto tempo você acha necessário para executar cada uma delas;
- Registre uma data inicial e uma data final para cada etapa, tarefa ou ação/atividade;
- Utilize um calendário para facilitar a visualização;
- Após definir o cronograma, discuta com seu/sua orientador(a).



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 13 – Definindo o cronograma da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre cronograma de pesquisa, revise o “Ingrediente 18 – Cronograma” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 14 – DEFININDO O ORÇAMENTO DA PESQUISA



Apresentação

Após definir como as atividades de seu projeto de pesquisa serão distribuídas ao longo do tempo, é hora de refletir sobre quais recursos serão necessários para a realização da pesquisa.

O elemento “orçamento” prevê os gastos com cada item da pesquisa, tais como materiais de consumo, materiais permanentes (equipamentos, computadores, impressoras), pessoas (prestação de serviços), viagens e hospedagens, entre outros. Dessa forma, responde à seguinte questão: “com quanto?” (LAKATOS; MARCONI, 1988).

Quais os recursos necessários para realizar seu projeto de pesquisa? Quanto custará a pesquisa? Quem financiará?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de itens como:

- Computador para registrar suas informações;
- Acesso à Internet para realizar busca de valores/preços dos itens;
- Uma calculadora;
- Telefone para entrar em contato com pessoas e empresas (caso necessário).



Modo de fazer

Para definir o orçamento, você precisará responder aos seguintes questionamentos:

- Quais equipamentos e materiais permanentes serão necessários para a sua pesquisa?
- Quais materiais de consumo serão necessários para a sua pesquisa?
- Será necessário contratar pessoas (para a coleta dos dados, digitação, suporte estático, revisões)?
- Será preciso viagens, passagens, hotéis e despesas com a alimentação para conduzir o estudo?

Depois de ter realizado esse primeiro levantamento, você precisará definir:

- A quantidade de cada um dos itens listados;
- O valor unitário de cada item;
- O valor total de cada item (multiplicando a quantidade necessária pelo valor unitário);

Por fim, é preciso esclarecer:

- Quem financiará cada item?
- Será solicitado financiamento para agências de fomento à pesquisa?
- A pesquisa será financiada por alguma entidade ou empresa?
- Será financiada com recursos do(a) próprio(a) pesquisador(a)?

Para a organização dessas informações, construa um quadro: liste todos os tipos de despesas e seus itens correspondentes em linhas subsequentes. Nas colunas, identifique quantidade, valor unitário e valor final.

Ao término de cada tipo de despesa, inclua uma linha especificando o valor parcial correspondente.

Por último, insira uma linha especificando o valor total (a partir da soma de cada valor parcial dos tipos de itens).

Introduza um título acima do quadro (por exemplo: “Orçamento de pesquisa”). Na parte inferior, indique a fonte e o ano da elaboração (por exemplo: “Autoria própria, 2015” ou “Do(s) Autore(s), 2015”).



Tempo necessário

Você levará em torno de 1 a 2 horas para elaborar o orçamento. Nada tão demorado.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá a estimativa de custos com a sua pesquisa. Esse item é fundamental para organizar/mobilizar os recursos para o bom andamento das atividades de pesquisa.



Dicas

- Primeiro, liste os tipos de despesas e cada item específico. Só depois comece a buscar os preços;

- Você poderá consultar preços em *sites*/buscadores na Internet que comparam preços. Contudo, não esqueça de considerar custos de entrega;
- Verifique quais itens, equipamentos e materiais estão disponíveis na sua instituição de ensino/pesquisa;
- Caso necessite de equipamentos e produtos não disponíveis em laboratórios ou setores da sua instituição de ensino/pesquisa, procure verificar se existem convênios ou parcerias com outras instituições;
- Após escrevê-lo, discuta com seu/sua orientador(a).



Registe suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 14 – Definindo o orçamento da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre orçamento da pesquisa, revise o “Ingrediente 19 – Orçamento” do Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).



RECEITA 15 – ELABORANDO A LISTA DE REFERÊNCIAS DA PESQUISA



Apresentação

A lista de referências é o primeiro elemento pós-textual do projeto de pesquisa. Ela apresenta todos os documentos que foram usados ao longo do projeto.

É importante que ela seja apresentada adequadamente, pois permite que os leitores acessem as fontes utilizadas no projeto, ampliando seus conhecimentos. Além disso, possibilita identificar a literatura que sustenta o projeto de pesquisa sob o ponto de vista teórico.

Quais fontes foram utilizadas no seu projeto de pesquisa?



Itens necessários

Para fazer essa receita, você precisará de:

- Computador para registrar suas informações;
- Acesso à Internet para buscar elementos da referência;
- Fontes impressas utilizadas (caso necessário);
- Um *software* de gerenciamento de referências (caso prefira).



Modo de fazer

Para elaborar a lista de referências dos principais tipos de fontes utilizadas em projetos, você precisará registrar minimamente os seguintes elementos (ABNT, 2018):

- Livro: a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título e subtítulo do livro; c) edição; d) editora; e) cidade da editora; f) ano de publicação; e g) número de páginas;
- Capítulo de livro: a) sobrenome e nome do(s) autor(es) do capítulo; b) título e subtítulo do capítulo; c) sobrenome e nome do(s) autor(es) do livro; d) título e subtítulo do livro; e) edição; f) editora; g) cidade da editora; h) ano de publicação; e, i) intervalo de páginas do capítulo (página inicial e página final do capítulo);
- Monografia, dissertação e tese: a) sobrenome e nome do autor do trabalho; b) título e subtítulo do trabalho; c) ano; d) número de folhas; e) tipo de trabalho acadêmico (monografia, dissertação ou tese); f) curso ou faculdade; g) instituição de ensino; h) cidade da instituição de ensino; e, i) ano do depósito (entrega);
- Artigo de periódico científico: a) sobrenome e nome do(s) autor(es) do artigo; b) título e subtítulo do artigo; c) nome da revista; d) cidade de publicação; e) volume e número da revista; f) paginação (página inicial e final do artigo na revista); e g) ano;
- Artigo de jornal: a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título do artigo; c) nome do jornal; d), cidade de publicação; e) data; f) seção, caderno ou parte do jornal; e g) paginação (página inicial e final);

- Trabalho apresentado em evento acadêmico/científico: a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título do trabalho apresentado; c) nome do evento; d) numeração do evento (se houver); e) ano; f) local (cidade) do evento; g) título do documento (anais, atas etc.); h) editora; e i) paginação (página inicial e final).
- Evento: a) nome do evento; b) numeração do evento (se houver); c) ano; d) local (cidade) do evento; e) título do documento (anais, atas etc.); f) local de publicação; g) editora; e, h) ano da publicação;

Caso as informações sejam retiradas da Internet (meio eletrônico), é preciso registrar (além das informações correspondentes ao tipo de fonte) o endereço eletrônico e a data de acesso.

Após registrar essas informações, elas devem ser organizadas para cada referência (documento), seguindo a forma de apresentação da norma utilizada (por exemplo: ABNT, Vancouver, APA etc.).



Tempo necessário

Você levará, pelo menos, de duas a quatro horas para elaborar a lista de referências. Esse tempo depende se você registrou adequadamente os elementos e se utiliza algum *software* de gerenciamento ou não.



Rendimento

Ao concluir essa receita, você terá a lista de referências do seu projeto de pesquisa.



Dicas

- Identifique a norma utilizada pela sua instituição (ABNT, Vancouver, APA ou outra) antes de elaborar a lista de referências;
- Toda vez que consultar um documento que será utilizado no seu projeto de pesquisa, registre as informações necessárias para a elaboração da lista em um editor de textos ou alimente o *software* de gerenciamento de referências (caso o utilize);
- Revise cuidadosamente a lista para verificar se todos os elementos da referência foram apresentados e se a ordem que eles devem ser apresentados está correta;
- Confira se todas as referências listadas estão citadas no texto do projeto, e se todas as fontes citadas estão na lista de referências.



Registre suas informações

- Utilize o “Formulário Receita 15 – Elaborando a lista de referências da pesquisa”;
- Se preferir, registre diretamente no arquivo do seu projeto de pesquisa no computador.



Para saber mais

- Para saber mais sobre referências bibliográficas, revise o “Ingrediente 20 – Lista de Referências” do Capítulo “Quinta

pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Fonte: Lucietto (2015).

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: informação e documentação: elaboração das referências. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BARROS, A. T.; JUNQUEIRA, R. D. A elaboração do projeto de pesquisa. *In*: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 32- 50.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

COSTA, M. A.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSTA, M. M.; CARDIM, M. G. Projeto de pesquisa: como fazer. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. de (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 73-90.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.).

Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

DMITRUK, H. B.; GALLON, L. M. Pesquisa: do projeto ao relatório. *In*: DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012. p. 175-194.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

LUCIETTO, D. A. **Receitas do projeto de pesquisa**. Passo Fundo/RS: Dr. Deison Saúde Pública, 2015. Não publicado.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.



PARTE V: ACOMPANHAMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

Na Parte V do nosso “Menu”, disponibilizamos os “Acompanhamentos” para o(a) auxiliar na elaboração do seu “prato principal”. São as ferramentas e os modelos que poderão ser úteis para você como “chef científico(a)”.

Apresentaremos os seguintes “Acompanhamentos”: 1) Modelo para registro da busca em bases de dados; 2) Modelos de ficha de leitura; 3) Modelo de quadro para a análise de artigos científicos; 4) Formulários para auxiliar na elaboração das receitas do projeto de pesquisa; 5) Quadro síntese do projeto de pesquisa; e 6) Modelo com os elementos de um projeto de pesquisa.

Esses materiais funcionam como os “utensílios” de sua “cozinha científica”.



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 1 – REGISTRO DA BUSCA EM BASES DE DADOS

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que é?

O “Registro da busca em bases de dados” é um formulário para você registrar informações sobre suas pesquisas em bases de dados. Ele apresenta duas colunas: na da esquerda, você encontrará uma lista com as informações sobre a busca realizada; na da direita, há o espaço para você inserir as informações solicitadas.



Para que serve?

Esse formulário visa registrar as informações das buscas de publicações conduzidas em bases de dados. Ele auxiliará a recuperar características da estratégia de busca das publicações, bem como a compreender o “estado da arte” das publicações sobre sua temática (caso você repita a mesma estratégia de tempos em tempos). Se você pretende realizar uma pesquisa bibliográfica, esse formulário ajudará na descrição do item “Método e materiais” do seu estudo.



Como usar?

Para usá-lo, basta preencher as informações solicitadas na coluna da direita, considerando o que está sendo solicitado na coluna da esquerda.



Para saber mais

Para saber mais sobre os usos desse formulário, veja a “Sugestão 1: Buscando fontes bibliográficas”.

Acompanhamento 1 – Modelo para “Registro da busca em base de dados”

Registro da pesquisa em bases de dados	
Base de dados: [Definir o nome e inserir o <i>link</i> da base de dados onde foi realizada a busca]	
Data da busca: [Inserir a data em que a busca foi realizada]	
Descritores: [Inserir os descritores utilizados para fazer a busca]	
Domínio do formulário para fazer a busca [Inserir em que domínio do formulário da base de dados a busca foi realizada: assunto, resumo, título, autor, descritor principal, revista, data de publicação etc.]	
Operadores booleanos utilizados: [Inserir o operador booleano utilizado: AND, OR, NOT]	
Período da busca: [Inserir o período da busca: últimos X anos, ou ano de início: X; ano final: Y]	
Número total de publicações localizadas:	

[Registrar o número total de publicações localizadas com a busca, incluindo todos os tipos de documentos: artigos, dissertações, teses, recursos audiovisuais etc.]	
Número de publicações com os filtros desejados aplicados: [Registrar o número de publicações após a aplicação dos filtros desejados: tipo de documento, texto disponível, idioma, assunto, período e outros]	
Número de publicações selecionadas após leitura do título e resumo: [Registrar o número de publicações que foram selecionadas para análise do texto completo]	
<i>Link</i> do resultado da busca realizada: [Se possível, colar o <i>link</i> da busca realizada]	
Responsável pela busca: [Inserir o nome da pessoa responsável pela busca]	

Fonte: Elaborado por Lucietto (2018).



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 2 – FICHAS DE LEITURA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que são?

As “Fichas de leitura” são arquivos nos quais registramos transcrições/informações mais relevantes de um determinado documento (ou seja, onde realizamos o fichamento das obras consultadas).

Nas fichas de leitura, existem campos a serem preenchidos com as informações oriundas das suas leituras. Disponibilizamos dois modelos, para que você possa escolher aquele que melhor atende às suas necessidades:

- a) Ficha de leitura 1: direcionada para o registro de artigos e outros trabalhos científicos (relatórios, dissertações, teses etc.);
- b) Ficha de leitura 2: voltada para obras gerais (capítulos, livros, textos variados etc.)



Para que serve?

Essas fichas de leitura ajudarão no registro das informações importantes das obras consultadas para o projeto de pesquisa, evitando que você precise reler ou acessar novamente livros, capítulos, artigos e outros documentos. Elas também ajudarão a fazer as citações e as referências desses documentos. Usando essas fichas, você ganha organização e tempo!



Como usar?

Basta preencher as informações solicitadas em cada campo da ficha, considerando o que está sendo solicitado na coluna da direita (Ficha 1) ou nas linhas acima (Ficha 2).



Para saber mais

Para saber mais sobre fichas de leituras, veja a “Sugestão 2: Realizando o fichamento de documentos para o projeto de pesquisa”.

Acompanhamento 2 – Modelo de ficha de leitura 1

<p>Assunto geral [Inserir o assunto geral da ficha. Por exemplo: Saúde Bucal]</p>	
<p>Assunto específico [Inserir o assunto específico. Por exemplo: Açúcares]</p>	
<p>Número da ficha [Inserir o número da ficha em função do assunto geral. Registrar esse mesmo número no artigo que é objeto de fichamento]</p>	
<p>Referência completa [Inserir autores, título do artigo, nome do periódico, volume, número, paginação, ano etc. Inserir <i>link</i> do artigo]</p>	
<p>Objetivos [Inserir o(s) objetivo(s) do artigo]</p>	
<p>Tipo de estudo [Definir se é um artigo de revisão de literatura, relato de caso/de experiência, pesquisa original etc.]</p>	
<p>Fonte de dados [Definir qual é a fonte de informações do artigo: bibliografia, animais de laboratório, plantas, pessoas, especificando a amostra, critérios etc.]</p>	
<p>Coleta dos dados [Especificar como os dados foram coletados: busca em bases de dados, amostras de células, tecidos, secreções, questionários, entrevistas etc.]</p>	
<p>Análise dos dados [Especificar como os dados foram analisados: tipo de análise quantitativa ou qualitativa, testes realizados etc.]</p>	
<p>Resultados principais [Descrever os principais resultados do artigo: preferencialmente em itens e considerando o seu objeto de estudo]</p>	

Conclusões [Registrar as conclusões e/ou considerações finais mais relevantes do artigo]	
Observações [Inserir observações e análises pessoais sobre o artigo, caso necessário]	
Responsável pela elaboração [Inserir o nome da pessoa que realizou o fichamento]	

Fonte: Elaborado por Lucietto (2018).

Acompanhamento 2 – Modelo de ficha de leitura 2

<p>Assunto geral [Inserir o assunto geral da ficha. Por exemplo: Saúde Bucal]</p>	<p>Assunto específico [Inserir o assunto específico. Por exemplo: Açúcares]</p>	<p>Número da ficha [Inserir o número da ficha em função do assunto geral. Registrar esse mesmo número no artigo que é objeto de fichamento]</p>
<p>Referência Bibliográfica [Inserir autores, título do artigo, nome do periódico, volume, número, paginação, ano etc. Inserir <i>link</i> do artigo]</p>		
<p>Corpo da ficha [Inserir o resumo do artigo, usando as citações – diretas e/ou indiretas]</p>		
<p>Observações [Inserir observações e análises pessoais sobre o artigo, caso necessário]</p>		
<p>Responsável pela elaboração [Inserir o nome da pessoa que realizou o fichamento]</p>	<p>Local onde se encontra a obra: [Inserir o nome da biblioteca externa, acervo pessoal, acervo digital etc.]</p>	

Fonte: Lucietto (2014).



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 3 – QUADRO DE ANÁLISE DE ARTIGOS

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que é?

O “Quadro de análise de artigos” é um formulário onde registramos transcrições/informações mais relevantes de um conjunto de artigos científicos. Nesse quadro, existem campos a serem preenchidos a partir de elementos dos artigos selecionados para o seu projeto de pesquisa. Ele é semelhante à “Ficha de leitura 2”. Contudo, difere na medida em que possibilita a análise do conteúdo de vários artigos concomitantemente.



Para que serve?

Esse quadro ajudará no registro das suas leituras para o projeto de pesquisa, evitando que você precise reler ou acessar novamente os artigos científicos. Ele pode ser utilizado como modelo básico para a elaboração de quadros sinópticos de artigos analisados em pesquisas de revisão bibliográfica (como revisões integrativas de literatura, revisões sistemáticas e outras). Além disso, assim como as fichas de leitura, ele também ajudará a fazer as citações e as referências desses artigos científicos. Usando esse quadro, você ganha organização e tempo!



Como usar?

Basta preencher as informações solicitadas em cada campo, considerando o que está sendo solicitado nas colunas. As informações de cada artigo são inseridas na mesma linha.

Você poderá fazer ajustes no quadro, especificando melhor os elementos solicitados (incluindo ou removendo as colunas com os elementos).

Caso prefira, poderá organizar a inclusão de novos artigos por algum critério: data de publicação do artigo, autores etc.



Para saber mais

Para saber mais sobre o quadro de análise de artigos, veja a “Sugestão 2: Realizando o fichamento de documentos para o projeto de pesquisa”.

Acompanhamento 3 – Modelo de quadro para análise de artigos

Referência completa	Objetivos	Tipo estudo	Fonte de dados	Coleta de dados	Análise dos dados	Principais Resultados	Conclusões	Observações
[Inserir autores, título do artigo, nome do periódico, volume, número, paginação, ano etc. Inserir <i>link</i> do artigo]	[Inserir o(s) objetivo(s) do artigo]	[Definir se é um artigo de revisão de literatura, relato de caso/de experiência, pesquisa original etc.]	[Definir qual é a fonte de informações do artigo: bibliografia, animais de laboratório, plantas, pessoas, especificando a amostra, critérios etc.]	Especificar como os dados foram coletados: busca em bases de dados, amostras de células, tecidos, secreções, questionários, entrevistas etc.]	[Especificar como os dados foram analisados: tipo de análise quantitativa ou qualitativa, testes realizados etc.]	[Descrever os principais resultados do artigo: preferencialmente em itens e considerando o seu objeto de estudo]	[Registrar as conclusões e/ou considerações finais mais relevantes do artigo]	[Inserir observações e análises pessoais sobre o artigo, caso necessário]
1.								
2.								
3.								

Responsável pela elaboração

[Inserir o nome da pessoa que realizou o fichamento]

Fonte: Elaborado por Lucietto (2020).



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 4 – FORMULÁRIOS PARA O PREENCHIMENTO DAS RECEITAS DO PROJETO DE PESQUISA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que são?

Os “Formulários para o preenchimento das receitas do projeto de pesquisa” são arquivos para você registrar informações solicitadas no item “como fazer” de cada uma das “receitas” para a elaboração dos “ingredientes” (elementos) do seu “prato principal” (projeto de pesquisa). Cada formulário possui campos com uma pergunta ou comando para você seguir.



Para que serve?

Esses formulários servem como um “caderno de anotações” para você não esquecer nenhuma informação importante. Eles ajudarão nas tomadas de decisão e na redação dos elementos de seu projeto de pesquisa. Dessa forma, funcionam como suporte para cada “receita”. Esse é o espaço adequado para seus rabiscos e ideias!



Como usar?

Para usá-los, basta acessar e ler a “receita” do elemento que pretende elaborar e preencher as informações solicitadas em cada campo do formulário correspondente. Por exemplo: para registrar suas ideias sobre como fazer a “Receita 1: Definindo o tema de pesquisa”, você utilizará o “Formulário Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa” e assim sucessivamente.



Para saber mais

Para saber mais sobre os usos desses formulários, acesse a Parte IV: Receitas para elaboração do projeto de pesquisa”. Para entender melhor cada elemento do projeto de pesquisa, veja o Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.



FORMULÁRIO RECEITA 1 – DEFININDO O TEMA DE PESQUISA



Orientações:

- O tema representa o assunto que será pesquisado e costuma ser apresentado no título do projeto (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Tem de ser preciso, bem determinado e específico;
- Visa responder: “O que será explorado?” (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Deve ser relevante do ponto de vista científico e social;
- Precisa ser motivador.

De qual(is) área(s) ou disciplina(s) da sua (futura) profissão/curso você mais gosta?

Dentro dessa(s) área(s) ou disciplina(s), o que você considera mais importante estudar?

Por quê?

Considerando suas respostas anteriores:

Em sentido amplo, que assunto você considera interessante pesquisar sob o ponto de vista científico?

Enunciado do tema:

Descreva uma frase que sintetiza as questões acima e esclarece o tema ou o assunto de pesquisa.

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 2 – DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO DA PESQUISA



Orientações:

- O objeto de estudo representa o recorte do tema que será estudado (COSTA; CARDIM, 2008).
- Ele é escrito por meio de um enunciado formal do tema, de uma frase curta e objetiva em que se delimitam o tipo de pesquisa, o quê, o onde e o quando do fenômeno em análise (VASCONCELOS, 2002).
- Para tanto, é preciso problematizar a temática, ou seja, fazer sucessivos questionamentos ao tema previamente definido.

Considerando o tema definido (ver “Formulário Receita 1 – Definindo o tema de pesquisa”):

O que você pretende pesquisar sobre o assunto?

Quando?

Onde?

Com quem?

Você pretende descrever algum fato, fenômeno ou evento?

Você pretende analisar a associação entre fatores em um fato/fenômeno (por exemplo: entre causas e consequências)?

Por quê?

Você pretende realizar pesquisa em materiais já publicados (bibliográfica)?

Você pretende realizar pesquisa em laboratório? Nesse caso, será com animais? Plantas? Materiais humanos (tecidos, secreções)?

Você pretende realizar pesquisa com informações fornecidas por pessoas?

Quais os termos (palavras-chave ou descritores) que compõem seu assunto de pesquisa?

Enunciado do objeto de pesquisa:

Descreva uma frase que sintetiza as questões acima e esclarece o objeto de pesquisa.



FORMULÁRIO RECEITA 3 – ELABORANDO A INTRODUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA



Orientações:

- A introdução é o elemento que faz a contextualização e a apresentação dos conceitos básicos que fundamentam a pesquisa. Assim, deverá possibilitar o entendimento sobre o que será estudado e desenvolvido (COSTA; CARDIM, 2008; VASCONCELOS, 2002).
- Na escrita da introdução do seu projeto de pesquisa, retome o tema de pesquisa, o objeto de estudo e o problema de pesquisa previamente definidos.

Escreva um parágrafo (ou mais) contextualizando o seu tema de pesquisa sob o ponto de vista histórico ou de seus antecedentes:

Escreva um parágrafo (ou mais) descrevendo o estado atual, tendências e desafios em torno de seu tema de pesquisa:

Escreva um parágrafo para cada conceito básico que compõe seu objeto de estudo (para isso, poderá retomar os termos, palavras-chave ou descritores que compõem seu assunto (identificados no Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa):

Escreva um parágrafo (ou mais) apresentando implicações possíveis, aplicações possíveis e relevância do estudo de seu problema de pesquisa:

Caso prefira, poderá fazer alusão ao objetivo do estudo no último parágrafo:

Fonte: Lucietto (2014).



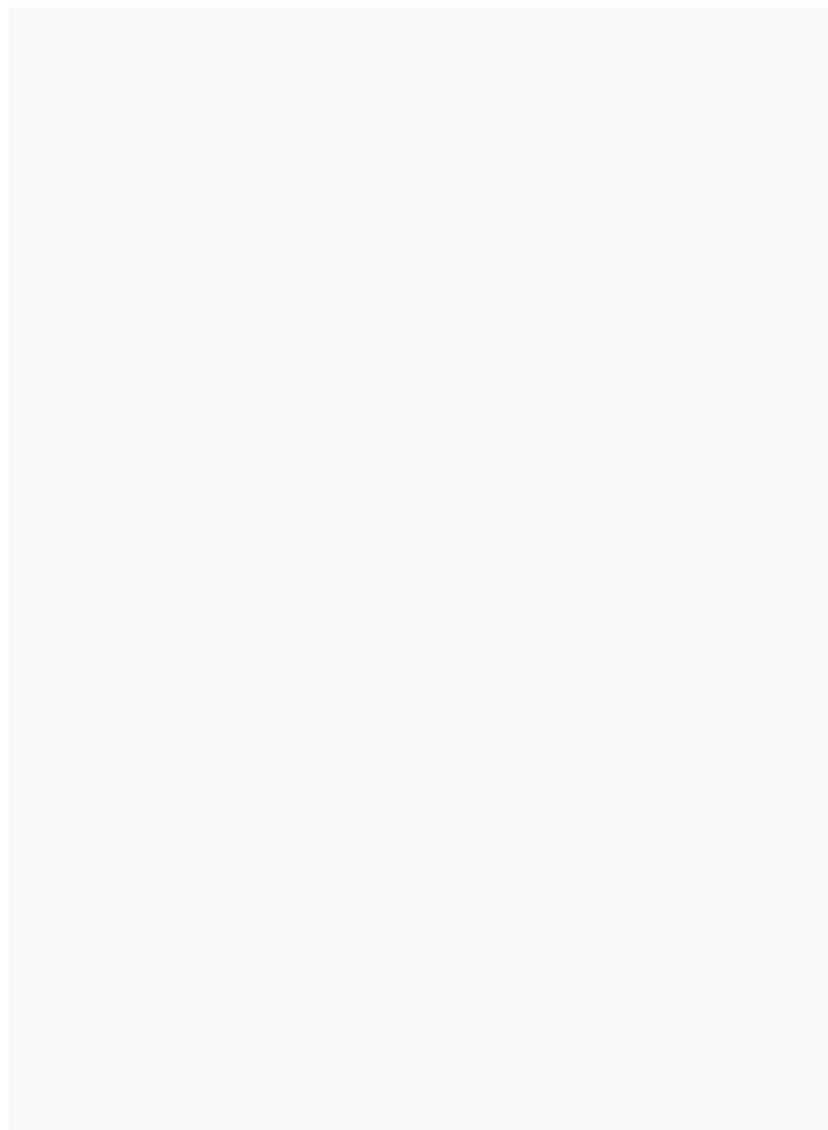
FORMULÁRIO RECEITA 4 – DEFININDO A ESTRUTURA DA REVISÃO DE LITERATURA DO PROJETO DE PESQUISA



Orientações:

- A revisão de literatura deve englobar as informações relevantes, informando sobre o tema, os tópicos centrais do problema e suas palavras-chave (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Para isso, ela engloba o que é dito, por quem e quando (DESLANDES, 2008).

Considerando o problema de pesquisa previamente definido (ver Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa”):
Elabore uma lista com tópicos e subtópicos (quantos forem necessários)
para servir de estrutura para a revisão de literatura:





FORMULÁRIO RECEITA 5 – ELABORANDO A REVISÃO DE LITERATURA DO PROJETO DE PESQUISA



Orientações:

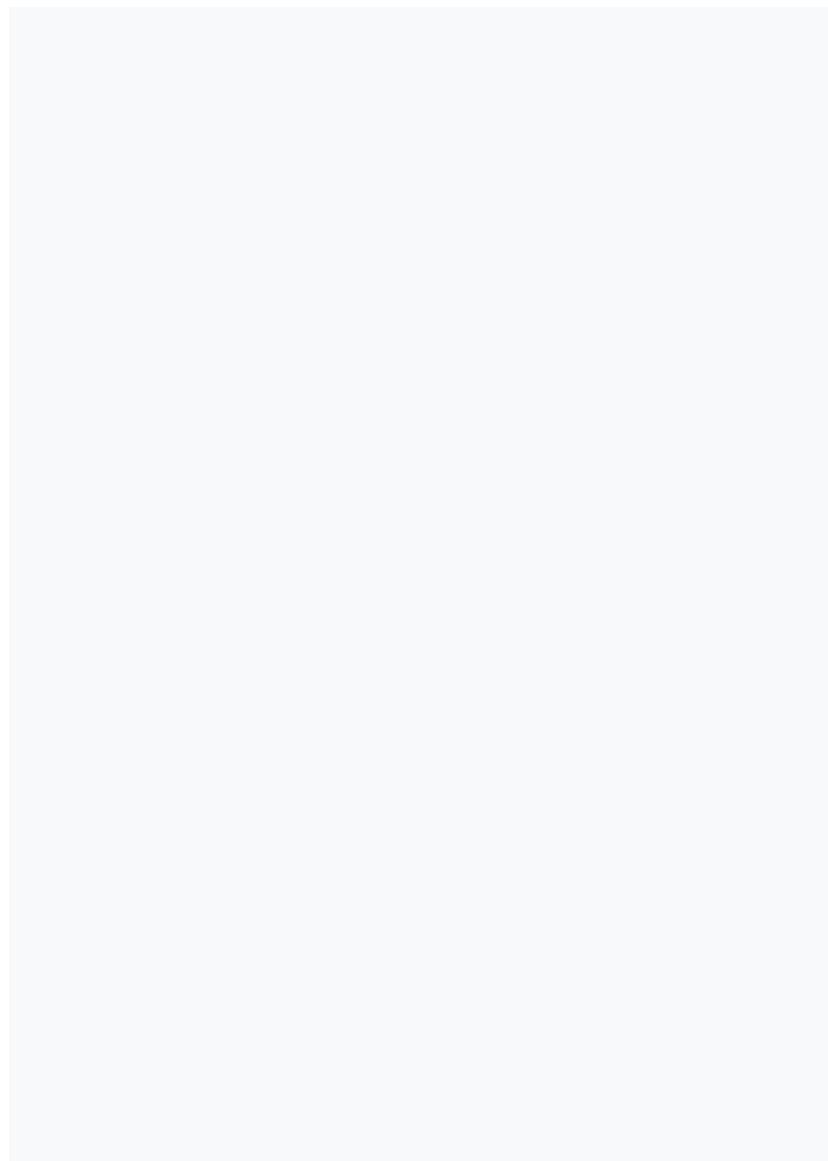
- A elaboração da revisão de literatura pode ser feita a partir de pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e por contatos diretos (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Deve incluir autores reconhecidos, os clássicos e as indicações do orientador (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Necessita ter informações recentes de pesquisas publicadas em bases de dados confiáveis;
- Pode ter citações diretas, citações indiretas e resumos (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Precisa ser sintética e objetiva (DESLANDES, 2008);
- Geralmente, é impessoal (elaborada na terceira pessoa do singular).

Considerando a estrutura da revisão de literatura definida anteriormente (ver Formulário Receita 4 – Definindo a estrutura da revisão de literatura do projeto de pesquisa):

Cite cada um dos tópicos abaixo (e subtópicos, caso necessário).

Depois, vá construindo parágrafos a partir de seus resumos e fichamentos em cada tópico.

Lembre-se de que cada tópico deve ser elaborado como um texto dissertativo (isto é, com introdução, desenvolvimento e conclusão).





FORMULÁRIO RECEITA 6 – DEFININDO O PROBLEMA DE PESQUISA



Orientações:

- O problema de pesquisa representa uma dificuldade teórica ou prática de algo importante para o qual se busca solução (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Pode ser de interesse pessoal, institucional ou social (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Costuma ser formulado por meio de uma pergunta.

Considerando o objeto de estudo (definido no Formulário Receita 2 – Definindo o objeto de estudo da pesquisa), responda:

Quais questões de pesquisa (problemas de pesquisa) têm sido feitas por outros pesquisadores em publicações científicas da sua área de interesse?

Tendo em mente os problemas de pesquisa já abordados em outras publicações, responda:

Você identifica lacunas no conhecimento disponível?

Quais problemas da vida real não foram contemplados?

Que aspectos ainda não foram abordados?

Quais aspectos necessitam de novas abordagens ou investigações? Por quê?

Responda às questões abaixo para fazer a seleção do seu problema de pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1988; RUDIO, 2014):

A dúvida/questão poderá ser resolvida por meio de pesquisa?

É interessante?

Trará conhecimentos novos?

Está adequada ao estado atual da Ciência?

É oportuna?

Possível de ser realizada?

Em que medida se adequa à minha trajetória profissional?

Enunciado do problema de pesquisa:

Descreva uma frase, em formato de pergunta, que sintetiza as questões acima e esclarece o problema de pesquisa.



FORMULÁRIO RECEITA 7 – DEFININDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA



Orientações:

- O objetivo representa o que se pretende alcançar ou responder com o término da investigação (DESLANDES, 2008; LAKATOS; MARCONI, 1988);
- O objetivo geral constitui o “resultado intelectual” a ser obtido e se relaciona com a hipótese (DESLANDES, 2008). Ele define o que se vai ser procurado (DMITRUK; GALLON, 2012);
- Os objetivos específicos são desdobramentos das ações necessárias para realizar o objetivo geral (DESLANDES, 2008);
- Na elaboração dos objetivos, utilizam-se verbos no infinitivo.

Considerando o problema de pesquisa (ver “Formulário Receita 6 – Definindo o problema de pesquisa”):

O que sua pesquisa irá gerar como conhecimento final?

Que pretende alcançar/responder com o término da pesquisa?

Descreva o seu objetivo geral:

Agora, considerando esse enunciado do objetivo geral, responda:
Quais ações serão necessárias para atingir esse objetivo?
O que se pretende alcançar em sentido estrito?

Desdobre o seu objetivo geral em 3 a 5 objetivos específicos, com verbos que expressem ações concretas:

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 8 – DEFININDO A(S) HIPÓTESE(S) DA PESQUISA



Orientações:

- A hipótese representa uma afirmação provisória que responde ao problema de pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Ela antecede a constatação dos fatos (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- É formulada considerando: os resultados de pesquisas anteriores sobre o mesmo tema; observações; intuição do pesquisador e outros (DESLANDES, 2008);
- Embora ela se faça presente, nem sempre precisa ser apresentada (como no caso de pesquisas sociais e com abordagem qualitativa);
- Um projeto de pesquisa poderá ter uma ou mais hipóteses.

O que os autores de livros, capítulos de livros e artigos científicos afirmam sobre o seu tema/problema de pesquisa?

Já foram feitos estudos semelhantes àquele que você quer realizar?
Quais?

Quais foram os resultados obtidos nesses estudos?

Considerando suas leituras, conhecimentos prévios e anotações, qual(is) a(s) provável(is) resposta(s) para o seu problema de pesquisa?

Enunciado da(s) hipótese(s):

Escreva frases afirmativas com a descrição de quantidades ou características daquilo que você espera encontrar, em termos de resultados, com a realização da pesquisa.

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 9 – ELABORANDO A JUSTIFICATIVA DA PESQUISA



Orientações:

- A justificativa representa a importância do estudo;
- Ela define o porquê determinada pesquisa deve ser realizada (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Ou seja, ela responde à seguinte questão: quais motivos justificam a pesquisa?
- Ela engloba motivos de ordem teórica, de ordem prática e de ordem pessoal (DESLANDES, 2008).

Quais lacunas no conhecimento científico poderão ser resolvidas com a realização da sua pesquisa?

Que definições ainda são “nebulosas” na sua área/assunto de interesse?

Ou seja, quais são os motivos de ordem teórica de sua pesquisa?

Qual a importância social do seu problema de pesquisa?

Que aspectos da vida ou da sociedade poderão ser impactados positivamente com a realização de sua pesquisa?

Ou seja, quais são os motivos de ordem prática de sua pesquisa?

Quais suas motivações pessoais para realizar esta pesquisa?

Como este tema de pesquisa se insere na sua trajetória estudantil e profissional?

Ou seja, quais são os motivos de ordem pessoal de sua pesquisa?

Enunciado da justificativa:

Escreva três parágrafos (um sobre motivos teóricos, um sobre motivos práticos e um sobre motivos de ordem pessoal) defendendo o porquê é importante pesquisar sobre seu tema/problema de pesquisa na atualidade.



FORMULÁRIO RECEITA 10 – DEFININDO O MÉTODO E OS MATERIAIS DA PESQUISA



Orientações:

- Existem diferentes tipos e classificações de pesquisas. Em linhas gerais, podemos dizer que elas podem ser realizadas com base em materiais já publicados; com dados e informações fornecidos por pessoas e com dados provenientes de animais, plantas, materiais e produtos diversos;
- Na seção de “método e materiais” (“metodologia”, “procedimentos metodológicos” ou “caminho metodológico”, dentre outros), são descritos o tipo de pesquisa, o desenho da pesquisa, onde será realizada, qual sua duração, quem fornecerá dados, quais os instrumentos de coleta de dados e a forma de análise de dados (CERVO; BERVIAN, 1981; DESLANDES, 2008; VASCONCELLOS, 2002).

Primeiro, retome os objetivos de sua pesquisa (levantados no Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos de pesquisa). Com base nos objetivos do projeto, defina:

A pesquisa será realizada a partir de materiais publicados?

A pesquisa será realizada a partir de animais, plantas, materiais ou produtos diversos?

A pesquisa será realizada a partir de dados e informações fornecidos por pessoas?

Como classifica sua pesquisa?

Qual o tipo de estudo que pretende conduzir?

Para tanto, você poderá usar como critérios de classificação: área do conhecimento; abordagem; natureza; objetivo geral e procedimentos técnicos utilizados.

Qual a duração da pesquisa? Quantos meses serão necessários para finalizá-la?

Onde será realizada a sua pesquisa? Em bases de dados? Em instituições? Comunidades? Em um meio ambiente natural? E um laboratório?

Especifique o(s) local(is) e os motivos de escolha.

Que indivíduo/população/planta/material/produto será objeto de estudo?

Quem ou o que poderá fazer parte da pesquisa?

Considerando isso:

Quais os critérios de inclusão dos participantes/animais/plantas/materiais/produtos?

Ou seja, quais características a pessoa/população/animal/planta/produto/material deve possuir para que seja incluído na pesquisa?

Quais os critérios de exclusão dos participantes/animais/plantas/materiais/produtos?

Ou seja, quais características excluem/impedem a pessoa/população/animal/planta/produto/material previamente incluídos de fazer parte da pesquisa?

A pesquisa utilizará algum tipo de amostragem? Como ela será conduzida?

Quantos indivíduos farão parte da pesquisa?

Ou seja, qual o tamanho da amostra?

Quais procedimentos (contatos, autorizações, negociações etc.) precisam ser tomados antes de iniciar a coleta de dados?

Como pessoas/populações serão abordadas para a coleta de dados?
Ou: como animais/plantas/produtos/materiais serão obtidos para a coleta de dados?

Quais técnicas e instrumentos serão utilizados para a coletar os dados?
Descreva as técnicas e os instrumentos (procedimentos) que serão utilizados para levantar dados e informações.

Será feito algum tipo de estudo-piloto (teste de instrumentos de pesquisa)?

Descreva onde, como, quando.

Quais variáveis ou características serão coletadas?

Onde dados e informações coletados serão armazenados? Como será o banco de dados da pesquisa?

Como será feita a análise dos dados?

Descreva o passo a passo das técnicas e dos métodos que serão utilizados.

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 11 – DEFININDO AS QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA



Orientações:

- Princípios éticos devem ser observados na realização de pesquisas científicas com pessoas, animais e meio ambiente (plantas);
- O projeto de pesquisa com seres humanos como fonte de informação deve ser analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e/ou pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação a princípios como autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade (BRASIL, 2012).
- Pesquisas que envolvam animais devem seguir recomendações de um Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA). No caso do meio ambiente, devem ser seguidas orientações específicas de órgãos ligados ao meio ambiente/da instituição na qual a pesquisa será realizada.

Primeiro, retome os objetivos de sua pesquisa (levantados no Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos de pesquisa) e o método e os materiais (“Formulário Receita 10 – Definindo o método e os materiais da pesquisa”). Com base nesses formulários, responda: Onde será realizada sua pesquisa? Em bases de dados? Em instituições? Em comunidades? No meio ambiente natural? No laboratório? Especifique o(s) local(is) e os motivos de escolha.

Quais autorizações deverão ser solicitadas para a realização da pesquisa?

Descreva o tipo e o objetivo da autorização e a quem será destinada.

A pesquisa será submetida para qual CEP, CEUA ou órgão?

Quais os benefícios que a pesquisa trará para os participantes? E para a sociedade geral?

Quais os riscos que a pesquisa oferece aos participantes? Quais os mecanismos que serão adotados para minimizar esses riscos?

Qual a relevância social da pesquisa?

Quais os cuidados que serão tomados para os participantes mais vulneráveis?

Quais as garantias de sigilo, anonimato e livre consentimento para o participante? (em caso de participantes humanos)

Em se tratando de pesquisa com seres humanos:
Como será a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (caso se aplique)?

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 12 – DEFININDO OS PRODUTOS E RESULTADOS ESPERADOS DA PESQUISA



Orientações:

- A definição de produtos e resultados é um aspecto bastante importante para os projetos de pesquisa que buscarão algum tipo de financiamento.
- Produtos são objetos, materiais e atividades que serão gerados pela pesquisa (palpáveis);
- Resultados são os impactos dos produtos na problemática em questão ou na área do conhecimento da pesquisa (incluindo os participantes do estudo).

Primeiro, liste abaixo os objetivos específicos de sua pesquisa (levantados no Formulário Receita 7 – Definindo os objetivos de pesquisa).

Para cada objetivo específico, defina:

O que será gerado de palpável com a execução desse objetivo?

Tendo em mente essa lista de produtos, defina:

Qual(is) o(s) impacto(s) de cada produto para os participantes do estudo, para o objeto de estudo e para área do conhecimento a que se vincula o projeto de pesquisa?

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 13 – DEFININDO O CRONOGRAMA DA PESQUISA



Orientações:

- O cronograma é imprescindível para o entendimento de como as etapas da pesquisa serão realizadas em função do tempo;
- Ele responde à questão: “quando?” (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- Deve ser construído sob a forma de um quadro: nas linhas, são enumeradas as tarefas de pesquisa, e nas colunas, o tempo em que estas acontecerão (DESLANDES, 2008);
- Vale lembrar que as tarefas podem ser realizadas simultaneamente.

Quais as etapas, tarefas e atividades da sua pesquisa, desde a elaboração do projeto de pesquisa até a apresentação final do estudo?

Quanto tempo você necessitará para realizar cada etapa, tarefa e atividade da sua pesquisa?

Distribua as etapas, tarefas e atividades em linhas com o tempo previsto (normalmente, em mês/ano) para cada uma delas em colunas em um quadro:

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 14 – DEFININDO O ORÇAMENTO DA PESQUISA



Orientações:

- O orçamento prevê os gastos com cada item da pesquisa. Ele responde à questão: “com quanto?” (LAKATOS; MARCONI, 1988);
- É dividido em grupos de gastos: 1) com materiais de consumo; 2) com equipamentos; 3) com material permanente (computadores, impressoras etc.); 4) com pessoas; 5) viagens, hospedagens, alimentação etc.;
- Deve ser elaborado na forma de quadro, com as devidas explicações sobre a origem do financiamento da investigação (do pesquisador, da instituição de pesquisa, de doação, outros etc.).

Quais equipamentos e materiais permanentes serão necessários para a pesquisa? Qual o valor unitário e o valor total desses itens (em moeda corrente)? Quem financia?

Quais materiais de consumo serão necessários para a sua pesquisa?
Qual o valor unitário e o valor total desses itens (em moeda corrente)?
Quem financia?

Será preciso despesas com pessoas (para a coleta dos dados, para digitação, para suporte estatístico), viagens, passagens, hotéis e alimentação? Qual o valor unitário e o valor total desses itens (em moeda corrente)? Quem financia?

Distribua as diferentes despesas nas linhas com o valor unitário, e o valor total nas colunas, formando um quadro:

Fonte: Lucietto (2014).



FORMULÁRIO RECEITA 15 – ELABORANDO A LISTA DE REFERÊNCIAS DA PESQUISA



Orientações:

- A lista de referências é o elemento pós-textual que apresenta todos os documentos usados no projeto de pesquisa.
- Ela possibilita identificar a literatura que sustenta o projeto e permite que os leitores acessem as fontes utilizadas ampliando seus conhecimentos.
- Ela deve ser construída seguindo as normas de cada instituição.

Para cada livro utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título e subtítulo do livro; c) edição; d) editora; e) cidade da editora; f) ano de publicação; e g) número de páginas.

Para cada capítulo de livro utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do(s) autor(es) do capítulo; b) título e subtítulo do capítulo; c) sobrenome e nome do(s) autor(es) do livro; d) título e subtítulo do livro; e) edição; f) editora; g) cidade da editora; h) ano de publicação; e i) intervalo de páginas do capítulo (página inicial e página final do capítulo).

Para cada monografia, dissertação ou tese utilizada na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do autor do trabalho; b) título e subtítulo do trabalho; c) ano; d) número de folhas; e) tipo de trabalho acadêmico (monografia, dissertação ou tese); f) curso ou faculdade; g) instituição de ensino; h) cidade da instituição de ensino; e i) ano do depósito (entrega).

Para cada artigo científico utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do(s) autor(es) do artigo; b) título e subtítulo do artigo; c) nome da revista; d) volume e número da revista; e) paginação (página inicial e final do artigo na revista); e f) ano.

Para cada artigo de jornal utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título do artigo; c) nome do jornal; d), cidade de publicação; e) data; f) seção, caderno ou parte do jornal; e g) paginação (página inicial e final).

Para cada trabalho apresentado em evento acadêmico/científico utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) sobrenome e nome do(s) autor(es); b) título do trabalho apresentado; c) nome do evento; d) numeração do evento (se houver); e) ano; f) local (cidade) do evento; g) título do documento (anais, atas etc.); h) editora; e i) paginação (página inicial e final).

Para evento acadêmico/científico utilizado na elaboração do projeto, registre as seguintes informações (ABNT, 2018):

a) nome do evento; b) numeração do evento (se houver); c) ano; d) local (cidade) do evento; e) título do documento (anais, atas etc.); f) local de publicação; g) editora; e h) ano da publicação.

Organize a lista de referências de acordo com a norma da sua instituição (ABNT, Vancouver, APA etc.) (ABNT, 2018):

Fonte: Lucietto (2014).

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6023**: informação e documentação: elaboração das referências. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, 1981.

COSTA, M. M.; CARDIM, M. G. Projeto de pesquisa: como fazer. *In*: FIGUEIREDO, N. M. A. (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2008. p. 73-90.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 31-60.

DMITRUK, H. B.; GALLON, L. M. Pesquisa: do projeto ao relatório. *In*: DMITRUK, H. B. (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. Chapecó: Argos, 2012. p. 175-194.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1988.

LUCIETTO, D. A. **Planilhas para o projeto de pesquisa**. Chapecó/SC: Dr. Deison Saúde Pública, 2014. Não publicado.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 5 – QUADRO SÍNTESE DAS 7 FASES DO PROJETO DE PESQUISA

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que é?

O “Quadro síntese das sete fases do projeto de pesquisa” é uma ferramenta para você registrar a síntese de cada elemento (ou “ingrediente”) do seu projeto de pesquisa (seu “prato principal”). Ele apresenta sete fases (em linhas). Cada fase apresenta suas respectivas colunas, com campos para serem inseridas informações sobre os elementos do projeto de pesquisa.



Para que serve?

Esse quadro apresenta diferentes utilidades, tais como:

- a) instrumento de acompanhamento da elaboração do projeto de pesquisa: pois permite acompanhar seus avanços em cada fase e o quanto falta para a sua finalização;
- b) síntese do seu projeto de pesquisa: por meio dele, você terá uma visão geral da sua proposta de pesquisa;
- c) *checklist* dos elementos do projeto de pesquisa: na medida em que possibilita verificar se os elementos principais foram contemplados e se eles são coerentes entre si;

d) “mapa de percurso”: uma vez preenchido, ele será o caminho que você seguirá na pesquisa, evitando que perca “o foco” da investigação a ser conduzida.



Como usar?

Para usá-lo, primeiro, você deverá identificar cada uma das sete fases do quadro (nas linhas): a) Fase 1: Hora de pensar!; b) Fase 2: Amadurecendo as ideias!; c) Fase 3: Explicando!; d) Fase 4: Para isso!; e) Fase 5: Como fazer!; e) Fase 6: Pensando no outro!; e f) Fase 7: Calculando! Depois, deverá analisar o que está sendo solicitado em cada coluna na linha correspondente à fase.

Se possível, reproduza esse quadro em uma folha maior (A3 ou cartolina) e utilize *post-its* com cores distintas. Após finalizar a primeira “receita” do projeto de pesquisa, você começará a preencher o quadro no primeiro espaço (campo) mais à esquerda da Fase 1 (primeira linha). Depois, seguirá preenchendo em direção ao próximo campo da direita até finalizar a fase. Você apenas iniciará nova fase com a finalização da anterior.

Em alguns campos, solicita-se que você reproduza informações de uma fase anterior (já finalizada). A ideia é que as definições de cada campo à direita sejam coerentes com o campo anterior da esquerda.



Para saber mais

Para recuperar os elementos (“ingredientes”) a serem preenchidos em cada campo do quadro, acesse as suas “receitas” preenchidas do projeto de pesquisa”. Para entender melhor cada elemento do projeto de pesquisa, veja o Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Acompanhamento 5 – Quadro síntese das 7 fases do projeto de pesquisa

Fase 1	Assunto ou tema da pesquisa	Descritores do assunto ou tema da pesquisa	Problema de pesquisa	Descritores do problema de pesquisa
	[Definir o assunto ou tema de interesse]	[Definir os descritores ou palavras-chave do assunto ou tema de interesse]	[Formular o problema de pesquisa em forma de pergunta ou dúvida]	[Definir os descritores ou palavras-chave do problema de pesquisa]
Fase 2	Descritores do problema de pesquisa	Tópicos para a revisão de literatura	As fases Fase 1: Hora de pensar! Fase 2: Amadurecendo as ideias! Fase 3: Explicando! Fase 4: Para isso! Fase 5: Como fazer! Fase 6: Pensando no outro! Fase 7: Calculando!	Instruções: - Se possível, reproduzir o quadro em uma folha maior (A3 ou cartolina) e usar <i>post-its</i> com cores distintas; - Começar na Fase 1; - Em cada fase, seguir da esquerda para a direita; - Iniciar nova fase após a finalização da anterior; - As definições dos campos da esquerda deverão ser coerentes com a anterior da esquerda;
	[Retomar os descritores ou palavras-chave do assunto ou tema de interesse]	[A partir dos descritores ou palavras-chave do assunto ou tema, definir os tópicos a serem desenvolvidos na revisão de literatura]		
Fase 3	Problema de pesquisa	Definição dos motivos para a justificativa		
[Retomar o problema de pesquisa em forma de pergunta ou dúvida]	[A partir do problema de pesquisa, definir os motivos de ordem teórica, prática e pessoal para a justificativa]			
Fase 4	Problema de pesquisa	Objetivo geral	Objetivos específicos	Hipóteses
[Retomar o problema de pesquisa em forma de pergunta ou dúvida]	[A partir do problema de pesquisa, definir o objetivo geral]	[Desmembrar o objetivo geral em objetivos específicos]	[Definir as hipóteses do estudo a partir dos objetivos específicos]	

Fase 5	Objetivo geral	Tipo de pesquisa	População ou universo da pesquisa	Amostra
	[Retomar o objetivo geral da pesquisa]	[A partir do objetivo geral, definir o tipo de pesquisa a ser desenvolvido]	[A partir do objetivo geral, definir a população ou universo da pesquisa]	[A partir da população ou universo, definir a população ou universo da pesquisa]
	Objetivo geral e amostra	Técnicas para a coleta dos dados	Técnicas para a análise dos dados	Área livre:
[Retomar o objetivo geral da pesquisa e a amostra]	[A partir do objetivo geral e da amostra, definir as técnicas de coleta dos dados]	[A partir do tipo de dados a serem produzidos, definir as técnicas de coleta dos dados]		
Fase 6	Objetivos específicos e a amostra	Benefícios	Riscos e Minimização	Autonomia, Liberdade, Relevância e outros
	[Retomar os objetivos específicos da pesquisa e a amostra]	[A partir do objetivo geral e da amostra, definir os benefícios para os participantes]	[A partir do objetivo geral e da amostra, definir os riscos à participação]	[A partir dos riscos e benefícios, definir o direito à informação, à liberdade à participação, relevância do estudo e outros cuidados]
Fase 7	Objetivos específicos	Cronograma	Orçamento	Área livre:
	[Retomar os objetivos específicos da pesquisa]	[A partir dos objetivos específicos, listar as atividades de pesquisa]	A partir dos objetivos específicos, listar os itens necessários para a execução da pesquisa]	

Fonte: Elaborado por Lucietto (2020).



ORIENTAÇÕES PARA O ACOMPANHAMENTO 6 – *TEMPLATE DO PROJETO DE PESQUISA*

Deison Alencar Lucietto
Marcos Antônio Albuquerque de Senna



O que é?

O “*Template* do projeto de pesquisa” é um guia para ilustrar os elementos (“ingredientes”) necessários para a apresentação do seu projeto de pesquisa (“prato principal”).



Para que serve?

Esse *template* ilustra os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, bem como a sua ordenação em um projeto de pesquisa. Dessa forma, funciona como modelo para a organização e apresentação final do seu projeto de pesquisa.



Como usar?

Basta inserir as informações solicitadas nos campos identificados com “colchetes” e substituir o preenchimento “textotextotexto” pelo conteúdo do seu projeto de pesquisa (oriundo da elaboração das receitas e de seus demais registros).

**Para saber mais**

Para saber mais sobre cada elemento do projeto de pesquisa, veja o Capítulo “Quinta pitada de teoria: descrevendo os elementos do projeto de pesquisa: os ‘ingredientes’ do seu ‘prato principal’”.

Acompanhamento 6 – *Template* do projeto de pesquisa

[LOGO DA FACULDADE] [NOME DA UNIVERSIDADE]

[LOGO DA UNIVERSIDADE]

[NOME DA FACULDADE / PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO]

[NOME DO CURSO]

[TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA]

[NOME DA CIDADE/ESTADO]

[ANO]

[TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA]

Projeto de Pesquisa apresentado ao
[Nome do Departamento] da [Nome da
Unidade] da [Nome da Universidade].
Estudante(s) do Curso de Nome do
Curso: [Nome Completo]; [Nome
Completo]; [Nome Completo].
Orientador(a): [Nome Completo]
Coorientador(a): [Nome Completo]

[NOME DA CIDADE/ESTADO]
[ANO]

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	[Título da figura].....	X
Figura 2 –	[Título da figura].....	X
Figura 3 –	[Título da figura].....	X
Figura 4 –	[Título da figura].....	X
Figura 5 –	[Título da figura].....	X

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	[Título da figura].....	X
Tabela 2 –	[Título da figura].....	X
Tabela 3 –	[Título da figura].....	X
Tabela 4 –	[Título da figura].....	X
Tabela 5 –	[Título da figura].....	X

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[Abreviatura] – Definição da abreviatura

LISTA DE SÍMBOLOS

[Símbolo] – Definição do símbolo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	X
2	REVISÃO DE LITERATURA	X
2.1	[Título do tópico 1]	X
2.2	[Título do tópico 2]	X
2.2.1	[Título do subtópico 2]	X
3	PROBLEMA DE PESQUISA	X
4	OBJETIVOS	X
4.1	Objetivo geral	X
4.2	Objetivos específicos	X
5	HIPÓTESES	X
6	JUSTIFICATIVA	X
7	MÉTODO E MATERIAIS	X
7.1	Tipo de pesquisa	X
7.2	Duração da pesquisa	X
7.3	Local da pesquisa	X
7.4	População em estudo	X
7.5	Amostra	X
7.6	Coleta dos dados	X
7.7	Variáveis em estudo	X
7.8	Análise dos dados	X
8	QUESTÕES ÉTICAS	X
9	PRODUTOS E RESULTADOS ESPERADOS	X
10	CRONOGRAMA	X
11	ORÇAMENTO	X
	REFERÊNCIAS	X
	APÊNDICES	X
	ANEXOS	X

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 [Título do tópico 1]

[Introdução do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Conclusões do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

2.2.1 [Título do subtópico 2]

[Introdução do subtópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do subtópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do subtópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Desenvolvimento do tópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Conclusões do subtópico]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

3 PROBLEMA DE PESQUISA

[Definição do problema de pesquisa]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

6 JUSTIFICATIVA

[Definição dos motivos de ordem teórica teóricos]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição dos motivos de ordem prática]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição dos motivos de ordem pessoal]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Justificativas para a escolha da população ou universo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

7.5 Amostra

[Definição dos critérios de inclusão]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição dos critérios de exclusão]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição do tipo e da amostra final]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

7.6 Coleta dos dados

[Definição dos procedimentos prévios à coleta dos dados]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição da técnica de coleta de dados]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

8 QUESTÕES ÉTICAS

[Definição da submissão ao CEP ou CEUA]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição do direito à informação e liberdade de escolha]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Apresentação do TCLE e/ou TALE]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição dos benefícios]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição dos riscos e sua minimização]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição da relevância da pesquisa, equidade e justiça social]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Definição do sigilo, anonimato e outros cuidados]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote
textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

10 CRONOGRAMA

Quadro X – Cronograma da Pesquisa

	[Ano]											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Atividades												
[Atividade 1]				X	X	X						
[Atividade 2]		X										
[Atividade 3]				X								
[Atividade 4]					X	X	X	X				
[Atividade 5]						X	X	X	X	X		
[Atividade 6]									X	X	X	
[Atividade 7]							X				X	
[Atividade 8]								X		X	X	X

Fonte: Dos autores (ano).

11 ORÇAMENTO

Quadro X – Orçamento da Pesquisa

Material permanente	Quantidade	Valor unitário	Total
[Item 1]	X	Y	Z
[Item 2]	X	Y	Z
[Item 3]	X	Y	Z
[Item 4]	X	Y	Z
[Item 5]	X	Y	Z
		Total parcial	W
Material permanente	Quantidade	Valor unitário	Total
[Item 1]	X	Y	Z
[Item 2]	X	Y	Z
[Item 3]	X	Y	Z
[Item 4]	X	Y	Z
[Item 5]	X	Y	Z
		Total parcial	W
		Total	R\$ WW

Fonte: Dos autores (ano).

REFERÊNCIAS

[Artigo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Artigo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Artigo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Artigo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Capítulo]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Livro]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

[Tese]

textotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextotextote

